Interna_Oficial_Pablo.pdf 1 10/14/19 12:14 PM
Pablo O. Rosa
FASCISMO TROPICAL
UMA CIBERCARTOGRAFIA DAS NOVÍSSIMAS DIREITAS BRASILEIRAS

Pablo Ornelas Rosa

Fascismo Tropical

Uma cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras

Editora Milfontes
Vitória, 2019

Sumário

Notas preliminares para um debate urgente

Pablo Ornelas Rosa

Desde 2013 presenciamos no Brasil um processo de intensificação no que se refere à polarização política que culminou não apenas com o impeachment da ex-presidente Dilma Roussef, em 2016,[1] bem como a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2018,[2] ambos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores – PT. Contudo, essa radicalização não nasceu exclusivamente nesse momento histórico, mas se intensificou a partir desse contexto, sobretudo, após a facada que o então candidato à presidência da república Jair Bolsonaro (PSL) levou no dia 6 de setembro de 2018,[3] enquanto fazia sua campanha eleitoral na cidade Juiz de Fora/RJ, tendo, inclusive vencido as eleições mesmo sem ter participado dos debates eleitorais.[4]

A responsabilização atribuída ao PT por diversas pessoas e grupos tanto pela corrupção ocorrida em todo o país como também pelos demais males promovidos contra a sociedade brasileira fez com que fossem reverberadas certas narrativas neoconservadoras e revisionistas que afirmavam que os supostos esquerdistas, comunistas ou mesmo globalistas estavam se articulando internacionalmente, visando destruir os valores conquistados ao longo da história civilizacional, constituída exclusivamente por meio da suposta perpetuação da moral judaico-cristã, do direito romano e da filosofia bem como do comportamento político grego,[5] conforme encontramos nos textos de Olavo de Carvalho,[6]

---

1 Cf. REDAÇÃO. Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil. **Senado Federal**, Senado notícias. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 11 jun. 2019.

2 Cf. A prisão de Lula. **Portal R7**. 2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/a-prisao-de-lula>. Acesso no dia 11 de junho de 2019.

3 Cf. BOLSONARO leva facada em MG: veja repercussão. **G1**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/06/bolsonaro-leva-facada-veja-repercussao.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2019.

4 Cf. AZEVEDO, André Luiz; TRIGUEIRO, André; MARTINS, Marco Antônio. Jair Bolsonaro afirma que não vai a debates no segundo turno. **G1**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/jair-bolsonaro-afirma-que-nao-vai-a-debates-no-segundo-turno.ghtml>. Acesso no dia 11 de junho de 2019.

5 Cf. CARVALHO, Olavo de.; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2012.

6 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra &

bem como em sua aulas e vídeos compartilhadas no ciberespaço, da mesma forma com que também fizeram e ainda fazem os seus alunos e seguidores, conhecidos como olavistas ou olavetes.

Contudo, dentre os tributários dessa perspectiva, encontram-se principalmente os representantes disso que passarei a chamar de novíssimas direitas a partir de uma perspectiva cunhada no livro de Richard Day intitulado *Gramsci is dead* [*Gramsci está Morto*], em que o autor tratou dos novíssimos movimentos sociais, tendo em vista as particularidades trazidas pelo contexto ciberpolítico emergente, caracterizado por novos modos de subjetivação e principalmente de modulação que foram tratados,[7] tanto por Rouvroy e Berns (2015) quanto por Edson Telles, como governamentalidade algorítmica, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista amparada, sobretudo, na analítica foucaultiana,[8] conforme o leitor compreenderá de maneira mais aprofundada no terceiro capítulo desse livro.

Não obstante, no momento que iniciei a escrita dessa apresentação que estou chamando de *Notas preliminares para um debate urgente*, foi divulgado pelo *The Intercept* Brasil uma matéria revelando conversas entre os operadores da operação Lava-Jato que evidenciam práticas ilegais ocorridas na denúncia e prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva,[9] tendo em vista que a força tarefa anunciada parece ter operado a partir de práticas persecutórias que impediram sua candidatura à presidência, mesmo pesquisas indicando uma possível vitória desse liderança do PT.[10]

Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

7 Cf. DAY, Richard J. F. **Gramsci is dead:** *anarchist currents in the newest social movements*. Londres: Pluto Press, 2005.

8 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**. Rio de Janeiro. v. 18. n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Kriterium:** revista de Filosofia. Belo Horizonte, v. 59, n. 140, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>.

9 Cf. MARTINS, Rafael Moro; SANTI, Alexandre de; GREENWALD, Glenn. As mensagens secretas da Lava Jato: parte 4. **The Intercept Brasil**. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/chat-moro-deltan-telegram-lava-jato/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

10 Cf. PESQUISA Datafolha: Lula ainda lidera as intenções de voto. **Gazeta do Povo**. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/pesquisas-eleitorais/datafolha/pesquisa-datafolha-junho-2018/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

Entretanto, foram justamente essas denúncias produzidas pelos representantes do Estado, através de condutas articuladas e proferidas por profissionais tanto do Poder Judiciário quanto do Ministério Público, que passaram a alimentar certa narrativa que situava não apenas o partido de Lula como inimigo da sociedade e do Estado, como todos aqueles que se posicionavam mais à esquerda passaram a serem alvos de comportamentos persecutórios, tratados a partir de um dispositivo fluido e elástico chamado, principalmente, por Olavo de Carvalho, dentre outros representantes das novíssimas direitas, de marxismo cultural, sobretudo, a partir de seus textos, aulas, vídeos, cursos, dentre outras ferramentas info-comunicacionais produzidas e compartilhadas por ele, bem como por seus seguidores e alunos.

A influência de Olavo de Carvalho no governo do então presidente Jair Bolsonaro (PSL) foi tamanha que ele não apenas foi chamado de "guru" do presidente,[11] como também chegou a indicar dois ministros de educação, Ricardo Vélez Rodriguez e Abraham Weintraub,[12] assim como também definiu parte dos encaminhamentos das relações internacionais do país, na medida em que também indicou Ernesto Araújo como ministro das relações exteriores e, portanto, o chanceler do Brasil.[13]

Todavia, embora tenha sido atribuída por parte da grande mídia corporativa a condição de "guru" do então presidente Jair Bolsonaro (PSL), creio que talvez Olavo de Carvalho estaria mais para uma espécie de Rasputin desse governo, não apenas por sua incursão no mundo místico, mas, sobretudo, por sua influência predatória no que se refere as dimensões decisórias da administração do Estado brasileiro. Pois, em ambos os casos, tanto na Rússia da primeira década do século XX quanto no Brasil na segunda década do século XXI, os governos passaram a atuar de forma cega e totalitária sob forte influência desses pretensos "gurus" e ao

---

11 Cf. SACONI, João Paulo. Guru do bolsonarismo, Olavo de Carvalho orienta alunos a deixarem governo. **O Globo**. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/guru-do-bolsonarismo-olavo-de-carvalho-orienta-alunos-deixarem-governo-23507185>. Acesso em: 11 jun. 2019.

12 Cf. ÁLVARES, Débora; SARDINHA, Edson. Sucessor de Vélez na Educação também é fã de Olavo e gosta de "xingar comunista". **Congresso em foco**. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/sucessor-de-velez-na-educacao-tambem-e-fa-de-olavo-e-gosta-de-xingar-comunista/>. Acesso no dia 11 de junho de 2019.

13 Cf. MELLO, Patrícia Campos. Novo chanceler, Ernesto Araújo foi indicado por Olavo de Carvalho. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/novo-chanceler-ernesto-araujo-foi-indicado-por-olavo-de-carvalho.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2019.

invés de ouvirem os alertas de toda a violência que incidia sob a população, sobretudo, acerca dos dissidentes políticos, procuraram eliminá-los.

Diante desse cenário, presenciamos um processo de plena radicalização contra tudo aquilo que passou a ser entendido como esquerda e/ou progressismo, chegando ao ponto do governo de Jair Bolsonaro (PSL) principiar a orientação de um comportamento abertamente persecutório, iniciado não apenas com um plano de criminalização da apologia ao comunismo, conforme consta no Projeto de Lei 5.358/2016, proposto pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSC/SP),[14] filho do então presidente Jair Bolsonaro (PSL), mas também por meio da articulação de uma rede de fomento e difusão de narrativas revisionistas neoconservadoras reproduzidas por influenciadores digitais que atuam capilarmente no ciberespaço, propondo a criminalização do próprio comunismo, conforme sugeriu o *youtuber* olavista, Bernardo Küster,[15] que teve o seu canal recomendado pelo presidente através de um *post* divulgado no *Twitter*,[16] no dia 11 de novembro de 2018.[17]

No *post* mencionado, o presidente acaba indicando não apenas o canal de Bernardo Küster, mas também de outros *youtubers*, a exemplo de Nando Moura,[18] Diego Rox,[19] bem como do próprio Olavo de Carvalho,[20] assim como também propõe outras vias ciberespaciais identificadas nitidamente como pertencentes às direitas, a exemplo dos tradutores de direita[21] e da embaixada da resistência.[22]

14 Cf. BOLSONARO, Eduardo. PL 5358/2016. **Câmara dos Deputados**. 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2085411>. Acesso em: 11 jun. 2019.

15 Cf. REGINA Villela TV. Bernardo Küster. **Youtube**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bmGdBAsTqBY>. Acesso em: 11 jun. 2019.

16 Cf. FILHO, João. Quem são os youtubers recomendados por Jair Bolsonaro. **The Intercept Brasil**. 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/11/17/youtubers-bolsonaro-nando-moura-diego-rox-bernardo-kuster-fake-news/>. Acesso em: 11 jun. 2019.

17 *Ibidem*.

18 Cf. NANDO Moura. Socialismo - Destruindo Países. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8VJlUGR8gTg&t=253s>. Acesso em: 11 jun. 2019.

19 Cf. DIEGO Rox Oficial. Karl Marx imprestável. A manipulação de alunos. (versão com extra no facebook). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HfcfpZGyPyI>. Acesso em: 11 jun. 2019.

20 Cf. ISRAEL Filho. Olavo de Carvalho - O Comunismo é 10 vezes pior que o Nazismo! **Youtube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fg7xVV2qpHk>. Acesso em: 11 jun. 2019.

21 Cf. TRADUTORES de Direita. Por que não se critica o comunismo como nazismo. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ta4g2-oKB0k>. Acesso em: 11 jun. 2019.

22 Cf. EMBAIXADA da Resistência. Marxismo Cultural vs Patriotismo. **Youtube**, 2017.

Todavia, é importante mencionar que o projeto político apresentado pelo atual presidente do Brasil e que foi orientado por Olavo de Carvalho -[23] que também pode ter sua influência constatada em vídeos compartilhados antes e depois das eleições de 2018 através da exposição do livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* em cima da mesa em que foram realizados alguns dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro (PSL) -[24], parece ter como única intencionalidade a guerra contra o Outro, que seria justamente o dissidente político, tratado aqui como o esquerdista e, portanto, a partir daquilo que Foucault chamou de racismo de Estado e Stanley tratou como política do “nós” e “eles”,[25] apresentando essa como a principal característica do fascismo que emerge nos princípios do século XXI, mas que teve parte de suas características evidenciadas por Eco, ainda na década de 1990, conforme o leitor evidenciará mais precisamente ao longo dos capítulos seguintes.[26]

Sendo assim, o livro que estou apresentando traz artigos que problematizam o nascimento destas novíssimas direitas em um contexto ciberpolítico caracterizado pela governamentalidade algorítmica,[27] diferentemente da governamentalidade apresentada por Foucault até o século passado, caracterizada por aquilo que chamou de biopolítica.[28] Dito isso, é importante evidenciar que os textos apresentados resultam de uma pesquisa iniciada em 2017 e que passou a ser escrita a partir de 2018.

Desse modo, serão apresentados diversos exemplos acerca desses jogos de poder que operam no atual cenário ciberpolítico brasileiro,

---

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R8lBf3GEQ6E>. Acesso em: 11 jun. 2019.

23 Cf. ZAREMBA, Júlia. Guru de Bolsonaro diz que não existem intelectuais da esqueda do seu nível. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/guru-de-bolsonaro-diz-que-nao-existem-intelectuais-da-esquerda-a-seu-nivel.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2019.

24 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*; BAND Jornalismo. Bolsonaro faz seu primeiro discurso após vitória. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8DhMsMZD5rw>. Acesso em: 11 jun. 2019.

25 Cf. FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2000; STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

26 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

27 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit*; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*.

28 Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006; *Idem*. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010

por meio de: I) citações de livros e vídeos recomendados, escritos e produzidos por representantes das mais variadas direitas em suas mais distintas matizes; II) participação de eventos e entrevistas com representantes de movimentos sociais à direita como, por exemplo, o Movimento Brasil Livre – MBL; III) debates acerca de vídeos compartilhados por apoiadores tanto de Olavo de Carvalho quanto do atual presidente Jair Bolsonaro (PSL); IV) aulas sobre globalismo, nova ordem mundial e marxismo cultural proferidas pelos alunos deste escritor que se reconhece como filósofo, embora não tenha um curso de formação na área. Tudo isso podendo ser examinado nas notas de rodapé, que exibem os endereços eletrônicos das informações mencionadas, disponibilizadas no final de cada página e com a data precisa da consulta por mim realizada ao escrever esse livro.

Como nesse atual contexto ciberpolítico é cada vez mais necessária a realização de pesquisas acerca do preciso momento em que o trecho do livro foi produzido, procurei construir um texto baseado em algo que estou chamando, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, de metodologia cibercartográfica, que não apenas permite ao leitor averiguar precisamente o dia em que a consulta ao link foi realizada, possibilitando-o verificar quando o trecho mencionado foi devidamente registrado, como também o permite ler ou assistir integralmente aqueles livros ou vídeos mencionados, que são utilizados como propaganda por esses representantes das novíssimas direitas, permitindo-o compreender os seus modos de subjetivação e modulação algorítmica. Portanto, partirei da premissa de que

> os canais de comunicação de *marketing* digital, como *websites*, e-mails, blogs, plataformas de áudio e vídeos digitais são importantes ferramentas de ponto de contato e de encontro da rede mundial de computadores e fornecem *feedbacks* aos seus administradores. Esta é principal diferença para o mundo do *broadcast*. Nas mídias digitais, os canais são bidirecionais ou multidirecionais. Da mesma forma que a *sociedade de controle* não substituiu a *sociedade disciplinar*, mas a complementou, as redes digitais interativas não substituíram as redes de *broadcast,* mas a influenciaram e as complementaram. Serviços de internet, como os grandes portais Universo Online (UOL) ou G1 (Globo.com), são ferramentas online que tentam reproduzir a lógica do agenda setting e do *broadcast*. O fato é que a modulação precisa ser feita agora mais do que pela mera manipulação midiática, de um editor humano, mas pela mediação de algoritmos, de inteligência artificial, subsidiados por gigantescas bases de dados, cujos resultados de influência na retenção da atenção e nas decisões

> de compra são sim pré-definidas por profissionais humanos de *marketing* e desenvolvedores de *softwares*, mas que as sugestões de indução do consumo são efetuadas por máquinas que tentam prever os comportamentos dos consumidores fundamentadas por experiências anteriores.[29]

Além disso, é importante destacar que o quarto capítulo deste livro foi publicado em co-autoria com outros pesquisadores em uma revista científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS da Universidade Federal do Paraná - UFFR, chamada Revista de Estudos Paranaenses - REP,[30] e que tivemos uma resposta indireta tanto de sua esposa Roxane de Carvalho quanto do próprio Olavo de Carvalho em sua página no *Facebook*, no dia 09 de janeiro de 2019.

Isso ocorreu porque um dos co-autores do último capítulo desse livro, Giovane Matheus Camargo, publicou em sua página pessoal do *Facebook*, no dia 08 de janeiro de 2019, o seguinte texto com o *link* do artigo que escrevi em co-autoria com Rafael Rezende e Victória Martins sobre Olavo de Carvalho, na revista científica mencionada:

> Giovane Ramone: O texto "visou analisar os impactos dos discursos proferidos por Olavo de Carvalho nos comportamentos e narrativas produzidas por grupos políticos que estamos chamando de novíssimas direitas a partir do entendimento de Richard Day acerca dos novíssimos movimentos sociais que, em um contexto de emergência daquele verbete que o dicionário Oxford chamou em 2016 de pós-verdade, passou a intensificar muito mais o formato do que o conteúdo das informações que circulam pela internet. O ponto de partida de nossa análise decorre da constatação de certa leitura etnocêntrica encontrada tanto nas análises de Olavo de Carvalho quanto de seus seguidores que atuam como digital influencers, difundindo informações equivocadas, mentiras ou mesmo distorcendo fatos que reiteram aquilo que a analítica foucaultiana chamou de racismo de Estado."

No entanto, Giovane Matheus Camargo só verificou que Olavo de Carvalho, e antes a sua esposa Roxane de Carvalho, haviam lido e

---

29 CASSINO, João Francisco. Modulação deleuzeana, modulação algorítmica e manipulação midiático. *In*.: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo : Ed. Hedra, 2018, p. 13.

30 Cf. ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As Consequências do etnocentrimo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**: Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832/37139>. Acesso em: 11 jun. 2019.

respondido a sua publicação poucos meses depois, portanto, somente no dia 20 de maio, embora o seu *post* tenha sido desqualificado pelo casal no dia 09 de janeiro de 2019, conforme segue a resposta abaixo:

> Roxane de Carvalho/Olavo de Carvalho: Resposta ao tal de Giovane Ramone: Isso é charlatanismo puro. Se você, ao traçar o perfil intelectual de um filósofo, omite sistematicamente qualquer referência ao conteúdo das suas obras filosóficas, aos inumeráveis louvores que elas receberam de intelectuais de primeira grandeza, aos prêmios e homenagens que o autor recebeu de instituições culturais do Brasil e do exterior, sobrando apenas umas opiniões políticas escolhidas entre as mais desagradáveis ao repórter, umas referências monstruosamente exageradas à influência que o referido filósofo teria exercido sobre políticos que o repórter abomina mais ainda, umas intrigas escabrosas de família e por fim algumas frases soltas sobre assuntos variados, amputadas dos argumentos que as sustentam e interpretadas sempre no sentido mais grosseiro possível, é óbvio que esse perfil nada tem de jornalismo mas é uma peça difamatória bem mal disfarçada, a expressão de um ódio político irracional e incontrolável, compartilhado por todos os autores dessas matérias. E, se você ainda confunde as idéias do filósofo com as de uma comunidade difusa que você denomina de "seus seguidores", sem distinguir sequer entre alunos, discípulos e meros seguidores de Facebook, você criou um caos dos diabos e acha isso muito científico.

Como tive acesso a essa polêmica acerca do meu artigo sobre o guru ou Rasputin do presidente por meio de Giovane Matheus Camargo apenas no dia 21 de maio e através da publicação de Roxane de Carvalho, que depois foi compartilhada pelo próprio Olavo de Carvalho no dia seguinte, acabei respondendo esse *post* da seguinte forma e somente no dia 22 de maio:

> Pablo Ornelas Rosa: Prezada Roxane Carvalho, tudo bem? Eu me chamo Pablo Ornelas Rosa e sou um dos autores do texto mencionado. Desse modo, quero respondê-la como toda a amorosidade possível para que possamos refletir conjuntamente sobre alguns comportamentos do seu marido e seus efeitos nos modos de subjetivação de certo perfil de brasileiros que encontram em Olavo de Carvalho justificativas para não apenas alimentar os seus preconceitos, mas legitimá-los. Com todo o respeito, gostaria de perguntá-la se a senhora faria uma cirurgia com um médico que não tivesse formação acadêmica, justificando que na Grécia antiga, Hipócrates se apresentava como médico, embora não tivesse uma formação acadêmica nessa área, como temos hoje? Sendo assim, como seria possível reconhecer que não há possibilidade de um médico atuar de maneira autodidata, mas um filósofo sim? Eu tenho estudado os livros do Olavo de

Carvalho há pouco mais de três anos - assim como os textos de seus alunos, como Alexandre da Costa, e seus professores, como Mário Ferreira dos Santos - e, sinceramente, tenho ficado cada vez mais horrorizado com os seus discursos anti-intelectuais e conspiratórios que se coadunam com tudo aquilo que a literatura internacional contemporânea especializada na área tem problematizado sobre o neofascismo, a exemplo, dos textos de Jason Stanley (Universidade de Yale), Timothy Snyder (Universidade de Yale), Yascha Mounk (Universidade Johns Hopkins), dentre muitos outros pesquisadores sérios, que não estão necessariamente à esquerda nesse debate. Na minha perspectiva, a saber, de um sociólogo que atua como professor em um programa de mestrado em sociologia política e outro em segurança pública, orientando dissertações de mestrado, entendo que certamente os maiores problemas dos textos de Olavo de Carvalho se dão justamente porque ele comete equívocos básicos do ponto de vista científico, justamente por não ser um cientista, mas sim aquilo que o sociólogo estadunidense Howard Becker chama de empreendedor moral. E, sendo assim, a atividade de Olavo de Carvalho passou a se fundamentar paulatinamente na produção de uma narrativa neoconservadora amparada em um cristianismo típico das cruzadas e distante do nosso momento histórico, localizada no limite em autores escolásticos, operando, portanto, por meio de uma espécie de diacronismo histórico, na medida em que a sua produção não se dá em uma dimensão científica, mas moral. Desse modo, não vejo Olavo de Carvalho como um cientista, mas como um moralista que visa subverter a ciência, mesmo não tendo formação na área, justamente para desqualifica-la, colocando em seu lugar os valores etnocêntricos que toma como verdade universal a partir de um tipo de cristianismo que não opera pelo amor, mas pela guerra, visando eliminar toda a dissidência possível, por meio da criação de um conceito elástico, chamado por Olavo e por suas referências revisionistas de marxismo cultural. Eu, que sou autor do texto mencionado acima pela senhora, fui orientando, em minha pesquisa de doutorado, de um professor que era anti-marxista, mas que certamente Olavo o situaria dentro da chave do marxismo cultural, justamente porque ele trabalha com Michel Foucault, um crítico veemente do marxismo, que inclusive tem textos cujo subtítulo é "como se desembaraçar do marxismo". Entretanto, a falta de uma formação acadêmica faz com que Olavo de Carvalho simplifique essas diferentes tradições, situando-as como como marxismo cultural, conforme podemos verificar no seu livro "A nova era e a revolução cultural", a partir da página 161 (edição de 2014 da vide editorial), criando um comportamento persecutório para com todos aqueles que não possuem os mesmos posicionamentos que ele através daquilo que a antropologia social passou a chamar a partir da virada do século XX de etnocentrismo, evidenciando justamente o que Foucault chamou de racismo de Estado, no último capítulo de

> seu livro intitulado "Em defesa da sociedade", aula proferida no Còllege de France em 1976. Em relação à produção filosófica e não necessariamente política de Olavo, é evidente a quantidade de críticas apontadas por pesquisadores que vão desde o psicanalista Christian Dunker ao filósofo pragmatista Paulo Ghiraldeli Junior, figuras essas respeitadíssimas no campo acadêmico brasileiro e internacional. Além disso, quando você busca legitimar o discurso do seu marido por meio da valoração de seu reconhecimento, estais utilizando o discurso de autoridade, justamente aquilo que Olavo mostra no livro de Arthur Schopenhauer organizado por ele, intitulado "Como vencer o debate sem ter razão". A impressão que me dá é que tanto Olavo e você quanto os seguidores utilizam elementos desse livro nas suas práticas discursivas, sobretudo, o ataque AD Hominem. Desse modo, ao trazer argumentos com um viés de problematização ao invés de ataques pessoais, penso que poderíamos estabelecer um diálogo franco e sem ataques pessoais. Se estiverem dispostos a debater comigo questões técnicas que envolvem a produção de Olavo de Carvalho e as ciências humanas, será um enorme prazer. Forte abraço para ti e para o seu marido.

Assim, embora não esperasse uma resposta de Olavo de Carvalho sobre o meu artigo, reconheço que fiquei surpreso e principalmente na expectativa de conseguir um diálogo franco com ele, evidenciando alguns dos problemas que encontrei em suas abordagens que, a partir da minha perspectiva, operam por meio de um discurso de ódio que tem no dissidente político o seu alvo de ataque, tratado com esquerdista/globalista e, portanto, situado dentro da chave do marxismo cultural. Como não me situo como marxista, imaginei que seria possível um diálogo com ele, o que me permitiria mostrar algumas das fragilidades encontradas em grande parte de seus apontamentos. Mas, como o nosso diálogo não teve continuidade, penso que esse livro possa ser uma resposta não apenas a ele, mas a todos aqueles que passaram a enxergar o Outro como inimigo, reiterando aquilo que Jason Stanley chamou de política do "nós" e "eles",[31] algo tipicamente característico do fascismo também no século XXI, segundo o autor, o que Foucault chamou de racismo de Estado e o que Umberto Eco caracterizou como *Ur-fascismo,* ao apresentar os principais elementos que configuram o chamado por ele de *fascismo eterno*,[32] conforme será apresentado nas páginas seguintes. Espero que gostem do livro e, sobretudo, da resposta.

---

31 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

32 Cf. FOUCAULT, Michael. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*; ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

Referências

CARVALHO, Olavo de.; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

CASSINO, João Francisco. Modulação deleuzeana, modulação algorítmica e manipulação midiático. *In*.: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo : Ed. Hedra, 2018.

DAY, Richard J. F. **Gramsci is dead:** *anarchist currents in the newest social movements*. Londres: Pluto Press, 2005.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As Consequências do etnocentrimo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**: Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832/37139>. Acesso em: 11 jun. 2019.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** A política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Kriterium:** revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>.

Do neoconservadorismo ao fascismo tropical

Pablo Ornelas Rosa

No início do século XXI presenciamos uma mudança radical na política institucional de grande parte dos países ao redor do planeta, na medida em que a sistematização de dados disponibilizados voluntariamente por cada um de nós na internet através dos aplicativos de aparelhos celulares e computadores, não somente passou a prever, mas a orientar o nosso comportamento, sobretudo, a partir daquilo que poderíamos chamar - tanto a partir de Rouvroy e Berns quanto Edson Telles - de governamentalidade algorítmica.[1] Assim, quanto mais calhamos a aderir a uma vida marcada pela virtualidade, mais disponibilizamos voluntariamente dados pessoais que passaram a serem usados como técnicas de governo sistematizados por meio de algoritmos, possibilitando também a produção e difusão de notícias falaciosas ou mesmo inventadas totalmente ou parcialmente, chegando ao ponto de o dicionário Oxford apresentar como palavra do ano, em 2016,[2] a chamada pós-verdade.[3]

Concomitantemente a isso, também constatamos uma virada nos posicionamentos políticos das populações ao redor do planeta a partir da segunda década do século XXI, sobretudo, na Europa e Estados Unidos, bem como no continente americano, uma vez que distintas perspectivas neoconservadoras fundamentadas tanto em uma espécie de revisionismo histórico quanto em um fundamentalismo financeirizado passaram a ocupar um lugar cada vez mais central nas decisões políticas de muitos países. Assim, o Estado de bem estar

---

1 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v.18, n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>; TELLES, Edson. Goveranamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, n. 140, p. 429-448, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-512X2018000200429&lng=pt&nrm=iso>.

2 Cf. HANCOCK, Jaime Rubio. Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, 'pós-verdade', a Trump e Brexit. **El País**, 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html>. Acesso em: 10 mai. 2019.

3 Cf. ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As Consequências do etnocentrimo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP:** Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832/37139>. Acesso em: 11 jun. 2019.

social, presumidamente assegurado por políticas progressistas, acabou entrando em declínio concomitantemente com a garantia de parte dos direitos constitucionais, conforme pudemos verificar com o fim de certa dimensão de uma democracia participativa presente no modelo dos conselhos de participação da sociedade civil, que foram extintos no centésimo dia do governo do presidente da república Jair Bolsonaro (PSL),[4] que se assumiu declaradamente conservador.[5]

Não obstante, embora tenhamos a impressão de que estamos nos tornando cada vez mais conservadores, é impossível realizarmos esse tipo de análise sem considerarmos a governamentalidade algorítmica, assim como são inexequíveis investigações acerca do campo político econômico no século XXI que desconsiderem, portanto, o efeito das *fake news* em diversas eleições a partir da segunda década do século XXI, a exemplo dos Estados Unidos, com a vitória de Donald Trump, do Brasil com o triunfo de Jair Bolsonaro e até mesmo a saída do Reino Unido da União Europeia, com o chamado *Brexit*. Pois, também é inegável que

> assistimos à sucessão de três fases diferentes: a ascensão de uma classe social ligada à virtualização, que teve seu triunfo no importante incremento de valor nos títulos tecnológicos da bolsa, a crise ideológica, psíquica, econômica e social do modelo *new economy*, e a precipitação da crise e sua derrubada angustiosa, em forma de violência e guerra, de militarização da economia.[6]

Portanto, a pertinência da pesquisa apresentada nesse escrito é evidente e necessária, tendo em vista as mudanças ocorridas no campo da política institucional brasileira, sobretudo, a partir de 2013, que passou a ser orientada por um capitalismo financeirizado decorrente da algoritmização não apenas legitimada pelo Estado, mas também por certa sujeição ao que Foucault chamou de empreendedorismo de si, ao tratar do sujeito histórico produzido na segunda metade do

4 Cf. URIBE, Gustavo. Bolsonaro extingue mais de 50 conselhos e colegiados criados nos governos do PT. **Folha de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/bolsonaro-extingue-mais-de-50-conselhos-e-colegiados-criados-nos-governos-do-pt.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2019.

5 Cf. BOLSONARO sobre veto: 'o pessoal sabe que eu tive uma agenda conservadora'. **G1**, 2019. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/videos/v/bolsonaro-sobre-veto-o-pessoal-sabe-que-eu-tive-uma-agenda-conservadora/7574458/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

6 BERARDI, Franco. **A fábrica da infelicidade:** Trabalho cognitivo e crise da new economy. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005, p. 7.

século XX.[7] Contudo, para aventar essa análise visamos não apenas ponderar sobre os efeitos dos neoconservadorismos nas condutas e modos de subjetivação dos brasileiros, mas, também buscamos verificar os seus desdobramentos acerca das práticas discursivas conspiratórias moduladas por certas interpretações produzidas a partir de Pat Robertson acerca do que chamou de nova ordem mundial e que influenciou fortemente nas narrativas de Olavo de Carvalho sobre os comunistas e globalistas desse país,[8] configurando justamente aquilo que estamos chamando de fascismo tropical ou à brasileira.

Desse modo, partiremos de uma perspectiva cunhada por Jason Stanley que se fundamenta na ideia de que o fascismo no século XXI, assim como boa parte dos elementos extraídos do fascismo italiano de Benito Mussolini ainda na primeira metade do século passado, se configuraria através do que chamou de política do "nós" e "eles" e, portanto, por meio de um discurso de ódio contra a dissidência política que deve ser combatida veementemente, segundo certo discurso que também evidencia outras características acerca desse tipo de política produtora de inimigos.[9]

Além das ponderações trazidas por Stanley acerca do fascismo no século XXI, caracterizado pela defesa de um passado mítico, anti-intelectualismo, combate as universidades e meios de comunicação por meio de teorias conspiratórias, vitimização,[10] dentre outros elementos também encontrados na política brasileira do presente, traremos as análises de Michel Foucault, acerca do que chamou de racismo de Estado, para tratar dessa dimensão persecutória que tem no Outro a condição de inimigo que deve ser combatido, visando eliminar sua existência, que supostamente comprometeria a "nossa".[11]

No entanto, isso não quer dizer que exista apenas uma perspectiva à direita ou mesmo conservadora e que essa seria, portanto, o fascismo tropical ou à brasileira. Certamente não é isso que estamos

---

7 Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes: 2008.

8 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**. Dallas: Word Publishing, 1991; CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

9 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

10 *Ibidem*.

11 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes: 2010.

argumentando. O que estamos sugerindo é que a ascensão das direitas em suas mais distintas tradições, possibilitou que uma extrema direita radicalizada em seu comportamento persecutório pudesse emergir, convocando violências simbólicas e até mesmo físicas[12] como estratégia de contenção de outras narrativas plurais e diversas que passaram a serem responsabilizadas por quaisquer males ocorridos na sociedade brasileira, principalmente associando a corrupção encontrada no país,[13] sobretudo, a partir da operação lava-jato,[14] como prática exclusiva da(s) esquerda(s) ou de grupos supostamente progressistas.

Todavia, antes de darmos continuidade à definição daquilo que estamos chamando de fascismo tropical ou à brasileira, se faz necessário esclarecer o que é e como conceituaremos o conservadorismo para, em seguida, analisarmos os efeitos das práticas discursivas caracterizadas pela política do "nós" e "eles" ou mesmo como racismo de Estado.[15] Sendo assim, partiremos de análises acerca do entendimento sobre o que seria a tradição política conservadora a partir de elementos extraídos do livro *Ideologias políticas modernas*, de Andrew Vincent,[16] para em seguida passarmos a ponderar sobre os efeitos persecutórios dessa direita que fomenta o ódio para com os dissidentes políticos.

Diante disso, é importante evidenciar que esse fascismo tropical ou à brasileira é encontrado em distintos comportamentos persecutórios e antiliberais ou mesmo iliberais, se preferir, em que se coadunam o bolsonarismo com o olavismo, na medida em que se colocam contra alguns dos princípios fundamentais da democracia liberal como o *direito de resistência*,[17] presumindo, portanto, aquilo que Tocqueville chamou de *tirania da maioria*, que segundo ele, seria um dos maiores

12 Cf. SAKAMOTO, Leonardo. Ministro da Educação curte publicação com ameaça de violência a estudantes. **Blog do Sakamoto**, 2019. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2019/08/05/ministro-da-educacao-curte-publicacao-com-ameaca-de-violencia-a-estudantes/>. Acesso em: 05 ago. 2019.

13 Cf. DANIEL Mota. 101 - Olavo de Carvalho/ Corrupção virou tradição, como funciona a cabeça de um marxista. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kOevf37bkZk>. Acesso em: 10 mai. 2019.

14 Cf. "O que quebrou o sistema? Olavo de Carvalho, Lava Jato e Bolsonaro". **O antagonista**, 2018. Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/o-que-quebrou-o-sistema-olavo-de-carvalho-lava-jato-e-bolsonaro/>. Acesso em: 10 mai. 2019

15 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*; Foucault, 2000 favor inserir ref.

16 Cf. VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

17 Cf. LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos**. Petrópolis: Ed. Vozes: 1994; *Idem*. **Carta sobre a tolerância**. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

riscos à democracia estadunidense.[18] Inclusive, esse tipo de conduta pode ser verificada em afirmações do próprio presidente Jair Bolsonaro (PSL) quando alegou, no dia 10 de fevereiro de 2017, que:

> somos um país cristão, Deus acima de tudo. Não existe essa historinha de Estado laico, não. É um Estado cristão. Vamos fazer o Brasil para as maiorias. As minorias têm que se curvar às maiorias. As minorias se adequem ou simplesmente desapareçam.[19]

Ao evidenciar um entendimento da noção de democracia amparada no suposto direito de uma maioria que faria uma minoria se curvar justamente porque a dimensão da representação não seria abarcada por esse presidente, verificamos as premissas da política do "nós" e "eles", apresentadas por Stanley como o principal característica do fascismo no século XXI,[20] bem como localizamos justamente aquilo que Foucault tratou como racismo de Estado, ao compreender que a eliminação física e simbólica da raça opositora seria uma forma de garantir a pureza da raça vencedora e,[21] portanto, da maioria que seria representada no pronunciamento de Jair Bolsonaro (PSL).

Não obstante, a dimensão em que se coaduna o bolsonarismo com o olavismo no que se refere ao comportamento persecutório construído a partir de uma perspectiva conspiratória pode ser encontrada no discurso de Olavo de Carvalho acerca do que chamou de *estratégia das tesouras* ou *teatro das tesouras*, que também se tornou o título de uma série do Brasil Paralelo,[22] um *think thank* neoconservador monarquista orientado por aquilo que poderíamos chamar de olavismo cultural, ou seja, uma espécie de inversão dialética da revolução cultural gramsciana, conforme sugere o vídeo disponibilizado pelo *Le Monde Diplomatique* Brasil.[23] Sobre o teatro das tesouras e sua relação com

---

18 Cf. TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracia na América:** leis e costumes. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

19 Cf. DANIEL Mota. 101 - Olavo de Carvalho/ Corrupção virou tradição, como funciona a cabeça de um marxista. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kOevf37bkZk>. Acesso em: 10 mai. 2019.

20 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

21 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit*.

22 Cf. BRASIL Paralelo. Ep 1 - O Teatro das Tesouras. **Youtube**, 2018.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ue77esm5Kqs&t=3s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

23 Cf. LE Monde Diplomatique Brasil. O que pensa Olavo de Carvalho e como ele pode influenciar a política nacionalDisponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8AqZ2Q1sWY8&t=24s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

suposto comunismo, que buscou ser implantado no Brasil ainda no século XX, Olavo de Carvalho argumenta que

> O pessoal comunista que estudou Hegel. Hegel ensinava que não é possível você criar um movimento histórico através de uma influência linear. Você tem que ter pelo menos duas forças em disputa e tem que controlar as duas. Hegel no começo do século XIX ensinou isso e o pessoal não entendeu até hoje. Então, o comunismo sempre no movimento revolucionário, ele se subdivide para criar essa confluência de dois movimentos. E o pessoal da direita, raciocinando como se os partidos comunistas fossem partidos normais e democráticos disse: Ah, nós precisamos dividir as forças deles. Mas, o movimento revolucionário cresce por cissiparidade. Ele se auto divide, desde que ele existe, e é assim que ele cresce. Então quando o sujeito diz: Vamos dividir a esquerda? Como os nossos militares fizeram, né? Eles reprimiram a esquerda armada e davam dinheiro para a esquerda desarmada. Agora vamos dividi-los! O comunista ri disso aí! Essa divisão é essencial para o crescimento do movimento! De onde surgiram PT e PSDB? Do mesmo grupo de intelectuais comunistas da USP! A USP é a mãe de toda a merda que está acontecendo no país! Saiu tudo de lá! E saiu exatamente com essa ideia de criar as duas forças. Se você vai por aqui, eu vou por ali. Antes, quando surgiu as guerrilhas, também foi assim! O pessoal do velho partido disse: Não, vocês vão lá para a guerrilha e nós vamos aqui pelo lado do Antonio Gramsci. Quem chegar primeiro, chama o outro. E foi o que aconteceu! Depois subdividiram de novo, o PT e o PSDB. Depois subdividiram novamente, com os outros partidos de esquerda. E agora já estão ao ponto de poder dispensar, pois não precisam mais do PSDB porque você não precisa mais de um partido tão aparentemente neutro. Você já pode pegar o que membro do Foro de São Paulo. Então, à medida em que você subdivide, você também concentra. É um mecanismo dialético. Se esses caras não estudaram dialética, nunca vão entender. Então, é uma luta de gente maliciosa contra gente simplória e presunçoso! Tá certo? Todo mundo afetado de síndrome de Dunning-Kruger. Quando aparece um nego que sabe das coisas, eles têm pavor! Porque eles dizem: Por que é ele quem tem que explicar isso e não eu? [24]

Portanto, essa narrativa construída por Olavo de Carvalho e reproduzida por parte dos bolsonaristas radicais - também conhecidos como bolsominions -[25] que se afirmam como (neo)conservadores

24 Cf. MAMÃE me Ajuda. Estratégia das Tesouras - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMxybKrhS8s&t=79s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

25 Cf. PENA, Felipe. Bolsominions: quem são e do que se alimetam. **Extra**, 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/contra-a-corrente/bolsominions-

parece ter deslocado o denunciado *teatro da tesouras* para o polo à direita, na medida em que o escritor neoconservador brasileiro passou a sustentar que a ditadura empresarial-militar corroborou a perpetuação do marxismo cultural, uma vez que não o neutralizou física e simbolicamente, combatendo apenas os grupos de esquerda armados. Nesse sentido, ao atacar os militares que estão atuando no governo de Jair Bolsonaro (PSL), Olavo de Carvalho parece ter reproduzido a mesma narrativa de sua hipótese amparada no *teatro das tesouras*, só que em uma versão extremada à direita,[26] colocando de um lado os militares anticomunistas como os generais Augusto Heleno e Hamilton Mourão, e, de outro, os seus alunos e seguidores, inclusive o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo,[27] assim como os Ministros da Educação, Ricardo Vélez Rodrigues e,[28] posteriormente, Abraham Weintraub,[29] conforme afirma no vídeo em que argumenta que:

> Eu já avisei 20 anos atrás. E esse pessoal, esses milicos, eu já falei tudo isso 20 anos atrás no clube militar do Rio de Janeiro e em outras instituições miliares. Eu já expliquei para eles como é que funciona isso. Quer saber, esse negócio do Antonio Gramsci, por exemplo, o pessoal do partidão fez isso, a guerrilha, os guerrilheiros se matarem, aquela meia dúzia. Enquanto isso, a gente apronta aqui a revolução cultural, toma o movimento editorial, toma a mídia, ocupa todo o espaço e sobe, né? Então, o pessoal da guerrilha foi realmente boi de piranha. Ora, quem quer que tivesse lido, com licença, entendia que o negócio era esse. Você faz uma guerrilha com 20 neguinho armado contra o exército, marinha e aeronáutica, PM? Porra, não dá!! Acham que eles esperavam ganhar aquilo? Não! Aquilo era só para fazer barulho e atrair os idiotas dos milicos que ficam lá perseguindo guerrilheiro lá no Araguaia, na Ilha Cumprida, no raio que o parta, enquanto isso nós fazemos uma revolução cultural aqui e tomamos o país! Como de fato aconteceu!! Né? Agora, isso já estava claro nos anos 60. Enquanto o pessoal do Marighela estava

---

quem-sao-do-que-se-alimentam-19177930.html>. Acesso em: 10 mai. 2019.

26 Cf. DEJALMA Cremonese. Olavo de CArvalho citica Mourão, Heleno e militares do governo. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29-GYTyR_Hc&t=5s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

27 Cf. LE monde Diplomatique Brasil. O que pensa Olavo de Carvalho e como ele pode influenciar a política nacional. **Youtube**, 2019. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=8AqZ2Q1sWY8&t=24s>. Acesso em. 10 mai. 2019.

28 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RWgN9xyRXjo>. Acesso em: 10 mai. 2019.

29 Cf. TATI. Abraham Weintraub, novo Ministro da Educação discuso contra comunistas. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I2GHbWhQ1f8>. Acesso em: 10 mai. 2019.

> lá preparando guerrilha, a turma do partidão estava publicando, lendo e estudando Antonio Gramsci, porra! Isso nos anos 60![30]

Não obstante, é diante dessa perspectiva amparada no chamado *teatro das tesouras*, operado à direita, que podemos encontrar, dentre outras, duas forças que disputam o poder pela hegemonia no governo de Jair Bolsonaro (PSL); De um lado, temos o nacionalismo de tradição positivista comteana, embora contando aparentemente com a defesa do livre mercado financeirizado,[31] e, de outro, temos o neoconservadorismo dos olavistas, que também abarca os filhos do presidente Jair Bolsonaro (PSL), sobretudo, o vereador da cidade do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro (PSC/RJ),[32] e o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PSL/SP),[33] que, inclusive esteve no aniversário de Steve Bannon,[34] certamente um dos maiores líderes da direita internacionalista que passou a ser chamada de *alt-right* (*alternative right*), ou direita alternativa.

> Numa entrevista de fevereiro de 2018, Steve Bannon disse: "fomos eleitos com base no 'Drain the Swamp, Lock Her Up, Build a Wall' [Drene o pântano, tranque-a, construa um muro]. Isso era pura raiva. A raiva e o medo é o que leva as pessoas às urnas. No mundo inteiro agora, vemos movimentos de extrema direita atacando as universidades pela disseminação do "marxismo" e do "feminismo", deixando de dar um lugar central aos valores da extrema direita. Mesmo nos Estados Unidos, berço do maior sistema universitário do mundo, vemos ataques ao melhor estilo do Leste Europeu na universidade. Os protestos estudantis são deturpados na imprensa e apresentados como tumultos de multidões indisciplinadas, ameaçadas à ordem civil.[35]

30 Cf. LORENZO Bergamo. Olavo de Carvalho fala sobre burice dos militares e Ditadura Militar. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iJ7TzPbnmPA>. Acesso em: 10 mai. 2019.

31 Cf. IGLESIAS, Simone; GAMARSKI, Rachel. No governo Bolsonaro, militares atuam como moderadores. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2019/03/03/no-governo-bolsonaro-militares-atuam-como-moderadores.htm>. Acesso em: 10 mai. 2019.

32 Cf. MORNING Show. Depois de vídeo contra militares, Carlos Bolsonaro anucia "nova fase". **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e-qjlWAslUg>. Acesso no dia 10 de maio de 2019.

33 Cf. OLAVO de Carvalho TV. Eduardo Bolsonaro conversa com Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qSmYpRr6Jf0&t=18s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

34 Cf. ZAREMBA, Júlia. Eduardo Bolsonaro vai a aniversário de Bannon, ex-estrategista de Trump. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/11/eduardo-bolsonaro-vai-a-aniversario-de-bannon-ex-estrategista-de-trump.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2019.

35 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., p. 65.

Todavia, presumir que a minoria tem que se curvar a maioria, conforme sustentou publicamente o atual presidente do Brasil, é justamente legitimar a política do "nós" (cristãos) e "eles" (ateus ou quaisquer outras religiões que não sejam cristãs), do "nós" (conservadores / militares / olavistas) e "eles" (progressistas / esquerdistas / gramscistas / comunistas), do "nós" (cisheteronormativos) e "eles" (comunidade LGBTQI+), dentre outros exemplos. Não obstante, também se faz necessário compreender que quando tratamos do fascismo não o situamos à esquerda ou à direita especificamente, assim como também ocorre com populismos e totalitarismos, já que "se entendermos como totalitarista um regime que subordina qualquer ato individual ao Estado e sua ideologia, então o nazismo e o stalinismo eram regimes totalitários".[36] O que ocorre é que os fascismos encontrados em ambos os pólos inviabilizam a dissidência através de estratégias que podem passar do estigma,[37] à patologização[38] e até mesmo à criminalização (Projeto de Lei 5.359/2016, que visa a criminalização da apologia ao comunismo, proposto por Eduardo Bolsonaro),[39] comprometendo a própria existência das democracias liberais.

Esse processo de transformação do Outro em inimigo chegou a tal ponto de aversão, ódio e violência, que no dia do impeachment da ex-presidente Dilma Roussef (PT), o então Deputado Federal pelo Rio de Janeiro e atual presidente da república em 2019, Jair Bolsonaro (PSL), homenageou um manifesto torturador do período da ditadura empresarial-militar que, inclusive atormentou aquela mulher que estava sendo sabatinada na Câmara dos Deputados, dizendo o seguinte:

> Nesse dia de glória para o povo brasileiro tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos dessa casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha! Perderam em 64, perderam agora em 2016! Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve.

---

36 ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018, p. 25.

37 Cf. MARCOS Paulo Montenegro. Esquerditas são burros, maoldosos e maliciosos. **Youtube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=77py8SOsY00>. Acesso em: 10 mai. 2019.

38 Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista:** As causas psicológicas da loucura política. São Paulo: Vide Editorial, 2016; BRASIL sobre tudo, Deus sobre todos. A mente esquerdista: estudo do atentado a Bolsonaro a partir da obra de Dr. Lyle Rossiter. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LjoviaVU-U0&t=154s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

39 Cf. BOLSONARO, Eduardo. PL 5358/2016. **Câmara dos Deputados**, 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2085411>. Acesso em: 10 mai. 2019.

> Contra o comunismo, pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo. Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Roussef. Pelo exército de Caxias. Pelas nossas forças armadas. Por um Brasil acima de tudo e por deus acima de todos, o meu voto é sim! [40]

Contudo, o conservadorismo aqui não deve ser tratado necessariamente através da chave interpretativa do fascismo tropical ou à brasileira, embora contenha nele alguns dispositivos que, quando acionados, permitem a emergência de um discurso de ódio e persecução contra o Outro e, portanto, contra "eles", como podemos verificar com a criação de teorias conspiratórias, apelo ao anti-intelectualismo contra as universidades e meios de comunicação, na utilização da propaganda para moldar uma narrativa sobre um passado mítico visando construir um presente e futuro inspirados nessas premissas através da hierarquização, na autoridade, vitimização, no discurso de lei e ordem, dentre outras dimensões trazidas por Jason Stanley, ao propor uma interpretação do fascismo do século XXI.

> Os mecanismos da política fascista apoiam-se uns nos outros, tecendo um mito de diferenciação entre "nós" e "eles", com base num passado fictício romantizado, em que há "nós", mas não "eles", e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições. "Eles" seriam os criminosos preguiçosos com quem a liberdade seria desperdiçada (e que, de todo modo, não a merecem). "Eles" mascaram seus objetivos destrutivos com a linguagem do liberalismo, ou da "justiça social", e estão destinados a destruir nossa cultura e tradições, fazendo com que "nós" nos tornemos fracos. "Nós" somos diligentes e cumpridores da lei, tendo conquistado nossas liberdades por meio do trabalho; "eles" são indolentes, perversos, corruptos e decadentes. A política fascista transita em delírios que criam esse tipo de falsas distinções entre "nós" e "eles", independente de realidades óbvias. Alguns podem se queixar de exagero nos argumentos que apresento, ou objetar que os exemplos contemporâneos não são suficientes para serem justapostos aos crimes da história. Mas a ameaça da normalização do mito fascista é real. É tentador pensar em "normal" como algo benigno; quando está tudo normal, não há motivo para alarme. No entanto, tanto a história quanto a psicologia mostram que nossos julgamentos sobre normalidade nem sempre são confiáveis.[41]

---

40 Cf. GUTO. Voto do Jair Bolsonaro a favor do impeachment. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=54KUDU-u1P0>. Acesso em: 10 mai. 2019.

41 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., p. 179 *et. seq*.

A tradição política conservadora será aqui aventada a partir de uma dimensão teórica que, segundo Andrew Vincent e até mesmo o próprio conservador Russel Kirk, data o século XIV, tendo nascido, portanto, no contexto das sociedades europeias medievais, remontando os guardiões daquelas primeiras cidades, assim como os juízes de paz ingleses.[42] Apesar do uso mais recorrente do pensamento conservador ser datado, conforme ocorre com o liberalismo, em um momento posterior à Revolução Francesa, é importante destacar que o termo passou a se propagar pela Europa a partir da década de 1840, uma vez que

> as sublevações políticas de 1829-30 e 1848 focalizaram a atenção do pensamento conservador nos perigos da revolução, embora a industrialização e a democratização também desempenham um papel significativo.[43]

No entanto, se faz necessário destacar que certamente o elemento fundamental pra abordar aquilo que estamos chamando de conservadorismos, tratados enquanto dispositivo político-identitário moralizador, é presumir certa natureza humana constituída a partir dos princípios da hierarquia e da autoridade decorrentes da governamentalização dos poderes temporais e espirituais, apresentados por Thomas Hobbes, em sua célebre obra intitulada *Leviatã*.[44] Nesse sentido, evidencia-se que a essencialização desse sujeito enclausurado a uma historicidade presumidamente mítica orientada a partir da perpetuação de uma suposta cultura judaico-cristã datada deveria ter os seus valores perpetuados, e tudo aquilo que se coloca contra esses princípios é algo que comprometeria a existência daquilo que se entende por civilização, conduzida, portanto, pela colonização subjetiva de valores utilitarista do ponto de vista econômico, político e social.

Contudo, a essencialização desse sujeito histórico, condicionado por um comportamento moralizante orientado pela perpetuação de valores supostamente encontrados em um passado mítico judaico-cristão, despreza certo entendimento elementar da antropologia social nascida também com Franz Boas que se fundamenta na ideia de que a cultura é dinâmica, e não estática.[45] Nesse sentido, a governamentalização

---

42 Cf. VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit*; KIRK, Russell. **A política da prudência**. São Paulo: É realizações, 2013.

43 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*, p. 65.

44 Cf. HOBBES, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

45 Cf. BOAS, Franz. **Textos de Antropología**. Madrid: Editorial Centro de Estudios

desse sujeito historicamente essencializado não apenas do ponto de vista da existência de uma suposta natureza humana, mas também do estabelecimento de quais seriam os valores mais adequados acerca do comportamento humano para a perpetuação do entendimento do que seria certa cultura ocidental, acaba legitimando também a naturalização de uma escravidão moral instrumentalizada pelo dispositivo dívida, condicionada pelo capitalismo financeirizado que nega a dimensão da Solidariedade, colocando em seu lugar apenas a Prudência, legitimada pela autoridade do Estado, do mercado e, sobretudo, a partir dos princípios do século XXI, pela algoritmização.

> A Prudência é a virtude ética central da burguesia, mas não a única. O livro de Adam Smith trata da Prudência, *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, publicado em 1776, deve ser lido tendo em vista outras virtudes básicas, especialmente a Temperança e a Justiça, sobre as quais Smith de fato escreveu bastante. Se ele tivesse alguma inclinação estatística, teria formulado sua ideia da seguinte maneira. Tome qualquer tipo de comportamento básico que você deseje entender – o voto numa eleição, por exemplo, ou a adoção do processo Bessemer na produção de aço. Vamos dar-lhe o nome de *B*. Ele pode ser posto numa balança e medido, ou talvez dado como presente ou ausente. Você quer prestar contas de *B*. Os homens acreditam Exclusivamente na Prudência, de Maquiavel a Becker, alegam que você pode explicar *B* só com base no Princípio da Prudência, a variável *P* – Prudência, Preço, Proveito, o Profano. Smith (e Mill e Keynes e mais uns poucos economistas, embora não os vêm conduzindo a disciplina nos dias de hoje) responde que não, você está esquecendo o Amor e o Desprendimento, a Justiça e a Temperança, a Fé e a Esperança, numa palavra, a Solidariedade, a variável *S* de sons e sílabas, de sumário, de soberba, do Sagrado. Os economistas se especializam nos *Ps*, os antropólogos, nos *Ss*, Mas, a maior parte do Comportamento Básico, *B*, é explicada pelos dois [...] Incluir tanto *P* quanto *S* é uma questão de sensatez. Não é falta de juízo nem de princípios. É claro que as variáveis *S* são as condições sob as quais as variáveis *P* funcionam, e é claro que as variáveis *P* modificam os efeitos das variáveis *S*. É a dança humana entre o Sagrado e o Profano.[46]

Desse modo, a partir dos argumentos trazidos por Vincent, podemos compreender que os conservadorismos, enquanto dispositivo político-identitário moralizador, nutrem que "sua visão da natureza

---

Ramón Areces, 2008.

46 MCCLOSKEY, Deirdre. **Os pecados secretos da economia**. São Paulo: Ed. Ubu, 2017, p. 33 *et. seq*.

humana é tanto universal quanto a-histórica.[47] Essa universalidade é algo que os conservadores compartilham com o liberalismo. A consciência histórica pode levar a relativização da "natureza humana". Todavia, o autor ainda argumenta que "os conservadores acreditam no poder de liderança natural de certos grupos ou indivíduos".[48]

Ainda segundo Vincent, existem ao menos cinco interpretações acerca do caráter do conservadorismo que estão situadas como: ideologia aristocrática, posição ideológica pragmática, visão situacional ou posicional, conservadorismo como disposição do hábito ou da mente e, por último, uma interpretação ideológica.[49] No primeiro caso, o conservadorismo passa a ser tratado como uma doutrina negativa da reação, uma vez que expressa os anseios de uma classe aristocrática agrária e semifeudal, existente logo após a emergência dos desafios promovidos pela Revolução Francesa. Nessa perspectiva, o tempo de duração do conservadorismo teria ocorrido na Europa de 1790 até 1914, quando passou a ser suplantado pelo sistema liberal clássico.

No segundo caso, o conservadorismo é entendido como uma forma de pragmatismo político que envolve uma doutrina sem conteúdo e princípios, justamente porque absorve certo *ethos* político, econômico e cultural estabelecido por grupos dominantes que exercem privilégios nas sociedades das quais fazem parte. Sendo assim, nos últimos duzentos anos o conservadorismo teria extraído seus programas de outras ideologias políticas que abarcariam tanto opiniões extremamente estadistas quanto libertárias radicais, incluindo também elementos de regimes como nazismo, franquismo e fascismo, mesmo tendo alguns de seus autores questionado veementemente esses tipos de totalitarismos, a exemplo do filósofo alemão Eric Voeglin.[50]

Já no terceiro, o conservadorismo estaria associado a uma dimensão contrária ao pragmatismo político, uma vez que refletiria uma postura defensivamente consciente de qualquer doutrina política institucionalizada, entendendo que "conservadores são os indivíduos arraigados a um modo de vida institucionalizada, que propõe a defesa permanente de uma ordem particular".[51] Sendo assim, os conservadores

---

47 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit*., p. 78.

48 *Ibidem*.

49 Cf. *Ibidem*.

50 Cf. VOEGLIN, Eric. **Hitler e os alemães**. São Paulo: É realizações, 2008.

51 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit*., p. 67.

seriam compreendidos como defensores de uma ordem existente, qualquer que seja a sua natureza política, colocando-se contrariamente ao suposto caos decorrente das mudanças sociais e das possíveis reformas promovidas pelos Estados modernos.

A quarta interpretação acerca do caráter desse pensamento político está associada a certa idéia de disposição que estabelece uma espécie de "conservadorismo natural" definido a partir da propensão da mente humana a estabelecer uma leitura hostil à mudança resultante da desconfiança em relação ao desconhecido, bem como da confiança na experiência, ao invés de dar lugar ao raciocínio teórico. Nesse sentido,

> o conservadorismo não tem sido considerado uma ideologia: é antes a disposição natural dos seres humanos, preferindo os hábitos e ferramentas já experimentadas ao novo e não familiar,[52]

entendendo, inclusive, que é preferível vivermos sob a égide de sistemas ou instituições imperfeitas, ao invés de algo inusitado e supostamente perigoso como ocorreram com as revoluções ao longo da história ocidental. Não obstante, essa interpretação sugere que o

> conservadorismo é um fenômeno natural que não envolve idéias e, por outro lado, tenta persuadir-nos da verdade dessa afirmação com um argumento repleto de sutis elementos ideativos.[53]

Por fim, a quinta e última interpretação sobre o caráter do pensamento conservador, conforme argumentou Vincent,[54] foi entendida como uma ideologia inequívoca que não poderia ser tratada por considerações pragmáticas nem situacionais, uma vez que seria versada como um corpo de ideias amparadas em certo conteúdo prescritivo, tendo Edmund Burke como seu principal fundador.[55]

> Os conservadores, segundo essa perspectiva, tentaram consistentemente opor-se a certas idéias que muitas vezes foram geradas e usadas em situações revolucionárias: ou seja, a perfectibilidade da espécie humana por meio de condições sociais e políticas; o progresso e o desenvolvimento da natureza humana em direção a uma sociedade satisfatória definitiva; a igualdade e a liberdade como metas humanas individuais e

---

52 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*, p. 67.

53 *Ibidem*, p. 67 *et. seq.*

54 *Ibidem*.

55 Cf. BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França**. São Paulo: Vide Editorial, 2017.

> as implicações políticas e econômicas resultantes; a crença no triunfo da razão humana; o descaso e depreciação da autoridade, do privilégio, da hierarquia e da tradição.[56]

Não obstante, grande parte dos autores que apresenta o conservadorismo na contemporaneidade não reconhece que a linha divisória do pensamento conservador tenha se dado exclusivamente com a Revolução Francesa,[57] uma vez que esses acontecimentos fizeram com que Edmund Burke passasse a empregar a palavra conservador a partir da primeira década de 1800. Mas, compreende que

> O começo do conservadorismo é percebido nos pensamentos grego e romano. Os autores mais citados são Platão e os estóicos romanos, embora o dramaturgo Aristófanes seja mencionado por Russel Kirk.[58]

É por isso que Vincent argumentou que grande parte dos pesquisadores evidenciam que as raízes da ideologia conservadora são sustentadas pelas doutrinas do direito divino e pelo patriarcalismo,[59] elementos que inclusive abarcam uma tradição antiga da filosofia, chamada de escolástica, nascida como método nas primeiras universidades europeias medievais, que emergiram a partir de uma suposta necessidade de responder veementemente às exigências da crença no cristianismo.

> As doutrinas do direito divino – de que o governo é estabelecido por Deus, a não resistência e a obediência passiva são deveres religiosos, a sociedade é natural para os homens e se parece a uma família com uma hierarquia natural, não-construída, - continua implícita no pensamento conservador do século XIX. As opiniões acerca das origens talvez tenham mudado no conservadorismo, mas não as opiniões sobre a qualidade natural e sagrada da soberania nacional. A soberania simplesmente deslocou-se da monarquia para o Parlamento.[60]

Contudo, para Vincent, existem três possibilidades de abordagem acerca do estudo sobre conservadorismo, a saber, a do Estado-nação, a cronológica e a conceitual.[61] Na primeira, é a ideia de Estado-nação que sustenta a premissa de que o conservadorismo só pode ser entendido

---

56 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*, p. 68.

57 Cf. KIRK, Russell. **A política da prudência**... *Op. cit*; OAKESHOTT, Michael. **A política da fé e a política do ceticismo**. São Paulo: É realizações, 2018; SCRUTON, Roger. **Pensadores da nova esquerda**. São Paulo: É realizações, 2014.

58 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*, p. 68.

59 Cf. *Ibidem.*

60 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*, p. 69.

61 Cf. *Ibidem.*

se consideradas as circunstâncias históricas e culturais particulares do Estado-nação em que ele acontece. Nesse sentido, o que interessa são as especificidades dos conservadorismos alemão, britânico e francês, por exemplo. A segunda investida considera os conservadorismos a partir de termos cronológicos, buscando classificar os distintos grupos e acasos encontrados nos Partidos Conservadores; enquanto que a terceira abordagem trata da classificação conceitual a partir de duas perspectivas: ou não existe conservadorismos, no plural, ou existem diferentes escolas dessa tradição do pensamento político.

Desse modo, partiremos da premissa apresentada por Vincent que considera a diversidade do pensamento conservador, na medida em que classifica cinco abordagens distintas: conservadores tradicionalistas, românticos, paternalistas, liberais-conservadores e tributários da Nova Direita.[62] Sendo assim, faremos uma apresentação breve das três primeiras abordagens, para em seguida enfatizarmos a influência do conservadorismo liberal e da Nova Direita, tratando do emergente neoconservadorismo que atinge de maneira avassaladora os Estados modernos nas duas primeiras décadas do século XXI, permitindo com que ocorra a emergência de elementos trazidos dos totalitarismos do século passado, a exemplo do fascismo italiano de Benito Mussolini, que passaram a operar em nosso país, configurando o que estamos chamado de fascismo tropical ou à brasileira, associando essa expressão aos tristes trópicos mencionado por Lévi-Strauss em seu escrito sobre esse país.

> O Brasil esboçava-se em minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas, ocultando arquiteturas estranhas, tudo isso banhado num cheiro de defumador, detalhe olfativo introduzido subrepticiamente, ao que parece, pela homofonia observada de forma inconsciente entre as palavras Brésil e grésiller [‘Brasil’ e ‘crepidar’], e que, mais do que qualquer experiência adquirida, explica que ainda hoje eu pense primeiro no Brasil como um perfume queimado.[63]

Não obstante, a ocultação dessas arquiteturas estranhas, mencionada por Lévi-Strauss para tratar do Brasil ainda na segunda metade do século passado,[64] evidencia um comportamento que historicamente nos condicionou a naturalizar, mesmo ainda que discretamente, certa

62 Cf. VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit*.

63 LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 45.

64 Cf. *Ibidem*.

hierarquia social constituída pela imposição de valores patriarcais, etnocêntricos, racistas, machistas, homofóbicos, tomando como referência uma espécie de idealização do cristianismo, da economia de livre mercado e de um modelo contratual e utilitário de Estado, que teria sido fundado a partir de princípios ocidênticos e cristãos.

Todavia, a essencialização desse sujeito historicamente datado, assim como a idealização de um projeto de sociedade orientada por uma cultura caricaturizada em um passado mítico, tendo em vista que ela opera dinamicamente e não de maneira estática, possibilitou a emergência de uma fratura social no Brasil do século XXI que potencializou a polarização das distintas perspectividades políticas, dificultando ou mesmo impossibilitando debates, em que de um lado estão “eles”, os inimigos, e de outro, “nós”, os “cidadãos de bem”, que compartilham certo entendimento sobre configurações familiares, sexualidade, questões raciais, de gênero e, principalmente, direcionadas a um comportamento persecutório para com a dissidência política, podendo ser encontrados exemplos desse comportamento em uma diversidade de vídeos, aulas não apenas de seus alunos,[65] mas do próprio Olavo de Carvalho, que argumenta que:

> em primeiro lugar, os que pertencem a partidos que são membros do Foro de São Paulo não tem nenhum direito de estar no parlamento. Esses partidos legalmente não existem porque ferem o preceito da nossa Lei eleitoral, segundo a qual os partidos brasileiros não podem estar filiados a organizações estrangeiras. Se alegarem como certamente vão alegar, a que é apenas um órgão consultivo, um centro de debates e que não tem poder decisório, estão mentindo. Eu já tive uma discussão sobre isso com o diretor de relações públicas do próprio Foro de São Paulo, o Senhor Jean Carlos Suman, isso aí há mais de 10 anos. Ele alegou isso e eu mostrei para ele, a final de contas o senhor está mentindo, porque eis aqui as atas do foro de São Paulo que terminam emitindo resoluções. Você já viu um mero centro de debates emitir resoluções? Então, resoluções certamente são poder decisório. Então esses partidos tem que ser fechados e os seus membros e diretores tem que os seus direitos políticos cassados. Segunda sugestão: O Foro de São Paulo já existe a trinta anos e até hoje ninguém perguntou de onde vem o dinheiro para sustenta-lo. Como é possível uma coisa dessas? O Foro de São Paulo reúne duzentos partidos políticos e organizações criminosas como as FARC, o MIR Chileno, etc. etc. As FARC têm praticamente o monopólio da distribuição de droga no Brasil e são um membro

65 Cf. BERNARDO P. Küster. Nova Reunião do Foro de São Paulo - Propostas e soluções. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eomMaAzXW8s&t=2s>. Acesso no dia 20 de maio de 2019.

> regular dessa organização. Então, a organização do Foro de São Paulo, ele em si mesmo é uma organização criminosa. Por que que ninguém investiga? Da onde vem o dinheiro para fazer não só as assembleias anuais, mas grupos de trabalho que a cada quinze dias se reúne em diferentes capitais latino americanas. Isto custa um dinheirão. Ademais, a revista do Foro de São Paulo, que se chama América Libre, é impressa por um negócio na Espanha que se chama Nodo sessenta. Você vai ver o Nodo sessenta é dono da imprensa esquerdista mundial. Quer dizer, é uma operação gigantesca. Ninguém vai investigar isso não, ministro? É só o senhor fazer isso que o pessoal todo cala a boca, fica quietinho e não enche mais o saco.[66]

Curiosamente, parece que essa suposta operação gigantesca do Foro de São Paulo, mencionada por Olavo de Carvalho, não deu muito certo nos princípios do século XXI, tendo em vista que Jair Bolsonaro (PSL) acabou sendo eleito presidente da república do Brasil em 2018. Não obstante, a seletividade persecutória operacionalizada pelo que Stanley chamou de política do "nós" e "eles" pode ser facilmente localizada quando utilizamos a mesma estratégia para tratar não apenas do possível envolvimento do senador Flávio Bolsonaro (PSL/RJ),[67] filho do presidente, com as milícias do Rio de Janeiro,[68] mas também da primeira dama, Michele Bolsonaro, que recebeu um cheque de vinte quatro mil reais de Fabrício Queiroz,[69] que não apenas está sendo acusado de integrar uma milícia no Rio de Janeiro, como também indicou para trabalhar no gabinete desse senador, a mãe e filha de outro suspeito de ser miliciano, Adriano Magalhães da Nóbrega, acusado, inclusive, de ter matado a vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco (PSOL). Não obstante, também é importante destacar que esse ex-capitão do Bope, e também suspeito do assassinato dessa vereadora, morava no mesmo condomínio em que o atual presidente Jair Bolsonaro (PSL) residia.[70]

66 Cf. OLAVO de Carvalho. Mensagem urgente ao ministro Moro 3 jul 2019. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_ZY5CHT7Iwk&t=34s>. Acesso em: 19 jul. 2019.

67 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

68 Cf. SEABRA, Catia; NOGUEIRA, Italo. Apuração sobre Flávio pode avançar sobre milílicas, PSL e primeira-dama. **Folha de S.Paulo**, 2019. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/05/apuracao-sobre-flavio-pode-avancar-sobre-milicias-psl-e-primeira-dama.shtml>. Acesso em: 20 mai. 2019.

69 Cf. REDAÇÃO. Michelle Bolsonaro vira alvo de investigação por cheque de Queiroz. **Band Uol**, 2019. Disponível em: <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000947143/michelle-bolsonaro-vira-alvo-de-investigacao-por-cheque-de-queiroz.html>. Acesso em: 20 mai. 2019.

70 Cf. LEITÃO, Leslie; COELHO, H Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-

Assim, da mesma forma com que Olavo de Carvalho associou a esquerda brasileira com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC e,[71] consequentemente, com a criminalidade, mesmo sem ter evidências materiais, justificando sua narrativa somente através de hipóteses construídas a partir de conjecturas forjadas por meio de uma perspectiva conspiratória; algum representante do polo mais à esquerda, poderia argumentar que existem muitas evidências de que a família Bolsonaro poderia estar ligada às milícias cariocas.[72] Contudo, enquanto Olavo de Carvalho, assim com os seus seguidores e alunos, bem como a própria família Bolsonaro, atua pela criminalização dos partidos de esquerda ou progressistas, não encontramos no Brasil nenhum projeto de criminalização das direitas por parte de seus opositores políticos.

Isso ocorre porque o discurso sustentado pelo fascismo tropical que passou a conduzir a política brasileira com mais intensidade na segunda década do século XXI, chegando ao seu ápice com a vitória de Jair Bolsonaro (PSL) nas eleições de 2018 - que teve sua candidatura completamente construída por meio de teorias conspiratórias que passaram a circular no planeta a partir do final da Guerra Fria, conforme evidenciou Castells -[73] passou a estabelecer as esquerdas ou mesmo os progressistas como principais inimigos que deveriam ser combatidos. É por isso que para compreendermos como opera esse fascismo à brasileira não devemos recorrer apenas aos elementos históricos de um passado não muito distante, mas à estratégias que, a partir dessas experiências circunscritas ao início do século XXI, foram sendo paulatinamente utilizadas para sujeitar certos grupos suscetíveis à violência, orientando-os a agirem contra os supostos inimigos que haviam sido criados para que a guerra pudesse ser não apenas perpetuada, como também justificada.

Ao ponderar sobre as distintas dimensões das teorias conspiratórias, Michael Barkun apresentou uma espécie de classificação sobre essa questão, argumentando que existem três tipos

de-janeiro/noticia/2019/01/22/operacao-mira-grilagem-de-terras-pela-milicia-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>. Acesso no dia 20 de maio de 2019.

71 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

72 Cf. REDAÇÃO. *The Economist* destaca ligações e simpatia do clã Bolsonaro com milícias. **Exame**, 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/the-economist-destaca-ligacoes-e-simpatia-do-cla-bolsonaro-com-milicias/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

73 Cf. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

de discursos acerca do conspiracionismo.[74] Em primeiro lugar, o autor versou sobre as chamadas teorias conspiratórias associadas a eventos que tratam de fatos específicos e pontuais como condicionantes comportamentais. Nesse caso, podemos facilmente evidenciar esse fato ocorrido no contexto brasileiro recente, a partir do exemplo da narrativa produzida pelo então candidato à presidência da república do Brasil em 2018, Jair Bolsonaro (PSL), através do chamado "kit gay", que foi utilizado recorrentemente para desqualificar o seu opositor. Esse discurso persecutório se deu justamente por meio da construção de uma narrativa que, embora fosse completamente falaciosa, passou a ser orientada como verdade, incidindo diretamente no direcionamento dos votos de certos eleitores que não buscavam o conhecimento desses fatos, mas procuravam apenas elementos que reiterasse as suas verdade, conforme veremos no último capítulo desse livro.

Já o segundo tipo, foi chamado pelo autor de teorias conspiratórias sistemáticas e abarcam entidades ou grupos que supostamente estariam tramando permanentemente para que houvesse uma espécie de dominação global estabelecida por uma determinada população que deveria ser combatida. Nesse caso, entrariam nessa classificação aquelas crenças em forças ocultas que tentariam manipular recorrentemente a humanidade, conforme encontramos no discurso sobre a suposta União das Repúblicas Socialistas da América Latina – URSAL, mencionada pelo candidato à presidência da república, Cabo Daciolo (PATRIOTA), em um debate com os presidenciáveis nas eleições de 2018,[75] evidenciando um discurso acerca dessa chamada nova ordem mundial globalista que deveria ser contida.

Por fim, o terceiro tipo, chamado de super teorias conspiratórias, visa articular conjurações que abarcam os dois tipos anteriores, permitindo com que uma mentira, ou uma narrativa falsamente construída, justifique as que se seguirão, possibilitando que as múltiplas conspirações que interagem entre si, promovam uma visão completamente adulterada da realidade que pode ser instrumentalizada como tecnologia de poder na medida em que condicionaria os votos

---

74 Cf. BARKUN, Michael. **A culture of conspiracy:** *apocalyptic visions in contemporary America*. Berkeley/Los Angeles: University California Press, 2003.

75 Cf. BAND Jornalismo. Cabo Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: 20 mai. 2019.

legitimados por meio de informações falaciosas, conforme encontramos como recomendações estabelecidos por Pat Robertson, que orienta boa parte dessas narrativas encontradas no fascismo tropical.[76]

Esse tipo de comportamento criminalizante acerca da dissidência política construído a partir de conspirações é justamente uma das principais características dos regimes totalitários que estamos chamando aqui de fascismo, visando aproximar comportamentos totalitários e totalizantes que operam pelo extermínio moral, simbólico e, no limite, físico daqueles que possuem uma visão de mundo distinta dos que se colocam como paladinos da moralidade, conforme aconteceu com as experiências nazistas, franquistas, salazaristas, as ditaduras latino-americanas e, principalmente, o fascismo italiano, do qual tomamos emprestada a palavra a partir dos escritos de Stanley e Eco para tratar do século XXI,[77] e que direcionaram sua persecução contra os comunistas, marxistas, esquerdistas, anarquistas, dentre outros grupos. Contudo, essa essencialização ou mesmo caricaturização do dissidente político pode muito bem ser evidenciada no livro escrito por Adolf Hitler, intitulado Minha Luta (*Mein Kampf*):

> levado pelas lições da experiência de todos os dias, comecei a pesquisar as fontes da doutrina marxista. Em casos individuais, a sua atuação me parecia clara. Diariamente, eu observava os seus progressos e, com um pouco de imaginação, podia avaliar as suas consequências. A única questão a examinar era saber se os seus fundadores tinham presente no espírito todos os resultados de sua invenção ou se eles mesmos eram vítimas de um erro. As duas hipóteses me pareciam possível. No primeiro caso, era dever de todo ser pensante colocar-se à frente da reação contra esse desgraçado movimento, para evitar que chegasse às suas extremas consequências; na segunda hipótese, os criadores dessa epidemia coletiva deveriam ter espíritos verdadeiramente diabólicos, pois só um cérebro de monstro – e não o de um homem – poderia aceitar o plano de uma organização de tal porte, cujo objetivo final conduzirá à destruição da cultura humana e à ruína do mundo.[78]

Com isso, não estou querendo dizer que o fascismo tropical, ou mais especificamente, à brasileira, beba unicamente da fonte desses regimes totalitários, como o nazismo. O que estou querendo mostrar é que a construção de um discurso de ódio contra a dissidência e

76 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**... *Op. cit*.

77 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*; ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

78 HITLER, Adolf. **Minha Luta** (Parte 1). São Paulo: Ed. Centauro, 2000, p. 51.

sua consequente persecução é justamente o que caracteriza esses movimentos totalitários e até mesmo populistas que estão ocorrendo no século XXI. Pois, embora na Alemanha nazista a persecução incidia, sobretudo, acerca dos comunistas; o maior alvo de extermínio ocorreu contra os judeus, diferentemente, do que ocorre no governo brasileiro bolsonarista, que toma Israel como a grande referência internacional, ao ponto do atual presidente do Brasil argumentar, em sua primeira visita como chefe do executivo brasileiro, que

> nos tornamos noivos, no bom sentido, abrindo aqui uma representação nossa de negócios, tecnologia, de pesquisa, de inovação em Jerusalém, os senhores começam cada vez mais a notar que esse nosso relacionamento veio para ficar.[79]

Também é importante destacar que mesmo supervalorizando Israel, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) insistiu que o nazismo era um movimento de esquerda,[80] apesar do Museu do Holocausto (Museum Yad Vashem) visitado por ele em sua estadia naquele país ter publicado em sua página uma resposta ao presidente brasileiro, desmentindo sua afirmativa.[81] Não obstante, esse tipo de comportamento falacioso proferido pelo presidente do Brasil em sua visita à Jerusalém, que visa desqualificar a dissidência política, colocando-a na condição de monstruosidade, conforme evidenciamos no livro escrito por Adolf Hitler,[82] não é algo novo e nem mesmo sessou com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Ao contrário, esses movimentos persecutórios de extrema direita continuaram a desenvolver seus discursos de ódio e toda a sua propaganda nos anos que sucederam. No entanto, passaram a se hibridizar com outras forças obscuras e reacionárias que visavam fortalecer uma narrativa amparada naquilo que Stanley chamou de política do "nós" e "eles",[83] assim como Eco tratou como *Ur-fascismo*.[84]

---

79 Cf. RECORD News. Bolsonaro diz que relacionamento com Israel veio para ficar. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIFpobs6MDU>. Acesso em: 20 mai. 2019.

80 Cf. BAND News. Jair Bolsonaro diz que nazismo foi de esquerda. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M6HBwAF0vkI>. Acesso em: 20 mai. 2019.

81 Cf. QUERO, Caio. Nazismo é de direita, define Museu do Holocausto visitado por Bolsonaro em Israel. **BBC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47784368>. Acesso em: 20 maio 2019.

82 Cf. HITLER, Adolf. **Minha Luta**... *Op. cit.*

83 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

84 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit.*

Aliás, não apenas Umberto Eco,[85] mas também Manuel Castells,[86] localizou um desdobramento desse comportamento persecutório nos escritos de Pat Robertson,[87] através do seu livro intitulado *The New World Order*, que passou a influenciar movimentos radicais de direita por diversos países, estabelecendo como alvo o chamado globalismo, tendo como diagnóstico a ideia de que existe um movimento internacional articulado por comunistas, islâmicos e instituições financeiras que querem destruir os valores ocidentais. No Brasil, essa narrativa, somada a outras perspectivas conspiratórias que vão desde a difusão da ideia de que não há evidência de que exista o aquecimento global, ou que as vacinas produzem um efeito prejudicial à saúde humana, chegando até mesmo ao debate acerca do terraplanismo,[88] foi capitaneada desde a década de 1990 por Olavo de Carvalho e seus alunos ou mesmo seguidores, através de citações de livros revisionistas que são plenamente contestados no campo acadêmico de todo o planeta.

Todavia, a difusão dessas informações intencionalmente equivocadas possibilitou uma espécie de capilarização dessas narrativas como verdades ou meta-verdades, fomentando um questionamento acerca daquelas certezas que orientavam certa visão de mundo cientificamente comum a todos desde o surgimento do Iluminismo. Talvez seja por isso que Olavo de Carvalho despreze com tanta veemência o pensamento de Immanuel Kant, responsabilizando-o por grande parte dos males provocados no mundo a partir de suas ponderações acerca do pensamento crítico, algo típico da tradição iluminista, justamente porque questionaria as verdades escolásticas que orientariam adequadamente os valores e condutas a serem seguidas a partir de certa colonização ocidêntica.[89]

Desse modo, parece que houve um processo transhistórico e transterritorial que permitiu com que um comportamento persecutório para com o Outro, transformado em inimigo, pudesse ser perpetuado. Enquanto que nos primórdios do período colonial iniciado com mais

---

85 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

86 Cf. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**... *Op. cit*.

87 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**... *Op. cit*.

88 Cf. ALISON Jordan. Auqecimento global, vacinas e terra plana. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=niACn7ZvICk>. Acesso em:20 mai. 2019.

89 Cf. DANILO Max. Prof. Olavo de Carvalho explicando o erro da filosofia de Kant. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t4hGRoGVGPo>. Acesso em: 20 mai. 2019.

intensidade por volta do século XVI, os alvos eram principalmente as populações indígenas e negras transformadas em escravas, bem como as demais sociedades que não compartilhavam os princípios e valores europeus, sobretudo, cristãos, tratados, portanto, como bárbaros; nos séculos seguintes, passamos a presenciar paulatinamente a emergência da subalternização e estigmatização de novos grupos sociais, inclusive parte deles foi nascendo ao longo da história planetária a partir do século passado, tendo se intensificado com a chamada Guerra Fria, conforme pode ser verificado no discursos contra as esquerdas ou progressistas.

Embora formalmente a escravidão tenha sido tentada no Brasil com a Lei dos Sexagenários no início do século XIX e depois se tornou efetiva no final desse mesmo século, ao menos normativamente; com a Lei Aurea, a condição das populações negras e indígenas no país, desde o seu processo de colonização, sempre se deu de maneira inferiorizada e subalterna. Não obstante, novos possíveis inimigos também passaram a emergir, independente de questões raciais ou mesmo de gênero, conforme constatamos com a emergência do caráter persecutório contra dissidentes políticos, sobretudo, contra comunistas, anarquistas, socialistas ou quaisquer outros grupos que questionassem as ordens nacionais instituídas.

Certamente o exemplo mais evidente desse fenômeno em nível internacional pode ser localizado na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, em que presenciamos uma polarização na Europa que passou a se reverberar por todo o planeta. O efeito disso foi justamente a perpetuação do entendimento do Outro como inimigo e, portanto, um rival que deve ser combatido, tendo em vista que a existência da dissidência política supostamente comprometeria a vida daqueles que buscam transformar o mundo a partir de sua própria perspectiva.

Apesar de presenciarmos uma mudança considerável nas condutas políticas e bélicas após a Segunda Guerra Mundial concomitantemente com a criação de um órgão internacional chamado de Organização das Nações Unidas – ONU, que visava supostamente mediar as relações entre os países, procurando evitar a condução de conflitos que pudessem engendrar efeitos próximos daqueles vividos em um passado recente, a possibilidade de tratar do dissidente e, portanto, do Outro, como inimigo, não se cessou.[90] Mesmo com a ampliação de direitos sociais,

90 Cf. A história da Organização. **Nações Unidas Brasil**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca/historia/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

políticos e civis ocorridos já na segunda metade do século passado, permitindo uma suposta melhoria nas condições de existência de grande parte de grupos subalternizados, o dispositivo de ódio ao outro, não sustou de operar.

Embora os negros, mulheres, gays, dentre outros grupos subalternizados historicamente, tenham tido suas condições de violência evidenciadas ao longo do tempo, contribuindo, portanto, para o reconhecimento das desigualdades sociais decorrentes desse recorte identitário, a criação dessas organizações internacionais como a ONU não conseguiu impedir com que o dissidente político deixasse de ser alvo de comportamentos persecutórios. E isso pode ser facilmente constatado no período da chamada Guerra Fria e os seus efeitos discursivos, na literatura, cinema, música, enfim, em diferentes campos das ciências, das artes, da cultura, etc., que ainda perpetuavam certa narrativa de desqualificação e até mesmo persecução para com aqueles que tinham posicionamentos políticos divergentes daqueles estabelecidos como adequados para toda a convivência humana planetária.

Contudo, com o fim da chamada Guerra Fria, evidenciado principalmente com a queda do muro de Berlim na Alemanha no final da década de 1980, parecia que o horizonte da "cultura da paz", tão defendida, ao menos discursivamente, pela ONU,[91] estava se aproximando, já que os supostos inimigos da humanidade, estavam deixando de serem perigosos, na medida em que os seus direitos sociais, políticos e civis passavam a serem reconhecidos, conforme sucedeu na segunda metade do século XX com as populações negras, indígenas, pobres, mulheres, gays, etc. Com isso não estou querendo dizer que o etnocentrismo, racismo, machismo, patriarcalismo, homofobia, dentre outras formas de desqualificação do outro, tenham deixado de existir. Ao contrário, acredito que esse tipo de comportamento tenha sido minimizado temporariamente, embora não cessado, em decorrência do efeito provocado nas democracias liberais através da visibilidade e do reconhecimento das lutas capitaneadas por esses distintos grupos subalternizados.

A possibilidade de extinguir os possíveis inimigos da civilização, que desde o período colonial não cessou de se fazer presente, era algo que aparentemente seria possível, mas isso, de fato, não aconteceu.

91 Cf. CULTURA de paz no Brasil. **Unesco**, 2017. Disponivel em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/social-and-human-sciences/culture-of-peace/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

Ao contrário, com o final da Guerra Fria, novos grupos reacionários e, sobretudo, de extrema direita, que atuavam a partir da suposta perpetuação de certos valores ocidentais encontrados em um passado mítico começaram a se articular de diferentes formas, culminando com o reaparecimento de narrativas persecutórias, conforme encontramos no livro intitulado *The New World Order*, de Pat Robertson.[92]

Com essa publicação, encontramos os elementos fundamentais que deram suporte para o nascimento de um movimento internacional de extrema direita que se faz presente em grande parte dos países ocidentais do planeta, a chamada *alt-right* (direita alternativa ou *alternative right*), que tem como grande liderança o estadunidense Steve Bannon e que,[93] no Brasil, pode ser verificada com as teorias conspiratórias produzidas e compartilhadas por Olavo de Carvalho e seus alunos,[94] a exemplo, do deputado federal e filho do atual presidente da república desse país, Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ), que intenta exterminar o comunismo, esquerdismo, socialismo, enfim, toda dissidência política caricaturizada por eles.

O curioso é que tanto Steve Bannon, quanto Olavo de Carvalho,[95] bem como os seus alunos, dentre eles o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ), acusam a dissidência política de se articularem internacionalmente e que, em decorrência disso, deveriam ter seus partidos extintos e até mesmo alguns de seus representantes presos, justamente porque fariam parte de uma organização internacional chamada de Foro de São Paulo.[96] No entanto, não reconhecem que eles também não apenas participam de diversas articulações internacionais conservadoras e/ou liberais que querem desenhar uma nova engenharia social encontrada supostamente em um passado mítico, como fomentam que esses grupos se capilarizem por todo o país.

Isso inclusive pode ser evidenciado através dos *think thanks* dos quais esses representantes das novíssimas direitas participam, como, por exemplo, o Instituto Mises, onde Eduardo Bolsonaro realizou

---

92 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**... *Op. cit.*

93 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

94 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

95 *Ibidem*.

96 Cf. BLOGDELINKS. Foro de São Paulo,KGB, Nova Ordem Mundial - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NzOSNKtHOek&t=52s>. Acesso em: 20 mai. 2019.

um curso de pós-graduação sobre a Escola austríaca de economia,[97] ou mesmo em espaços orientados por palestras proferidas por Olavo de Carvalho no Instituto Millenium,[98] Fórum da Liberdade,[99] dentre outros espaços que sofrem também da influência de organizações internacionais, embora ocorra à direita, conforme também mostrou Foucault ao tratar da influência do Colóquio Walter Lippman e de sei condicionamento neoliberal para as políticas econômicas de diversos países.[100] Entretanto, parece que a conspiração, do ponto de vista do fascismo tropical ou à brasileira, só se torna reconhecida quando se trata da articulação do polo à esquerda, conforme podemos verificar nos escritos daqueles que tratam da política a partir de uma perspectiva cunhada em certa cosmologia orientada por um olhar acerca do "nós" e "eles", conforme argumentou Stanley.[101]

Todavia, embora o final da Guerra Fria tenha aparentado reduzir os conflitos sociais existentes até aquele momento histórico e aberto possibilidade para o reconhecimento da luta de grupos subalternizados a partir do final da década de 1960, tendo em vista que os inimigos políticos (comunista, socialista, esquerdista, anarquista, enfim, quaisquer dissidentes políticos), assim como os inimigos sociais (negros, indígenas, gays, usuários de drogas, dentre outros sujeitos supostamente desviantes) tiveram os seus direitos sociais, civis e políticos supostamente garantidos do ponto de vista jurídico e formal, o comportamento persecutório que incidia sobre eles não foi encerrado.

Ao contrário, ele foi deslocado intencionalmente e em seu lugar nasceu um discurso de ódio para com grupos que compartilhavam a busca por uma presumida reengenharia social através de estratégias

---

97 Cf. TWEET de Eduardo Bolsonaro sobre economia gera debate entre liberais. **Boletim da Liberdade**, 2017. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/11/16/tweet-de-eduardo-bolsonaro-sobre-economia-gera-debate-entre-liberais/>. Acesso no dia 20 de maio de 2019.

98 Cf. PATSCHIKI, Lucas. Organizar-se contra o povo: A criação do Instituto Milenium (2005-2007). **XXIII Encontro Estadual de História**: História por quê e para quem? ANPUH. São Paulo, UNESP. Setembro de 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475258843_ARQUIVO_t25.pdf>.

99 Cf. OLAVO de Carvalho dará palestra em vídeo no Fórum da Liberdade, em Porto Alegre. **Gaúchazh**, 2019. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2019/03/olavo-de-carvalho-dara-palestra-em-video-no-forum-da-liberdade-em-porto-alegre-cjtac146a025u01k07fu7vr3i.html>. Acesso em: 20 mai. 2019.

100 Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**... *Op. cit.*

101 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

chamadas por Pat Robertson de globalistas,[102] que supostamente visavam questionar aqueles valores que estavam sendo comprometidos justamente por organizações internacionais que estariam buscando eliminar os princípios norteadores de certa configuração societal ocidêntica tratada como civilização. Logo no início dos anos 1990, Manuel Castells já havia demonstrado certa preocupação com esses grupos radicais emergentes, localizando essa transformação em seu livro intitulado *O poder da identidade*, em que o autor evidencia que

> embora o governo federal e seus órgãos fiscalizadores sejam os adversários mais próximos, bem como a causa mais imediata para a mobilização dos patriotas, uma ameaça ainda mais assustadora surge no horizonte: a nova ordem mundial. Esse conceito, popularizado pelo apresentador de TV evangélico Pat Robertson, projetando-se para muito além da ideologia do "fim da História" no período pós-guerra fria de Bush, implica que o governo federal vem trabalhando ativamente em conjunto com a Rússia (principalmente com Gorbachev, considerado um dos principais estrategistas do plano) para a formação de um único governo mundial. O projeto estaria sendo supostamente conduzido por intermédio das organizações internacionais: as Nações Unidas, a recém-criada Organização Mundial do Comércio e o Fundo Monetário Internacional. O destacamento de tropas norte-americanas sob comando das Nações Unidas, juntamente com a assinatura do NAFTA, são considerados apenas os primeiros passos rumo a essa nova ordem, muitas vezes explicitamente vinculada ao surgimento da Era da informação. O impacto real sobre o povo norte-americano é evidenciado pelo empobrecimento econômico em função de bancos e empresas multinacionais e pela perda da soberania política em prol da máquina administrativa global. Aliando a essas tendências localistas e libertárias, subsiste ainda no movimento um terceiro tema importante: uma forte reação às feministas (não às mulheres, conquanto se mantenham em seus papéis tradicionais), homossexuais e minorias (como beneficiárias de subsídios governamentais). Há uma característica claramente predominante no movimento patriótico: de modo geral, o movimento conta com membros do sexo masculino, brancos e heterossexuais. O "Homem Branco Revoltado" (nome de uma das organizações patrióticas) parece ter surgido dessa mistura entre reações ao depauperamento da economia, reafirmação de valores e privilégios tradicionais e revides culturais. Os tradicionais valores da nação e da família (isto é, do patriarcalismo) são reafirmados contra o que se considera excesso de privilégios concedidos pela sociedade às minorias raciais, culturais e de gênero, mediante, por exemplo, a legislação que dispões sobre a ação afirmativa e discriminação

102 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**... *Op. cit*.

> racial. Embora esse tema mantenha uma relação muito próxima com um sentimento bem mais arraigado de rejeição à igualdade racial por grupos supremacistas brancos e associações antiimigração, apresenta como elemento inovador seu alcance e abrangência, particularmente em decorrência da rejeição declarada dos direitos da mulher, e seus ataques hostis a valores liberais atualmente difundidos pela grande mídia. Um quarto tema sustentado pela maior parte do movimento consiste na defesa intolerante da superioridade dos valores cristãos, nesse sentido criando um vínculo muito próximo com o movimento fundamentalista cristão.[103]

Não obstante, a partir dessas aproximações capitaneadas por movimentos de extrema direita ocorridas nas últimas três décadas após o fim da Guerra Fria, é possível localizar o nascimento do fascismo tropical ou à brasileira, por meio de elementos encontrados não apenas nos regimes totalitários vivenciados na primeira metade do século XX, a exemplo do nazismo, franquismo, salazarismo, inclusive do próprio fascismo italiano de Benito Mussolini, mas também nos valores perpetrados ao longo da história pela tradição conservadora ou pelos neoconservadorimos, que não somente essencializaram a condição de um sujeito historicamente determinado, como também estabeleceram um padrão societal etnocêntrico e ocidentalizado que deveria ser incorporado por todos os seres humanos para que a condição de civilização, sobretudo, por meio de um caráter cristão, pudesse ser perpetuada.

Um exemplo evidente desse comportamento tipicamente anti-liberal condicionado pelas novíssimas direitas mais radicalizadas que vão contra o Estado democrático de direito - ou como prefere chamar o atual presidente da Hungria, Viktor Orbán,[104] que esteve em reunião com o deputado federal e filho do atual presidente do Brasil, Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ),[105] de *iliberaismo*,[106] visando construir um movimento internacional - pode ser encontrado na defesa das milícias

103 CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**... *Op. cit*., p. 119 *et. seq*.

104 Cf. BBC Newsnight. Viktor Orban's 'illiberal democracy' - BBC Newsnight. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QrfbtUpWOsc>. Acesso em: 20 mai. 2019.

105 Cf. GÓES, Bruno. Eduardo Bolsonaro vai a Hungria e Itália encontrar líderes da extrema direita. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/eduardo-bolsonaro-vai-hungria-italia-encontrar-lideres-da-extrema-direita-23604704>. Acesso em: 20 mai. 2019.

106 Cf. EDITORIAL. Conservadorismo de Orbán faz do premier húngaro o 'Trump' da UE. **O Globo**, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/conservadorismo-de-orban-faz-do-premier-hungaro-trump-da-ue-22984942>. Acesso em: 20 maio 2019.

baianas, conforme sugeriu o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PSL), que diz que

> agora a pouco vi um parlamentar criticar aqui os grupos de extermínio, esses grupos de extermínio, no meu entender, são muito bem vindos. E se não tiver espaço na Bahia, por ir para o Rio de Janeiro. Se depender de mim, terão todo o apoio.[107]

Curiosamente, Castells,[108] através de constatações realizadas por meio de análises acerca de movimentos sociais de extrema direita organizados no hemisfério norte ainda no início dos anos 1990, já demonstrava certa preocupação com o que estaria por vir pouco mais tarde, só que com algumas mudanças para se adequar aos tristes trópicos, quando afirma que

> as milícias representam a ala mais ativa e organizada de um movimento bem mais amplo, autoproclamado “Movimento Patriótico”, cujo universo ideológico compreende organizações bem estabelecidas e extremamente conservadoras, tais como a John Birch Society; toda uma série de grupos tradicionais supremacistas brancos, neonazistas e anti-semitas, inc;usive a Ku Klux Klan, e a *Posse Comitatus*; grupos religiosos fanáticos como a Identidade Cristã, uma seita anti-semítica emanada do israelismo britânico da Inglaterra vitoriana; grupos opositores ao governo federal, como os Movimentos e Defesa dos Direitos dos Condados, a coalizão antiambiental *Wise Use*, o Sindicato Nacional dos Contribuintes e os defensores dos tribunais de “Justiça Comum”. O universo dos patriotas também se estende, de forma bem menos comprometida, em direção à poderosa Coalizão Cristã, bem como a diversos grupos militantes do “Right to Life” (movimento antiaborto), além de contar com a simpatia de muitos membros do National Rifle Association e dos defensores do porte de armas. Segundo fontes fidedignas, o apelo direto dos patriotas pode atingir cerca de 5 milhões de pessoas nos Estados Unidos, muito embora a própria natureza do movimento, com limites pouco distintos e falta de estrutura formal de participação, impossibilite o levantamento de estatísticas mais precisas. Contudo, pode-se estimar a influência do movimento em termos de milhões, e não milhares, de simpatizantes. O que esses grupos tão díspares, à primeira vista sem qualquer tipo de relação entre si, passaram a compartilhar nos anos 90, e i que aumenta o apelo de sua casa, é um inimigo comum declarado: o governo federal dos EUA, como representante da “Nova Ordem Mundial”, estabelecida a contragosto dos cidadãos norte-americanos.

107 Cf. OPOSIÇÃO. Milicias & Bolsonaro. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8otr2yGXzQ>. Acesso em: 20 mai. 2019.

108 Cf. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**... *Op. cit*.

> De acordo com as ideias predominantes no movimento patriótico como um todo, essa "Nova Ordem Mundial", tendo por principal objetivo a destruição da soberania norte-americana, vem sendo constituída a partir de uma conspiração de interesses financeiros globais e de burocratas internacionais que passaram a exercer controle sobre o governo federal dos Estados Unidos. No coração de todo o sistema encontra-se a Organização Mundial de Comércio, a Comissão Trilateral, o Fundo monetário Internacional e, sobretudo, as Nações Unidas, cujas "forças de paz" são vistas como um exército internacional mercenário, tendo em sua vanguarda policiais de Hong Kong e unidades de Gurcu, dispostas a suprimir a soberania do povo.[109]

Embora o contexto problematizado por Castells acerca da emergência e internacionalização desses movimentos neoconservadores radicalizados tenha sido outro,[110] tendo em vista que as suas análises tenham se dado ainda na década de 1990, é possível encontrarmos importantes pautas políticas que não apenas se faziam presentes naquele momento histórico, mas que passaram a orientar certa visão de mundo no presente, ou até mesmo certa cosmologia neoconservadora e *Ur-fascista*.[111] O efeito da capilarização desses movimentos conspiratórios de extrema direita evidenciados pelo autor ainda na década de 1990, passou a ser intensificado e difundido em diversos países, dentre eles, o Brasil, que teve certamente como maior ideólogo o escritor Olavo de Carvalho que, juntamente com Steve Bannon e o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ), estão em busca da construção de um movimento internacional *alt-right,*[112] procurando líderes de outros países do planeta que corroborem essa narrativa histórica situada a partir da persecução globalista,[113] conforme podemos encontrar no discurso do atual presidente da Hungria, Viktor Orbán.[114]

109 Cf. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**... *Op. cit*., p. 110 *et. seq*.

110 Cf. *Ibidem*.

111 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

112 Cf. REDAÇÃO. Eduardo Bolsonaro se reúne com Steve Bannon em Washington. **Veja**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-se-reune-com-steve-bannon-em-washington/>. Acesso em: 20 mai. 2019.

113 Cf. NA Hungria, Eduardo Bolsonaro critica socialismo da Venezuela e George Soros. **Uol**, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/04/17/na-hungria-eduardo-bolsonaro-critica-socialismo-da-venezuela-e-george-soros.htm>. Acesso em: 20 mai. 2019.

114 Cf. EMBAIXADA da Resistência. Discursos épico de Viktor Orban contra globalistas. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X9X9kXmyssM>. Acesso em: 20 mai. 2019.

> No discurso de Orbán, temos todos os elementos da vitimologia da política fascista. Orbán desperta o medo irracional de imigrantes usando o passado mítico da Hungria como suposta defensora do cristianismo europeu para se apresentar como o líder guerreiro que é corajoso o suficiente para defender a Europa cristã, ameaçada pelas elites liberais ("líderes intelectuais e políticos europeus") que deixariam "a religião mais perseguida do mundo" ser solapada de dentro para fora, ao permitir a entrada de uma onda de imigrantes. Os refugiados de brutais guerras estrangeiras são, a seus olhos, uma poderosa força invasora que procura estabelecer uma "quinta-coluna" dentro das muralhas da Europa cristã. Orbán pede a seu público que repudie os "direitos humanos" (ignorando seu lugar no cristianismo) e outros conceitos ultrapassados. Como vítimas de perseguição, ele insta seu público a apoiá-lo enquanto ele devolve a Hungria a seu glorioso passado como o mítico defensor da Europa cristã contra as hordas bárbaras e sem lei.[115]

É por isso que se faz imprescindível não apenas mencionar, mas compreender quais são as premissas que orientam essa classificação apresentada por Vincent acerca das cinco abordagens distintas dessa tradição do pensamento político, a saber, os conservadores tradicionalistas, românticos, paternalistas, liberais-conservadores e tributários da Nova Direita.[116] Desse modo, é importante destacar que um dos principais elementos do conservadorismo tradicionalista está associado contextualmente a certa interpretação acerca de Edmund Burke, que enfatiza a importância do costume, da convenção e da tradição (sobretudo, cristã), na medida em que o Estado não apenas é tratado como uma empresa comunal com qualidades orgânicas e espirituais, como a constituição da comunidade não é entendida como um artefato humano, mas como o resultado acumulativo e imprevisível de anos de prática. Nesse caso, presume-se que a mudança, quando ocorre, não resulta do pensamento racional, mas nasce espontaneamente das tradições daquela comunidade, uma vez que a liderança, a autoridade, e a hierarquia deveriam ser tratadas como produtos naturais, intrínsecos à suposta natureza humana que nos condiciona à certa obediência.

Por outro lado, o conservadorismo romântico identificado por Vincent seria tipicamente característico, sobretudo, de teóricos alemães como Justus Möser, Adam Müller, Friedrich Novalis, dentre outros, como também de conservadores ingleses, a exemplo de S. T. Coleridge, William Wordsworth, Walter Scott, William Cobbet e T. S.

---

115 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., p. 110.

116 Cf. VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit*.

Eliot.[117] É curioso que muitos destes teóricos realizaram interpretações que enfatizavam a nostalgia por um passado idealizado, pastoral, rural e muitas vezes até mesmo feudal, utilizando uma visão utópica para supostamente restaurar elementos perdidos no passado. Assim, segundo o autor, "os conservadores românticos defendiam uma forma de vida mais simples, religião e impregnada de sentimentos comunais. Haveria uma hierarquia natural, como no conservadorismo tradicionalista".[118]

Já o conservadorismo paternalista que, segundo o autor, eventualmente incorpora aspectos das perspectivas tradicionalistas e românticas, fundamenta-se na submissão às regras, concluindo que o Estado tem a capacidade de promover uma vida satisfatória para todos os cidadãos, na medida em que o governo se apresenta como uma figura paternal. É por isso que essa tradição conservadora esteve bastante presente nas democracias cristãs europeias na Alemanha e Itália no período pós-1945.

> A tradição paternalista desempenhou um papel considerável no Partido Conservador por mais de um século. A ênfase na responsabilidade da propriedade, a expansão dos direitos políticos, a prontidão em usar o Estado como promotor do bem-estar da nação foram conscientemente sustentadas por personalidades como lorde Randolph Churchill, Joseph Chamberlain e seu filho Neville nos anos 20. Essa abordagem também caracterizava o conservadorismo moderado de Macmillan nos anos 50, e alguns aspectos da atuação de Edward Heat como primeiro-ministro. Um de seus defensores mais recentes no Partido Conservador britânico é sir Ian Gilmour. Em *Britain Can Work* (1983), Gilmour apresenta argumentos contrários ao aumento do desemprego nos anos 80 com base em sua abalada doutrina de uma só nação. Ele uniu essa idéia à tradição conservadora. A crítica à Lei dos Novos Pobres, a atitude indulgente de Disraeli em relação aos cartistas e a preocupação com a legislação das fábricas eram vistas como parte de uma saudável tradição conservadora. Em consequência, Gilmour manifestou profunda inquietação com respeito à perspectiva liberal clássica assumida por muitos de seus companheiros de partido nos anos 80. Embora, até certo ponto, a livre economia fosse desejável, não deveria tornar-se o valor dominante. Para Gilmour, a política devia sempre anteceder a economia.[119]

117 Cf. VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*

118 *Ibidem*, p. 73.

119 *Ibidem*, p. 74 *et. seq.*

Apesar dos conservadores paternalistas, bem como boa parte dos tradicionalistas e românticos, recusarem a dimensão liberal típica da razão mercantil, o conservadorismo liberal se apresenta de maneira inversa a esses apontamentos apresentados por Gilmour, tendo em vista que entende que a economia precede a política. Portanto, é a partir dessa tradição do conservadorismo que evidenciaremos a emergência do livre mercado como condição imprescindível para a existência dessa tradição do pensamento político que, inclusive, abarcará outra dimensão ainda mais contemporânea, a chamada de Nova Direita.

> O conservadorismo liberal tende a aceitar a maior parte dos dogmas formais do liberalismo clássico: ênfase no individualismo, direitos pessoais e legislação mínima do Estado. Mas, essa concepção de Estado, combinada às vezes com um destino imperial, é em geral mais radical do que normalmente aceita pelos liberais clássicos. A revivescência pós-45 do conservadorismo liberal em várias comunidades europeias tem concentrado suas críticas no domínio do setor público e nos programas estatais de previdência social. Essa forma de conservadorismo liberal remonta ao livro *Thoughts and Details on Scarcity*, de Burke. Outros consideram o fim da década de 1880 como um ponto de partida seguro. Na Grã-Bretanha desse decênio, pode ser identificada entre membros conservadores da Liga de Defesa da Propriedade e da Liberdade, organização spenceriana. Organizações com um quadro de membros ligado ao Partido Conservador, como a Associação dos Direitos Pessoais, a Sociedade para a Evolução Política (mais tarde União de Resistência ao Estado), a Associação da Constituição Britânica, a União Anti-Socialista e a Liga da Liberdade Industrial, também demonstraram a disposição geral do conservadorismo liberal. As campanhas desses grupos consagravam-se, em geral, a atacar o crescimento do Estado. Almejavam a desregulamentação e a privatização.[120]

É importante mencionar que essa tradição galgou destaque, sobretudo, a partir do período pós-guerra, passando a ter um impacto enorme e cada vez mais crescente tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Certamente o mais famoso grupo de intelectuais que fomentaram essa visão de mundo foi a chamada Sociedade Mont Pelèrin, composta por distintos pesquisadores de diversificadas áreas do conhecimento, que passou a ganhar destaque a partir de discursos que fomentavam o livre mercado concomitantemente à desqualificação das experiências socialistas, como podemos encontrar no livro intitulado *O caminho da servidão*, de Friedrich Von Hayek, que evidencia uma nova

---

120 VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**... *Op. cit.*, p. 75.

forma de tratar da política por meio de determinações econômicas,[121] permitindo, inclusive, a ascensão daquilo que passou a ser chamado de capitalismo financeirizado e de sua consequente abordagem amparada na valoração do capital improdutivo sobre o capital produtivo, conforme mostrou Ladislau Dowbor.[122]

Desse modo, será por meio da junção dessas duas tradições mais contemporâneas do pensamento político conservador ou do neoconservadorismo, a saber, o liberal-conservadorismo e a Nova direita, que encontraremos os principais elementos que configurarão aquilo que estamos chamando de fascismo tropical ou à brasileira, tendo em vista a construção de inimigos que deverão ser combatidos, conforme encontramos nas narrativas acerca das esquerdas, do comunismo e até mesmo da socialdemocracia, tratados aqui como ameaças aos seus respectivos Estados, sobretudo, por meio de uma cosmologia sustentada a partir daquilo que Jason Stanley chamou de política do "nós" e "eles",[123] bem como pelo que Michel Foucault chamou de racismo de Estado.[124]

Contudo, para sustentar uma espécie de deslocamento conceitual acerca do entendimento do fascismo histórico regido na Itália por Benito Mussolini na primeira metade do século passado para o que estamos chamando de fascismo tropical ou mesmo fascismo à brasileira, conforme encontramos nos comportamentos persecutórios apropriados pelo então presidente do Brasil Jair Bolsonaro (PSL) acerca dos textos, vídeos, aulas, dentre outras manifestações articuladas por Olavo de Carvalho, se faz necessário trazer à baila a definição de fascismo ou *Ur-fascismo* apresentada por Umberto Eco em uma conferência intitulada *Fascismo eterno*, proferida na Universidade de Columbia no dia 25 de abril de 1995.[125] Segundo o autor,

> Existiu apenas um nazismo, e não podemos chamar de "nazismo" o falangismo hipercatólico de Franco, pois o nazismo é fundamentalmente pagão, politeísta e anti-cristão, ou não é nazismo. Com o fascismo, ao contrário, é possível jogar de muitas

121 Cf. HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2010.

122 Cf. DOWBOR, Ladislau. **A Era do capital improdutivo:** a nova arquitetura do poder, sob do-minação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Ed. Auto-nomia Literária, 2017.

123 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

124 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit*.

125 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

> maneiras sem que mude o nome do jogo. Acontece com a noção de "fascismo" aquilo que, segundo Wittgenstein, acontece com a noção de "jogo". Um jogo pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não. Os jogos são uma série de atividades diversas que apresentam apenas alguma 'semelhança de família'.[126]

Sendo assim, para desenvolver sua análise acerca das diferentes imensões das práticas e comportamentos fascistas que não se encerraram com o fim do governo de Benito Mussolini em 1945, mas permaneceram em diferentes abordagens políticas tanto à esquerda quanto à direita, Eco sugere que os elementos dessa tradição totalitária do pensamento sejam tratados como *Ur-fascismo* ou mesmo como *fascismo eterno*, uma vez que "tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo".[127] Todavia, o autor argumenta que para que essa racionalidade fascista – ou *Ur-fascista* – seja evidenciada, há um conjunto de quatorze características que devem ser elencadas.

Segundo Eco, essas características se dão através:[128] I) do culto à tradição; II) da recusa da modernidade; III) do culto da ação pela ação, inclusive da persecução **às** universidades e meios de comunicação; IV) do entendimento que desacordo é traição; V) da busca incansável pelo consenso; VI) da frustração individual ou social, geralmente associadas ao apelo das classes médias supostamente desvalorizadas por alguma crise econômica ou mesmo humilhações políticas; VII) de certo nacionalismo associado à obsessão por teorias conspiratórias que engendram a xenofobia a partir de certa leitura sobre o cristianismo, a exemplo, do texto *The New World Order,* publicado por Pat Robertson;[129] VIII) de adeptos que se sentem humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo; IX) do entendimento que o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente e, portanto, seria um conluio com o inimigo; X) do elitismo, típico comportamento de qualquer ideologia reacionária que entende que todos os elitismos tanto aristocráticos quanto militaristas implicariam em um pleno desprezo pelos fracos; XI) do heroísmo como norma, já que cada um de nós seria educado para se tornar um herói; XII) da transferência de sua vontade

---

126 ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*., p. 39 *et. seq*.

127 *Ibidem*, p. 44.

128 Cf. *Ibidem*.

129 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**... *Op. cit*.

de poder para questões sexuais encontradas no machismo, homofobia, transfobia e anti-feminismo; XIII) do populismo qualitativo, uma vez que os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, na medida em que o povo é quem é concebido como mandatário; XIV) de textos com linguagem extremamente pobre, baseada em um léxico simplista e uma sintaxe elementar, visando limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico.

No entanto, sobre a pobreza da linguagem mencionada por Eco é importante destacar que essa talvez seja a característica mais evidente e que,[130] inclusive, foi apresentada por Victor Klemperer como o principal elemento daquilo que chamou de *Linguagem do Terceiro Reich - LTI*,[131] título do seu livro escrito enquanto estava preso na Alemanha justamente por ser judeu, após ter perdido a sua cátedra na universidade de Dresden, na Alemanha, logo no início do governo nazista de Adolf Hitler. Segundo ele,

> a LTI pretende privar cada pessoa da sua individualidade, anestesiando as personalidades, fazendo do indivíduo peça de um rebanho conduzido em determinada direção, sem vontade e sem ideias próprias, tornando-o um átomo de uma enorme pedra rolante. A LTI é a linguagem do fanatismo de massas. Dirige-se ao indivíduo – não somente à sua vontade, mas também ao seu pensamento -, é doutrina, ensina os meios de fanatizar e as técnicas de sugestionar as massas.[132]

Nesse escrito, o autor também demonstra o processo de ascensão do nazismo, evidenciando todo o comportamento persecutório que passou a sofrer por ser judeu, juntamente com os demais inimigos desse governo, tais como os negros, ciganos, comunistas, marxistas, socialdemocratas, anarquistas, pessoas com transtornos mentais examinados naquele momento histórico, dentre outros demais grupos que passaram serem perseguidos; permitindo a constatação não apenas daquilo que Stanley chamou de política do "nós" e "eles", mas também através daquilo que Foucault cognominou de racismo de Estado,[133] assim como foi tratado a partir do que Eco chamou de *Ur-fascismo* ou *fascismo eterno*.[134]

130 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

131 Cf. KLEMPERER, Victor. **LTI - Linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2009.

132 *Ibidem*, p. 66.

133 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit*.

134 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

> *Mein Kampf*, a bíblia do nacional-socialismo, começou a circular em 1925. A partir desse ano as principais características da linguagem nazista foram fixadas literalmente. Em 1933, com a *Machtübernahme [*tomada do poder) pelo partido, a linguagem desse grupelho se transformou em linguagem po- pular, ou seja, se apoderou de todos os setores da vida pública e privada: da política, da justiça, da economia, da arte, das ciências, da escola, dos esportes, da familia, dos jardins de infância e até mesmo do quarto das crianças. (Até então, a linguagem de um grupo só abarcava o âmbito específico que era importante para sua coesão; não se estendia à vida como um todo.) A LTI se apoderou também - aliás, energicamente - da linguagem do Exército. Estabeleceu-se uma relação de reciprocidade entre ambas: primeiro a LTI foi influenciada pela linguagem militar, depois corrompeu essa linguagem. Por isso faço questão de explicar como a LTI se alastrou. O Reich circulou quase até o último dia da guerra, já em 1945, e nessa época ainda se publicava enorme quantidade de textos nazistas: panfletos, jornais, revistas, livros escolares, obras científicas e literárias. Tudo isso quando a Alemanha já era um monte de escombros e Berlim estava cercada. Não obstante a longa existência e a grande divulgação, a LTI permaneceu pobre e monótona.[135]

Desse modo, o que estamos chamando de fascismo tropical ou à brasileira reflete justamente a apropriação de perspectivas oriundas do liberal-conservadorismo, assim como da Nova direita, acerca de características encontradas nos regimes totalitários tanto à esquerda quanto à direita, sobretudo, por meio de uma linguagem pobre, que se apropria de elementos que permitem hierarquizar de maneira legítima distintos indivíduos em uma determinada sociedade, estabelecendo um comportamento persecutório, estigmantizante, patologizante, criminalizante e, no limite, o próprio extermínio simbólico e até mesmo físico dos dissidentes políticos, bem como dos sujeitos indesejáveis e, portanto, "eles",[136] produzindo o que Foucault chamou de racismo de Estado, na medida em que a eliminação da raça oposta presume o fortalecimento da raça de quem busca a persecução.[137]

> O evolucionismo, entendido num sentido lato – ou seja, não tanto a própria teoria de Darwin quanto o conjunto, o pacote de suas noções (como: hierarquia das espécies sobre a árvore comum da evolução, luta pela vida entre as espécies, seleção que elimina os menos adaptados) – tornou-se, com toda a naturalidade, em alguns anos do século XIX, não simplesmente

135 Cf. KLEMPERER, Victor. **LTI**... *Op. cit.*, p. 61.

136 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

137 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit.*

> uma maneira de transcrever e termos biológicos o discurso político, não simplesmente uma maneira de ocultar um discurso político sob uma vestimenta científica, mas realmente uma maneira de pensar as relações de colonização, a necessidade das guerras, a criminalidade, os fenômenos da loucura e da doença mental, a história das sociedades com suas diferentes classes, etc. Em outras palavras, cada vez que houve enfrentamento, condenação à morte, luta, risco de morte, foi na forma do evolucionismo que se foi forçado, literalmente, a pensa-los. E pode-se compreender também por que o racismo se desenvolve nessas sociedades modernas que funcionam baseadas no modo do biopoder; compreende-se por que o racismo vai irromper em certo número de pontos privilegiados, que são precisamente os pontos em que o direito à morte é necessariamente requerido. O racismo vai se desenvolver *primo* com a colonização. Quando for preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações, como se poderá fazê-lo, se se funcionar no modo do biopoder? Através dos temas do evolucionismo, mediante um racismo. A guerra. Como é possível não só travar a guerra contra os adversários, mas também expor os próprios cidadãos à guerra, fazer que sejam mortos milhões (como aconteceu justamente desde o século XIX, desde a segunda metade do século XIX), senão, precisamente, ativando o tema do racismo? Na guerra, vai se tratar de duas coisas, daí em diante: destruir não simplesmente o adversário político, mas a raça adversa, essa [espécie] de perigo biológico representado, para a raça que somos, pelos que estão à nossa frente. É claro, essa é apenas, de certo modo, uma extrapolação biológica do tema do inimigo político. No entanto, mais ainda, a guerra – isto é absolutamente novo – vai se mostrar, no final do século XIX, como uma maneira não simplesmente de fortalecer a raça adversa (conforme os temas da seleção e da luta pela vida), mas igualmente de regenerar a própria raça. Quanto mais numerosos forem os que morrerem entre nós, mais pura será a raça que pertencemos.[138]

Ao considerarmos essa afirmação acerca do racismo de Estado apresentada pela analítica foucaultiana, baseada na noção de que quanto mais se elimina a raça opositora mais se fortalece a raça a que pertencemos, não no sentido eminentemente racial ou mesmo ético, mas, sobretudo, no sentido político, referente, portanto, a um campo que produz um inimigo pelo qual se estabelecerá uma guerra permanente por meio de comportamentos persecutórios; é que podemos encontrar exemplos não apenas através de discursos proferidos pelo atual presidente da república Jair Bolsonaro (PSL), quando afirma que deveriam morrem 30 mil pessoas no Brasil, inclusive o ex-presidente da república do

138 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit.*, p. 216 *et. seq.*

país, Fernando Henrique Cardoso (PSDB),[139] como também podemos encontrar esse tipo de comportamento nos vídeos e aulas de Olavo de Carvalho,[140] que fomenta a criminalização e até mesmo a persecução de esquerdistas, comunistas, progressistas, enfim, de qualquer um que se apresente como um dissidente político que poderia ameaçar a unidade discursiva conservadora de certa raça superior a que ele pertence.[141]

No entanto, isso não é uma especificidade de um polo mais à direita. Ao contrário, esse fenômeno persecutório típico de experiências totalitárias e até mesmo populistas também ocorre no polo à esquerda, conforme sustenta Foucault ao tratar das experiências soviéticas, concluindo que "o socialismo é tão marcado de racismo quanto o funcionamento do Estado moderno, do Estado capitalista".[142] Segundo o autor,

> cada vez que o socialismo instituiu, no fundo, sobretudo na transformação das condições econ6omicas como princípio de transformação e de passagem do Estado capitalista para o Estado socialista (em outras palavras, cada vez que ele buscou o princípio da transformação no plano dos processos econômicos), ele não necessitou imediatamente, de racismo. Em compensação, em todos os momentos em que o socialismo foi obrigado a insistir no problema da luta, da luta contra o inimigo, da eliminação do adversário no próprio interior da sociedade capitalista; quando se tratou, por conseguinte, de pensar o enfrentamento físico com o adversário de classe na sociedade capitalista, o racismo ressurgiu, porque foi a única maneira, para um pensamento socialistas que apesar de tudo era muito ligado aos temas do biopoder, de pensar em matar o adversário. Quando se trata simplesmente de eliminá-lo economicamente, de fazê-lo perder seus privilégios, não necessita de racismo. Mas, quando se trata de pensar que se vai ficar frente a frente com ele e que vai ser preciso brigar fisicamente com ele, arriscar a própria vida e procurar matá-lo, foi preciso racismo.[143]

Assim, ao versar sobre as experiências totalitárias ocorridas, sobretudo, no contexto europeu, desde o final do século XIX e princípio do século XX, para abordar as estratégias de desqualificação, estigmatização, patologização, criminalização e, no limite, extermínio

139 CLÓVIS Antonio. Jair Bolsonaro quer matar 30 mil!! **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGTtIGmOY24>. Acesso em: 10 mai. 2019.

140 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

141 Cf. GABRIEL Ferreira. Não respeite Comunistas, destrua-os!!! **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2dIXgHL7Nl0>. Acesso em: 10 mai. 2019.

142 FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit*., p. 219.

143 *Ibidem*, p. 220 *et. seq*.

daqueles que se apresentam como a raça opositora, é que podemos encontrar na experiência nazista uma dimensão que não se limita ao campo racial, mas o extrapola, conforme localizamos no seguinte trecho do livro de Adolf Hitler, intitulado Minha Luta (*Mein Kampf)*.

> a negação da diferença entre as raças em relação à capacidade cultural de cada uma delas implica necessariamente em transferir esse grande erro para a apreciação do indivíduo. A aceitação da identidade das raças viria a ser o fundamento de um semelhante modo de ver em relação aos povos e depois em relação aos homens individualmente. Por isso, o marxismo é simplesmente a versão aceita pelo judeu Karl Marx de ideias e conceitos já há muito tempo existentes de fato sob a forma de aceitação de uma determinada fé política. Sem o alicerce de uma semelhante intoxicação geral já existente, jamais teria sido possível o espantoso êxito político dessa doutrina. Entre os milhões de indivíduos d um mundo que lentamente se corrompia, Karl Marx foi, de fato, um que reconheceu, com o olho seguro de um profeta, a verdadeira substância tóxica e a apanhou para, como feiticeiro, com ela aniquilar rapidamente a vida das nações livres da terra. Tudo isso, porém, a serviço da sua raça. A doutrina de Marx é assim o extrato espiritual concentrado das doutrinas universais hoje geralmente aceitas. Por esse motivo, qualquer luta do nosso mundo chamado mundo burguês contra ela é impossível, até ridícula, pois esse mundo burguês está inteiramente impregnado dessas substâncias venenosas e admira uma concepção de mundo que, em geral, só se distingue da marxistíca em grau e pessoas. O mundo burguês é marxistíco, mas acredita na possibilidade do domínio de determinado grupo de homens (burguesia), ao passo que o marxismo procura calculadamente entrega o mundo às mãos dos judeus. Em face disso, a concepção "racista" distingue a humanidade em seus primitivos elementos raciais. Ela vê, no Estado, em princípio, apenas um meio para um fim e concebe como fim a conservação da existência racial.[144]

Ao verificar que o racismo de Estado extrapola conceito de racismo circunscrito a uma dimensão exclusivamente racial, conforme sugeriu Foucault e conforme encontramos no trecho mencionado acima que foi extraído do livro *Minha luta* (*Mein Kampf*),[145] de Adolf Hitler,[146] é possível demonstrar a persistência de um comportamento persecutório para a com a dissidência política. Isso fica evidente quando localizamos um vídeo em que o atual presidente da república, Jair Bolsonaro (PSL), defende publicamente, em um momento de sua campanha realizada no

144 HITLER, Adolf. **Minha Luta**... *Op. cit.*, p. 269 *et. seq.*

145 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit.*

146 Cf. HITLER, Adolf. **Minha Luta**... *Op. cit.*,

dia 03 de setembro de 2018, em Rio Branco/AC,[147] que os opositores sejam fuzilados, afirmando:

> vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vamos colocar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá. Só que lá, não tem nem mortadela. Vão ter que comer capim mesmo.[148]

No entanto, diferentemente do que ocorreu com os regimes totalitários no início do século XX, presenciamos no século XXI uma nova configuração disso que estamos chamando de fascismo topical ou à brasileira que também opera algoritmicamente, conforme evidenciamos tanto nos escritos de Rouvroy e Berns e Telles, quanto nos escritos de autores como Eco,[149] Stanley e através daquilo que Foucault chamou de racismo de Estado,[150] tendo em vista que os golpes e intervenções que estão ocorrendo no tempo presente não se dão mais por meio uma violência estatal não legitimada e conflituosa, mas ocorrem também e sobretudo por meio de tecnologias ciberpolíticas que modulam as verdades que orientam o comportamento político dos sujeitos que passam a aceitar docilmente essas pequenas dimensões desses fascismos e, portanto, a governamentalizá-los, algo que podemos evidenciar a partir do livro *Como as democracias morrem*, de Levitsky e Ziblatt.[151]

Todavia, como "as iniciativas governamentais para subverter a democracia costumam ter um verniz de legalidade", será por meio de técnicas autoritariamente potenciais que "as instituições judiciárias e policiais representam, assim, tanto um desafio quanto uma oportunidade", conforme versaram os autores ao tratar do exemplo da ascensão do presidente Viktor Orbán, na Hungria.[152] No Brasil, também podemos

147 Cf. ALEX Sandro. Bolsonaro diz que vai "fuzilar essa petralhada aqui do Acre". **Youtube**, 2018. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=AB05-8kUuj8>. Acesso em: 10 mai. 2019.

148 Cf. O Globo. Campanha confirma vídeo em que Bolsonaro fala em 'fuzilar petralhada do Acre': 'Foi brincadeira'. **O Globo**, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/campanha-confirma-video-em-que-bolsonaro-fala-em-fuzilar-petralhada-do-acre-foi-brincadeira-23033857>. Acesso em: 10 mai. 2019.

149 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit*; ELLES, Edson. Goveranamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*; ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*.

150 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*; FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit*.

151 Cf. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2018.

152 *Ibidem*, p. 81.

encontrar algo semelhante no comportamento do juiz de direito Sérgio Moro e do procurador da república Dalton Dallagnol que, ao prender o ex-presidente da república e candidato à reeleição em 2018 que estava em primeiro lugar na pesquisas sobre intenção de votos,[153] aproveitaram essa janela de oportunidades para, através do sistema de justiça, alterar o futuro da política, corroborando, portanto, a intensificação de uma narrativa persecutória para com a dissidência política encontrada à esquerda, que foi materializada pelo anti-petismo.[154]

Inclusive, isso ficou ainda mais evidente quando o ex-juiz Sérgio Moro, responsável pela prisão do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva (PT),[155] que liderava a intenção de votos nas eleições presidenciais de 2018,[156] acabou deixando a magistratura para assumir o cargo de Ministro da Justiça e Segurança Pública,[157] à convite do então presidente Jair Bolsonaro (PSL), que venceu as eleições naquele ano.[158] Isso sem falar que esse mesmo presidente defendeu a indicação para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal – STF,[159] um indivíduo "terrivelmente evangélico".

Além disso, também é importante destacar que o então presidente do Brasil indicou o próprio filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro

153 Cf. G1. Pesquisa Datafolha: Lula, 29%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2019.

154 Cf. THE Intercept Brasil. Glenn Greenwald: a relação do impeachment com as eleições de 2018. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1FiI8ROlV7Y>. Acesso em: 10 mai. 2019.

155 Cf. G1 PR. Moro determina prisão de Lula para cumprir pena no caso do triplex. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/moro-determina-prisao-de-lula-para-cumprir-pena-no-caso-do-triplex-em-guaruja.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2019.

156 Cf. GELAPE, Lucas; G1. Pesquisas Ibope: Lula atige pelo menos 50% em todos os estados do Nordeste e Bolsonaro é mais forte em RR, AC e DF. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/27/pesquisas-ibope-lula-atinge-pelo-menos-50-em-todos-os-estados-do-nordeste-e-bolsonaro-e-mais-forte-em-rr-ac-e-df.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2019.

157 Cf. SERGIO Moro assume Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, 2019. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1546435379.86>. Acesso em: 19 jul. 2019.

158 Cf. JORNAL Nacional. TSE conclui votação: Jair Bolsonaro teve pouco mais de 55% dos votos. **Jornal Nacional**, 2018. Disponivel em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/10/29/tse-conclui-votacao-jair-bolsonaro-teve-pouco-mais-de-55-dos-votos.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2019.

159 Cf. Band Jornalismo. Bolsonaro sugere ministro evangélicono STF. **Youtube**, 2019. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=zHk4gcTLq-E>. Acesso em: 19 jul. 2019.

(PSL/RJ), para ser embaixador dos Estados Unidos,[160] mesmo sem ele ter passado por uma formação orientada pela carreira diplomática, conforme ocorreu historicamente no país,[161] pois desde que o Instituto Rio Branco – IRBR foi criado, em 1945, todos os embaixadores brasileiros que passaram pela embaixada estadunidense, haviam passado também por uma formação diplomática estabelecida por esse órgão. Todavia, esse processo de indicação só deveria ocorrer através de um ciclo que começa com o concurso de admissão no Instituto Rio Branco - IRBR, bem como sua formação e conclusão, consistindo nas seguintes etapas que se inicia por meio da condição de Terceiro-Secretário e, na sequência, com ascensão dos cargos de Segundo-Secretário, Primeiro-Secretário, Conselheiro, Ministro de Segunda Classe e Ministro de Primeira Classe (Embaixador).[162]

Isso evidencia que o fascismo tropical ou à brasileira permanece sob a mesma roupagem patrimonialista com que operou historicamente a política nesse país desde o período colonial, passando pela monarquia e república, evidenciando um embaralhamento acerca das dimensões entre o público e o privado, que passaram a se radicalizar com a gestão do então presidente Jair Bolsonaro (PSL), que não se furtou em agir de forma abertamente nepotista, chegando ao ponto de argumentar veementemente que

> pretendo beneficiar um filho meu, sim, pretendo, está certo? Se eu puder dar um filé mignon ao meu filho, eu dou. Mas não tem nada a ver com filé mignon essa história aí. Nada a ver. É, realmente, nós aprofundarmos um relacionamento com um país que é a maior potência econômica e militar do mundo.[163]

> A intenção não democrática por trás da propaganda fascista é fundamental. Os Estados fascistas concentram-se em desarticular o Estado de direito, com o objetivo de substituí-lo

160 Cf. PODER360. 'Pretendo beneficiar meu filho, sim', diz Bolsonaro sobre indicação à embaixada nos EUA. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4DDQl0Fyu0>. Acesso em: 19 jul. 2019.

161 Cf. REDAÇÃO. O que faz e quem poder ser embaixador do Brasil no exterior? **Estadão**, 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-faz-e-quem-pode-ser-um-embaixador-do-brasil-no-exterior,70002919389>. Acesso em: 19 jul. 2019.

162 Cf. A Carreira de Diplomata. **Instituto Rio Branco**. Disponível em: <http://www.institutoriobranco.itamaraty.gov.br/a-carreira-de-diplomata>. Acesso em: 19 jul. 2019.

163 Cf. G1. Pesquisa Datafolha: Lula, 29%; Bolsonaro, 19%; Marina, 8%; Alckmin, 6%; Ciro, 5%. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/22/pesquisa-datafolha-lula-39-bolsonaro-19-marina-8-alckmin-6-ciro-5.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2019.

> pelos ditames de governantes individuais ou chefes de partido. É padrão na política fascista que as duras críticas a um poder judiciário independente ocorram na forma de acusações de parcialidade, um tipo de corrupção, críticas que, então, são usadas para substituir juízes independentes por aqueles que empregarão cinicamente a lei como meio de proteger os interesses do partido do poder. A recente e rápida transição de certos Estados democráticos aparentemente bem-sucedidos, como a Hungria e a Polônia, para governos não democráticos tornou particularmente notável essa tática de enfraquecer o poder judiciário independente, já que ambos os países introduziram leis para substituir juízes independentes por partidários logo após os regimes antidemocráticos tomarem o poder. Oficialmente, a justificativa era que as práticas anteriores de neutralidade judicial eram a máscara para o preconceito contra o partido governante. Em nome de erradicar a corrupção e a suposta parcialidade, os políticos fascistas atacam e diminuem as instituições que, de outro modo, poderia cercear seu poder.[164]

É justamente por isso que não apenas Stanley, Foucault e Eco evidenciaram elementos persecutórios característicos dos regimes totalitários e até mesmo fascistas vividos nas primeiras décadas do século XX,[165] como Levitsky e Ziblatt argumentaram que "capturar os árbitros dá ao governo mais que um escudo. Também oferece uma arma poderosa, permitindo que ele imponha a lei de maneira seletiva, punindo oponentes e favorecendo aliados",[166] conforme localizamos no episódio dos grampos ilegais utilizados pelo procurador da república Dalton Dallagnol e pelo juiz de direito Sérgio Moro na condenação de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2016,[167] para evitar que o ex-presidente se tornasse Ministro da Casa Civil.[168] Pois, "uma vez que os árbitros estejam dominados, os autocratas eleitos podem se voltar para os seus oponentes".[169]

---

164 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*, p. 40 *et. seq.*

165 Cf. *ibidem*; FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica... *Op. cit*; ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit.*

166 LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**... *Op. cit.*, p. 82.

167 Cf. MORO usou grampos ilegais em condecação de Lula, afirma defesa do ex-presidente. **Brasil de Fato**, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/06/moro-usou-grampos-ilegais-em-condenacao-de-lula-afirma-defesa-do-ex-presidente/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

168 Cf. CASTRO, Fernando; NUNES, Samuel; NETTO, Vladimir. Moro derruba sigilo e divulga grampo de ligação entre Lula e Dilma; ouça. **G1**, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/pf-libera-documento-que-mostra-ligacao-entre-lula-e-dilma.html>. Acesso em: 10 mai. 2019.

169 LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**... *Op. cit.*, p. 84.

Todavia, os autores ainda mencionam que quando populistas vencem as eleições é comum verificarmos a emergência de investimento contra as instituições democráticas, conforme sugerem ao apresentarem a tabela abaixo:

Quadro 1	
1) Rejeição das regras do jogo (compromisso débil com elas)	- Os candidatos rejeitam a Constituição ou expressam disposição de violá-la? - Sugerem a necessidade de medidas antidemocráticas, como cancelar eleições, violar ou suspender a Constituição, proibir certas organizações ou restringir direitos civis ou politicos básicos? - Buscam lancer mão (ou endossar o uso) de meios extraconstitucionais para mudar o governo, tais como golpes militares, insurreições violentas ou protestos de massa destinados a forçar mudanças no governo? - Tentam minar a legitimidade das eleições, recusando-se, por exemplo, à aceitar resultados eleitorais dignos de crédito?
2) Negação da legitimidade dos oponentes políticos	- Descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional existente? - Afirmam que seus rivais constituem uma ameaça, seja à segurança nacional ou ao modo de vida predominante? - Sem fundamentação, descrevem seus rivais partidários como criminosos cuja suposta violação da lei (ou potencial de fazê-lo) desqualificaria sua participação plena na arena política? - Sem fundamentação, sugere que seus rivais sejam agentes estrangeiros, pois estariam trabalhando secretamente em aliança com (ou usando) um governo estrangeiro – com frequência um governo inimigo?
3) Tolerância ou encorajamento à violência	- Têm quaisquer laços com gangues armadas, forças paramilitares, milícias, guerrilhas ou outras organizações envolvidas em violência ilícita? - Patrocinaram ou estimularam eles próprios ou seus partidários ataques de multidões contra oponentes? - Endossaram tacitamente a violência de seus apoiadores, recusando-se a condená-los e puní-los de maneira categórica? - Elogiaram (ou se recusaram a condenar) outros atos significativos de violência política no passado ou em outros lugares do mundo?
4) Propensão a restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia	- Apoiaram leis ou políticas que restrinjam liberdades civis, como expansões de leis de calúnia e difamação ou leis que restrinjam protestos e críticas ao governo ou certas organizações cívicas ou políticas? - Ameaçaram tomar medidas ilegais ou outras ações punitivas contra seus críticos em partidos riais, na sociedade civil ou na mídia? - Elogiaram medidas regressivas tomadas por outros governos, tanto no passado quanto em outros lugares do mundo?

Fonte: Levitsky; Ziblatt, 2018, p. 33-34.

A partir desses apontamentos acerca do declínio das democracias liberais e da ascensão dos regimes totalitários e/ou populistas mencionados por Levitsky e Ziblatt,[170] podemos verificar que grande

170 Cf. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**... *Op. cit.*

parte do comportamento político conduzido pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) nos seus primeiros seis meses de governo, sobretudo, no que se refere à influência dos discursos persecutórios, conspiratórios e antidemocráticos de Olavo de Carvalho em sua gestão, operou de maneira totalitária e através de uma narrativa baseada em uma crise supostamente produzida pelos governos petistas e/ou esquerdistas que antecederam o atual governo, já que "reais ou não, autoritários em potencial estão sempre prontos a explorar crises para justificar a tomada do poder".[171]

> A maioria das constituições permite a expansão do poder Executivo durante crises. Assim, mesmo presidentes democraticamente eleitos podem com facilidade concentrar poder e ameaçar liberdades durante guerras. Nas mãos de um autoritário em potencial, esse poder concentrado é muito mais perigoso. Para um demagogo que se sente sitiado por críticos e de mãos atadas pelas instituições democráticas, as crises abrem janelas de oportunidade para silenciar e enfraquecer rivais. Com efeito, autocratas eleitos costumam *precisar* de crises – ameaças externas lhes oferecem uma chance de se libertar de maneira rápida e muitas vezes "legal". A combinação de um aspirante a autoritário com uma crise de maiores proporções pode, portanto, ser mortal para a democracia.[172]

Assim, ao apontarmos no decorrer desse escrito diversos exemplos que evidenciam como a suposta crise política e econômica passou a servir de justificativa para a implementação de práticas autoritárias, constatamos que parte dos discursos das novíssimas direitas, principalmente daquelas que se reconhecem como conservadoras, neoconservadoras ou mesmo o próprio liberalismo-conservador, quando instrumentalizadas por teorias conspiratórias e comportamentos persecutórios para com a dissidência política, conforme encontramos nos livros de Olavo de Carvalho e de seus alunos,[173] bem como nos vídeos produzidos e compartilhados por esse

171 LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**... *Op. cit*., p. 97.

172 *Ibidem*, p. 96.

173 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*; COSTA, Alexandre. **Introdução à nova ordem mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2015; PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio:** Ensaio sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil. São Luis: Resistência Cultural / Editora Armada, 2017. Dentro outros autores.

autor e seus seguidores como Nando Moura,[174] Bernardo Küster[175] e Diego Rox,[176] *youtubers* recomendados pelo atual presidente Jair Bolsonaro (PSL) em uma postagem em sua conta no *twitter;*[177] passamos a verificar que o declínio da democracia representativa liberal brasileira ocorre concomitantemente com a ascensão daquilo que estamos chamando de fascismo tropical, em alusão a toda a persecução histórica acerca das populações indígenas no Brasil mencionadas por diversos cientistas sociais, dentre eles o próprio Lévi-Strauss, autor de *Tristes Trópicos*, mas abarcando também outros grupos subalternos (esquerdistas, progressistas, comunistas, anarquistas, muçulmanos, religiões de tradição africana, defensores da legalização das drogas, feministas, grupos LGBTQ, dentre muitos outros divergentes políticos) que, no século XXI, tornaram-se os inimigos políticos da ordem instituída pela tradição neoconservadora antiliberal ou mesmo iliberal e que devem ser estigmatizados, patologizados, criminalizados e, no limite, eliminados, no intuito de fortalecer a "raça" dos "cidadãos de bem",[178] conforme mostrou Foucault ao tratar do que chamou de racismo de Estado.[179]

Portanto, esse Outro, que antes era apenas subalternizado e, portanto, tolerado, passou a ser convertido não apenas em um sujeito supérfluo, mas foi renegado por parte das novíssimas direitas evidenciadas por aquilo que estamos chamando de fascismo tropical ou à brasileira, à condição de inimigo. E isso pode muito bem ser constatado no discurso de ódio fundamentado na caricaturização feita não apenas por Olavo de Carvalho, mas também por seus alunos Nando Moura e Bernardo Küster, bem como por boa parte dos seus seguidores, que visa eliminar fisicamente a existência dos supostos comunistas, mesmo após o fim da Guerra Fria.

---

174 Cf. NANDO Moura. Socialismo - Destruindo Países. **Youtube**, 2017. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=8VJlUGR8gTg>. Acesso em: 10 mai. 2019.

175 Cf. CENTRO Dom Bosco. Centro Dom Bosco - Origens da Teologia da libertação - Bernado Küster. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ejRaUu-pXDY>. Acesso em: 10 mai. 2019.

176 Cf. LUIZ L. Marins. Karl Max, o demonio! (Diego Rox). **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kCeBQqOyZ1w>. Acesso no dia 10 de maio de 2019.

177 Cf. JAIR M. Bolsonaro. **Twitter**, 2010. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896?lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2019.

178 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos... *Op. cit*.

179 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit*.

Desse modo, a utilização da noção de fascismo, conforme foi pontuado anteriormente, não o compreende apenas por meio de um viés histórico situado exclusivamente na experiência italiana do governo de Mussolini, conforme sustentam certas leituras tipicamente conservadoras e reducionistas operadas ao "pé da letra", a exemplo daquilo que é apresentado por Olavo de Carvalho.[180] Ao contrário, tomamos o conceito emprestado a partir dessa experiência no intuito de encontrar elementos em comum a outros contextos que operaram de maneira muito próxima, conforme evidenciaram Eco e Stanley ao elencar as principais características do fascismo para além da experiência italiana.[181] Portanto, a partir dessa perspectiva é possível tratar do fascismo no plural e, portanto, como fascismos, de acordo com as suas particularidades contextuais, embora seja importante destacar que essa arte de governar tenha nascido evidentemente na Itália, no início do século XX, e se desdobrado a partir de elementos que foram perpetuados em outros Estados.

> 'Fascismo' deriva etimologicamente da palavra latina Fasces, feixes de varetas atados significando a força da unidade e que eram levados aos cônsules da República Romana como sinal de autoridade. *Não é certo que a palavra tenha sido escolhida por sua associação com a Roma antiga, embora mais tarde nos anos 20, isso tenha sido enfatizado pelos fascistas. Inicialmente tinha conotações sentimentais, mais socialistas, nos grupos revolucionários sicilianos que se denominavam, em 1892, fasci*. O termo conservou a conotação socialista até 1914, quando grupos f*ascio* pediram a intervenção na Primeira Guerra Mundial e se declararam contra a neutralidade. Os grupos de defesa nacional, organizados após a derrota italiana em Caporetto, em 1917, também se denominavam *fasci*. Assim, a palavra tem origens socialistas e, mais tarde, passou a implicar atividade extraparlamentar e nacionalista, não-partidária. O jovem socialista Mussolini envolveu-se com os *fascio* milaneses em 1915, e depois os liderou. Depois da guerra, em 1919, Mussolini, os reconstituiu sob o título *Fasci di Combattimento*. Até mesmo Mussolini inicialmente não divulgou o termo fascismo. Somente após a, de certo modo, mítica Marcha de Roma é que o fascismo se deslocou conscientemente, e com uma rapidez alarmante, para os debates políticos europeus. Isso ocorreu especialmente após a consolidação do regime fascista na Itália, a partir de 1922-23. A análise do fascismo apresenta vários problemas. De todas as ideologias que examinamos, o fascismo,

180 Cf. RENATO72. Professor Olavo carvalho explica o que é Fascismo (o que seu professor comunista não ensinou). **Youtube**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mt61PhGHKbY>. Acesso em: 10 mai. 2019.

181 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*; STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

> por si só, deu à ideologia má repercussão. Apesar de sua imagem quase inócua para os comunistas na Europa de 1920, hoje ele evoca, justificadamente, visões de *pogroms* horripilantes e uma destruição sem precedentes na Europa. A partir dos anos 50, essa negatividade tem contribuído para o desgaste do seu uso como um termo significando violação política. Outro problema diz respeito à relação entre "fascismo" e "nacional-socialismo". Embora existam acentuadas diferença entre os dois movimentos, há também afinidades suficientes que justificam trata-los como partes do mesmo composto genérico. Outro problema crucial, que se repete ao longo das considerações sobre o fascismo e nacional-socialismo, é o fato de a ideologia estar ligada a nacionalismos particulares. Essa particularidade nacional tem o efeito de restringir sua aplicação universal. O problema era muito crítico para os que conceberam uma Internacional Fascista em 1935. Continuou a ser grave no período pós-1945 para os que vêem o fascismo como um termo descritivo legítimo na ciência política ou no trabalho histórico contemporâneos. Se o fascismo está tão preso aos fins de determinadas nações, é difícil perceber como pode exercer uma atração universal ou ser aplicado, exceto quanto ao que sustenta, a nacionsalismos formal e universalmente divergentes. Há um problema adicional concernente às relações entre o fascismo como ideologia, os movimentos que o adotaram e a atividade real dos fascistas no poder. Essa questão aparece em outras ideologias, mas no fascismo é especialmente desconcertante. Às vezes a ideologia é conscientemente antiideológica, depreciando todo o esforço de engajamento no discurso racional. Os movimentos que a adotaram e os governos que se disseram fascistas não parecem, portanto, prestar-se facilmente a explicações em termos racionais. Como um comentarista observou a respeito do fascismo: "Alguns observadores forma lembrados do espelho mágico em que todos, quer militaristas, reacionários ou pacifistas radicais de esquerda, podiam ver o seu desejo mais profundo". O fascismo ocupa com frequência um ponto intermediário em algum lugar entre a ideologia política racional e a tendência aventureira oportunista. Os propósitos declarados nem sempre nos informam o bastante, mas às vezes podem ser muito reveladores. Há certa verdade, contudo, no fato de o fascismo ter sido, inicialmente, mais uma técnica ou método de obter poder, e de a doutrina ideológica ter sido uma elaboração *ex post facto*. Ainda assim, ser *ex post facto não é motivo para subestimá-la ou ignorá-la*.[182]

Não obstante, também é importante destacar que entre os representantes das novíssimas direitas não há somente os defensores do banimento físico e simbólico de certa dissidência política, algo tipicamente encontrado tanto no fascismo italiano de Mussolini, quanto nacional-solcialismo alemão, no franquismo espanhol, no salazarianismo

182 VINCENT, Andrew. Ideologias Políticas Modernas... *Op. cit.*, p. 146 *et. seq.*

português, assim como nas ditaduras capitaneadas por militares em países da América Latina no século passado, dentre outros exemplos. Há também grupos que, embora não visem a eliminação propriamente física dos supostos esquerdistas, comunistas ou mesmo progressistas, conforme fizeram os governos acima mencionados, acabam proferindo uma narrativa tão estigmatizante que passa a fomentar o próprio discurso de ódio que argumentam conter, na medida em que paradoxalmente afirmam defender a liberdade de expressão. E isso pode muito bem ser constatado no discurso proferido pelo então deputado federal Kim Kataguiri (DEM/SP), em um vídeo intitulado *Devemos proibir o comunismo?*, publicado no canal do youtube do MBL, em que afirma que

> a proposta basicamente *é bastante óbvia, né? Proibir o comunismo porque o comunismo é uma ideologia que matou mais de cem milhões de pessoas no mundo inteiro. É uma ideologia nefasta. É uma ideologia que perseguiu, matou e torturou mais* do que o próprio nazismo. E o nazismo já é proibido, logo, por analogia, faria todo o sentido o comunismo também ser proibido. Aí vocês devem pensar, devem imaginar: 'Pô, Kim, você é um cara do MBL e tal, um cara liberal, um cara de direita, você também deve ser a favor da proibição do comunismo porque você é contra o comunismo, certo?' Errado, na verdade, eu acho justamente o contrário. Acho que quanto mais informação, quanto mais luz você jogar sobre regimes autoritários, totalitários, monstruosos, como o comunismo e como o nazismo, mais as pessoas vão ter a consciência de que isso não presta, mais as pessoas vão ter a consciência de que basicamente é você jogar a população inteira nas mãos de meia dúzia de burocratas que vão poder fazer o que bem entender com a sociedade, que todo o tipo de revolução acabou em assassinato em massa, inclusive todas, sem exceção, todas as revoluções comunistas. Aliás, você teve, há alguns anos atrás, um julgamento no Supremo Tribunal Federal, sobre a proibição do *Minha Luta*, né? Aquele famoso livro do Hitler, que ele escreveu enquanto ele estava preso. E adivinhe só quais associações entraram em campo, entraram no debate, contra a proibição do *Minha Luta*? Associações judaicas, ou seja, os próprios judeus estavam contra a proibição do *Minha Luta* porque acreditavam que é muito melhor que a sociedade tenha acesso à esses livros, tenha acesso à essas barbáries, que trabalhos acadêmicos sejam feitos em cima da obra de Hitler porque a população tenha com bastante clareza tudo aquilo que ele pensava, todos os preconceitos que ele tinha e porque ele discriminava e porque ele cometeu toda aquelas barbaridades contra os judeus. Pra mim, exatamente o mesmo pensamento se aplica ao comunismo.[183]

183 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Devemos proibir o Comunismo? - por Kim Kataguiri. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zPlVb3_

A suposição de que aqueles que se colocam à esquerda no atual momento histórico e, portanto, se associam ao comunismo em pleno século XXI, defenderiam um modelo de sociedade inspirada exclusivamente nos regimes soviéticos, cubanos, venezuelanos, chineses, dentre outros tipos de totalitarismos, ao invés de se basearem nos Estados forjados a partir de um viés social democrata nórdico ou mesmo português, por exemplo, descontextualizando todos os debates históricos e as autocríticas que foram sendo realizadas paulatinamente desde o princípio do século passado, levou Kim Kataguiri a cometer um enorme equívoco analítico justamente por negligenciar ou mesmo não reconhecer as distintas discussões ocorridas nesse polo, estigmatizando, embora não criminalizando, a dissidência política e, assim, perpetuando um discurso de ódio para com aqueles que passaram a serem caricaturizados como defensores de ditaduras. Inclusive, esse tipo conclusão apressada, essencialista e unitária acerca do que entende por esquerda pode ser encontrada também em textos de uma de suas principais referencias, Ludwig von Mises, quando afirma que

> no sistema marxista, por outro lado, o corpo governamental supremo deve primeiro ser convencido do valor de uma ideia antes que ela possa ser levada adiante. Isso pode ser algo muito difícil, uma vez que o grupo detentor do comando – ou o ditador supremo em pessoa – tem o poder de decidir. E se essas pessoas – por razões de indolência, senilidade, falta de inteligência ou de instrução – forem incapazes de compreender o significado da nova ideia, o novo projeto não será executado. Podemos evocar exemplos da história militar.[184]

Portanto, embora não tenha defendido especificamente a criminalização do comunismo, o reducionismo proferido por Kim Kataguiri em associar o nazismo apenas à eliminação dos judeus, desconsiderando os outros demais motivos mais evidentes acerca das perseguições à esse povo que não apenas ocorria por questões raciais no sentido étnico e até mesmo cultural, mas principalmente porque passaram ou a serem associados tanto ao marxismo e, portanto, aos bolcheviques, quanto aos investidores nas bolsas de valores; o levou desconsiderar que "um dos fatores que alimentava a concepção de um Reich cercado e condenado a uma guerra total defensiva era a imagem

LMz4&t=213s>. Acesso em: 10 mai. 2019.

184 MISES, Ludwig von. **As seis lições**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2009, p. 37.

desumana do inimigo que se cristalizara desde os primeiros dias do conflito".[185]

No entanto, é importante esclarecer que, segundo Ingrao (2015), os primeiros anos do regime nazista não evidenciavam nitidamente aquele terror contra os judeus que iria acontecer com a invasão da União Soviética em 1941, que intensificou uma guerra ainda mais radicalizada pelo determinismo racial. Aquilo que naquelas circunstâncias era tratado como guerra de vingança, a partir daquele ano passou a se transformar em uma ampla guerra racial e uma verdadeira cruzada, uma vez que já se comprovava abertamente o embate contra o Outro, ou seja, contra O inimigo eterno característico do *Ur-fascismo* que, naquele momento, apresentava ao menos duas faces destinadas a combater um mesmo grupo:[186] o judeu bolchevique e o judeu plutocrata, investidor da Bolsa de Londres e do *Wall Street*.

Desse modo, o fascismo - assim como o nazismo alemão de Adolf Hitler ou quaisquer outros regimes totalitários que visavam exterminar grupos que eram estabelecidos distintamente como inimigos - não pode ser tratado apenas como algo datado e, portanto, representado historicamente pelo governo italiano de Benito Mussolini, mas deve ser ponderado a partir de outras dimensões para além da política institucional e através do entendimento acerca dos modos de subjetivação e, portanto, da constituição dos sujeitos, orientados a partir daquilo que Stanley chamou de política do "nós" e "eles".[187] Todavia, o que estou chamando de fascismo tropical ou à brasileira, a partir de uma construção teórica e analítica orientada pela tradição pós-estruturalista, deve ser entendido principalmente como uma racionalidade hipermilitarizada norteada pela guerra e desinformação, mas, principalmente, orientada, pela obediência cega e inquestionável à uma autoridade, respeitando absolutamente às hierarquias, independente de serem inconstitucionais.

É por isso que o mais relevante no entendimento acerca do fascismo histórico, característico da primeira metade do século passado, não deve ocorrer apenas pelo reconhecimento de suas particularidades contextuais, mas, sobretudo, pelo conhecimento sobre a forma com que conduziu uma população inteira a justificar o extermínio de grupos

185 INGRAO, Christian. **Crer e destruir:** Os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2015, p. 18.

186 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit.*

187 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

que se colocavam como dissidentes políticos, orientados por certa capacidade persecutória contra o Outro, estabelecido como inimigo.

No entanto, é importante entender que na medida em que a população foi se polarizando politicamente, paulatinamente emergiu uma radicalidade persecutória entre certos grupos que visavam o extermínio do dissidente e, portanto, do Outro, possibilitando a emergência e sustentação de um modo de sujeição que fez com que grande parte daqueles sujeitos históricos criasse um processo de justificação que permitiu não apenas constituir um inimigo, mas também persegui-lo, visando eliminá-lo. É sobre essa perspectiva acerca do entendimento sobre o fascismo que devemos trata-lo, visando evitar esse tipo de comportamento que foi ganhando cada vez mais espaço nos discursos que circulavam comumente entre as populações europeias da primeira metade do século passado, que teve como marco de desumanização o Holocausto. Assim,

> o fascismo implica um regime molecular que não se confunde nem com os segmentos molares nem com sua centralização. Sem dúvida, o fascismo inventou o conceito de Estado totalitário, mas não há por que definir o fascismo por uma noção que ele próprio inventa: há Estados totalitários sem fascismo, do tipo estalinista ou do tipo das ditaduras militares. O conceito de Estado totalitário só vale para uma escala macropolítica, para uma segmentaridade dura e para o modo especial de totalização e centralização. Mas o fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, *antes* de ressoarem todos juntos no Estado nacional-socialista. Fascismo rural e fascismo de cidade e de bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e de direita, de casal, de família, de escola ou de repartição: cada fascismo se define por um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado. Há fascismo quando uma *máquina de guerra* encontra-se instalada em cada buraco, em cada nicho. Mesmo quando o Estado nacional-socialista se instala, ele tem necessidade da persistência desses microfascismos que lhe dão um meio de ação incomparável sobre as "massas". Daniel Guérin tem razão em dizer que se Hitler conquistou o poder mais do que o Estado Maior Alemão, foi porque dispunha em primeiro lugar de micro-organizações que lhe davam "um meio incomparável, *[262]* insubstituível, de penetrar em todas as células da sociedade", segmentaridade maleável e molecular, fluxos capazes de banhar cada gênero de células. Inversamente, se o capitalismo acabou por considerar a experiência fascista catastrófica, se ele preferiu aliar-se ao totalitarismo stalinista, muito mais sensato e tratável para o seu gosto, é que este

> tinha uma segmentaridade e uma centralização mais clássicas e menos fluentes. É uma potência micropolítica que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário.[188]

Não obstante, também é importante destacar que não apenas Deleuze e Guattari trataram de certo entendimento acerca do fascismo a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, considerando, inclusive, que

> as organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus microfascismos. É muito mais fácil ser anti-fascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas[,][189]

como podemos encontrar também em Foucault uma definição mais precisa acerca dessa noção,[190] no prefácio que escreveu para o livro de Gilles Deleuze e Félix Guattari,[191] intitulado *O anti-Édipo*, em que o trata da seguinte forma

> *ars erótica*, *ars theoretica*, *ars politica*. Donde os três adversários com os quais *O anti-Édipo* se acha confrontado. Três adversários que não têm a mesma força, que representam graus diversos de ameaça, e que o livro combate por meios diferentes. 1) os ascetas políticos, militantes carrancudos, os terroristas da teoria, aqueles que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução e os funcionários da verdade. 2) os lamentáveis técnicos do desejo – os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma, e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta. 3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (quando a oposição de *O anti-Édipo* a seus outros inimigos constitui, antes, um engajamento tático): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini – que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas -, mas também o fascismo que está em todos nós, que persegue nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e nos explora.[192]

---

188 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. v. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 100 *et. seq*.

189 *Ibidem*, p. 102.

190 Cf. FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Ditos & Escritos VI. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária: 2010.

191 Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

192 FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**... *Op. cit*., p. 104 *et. seq*.

É por isso que tanto o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PSL), quanto os alunos e seguidores de Olavo de Carvalho parecem associar o discurso de ódio não aos judeus enquanto população específica e a partir de certa dimensão cultural, mas à forma com que estes se portaram frente a uma perspectiva política e econômica operacionalizada de forma utilitária. Assim, se de um lado defendem a criminalização do suposto marxismo (cultural), da mesma forma com que sugeriu Hitler em seu livro intitulado *Minha Luta,*[193] conforme foi frisado anteriormente; de outro, parece que o discurso acerca do capitalismo financeirizado renegado pelos nazistas através da suposta avareza dos judeus ligados à Bolsa de Londres e a Wall Street, parece ter sido incorporado, justamente porque se coaduna com aquele sujeito histórico evidenciado por Foucault ao tratar do *homo oeconomicus*, que deixou relegado ao passado a condição de trabalhador, na medida em que se tornou o empreendedor de si.[194]

Todavia, esse sujeito histórico motivado sempre por ganhos e, portanto, por quantificações, estatísticas, números, utilitarismo e Prudência, ao invés de operar principalmente pelo qualitativo, afeto, amorosidade, dádiva, dom e Solidariedade, pode ser encontrando tanto no típico rentista ou em seu ordenamento conduzido pelo capitalismo financeirizado, quanto nas estratégias de *youtubers* que também necessitam empreenderem-se, conforme verificamos no discurso de Jair Bolsonaro (PSL).[195]

Desse modo, mesmo que Kim Kataguiri, assim como os integrantes do MBL, de modo geral, tenha se posicionado abertamente contra a criminalização do comunismo, diferentemente do que sugere Olavo de Carvalho e seus alunos, bem como parte dos tributários do bolsonarismo; ainda assim, ele reproduziu um discurso de ódio para com a dissidência política, fomentando a intensificação da polarização política, na medida em que não visava minimizar a fratura social brasileira.[196] Mas, ao contrário, alimentava uma narrativa sobre esse

193 Cf. HITLER, Adolf. **Minha Luta**... *Op. cit.*

194 Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**... *Op. cit.*

195 Cf. RECORD News. Bolsonaro diz que relacionamento com Israel veio para Ficar. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIFpobs6MDU>. Acesso em: 10 mai. 2019.

196 É importante destacar que no dia 29 de julho, O MBL reconheceu publicamente que abriram a caixa de pandora das polarizações políticas no Brasil, embora tenha sido tarde demais, conforme verificamos no site: LINHARES, Carolina; ZANINI, Fábio. MBL admite culpa por polarização no país e exagero em sua agressividade retórica. **Folha de S.Paulo**,

Outro fundamentada na animosidade para com aqueles que defendiam e ainda defendem abertamente a garantia de direitos sociais através do reconhecimento da necessidade de políticas públicas oferecidas pelo Estado, como se isso fosse um enorme problema justamente porque divergirem desse posicionamento, uma vez que militam pela redução de sua intervenção na economia, fazendo perpetuar aquilo que Mbembe chamou de razão mercantil ao tratar do nascimento do liberalismo.[197]

Portanto, assim como no período colonial os portugueses construíram uma narrativa histórica consagrada pela chamada "descoberta do Brasil" - que legitimava perseguições e até mesmo a eliminação física desses supostos bárbaros - promovida pelos senhores das terras, do mercado, do comércio, da vantagem, do utilitarismo e da desumanização, evidenciando as mais distintas violências contra os povos ameríndios e, posteriormente, contra os negros convertidos em escravos, tudo isso em nome do progresso; em pleno século XXI ainda vivenciamos sob a égide daquele pessimismo diagnosticado por Lévi-Strauss ao tratar dos tristes trópicos e de toda a persecução que abarcou praticamente aqueles povos que se recusavam a aderir à razão mercantil (na medida em que defendem uma perspectiva biocêntrica e não utilitária), conforme visa grande parte dos tributários das novíssimas direitas, bem como das esquerdas que aderem ao modelo econômico desenvolvimentista.[198] Também é importante destacar que Lévi Strauss.[199]

> Receia uma catástrofe demográfica; hoje existe acima de seis bilhões de pessoas na Terra e, quando ele tinha 15 anos, havia apenas um bilhão e meio. Lévi Strauss acreditava que isso é o pior perigo que existe para a humanidade; já falava sobre isso nos Tristes Trópicos há cinquenta anos: isso irá atrapalhar a vida de todo mundo e romper o que poderia se chamar um "equilíbrio". Ele não usa essa expressão, mas disse repetidamente que poluir o ar, sujar as águas, destruir a vida animal, acabará com a grande cadeia da vida, não da humana, mas da vida inteira.[200]

2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/mbl-admite-culpa-por-polarizacao-no-pais-e-exagero-em-sua-agressividade-retorica.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2019.

197 Cf. MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Ed. N-1, 2018.

198 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**... *Op. cit.*

199 *Ibidem*.

200 Cf. MENGET, Patrick. O século de Lévi-Strauss. **Revista Ilha**, v. 12, n. 02, p. 221 *et. seq.*, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/2175-8034.2010v12n1-2p211/20808>.

Contudo, esse pessimismo brasileiro sustentado por toda a violência histórica direcionada não apenas ao meio ambiente mas, sobretudo, aos grupos subalternizados parece ter se intensificado ainda mais na segunda década do século XXI, pois enquanto que Lévi-Strauss versava sobre a condição do indígena destruído pelo contato deletério resultante do encontro colonial ainda no Brasil do século XX,[201] evidenciando como que esses povos originários foram sendo tratados paulatinamente pelos governos brasileiros a partir daquilo que poderíamos chamar de racismo de Estado;[202] hoje, enquanto termino de revisar esse capítulo, recebi não apenas a notícia de que os povos Waiãpi do oeste do Amapá estão sendo atacados por garimpeiros em suas próprias terras,[203] ao ponto, inclusive, de ter uma de suas lideranças assassinada, como o próprio presidente da república Jair Bolsonaro (PSL) chegou a afirmar - após ter conhecimento sobre o relato acerca da morte desse chefe indígena - que "É intenção minha regulamentar o garimpo, legalizar o garimpo, é intenção minha, inclusive para índio. Tem que ter o direito de explorar o garimpo na tua propriedade".[204]

Não satisfeito com o fomento à destruição ambiental e persecução etnocêntrica aos povos ameríndios tratados por ele como bárbaros e que,[205] portanto, deveriam se adequar à ordem instituída pelo utilitarismo típico da razão mercantil e colonial,[206] o presidente Jair Bolsonaro (PSL), nesse mesmo dia, também atacou de forma contumaz o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB de São Paulo,[207]

---

201 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**... *Op. cit.*

202 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**... *Op. cit.*

203 Cf. MIDIA NINJA. Urgente | Relato de terror na terra indígena Wajãpi | *Subititle* ENG GER ESP. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuKHSLNGw_Y>. Acesso em: 29 jul. 2019.

204 Cf. VALADARES, João. Procuradoria diz que não há indício de invasão de terra indígena Waiãpi. **Folha de S.Paulo**, 2019. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/procuradoria-diz-que-nao-ha-indicio-de-invasao-de-terra-indigena-waiapi.shtml>. Acesso em: 29 jul. 2019.

205 Cf. O que muda (ou sobra) no Meio Ambiente com a reforma de Bolsonaro? **Instituto Socioambiental**, 2019. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/o-que-muda-ou-resta-no-meio-ambiente-com-a-reforma-de-bolsonaro>. Acesso em: 29 jul. 2019.

206 Cf. BOLSONARO compara indígenas em reservas a animais em zoológicos. **Globo News**, 2018. Disponíovel em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/bolsonaro-compara-indigenas-em-reservas-a-animais-em-zoologicos/7200371/>. Acesso em: 29 jul. 2019

207 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DPJM3oprNLI>. Acesso em: 29 jul. 2019.

Felipe Santa Cruz, ao questionar as evidencias apresentadas no Relatório secreto RPB 655, do Comando Costeiro da Aeronáutica que tratava das investigações sobre as perseguições e mortes de dissidentes políticos na época da ditadura empresarial-militar brasileira,[208] argumentando que esse documento trazia informações equivocadas,[209] principalmente no que concernia à morte do pai desse operador do direito,[210] que segundo o presidente de república teria sido executado pelas próprias organizações de militantes comunistas e não pelos militares,[211] conforme consta no relatório mencionado.[212]

Essa insensibilidade para com o Outro,[213] esse pessimismo para com a riqueza cultural dos povos originários que paulatinamente foi se perdendo com o passar dos anos de colonização e fomento a certo utilitarismo mercantil, assim como toda essa tristeza bucólica encontrada por Lévi-Strauss nos trópicos brasileiros que mostrava certo descuidado com o seu patrimônio ambiental, não apenas foram elementos negligenciados por diversas tentativas de construção de uma teoria social sobre a brasilidade e,[214] principalmente sobre quem era o brasileiro, buscando mostrar desde a existência de um homem cordial apresentado por Sérgio Buarque de Holanda defendendo até mesmo uma suposta democracia racial presumida por Gilberto Freyre,[215] como hoje encarnam um tipo particular de desqualificação da dissidência política que chega ao ponto de buscar não apenas a sua eliminação simbólica, mas também física, como também descrê veementemente sobre o impacto

---

208 Cf. FRANCO, Bernardo Mello. Relatório da Aeronáutica desmente Bolsonaro sobre vítima da ditadura. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/bernardo-mello-franco/post/relatorio-da-aeronautica-desmente-bolsonaro-sobre-vitima-da-ditadura.html>. Acesso em: 29 jul. 2019.

209 Cf. PODER360. Cortando o cabelo, Bolsonaro diz que pai do presidente da OAB 'integrava grupo sanguinário'. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gNcmrNL8KUA>. Acesso em: 29 jul. 2019.

210 Cf. BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório**. v. 1. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.gov.br/administrator/components/com_simplefilemanager/uploads/CNV/relat%C3%B3rio%20cnv%20volume_1_digital.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2019.

211 *Ibidem*.

212 Cf. METEORO Brasil. Bolsonaro vs OAB #meteoro.doc. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lVoLxQ65m78&t=729s>. Acesso em: 29 jul. 2019.

213 *Ibidem*.

214 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**... *Op. cit.*

215 Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1956; FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1947.

ambiental[216] orientado por certa concepção de crescimento econômico que desconsidera os efeitos ecocídas decorrentes do antropoceno.[217]

Portanto, o fascismo tropical é entendido aqui como uma arte de governar que ocorre por meio de uma perspectiva democrática iliberal[218] necropolítica[219] ecocída[220] que nasceu no Brasil no início em 2019[221] através do programa de um governo eleito por meio do sufrágio universal, e portanto, de uma forma supostamente legítima, embora seja possível questionar essa legitimidade, tendo em vista que as eleições não apenas podem ter sido manipuladas por Sérgio Moro e Dallagnol, conforme sugere o *The Intercept* Brasil através da chamada "operação vaza-jato",[222] como também pode ser veementemente questionado por meio da utilização de certas técnicas ciberpolíticas que modularam os votos através da difusão de *fake News,*[223] em decorrência de certa governamentalidade algorítmica orientada por certo modo de modulação, conforme será mostrado doravante.

Referências

BARKUN, Michael. **A culture of conspiracy:** *apocalyptic visions in contemporary America*. Berkeley/Los Angeles: University California Press, 2003.

---

216 Cf. GORTÁZAR, Naiara Galarraga. O Brasil do Jair Bolsonaro, um novo vilão ambiental para o planeta. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/28/politica/1564267856_295777.html>. Acesso em: 29 jul. 2019.

217 Cf. MOTA Camilla Veras Mota. Desmonte sob Bolsonaro pode levar desmatamento da Amazônia a ponto irreversível, diz físico que estuda floresta há 35 anos. **BBC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48805675>. Acesso em: 29 jul. 2019.

218 Cf. IDOETA, Paula Adamo. Iliberalismo: o 'eixo' global que,. para alguns analistas, poderá incluir Brasil. **BCC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46796474>. Acesso em 29 jul. 2019.

219 Cf. INDEPENDENTE, Bolsonaro defende 'legalização do garimpo', após garimpeiros matarem cacique no Amapá. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LMOHJveblmI>. Acesso em: 29 jul. 2019.

220 Cf. MATEORO Brasil. Governo anticiência demite cientista #metreoro.doc. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9q-QZEEOrAM&t=9s>. Acesso em: 29 jul. 2019.

221 Cf. GORTÁZAR Naiara Galarraga. Uma inédita frente de ex-ministros do Meio Ambiente contra o desmonte de Bolsonaro. **El País**, 2019. Disponível: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/08/politica/1557338026_221578.html>. Acesso em: 29 jul. 2019.

222 Cf. AS Mensagens secretas da Lava Jato. **The Intercept Brasil**, 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

223 Cf. BENTES, Ivana. As milícias digitais de Bolsonaro e o colapso da democracia. **Cult**, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nao-matem-a-democracia/>. Acesso em: 29 jul. 2019.

BERARDI, Franco. **A fábrica da infelicidade:** Trabalho cognitivo e crise da *new economy*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005

BOAS, Franz. **Textos de Antropología**. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, 2008.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução na França**. São Paulo: Vide Editorial, 2017.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

COSTA, Alexandre. **Introdução à nova ordem mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. v. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DOWBOR, Ladislau. **A Era do capital improdutivo:** a nova arquitetura do poder, sob do-minação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Ed. Auto-nomia Literária, 2017.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes: 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes: 2010.

FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Ditos & Escritos VI. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária: 2010a.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1947.

HAYEK, Friedrich. **O caminho da servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2010.

HITLER, Adolf. **Minha Luta (Parte 1)**. São Paulo: Ed. Centauro, 2000.

HOBBES, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1956.

INGRAO, Christian. **Crer e destruir:** os intelectuais na máquina de guerra da SS

nazista. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2015.

KIRK, Russell. **A política da prudência**. São Paulo: É realizações, 2013.

KLEMPERER, Victor. **LTI - Linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2018.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos**. Petrópolis: Ed. Vozes: 1994.

LOCKE, John. **Carta sobre a tolerância**. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Ed. N-1, 2018.

MCCLOSKEY, Deirdre. **Os pecados secretos da economia**. São Paulo: Ed. Ubu, 2017.

MENGET, Patrick. **O século de Lévi-Strauss**. Revista Ilha. UFSC. Vol. 12. N. 02. 2010. Disponivel em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/viewFile/2175-8034.2010v12n1-2p211/20808>.

MISES, Ludwig von. **As seis lições**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2009.

OAKESHOTT, Michael. **A política da fé e a política do ceticismo**. São Paulo: É realizações, 2018.

PATSCHIKI, Lucas. Organizar-se contra o povo: A criação do Instituto Milenium (2005-2007). **XXIII Encontro Estadual de História** – História por quê e para quem? ANPUH. Assis: UNESP, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475258843_ARQUIVO_t25.pdf>.

PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio:** Ensaio sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil. São Luis: Resistência Cultural/Editora Armada, 2017.

ROBERTSON, Pat. **The New World Order**. Dallas: Word Publishing, 1991.

ROSA, Pablo O.; REZENDE, Rafael A.; MARTINS, Victória, M. V. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiros. **Revista Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 4, n. 2, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832>.

ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista:** As causas psicológicas da loucura política. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro. v. 18, n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>.

SCRUTON, Roger. **Pensadores da nova esquerda**. São Paulo: É realizações, 2014.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

TELLES, Edson. Goveranamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, n. 140, p. 429-448, ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-512X2018000200429&lng=pt&nrm=iso>.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracia na América:** Leis e Costumes. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VINCENT, Andrew. **Ideologias Políticas Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

VOEGLIN, Eric. **Hitler e os alemães**. São Paulo: É realizações, 2008.

Uma catarse cibercartográfica acerca das novíssimas direitas

Pablo Ornelas Rosa

Nascimento da governamentalidade algorítmica

A partir da segunda década do século XXI presenciamos uma mudança radical na política institucional na maior parte dos países de nosso planeta e isso ocorreu porque constatamos que a organização sistemática de dados disponibilizados voluntariamente por cada um de nós na internet por meio dos aplicativos de aparelhos celulares e computadores, não somente passou a prever, mas a orientar o nosso comportamento moral, econômico e político, sobretudo, a partir daquilo que tanto Antoinette Rouvroy e Thomas Berns quanto Edson Telles chamaram de governamentalidade algorítmica.[1]

Desse modo, quanto mais aderimos a uma vida caracterizada pela virtualidade, mais disponibilizamos voluntariamente os nossos dados pessoais que foram sendo empregados como técnicas de governo por meio da sistematização destas informações como *Big Data,* através da instrumentalização de algoritmos que permitiram com que a produção e difusão de notícias falaciosas ou mesmo inventadas totalmente ou parcialmente fossem tratadas como verdades inquestionáveis, chegando ao ponto de o dicionário Oxford apresentar como palavra do ano, em 2016, a chamada *pós-verdade*.[2]

> Obviamente, o efeito desse consentimento é pequeno, pois as pessoas, na maioria das vezes, não têm a opção de negar a entrega de determinados dados diante da necessidade de uso do serviço. As plataformas se alimentam de dados pessoais que são tratados e vendidos em amostras com a finalidade de interferir, organizar o consumo e as práticas dos seus clientes. Em geral, os conteúdos

---

1 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18. n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>; TELLES, Edson. **Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas**. **Kriterium:** revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 59. n. 140, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>.

2 ROSA, P. O; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. M. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**, v. 4, p. 4, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832>.

> desses espaços virtuais são produzidos ou desenvolvidos pelos seus próprios usuários que, ao mesmo tempo, entregam os seus dados pessoais e seus meta-dados de navegação para os donos desses serviços.[3]

Simultaneamente a esse acontecimento, também verificamos uma virada nos posicionamentos políticos de governos e populações ao redor do planeta a partir da segunda década do século XXI, sobretudo, na Europa e no continente americano, tendo em vista que diferentes abordagens amparadas na associação dos pensamentos liberais e conservadores passaram a ocupar um lugar cada vez mais relevante nas decisões governamentais de muitos países.

Todavia, apesar de termos a sensação de estarmos nos tornando cada vez mais conservadores no que se refere às nossas condutas cotidianas morais, não é possível realizarmos esse tipo de análise sem considerarmos a governamentalidade algorítmica e toda a construção de *Big Data* que passou não apenas a prever, mas a orientar o nosso comportamento, assim como são impraticáveis investigações acerca do campo político e econômico na contemporaneidade que desconsiderem as implicações das *fake News* nas mais distintas eleições ocorridas a partir da segunda década do século XXI, a exemplo dos Estados Unidos, com a vitória de Donald Trump, do Brasil com o triunfo de Jair Bolsonaro e até mesmo a saída do Reino Unido da União Europeia, fenômeno conhecido como Brexit. Desse modo,

> em um trabalho estatístico tradicional, as informações obtidas são o resultado de filtros e convenções advindas de debates e conflitos, podendo ser questionadas pelas subjetividades envolvidas, em especial pelas que as operam enquanto cálculos de governo. A estatística clássica possui características diferentes das probabilidades algorítmicas das grandes bases de dados. ela objetiva a confirmação de hipótese previamente colocada. Posta a ideia a ser confirmada, a estatística clássica irá selecionar os dados sobre os quais trabalhará. Após a objetificação dos dados a partir de uma temática, ocorre a quantificação dos números em cifras de comparação. Será feita uma avaliação negativa ou positiva da hipótese proposta a partir de convenções muitas vezes controversas e com significações diferentes segundo o ponto de vista de quem as opera. Já nos *Big Data*, não há hipóteses prévias, pois se procura diretamente na correlação dos dados a expressão dos fenômenos. As relações estatísticas dos *datamining* esquivam-se das normas sociais de seleção, classificação e

3 SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*.: SOUZA, Joyce; Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (org). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Ed. Hedra, 2018, p. 35.

> hierarquização dos dados, transitando diretamente entre o real das informações e a operação destas via seus elementos técnicos e tecnológicos. A realidade ganha uma aparência de esfera pública, porém controlada por interesses particulares e com governos e empresas coletando quantidades massivas de dados não classificados. eles podem vir de redes sociais, blogs, *feeds* de notícias, dados de sensores de faces, sons e imagens, *e-mails*, jogos, geolocalizadores e autorizações de celulares, sistemas de cartões, operações de marketing e publicidade, pesquisas científicas, redes e sistemas de segurança. Este volume astronômico de dados, todos eletronicamente armazenados e acessíveis de qualquer lugar e a qualquer momento – óbvio que não por qualquer pessoa ou sistema de coleta de dados –, podem ser inseridos por indivíduos voluntariamente, ou em resposta a alguma demanda, cedidos ou simplesmente abandonados. De fato, são mais dados 'deixados' do que 'transmitidos'. Ainda assim, não aparecem como subtraídos sem autorização, pois aparentam estarem dispersos e em lugares quaisquer. As funções algorítmicas têm a característica de produzirem mecanismos de controle sem a necessidade de acionar discursos e ideologias como estratégias centrais de governo. Enquanto os dados entram e saem em *big* quantidades, velocidades e variedades, e os elementos da operação se inserem em funções sem debates ou discordâncias, os discursos são mantidos dentro de bolhas, cada vez mais fechadas e direcionadas. Para alguns pesquisadores este modo de correlação produz a radicalização das opiniões e a fragilidade das experiências comuns (Sustein, 2009).[4]

Portanto, não há dúvidas de que estamos vivendo um momento bastante particular da história planetária que também envolve uma reconfiguração nos encaminhamentos dos governos ao redor do planeta. Para tratar dessas novíssimas formas de governo das populações decorrente da sistematização de dados disponibilizados voluntariamente por cada um de nós na internet, Telles verifica que "a condução da ação dos indivíduos por meio de funções em torno dos *Big data*, pode ser nomeada de governamentalidade algorítmica",[5] na medida em que se fundamenta no conceito extraído da analítica foucaultiana, porém, acrescido e transformado por meio das chamadas funções algorítmicas.

> Algorítmos podem ser descritos como uma série de instruções delegadas a uma máquina para resolver problemas pré-definidos. São processos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada, com base em cálculos especificados e estão

4 TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit.*, p. 435 *et. seq.*

5 *Ibidem*, p. 436.

> presentes em praticamente todas as funções que executamos na rede. Nos mecanismos de busca, eles ajudam a navegar dentre o universo de informações presente na web. Nos sites de compras, eles sugerem produtos que podem ser relevantes para clientes que já efetuaram uma determinada compra. Dentro na nossa caixa de e-mail, eles ajudam a definir o que é importante e o que é spam.[6]

Assim, se a governamentalidade apresentada inicialmente pela analítica foucaultiana tratava dos procedimentos e cálculos que têm por alvo a vida de uma população, por saber a economia política e por discurso estratégico a segurança, tendo o Estado e a economia de mercado como condições imprescindíveis para essa técnica de governo, com a governamentalidade algorítmica há certa designação global de um tipo de

> racionalidade (a)normativa ou (a)política que repousa sobre a coleta, agregação e análise automatizada de dados em quantidade massiva de modo de modelizar, antecipar e afetar, por antecipação, os comportamentos possíveis.[7]

No entanto, "quanto mais dependente dos dispositivos tecnológicos que coletam dados, mais as pessoas terão seus perfis comportamentais e opinativos organizados e analisados como parte de um processo que culminará no encurtamento do mundo.[8]

Nesse sentido, há uma espécie de descentralização do sujeito e uma diminuição do papel das subjetivações até então comuns direcionadas agora às formas discursivas orientadas politicamente, uma vez que "os Big data dispensam a identificação do indivíduo para conduzir circulações e relações",[9] funcionando, portanto, em um fluxo em que não se enclausuram pessoas, mas ampliam formas de capilarização através de técnicas de controle, conforme sustentou a analítica deleuzeana.

> A racionalidade governamental se alimentaria de dados objetivos, aparentemente insignificantes e sem a marca do sujeito. Criam-

---

6 MACHADO, Débora. Modulação de comportamento nas plataformas de mídias digitais. *In.*: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes sociais. São Paulo: Ed. Hedra, 2018, p. 48 *et. seq*.

7 ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit*., p. 42.

8 SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos... *Op. cit*., p. 44.

9 TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*., p. 438.

> se modelos de comportamento sem que o indivíduo perceba a condução de suas ações pelas funções acionadas via algoritmos. E quanto mais se utiliza dos dispositivos tecnológicos, mais se potencializa o governo e sobre uma mais ampla gama de grupos e indivíduos ela produz efeitos. Trata-se de mecanismos e táticas não intencionais e de máquinas a-significantes de rastreamento não do ato do indivíduo "perigoso", mas de identificação das incertezas na condução das relações de força. Não se busca o bandido, o drogado, o terrorista, o militante político, o pobre, ou qualquer um dos anormais sociais. O alvo não é mais o indivíduo, o conteúdo de seu discurso, a ideologia de sua ação. O velho sujeito atrelado à forma jurídico político discursiva, com seu corpo físico e consciência moral e ideológica, cede lugar de prioridade aos seus vários perfis que lhe são atribuídos de modo automático e alimentados por seus "traços" deixados cotidianamente. Fazer com que os elementos da realidade se relacionem uns com os outros, não a partir da intervenção sobre eles, mas pela condução dos processos por meio do controle do ambiente.[10]

Para Telles, as estratégias de utilização dessa governamentalidade algorítmica por meio da correlação de dados busca adaptar os desejos dos indivíduos às ofertas, demandas e possibilidades inerentes à velocidade da circulação de informações por nós disponibilizadas voluntariamente na medida em que usamos determinados aplicativos de aparelhos celulares ou mesmo computadores.[11] Como exemplo, o autor sugere a solicitação de um simples veículo motorizado através de um aplicativo de celular, constatando que "a imagem inicial de um carro nas proximidades acelera no usuário o desejo imediato pelo consumo do serviço, aproveitando a oferta e antecipando outro consumidor".[12] Desse modo,

> o caráter geral, massificado, sem significação faz com que os indivíduos deixem os dados por aí sem se importarem com seus destinos. Será a heterogeneidade, materialidade total e, ao mesmo passo, a estrutura fragmentária e a-significante, que formará a aparência de pouca intencionalidade no armazenamento, garantindo a objetividade de suas informações. Permanecer aparentemente anônimos, sem sentido, faz as pessoas deixarem seus 'traços' à mercê dos *Big Data*. os indivíduos têm seus desejos realizados e passam a se identificar com certa regularidade dos fenômenos com os quais se envolvem. Tem- se um conjunto de indivíduos não mais marcados por um território, uma norma,

10 TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit.*, p. 440.

11 Cf. *Ibidem*.

12 *Ibidem*, p. 441.

> um cargo, uma identidade, mas definidos como uma espécie de bioaplicativos, dispositivos prontos para a produção e receptação de traços na Internet.[13]

Não obstante, toda essa massificação de dados sistematizados em *Big Data* produziu uma espécie de servidão maquínica a essas novíssimas tecnologias, na medida em que não apenas deixou de ser utilizada somente em uma dimensão mercantil, como também passou a ser instrumento decisório no campo da política institucional, definindo, sobretudo, eleições ao redor do planeta. O principal efeito dessa governamentalidade algorítmica na política internacional ocorrida a partir da segunda década do século XXI, foi justamente eleger, em sua maioria, representantes de movimentos de direita e extrema direita que passaram a reproduzir discursos conspiratórios, anti-científicos, persecutórios para com as minorias e dissidentes, buscando resgatar valores encontrados em um suposto passado mítico,[14] algo que até então parecia improvável porque iria supostamente contra aqueles princípios consagrados nas democracias liberais, principalmente a partir da defesa do chamado Estado democrático de direito.

É justamente por isso que não são poucos os pesquisadores contemporâneos das mais distintas áreas do conhecimento científico que se mostram extremamente preocupados com os caminhos de um futuro sombrio que parece se apresentar de maneira cada vez mais obscura,[15] tendo em vista que figuras como Steve Bannon e Robert Mercer, representantes de um movimento emergente de extrema direita que ficou conhecido como *alt-right*, passaram a orientar a nossa visão de mundo[16] produzida por meio disso que tanto Antoinette Rouvroy e Thomas Berns quanto Edson Telles chamaram de governamentalidade algorítmica.[17]

---

13 TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*., p. 441.

14 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

15 Cf. *Ibidem*; SNYDER, Timothy. **Sobre a tirania:** vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2017; LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2018.

16 Cf. LEORNARDO Aguiar. Fake News - "Driblando a democracia - Como Tramp venceu". **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIvwbtPCSac&t=216s>. Acesso em: 04 jun. 2019. MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia:** por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2019;

17 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit*; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e

É por isso que para se tratar da política institucional em nosso momento histórico se faz urgente reconhecer que o governo das populações passou a ser decidido não apenas por meio do sufrágio universal, mas sim através de um voto que passou a ser condicionado por aquelas informações orientadas pela sistematização dos nossos dados, produzindo, portanto, aquelas verdades que passamos a acreditar e que chegam até nós pelos mesmos meios e dispositivos que utilizamos o tempo todo, a saber, os aplicativos de celulares e computadores que demandam uma vida virtualizada. Pois, "se os dados são o novo petróleo, a modulação do comportamento humano seria o produto de luxo, feito sob medida, já a ponta final da cadeia de produção".[18]

Do ponto de vista da política internacional e das narrativas conspiratórias que no século XXI passaram a serem difundidas como verdade, é possível compreender que esse fenômeno que Umberto Eco chamou de *Ur-Fascismo* não ocorreu em nosso tempo presente,[19] mas pode ser localizado ainda na década de 1990, quando Pat Robertson publica seu livro intitulado *The New World Order*, produzindo um discurso conspiratório contra o chamado "globalismo" a partir de escritos precedentes que visavam a produção de inimigos e a consolidação de um modelo de sociedade inspirada em supostos valores judaico-cristãos encontradas em um passado mítico e distante.[20]

> Assim, na raíz da psicologia Ur-Fascista está a *obsessão da conspiração*, possivelmente internacional. Os seguidores têm que se sentir sitiados. O modo mais fácil de fazer emergir uma conspiração é fazer apelo à *xenofobia*. Mas, a conspiração tem que vir também do interior: os judeus são, em geral, o melhor objetivo porque oferecem a sua vantagem de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora. Na América, o último exemplo de obsessão pela conspiração foi o livro *The New World Order*, de Pat Robertson.[21]

No entanto, no atual contexto político internacional e, sobretudo, brasileiro, é possível encontrarmos nitidamente evidências que nos permite compreender certo deslocamento da condição de

---

as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*.

18 MACHADO, Débora. Modulação de comportamento nas plataformas de mídias digitais... *Op. cit*., p. 47 *et. seq*.

19 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

20 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**. Dallas: Word Publishing, 1991.

21 ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit*., p. 51.

inimigos, que passam a se direcionarem para o chamado marxismo cultural, atribuído não apenas pelos tributários nas novíssimas direitas tipicamente *alt-right*, mas principalmente por seu maior representante brasileiro, Olavo de Carvalho,[22] refletindo em diversos outros escritos que passaram a se capilarizar pelo mercado editorial brasileiro. Sendo assim, se faz importante estabelecer algumas considerações preliminares principalmente no que se refere à perspectiva teórica e metodológica escolhida, para que possamos dar continuidade a nossa análise elaborada através do método cartográfico que presume que

> toda pesquisa é intervenção. Mas, se assim afirmamos, precisamos ainda dar outro passo, pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeitos e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designer como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisas é o traçado desse plano da experiência acompanhando os Efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. Considerando que o objeto, sujeitos e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisas pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade: o *know what* das pesquisas. Mergulhados na experiência do pesquisar, não havendo nenhuma garantia ou ponto de referência exterior a esse plano, apoiamos a investigação no seu modo de fazer: o *know how* da pesquisas.O ponto de apoio é a experiência entendido como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisas do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o 'caminho' metodológico.[23]

Portanto, como o texto apresentado foi desenvolvido através daquilo que estamos chamando de método cibercartográfico, é preciso esclarecer que essa análise foi produzida a partir dos chamados estudos cartográficos de tradição pós-estruturalista e institucional que presumem não apenas uma dimensão interventiva, mas principalmente uma imersão em textos, aulas, vídeos, entrevistas, participação em eventos, conversas formais e informais estabelecidas a partir de autores que se reconhecem exclusivamente como de

22 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

23 Cf. PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2015.

direita ou mesmo tributários dessa tradição política, sendo liberais, conservadores, liberais-conservadores, monarquistas e até mesmo anarco-capitalistas.

Desse modo, não busquei citações indiretas de pesquisadores de esquerda para tratar das perspectivas apresentadas pelas direitas, evitando uma conduta bastante presente nesse tipo de produção textual revisionista, a exemplo do livro *Bandidolatria e Democídio: Ensaios sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil*, de Diego Pessi e Leonardo Giardin de Souza,[24] que foi produzido a partir daquilo que poderíamos chamar de *método da apudização*, que consiste em apresentar citações indiretas, conhecidas no campo acadêmico como *Apud*, em que as fontes primárias são deixadas de lado na medida em que se procura fontes secundárias e principalmente aqquelas que reiterem a autoverdade de quem as profere, independente as evidências.

Esse fenômeno anti-metodológico apresentado por Pessi e Souza pode muito bem ser evidenciado nesse livro, uma vez que ele menciona Foucault diversas vezes, mas em nenhuma delas a citação se dá diretamente, nem mesmo o autor criticado aparece nas referências bibliográficas,[25] tendo em vista que o texto apreciado foi escrito por Roger Scruton, a partir de seu livro intitulado *Pensadores da Nova Direita*.[26] Da mesma forma, é preciso evidenciar que quando utilizei autores situados como progressistas ou mesmo de esquerda, isso só ocorreu com um objetivo primordialmente analítico, na medida em que evitei textos como, por exemplo, *O conservadorismo clássico: Elementos de caracterização e crítica*, de Leila Escorsim Netto,[27] que toma como referenciais autores que, dentro da perspectiva dos próprios conservadores brasileiros, não possui a relevância atribuída por ela a estes, uma vez que não menciona os escritos de Eric Voeglin, Russel Kirk, Michael Oakshott, Roger Scruton, dentre muitos outros escritores que passaram a terem seus livros circulando no mercado editorial brasileiro, sendo comercializado enormemente pelas maiores livrarias do país a partir do século XXI.

---

24 Cf. PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio:** ensaios sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil. São Luíz/MA: Resistência Cultural Editora, 2017.

25 *Ibidem*.

26 Cf. SCRUTON, Roger. **Pensadores da Nova Esquerda**. São Paulo: É Realizações, 2014.

27 Cf. NETTO, Leila E. **O conservadorismo clássico:** elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

Direitas, no plural

O meu interesse em compreender as distintas perspectivas daquilo que passei a chamar de novíssimas direitas brasileiras ocorreu inicialmente quando o amigo pesquisador Aknaton Tokzec Souza mencionou -[28] em sua pesquisa de mestrado em sociologia efetuada na Universidade Federal do Paraná – UFPR - que, em uma das entrevistas realizadas em sua pesquisa de mestrado com os operadores do sistema de justiça criminal sobre as políticas de controle sobre as drogas, teve um livro de Olavo de Carvalho como leitura recomendada por uma juíza de direito de Ponta Grossa, Paraná, que, inclusive, tinha como exemplo de democracia e de Estado o modelo estadunidense. Antes disso, outro grande amigo, Rafael Alves Rezende, ex-professor da Universidade Vila Velha – UVV, havia mencionado Olavo de Carvalho, argumentando que já havia lido alguns de seus livros e que a sua concepção crítica sobre a chamada esquerda institucional ou tradicional vinha de leituras que havia feito acerca desse autor, mesmo reconhecendo as fragilidades epistemológicas, teóricas, conceituais, historiográficas e, principalmente, interpretativas apresentadas por ele.

Contudo, a minha valoração acerca da importância de Olavo de Carvalho para o pensamento das novíssimas direitas brasileiras só aconteceu realmente quando fui comprar o livro intitulado *A elite do atraso: da escravidão à lava jato* de Jessé Souza na livraria Saraiva do Shopping Vitória, em Vitória, Espírito Santo,[29] e quando perguntei para o atendente sobre essa obra, ele me disse que não a conhecia, mas assim que puxei da prateleira o livro *A nova era e a revolução cultural* de Olavo de Carvalho,[30] ele me relatou que aquele livro havia marcado a sua vida porque tudo o que esse autor havia mencionado se realizou no cenário político brasileiro. Naquele exato momento pensei que talvez fosse justamente por meio dessa narrativa que muitos de seus seguidores recorrentemente afirmam que “Olavo tem razão”.[31]

---

28 Cf. ROSA, Pablo O.; REZENDE, Rafael A.; MARTINS, Victória, M. V. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiros. **Revista Núcleo de Estudos Paranaenses** Curitiba, v. 4, n. 2, dez. 2018; SOUZA, Aknaton T. **Perigo à Ordem Pública:** um estudo sobre controle social perverso e segregação. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

29 Cf. SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à lava jato. São Paulo, 2017.

30 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

31 Cf. Felipe Moura Brasil, jornalista, aluno e organizador do livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um ididota*, escrito por seu mentor Olavo de Carvalho, publicou um texto no dia 11 de fevereiro de 2017 tratando justamente dessa questão, conforme

Eu fiquei assustado e curioso com a afirmação deste sujeito que aparentava ter pouco mais de vinte anos. No entanto, a questão que me veio à cabeça foi: como seria possível esse jovem desconhecer um sociólogo tão reconhecido no Brasil e no exterior por suas análises acerca da realidade política brasileira na contemporaneidade, como Jessé Souza, que há pouco mais de um ano atrás dirigia o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, ao mesmo em que Olavo de Carvalho, um sujeito que não tem formação acadêmica, era tratado como grande intérprete ou intelectual do Brasil? (Importante destacar que não estou querendo desqualificá-lo pela ausência de uma formação técnica que provavelmente o inviabilizaria de atuar como professor do ponto de vista legal, entretanto, é possível que a ausência de um diálogo mais direto com seus pretensos pares tenha prejudicado uma maior auto-crítica).

Creio que esses três momentos: I) a entrevista realizada na pesquisa do amigo Aknaton Tokzec Souza e a sugestão de uma juíza de direito de Ponta Grossa sobre a importância dos livros de Olavo de Carvalho para entender a questão das drogas no Brasil.[32] Sendo que o autor mencionado não trata diretamente dessa questão, apenas tenta associar o tráfico de drogas como uma estratégia da esquerda, já que segundo ele "Alguns policiais apostam na primeira, jurando que o Comando Vermelho é uma extensão e recrudescimento da guerrilha urbana, um novo braço armado das esquerdas";[33] II) quando o amigo Rafael Alves Rezende me mostrou o peso desse autor para sua interpretação crítica tanto ao Partido dos Trabalhadores – PT, quanto aquilo que poderíamos chamar de "profissionais da democracia",[34] embora criticasse veementemente sua construção teórico-epistemológica, conceitual, historiográfica e interpretativa; III) o contato com o jovem atendente da livraria Saraiva - que inclusive tinha um perfil muito próximo dos participantes que encontrei no evento do Movimento Brasil Livre (MBL) que será apresentado

podemos verificar: MOURA, Felipe. 15 de março: Olavo tem razão. **Veja**, 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/15-de-marco-olavo-tem-razao/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

32 Cf. SOUZA, Aknaton T. **Perigo à Ordem Pública**... *Op. cit*.

33 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*., p. 112.

34 Cf. GUILHOT, Nicolas. Os profissionais da democracia em ação. *In*.: LINS, Daniel; WACQUANT, Loic (org.).**Repensar os Estados Unidos**: por uma sociologia do superpoder. São Paulo: Ed. Papirus, 2003. Reuilhot, 2003.

doravante – que desconhecia Jessé Souza,[35] ao mesmo tempo em que supervalorizava as análises de Olavo de Carvalho.[36]

Deste modo, acredito que esses fatos potencializaram o meu olhar para um campo que não apenas eu, que me coloco à margem da direita e da esquerda justamente por me identificar com o pensamento anarquista, mas boa parte dos pesquisadores que se reconhecem como de esquerda, acabam desconhecendo esse tipo de leitura, da mesma forma que os tributários das novíssimas direitas, desconhecem os pensamentos das esquerdas em profundidade, na medida em que caricaturizam a complexidade dessas análises a partir de simplificações toscas proferidas por autores, em grande medida, revisionistas.

Mas, como estamos trazendo esse texto pensando para além do binarismo esquerda/direita, para além de uma concepção dual e agonística caricaturizada por meio de certa simplificação em termos de estadocentrismo ou mercadocentrismo, a nossa aposta se dará pela produção de um novo paradigma, ou um novo *dom*, como diria Alain Caillé,[37] tendo em vista o paradoxo entre o esgotamento dos recursos naturais e a demanda pelo crescimento econômico tão presente nas análises mais à esquerda, com o desenvolvimentismo, ou mesmo com as direitas, tributárias da economia de livre mercado.

Também é importante mencionar que a análise apresentada nesse capítulo, que tratará de ao menos duas correntes políticas à direita, a conservadora e a liberal-conservadora, será analisada a partir de uma entrevista realizada antes das eleições de 2018 com Flávio Rocha em um programa disponível do *youtube*, chamado "teste do sofá",[38] em que dois importantes representantes das novíssimas direitas brasileiras, que inclusive foram eleitos para os cargos de deputado federal e estadual pelo partido Democratas - DEM, respectivamente, Kim Kataguri, um

---

35 Cf. OUZA, Jessé. **A elite do atraso**... *Op. cit.*

36 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*,

37 Cf. CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom:** o terceiro paradigma. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

38 Importante mencionar que quando iniciamos essa cibercartografia, Flávio Rocha ainda não era candidato a presidência da república representando o Partido Republicano Brasileiro – PRB, embora já demonstrasse sua visão "republicana" associando liberalismo econômico com conservadorismo no campo dos costumes, conforme a reportagem disponibilizada em: PRB anucia empresário Flávio Rocha pré-candidato à presidência. **G1**, 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/03/prb-anuncia-empresario-flavio-rocha-pre-candidato-presidencia.html>. Acesso em: 27 março 2018.

dos fundadores do Movimento Brasil Livre – MBL,[39] e Arthur do Val, um influente articulador do canal do *youtube* “mamãe falei”,[40] o entrevistam, evidenciando justamente a narrativa produzida por Olavo de Carvalho em seu livro *A nova era e a revolução cultural* sobre os supostos perigos do marxismo cultural.[41]

Ainda é fundamental esclarecer que quando iniciamos a escrita deste texto, nenhum dos entrevistadores e até mesmo o entrevistado mencionado afirmavam serem candidatos a nenhum cargo público, entretanto, nos meses seguintes Flávio Rocha se tornou candidato à presidência pelo Partido Republicano Brasileiro – PRB e logo em seguida abandonou a ideia, desistido poucos meses depois, mas passando a apoiar publicamente o atual presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL), assim como Kim Kataguiri e Arthur do Val foram eleitos deputado federal e deputado estadual, respectivamente, ambos pelo partido Democratas – DEM.

É importante destacar que após o impeachment ou, se preferir, golpe da ex-presidente Dilma, passou-se a presenciar tanto nos meios de comunicação corporativos brasileiros quando nos alternativos a difusão de certa propaganda neoliberal do ponto de vista econômico, mas com roupagens conservadoras no que se refere aos costumes, capitaneadas por alguns de seus porta-vozes, dentre eles, o próprio Flávio Rocha que,[42] no dia 28 de janeiro de 2018 também foi entrevistado no programa “Domingo Espetacular”, do canal televisivo Rede Record. Todavia, o canal em que esse programa foi exibido era e ainda é administrado através de concessão estatal pelo pastor neopentecostal Edir Macedo, cuja pretensão é transformar o Estado brasileiro em uma teocracia, conforme propõe em seu livro *Plano de poder: Deus, os cristãos e a*

---

39 MAMAEFALEI. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkSjy-IOEq-eMtarZl2uH1Q>. Acesso em: 21 jan. 2018.

40 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4VOCG133N6U>. Acesso em: 29 jan. 2018.

41 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

42 É importante destacar que pouco mais de dois meses após a realização de distintas matérias em diferentes meios de comunicação brasileiros, Flávio Rocha se apresenta como candidato a presidência da república: CALGARO, Fernanda. PRB anucia pré-candidatura de Flávio Rocha à Presidência da República. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/prb-anuncia-pre-candidatura-de-flavio-rocha-a-presidencia-da-republica.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2018.

política,[43] assim como também estreou um filme[44] sobre a sua vida nesse mesmo dia.[45]

> Os 40 milhões ou mais de evangélicos no Brasil, ainda não em sua totalidade, trazem consigo essa identidade de compromisso com o coletivo e a consolidação da democracia. Tudo é uma questão de engajamento, consenso e mobilização dos evangélicos. Nunca, em nenhum tempo da história do evangelho no Brasil, foi tão oportuno como agora chamá-los de forma incisiva a participar da política nacional. E, mais ainda, consolidar o grande projeto de nação pretendido por Deus. Imagine se que todos os que dizem proferir essa fé se engajaram nesse ideal divino.[46]

Não obstante, é preciso destacar que a hipótese trazida para esse debate se fundamenta na ideia de que parte do diagnóstico acerca da história política do Brasil no contexto do processo de redemocratização deste país que passou a ser utilizado por grupos que conformam as chamadas novíssimas direitas brasileiras, composta tanto conservadores, liberais-conservadores e até mesmo liberais, anarcocapitalistas e monarquistas, se baseia nas considerações trazidas por Olavo de Carvalho, sobretudo a partir de seu livro intitulado *A nova era e a revolução cultural*,[47] bem como em seus cursos e palestras ministradas através das redes virtuais que são comercializadas através do seu site.[48]

Assim, dentre os métodos utilizados para tratar da hipótese apresentada destacamos, primeiramente, a observação participante por mim realizada no dia 01 de fevereiro de 2018, no Congresso do Movimento Brasil Livre – MBL,[49] intitulado *Fórum: Brasil, para onde estamos indo?;* e, em segundo lugar, o episódio 24 do programa "teste do

---

43 Cf. MACEDO, Edir. **Plano de poder:** Deus, os cristãos e a política. São Paulo: Ed. Thomas Nelson Brasil, 2008.

44 Cf. BALLOUSSIER, Anna Virginia. Filme de Edir Macedo, que estreia em 1/3 das salas, nega ter inflado pré-venda **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/filme-de-edir-macedo-ocupa-13-das-salas-do-brasil.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2018.

45 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W7wqqJFtaYc>. Acesso em: 01 abr. 2018.

46 MACEDO, Edir. **Plano de poder**... *Op. cit*., p. 104.

47 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

48 Cf. O que é o Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho? **Seminário de Filosofia Olavo de Carvalho**, 2015. Disponível em: <https://www.seminariodefilosofia.org/o-curso-online-de-filosofia/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

49 Cf. MBL-ES. Fórum "Brasil, para onde estamos indo". **Evenbrite**, 2018. Disponível em: <https://www.eventbrite.com.br/e/forum-brasil-para-onde-estamos-indo-tickets-42008775378#>. Acesso em: 06 fev. 2018

sofá", produzido por Kim Kataguiri e Arthur do Val, que foi apresentado no dia 12 de janeiro de 2018, tendo Flávio Rocha, o proprietário das lojas Riachuelo, como entrevistado.[50]

A importância dessa entrevista para a nossa análise se deve pelo fato de que o entrevistado mencionado defende uma perspectiva neoliberal no campo econômico e conservadora do ponto de vista moral,[51] embora a sua narrativa tenha sido construída a partir de interpretações sobre os distintos marxismos extremamente limitadas do ponto de vista acadêmico e que evidentemente foram extraídas do livro de Olavo de Carvalho intitulado *A nova era e a revolução cultural*.[52] Além disso, para tratar dos efeitos da *pós-verdade*, também analisaremos brevemente o vídeo produzido pelo Movimento Brasil Livre – MBL e apresentado por Kim Kataguiri, em que o deputado federal eleito pelo partido Democratas – DEM argumenta que os agrotóxicos salvam vidas e os orgânicos matam.[53]

É importante destacar que a influência desse autor não se dá necessariamente pela difusão de seus livros, mas principalmente pelos cursos e vídeos que Olavo de Carvalho produz e disponibiliza na internet, principalmente no seu canal do *youtube*, assim como no de seus alunos, fãs e seguidores, também conhecidos como olavistas ou olavetes, dependendo de quem profere o discurso. Fato que nos leva a ponderar acerca dos limites da produção científica e sua difusão para um grande público em um formato exclusivamente textual, em um contexto em que os vídeos estão ganhando cada vez mais importância do que os livros em decorrência de certa facilidade de acesso e gratuidade, bem como pela simplificação de questões sociais, políticas e econômicas extremamente complexas, algo típico dos regimes totalitários, populistas e/ou neofascistas, conforme mostrou Heywood.[54]

---

50 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Teste do Sofá ep. 24 | Flavio Rocha. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=henMTa_3Q8Y&t=9s>. Acesso em: 05 nov. 2018.

51 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Teste do Sofá ep. 24 | Flavio Rocha. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=henMTa_3Q8Y&t=1231s>. Acesso em: 21 jan. 2018.

52 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

53 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Agrotóxicos salvam vidas. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2kWYWzHM98&t=245s>. Acesso em: 21 jan. 2018.

54 Cf. HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas:** do liberalismo ao fascismo. São Paulo: Ed. Ática, 2010.

> Na nova versão da cultura moderna ocidental que acompanha o capitalismo globalitário financeirizado, a micropolítica reativa é incentivada e fomentada. Com avanços das tecnologias de informação e comunicação, que no atual regime são cada vez mais velozes, o mal-estar do paradoxo impulsionador dos processos de subjetivação se faz mais frequente e se intensifica. A subjetividade é incessantemente bombardeada por imagens de mundo e narrativas que tornam seus contornos caducos e lhe impõe a exigência de se recompor. Diante disso, por estar reduzida ao sujeito, aumenta a vulnerabilidade ao se submeter a respostas *prêt-à-porter*, as quais se oferecem em abundância nesses mesmos meios. Isso cria o solo para as dinâmicas essenciais do novo regime. Do ponto de vista econômico, as mercadorias encontram na fragilidade e na impotência a base para seu consumo garantido, podendo assim se multiplicar ao infinito. Do ponto de vista político, a mídia – principal dispositivo de seu poder – constrói uma narrativa que amplifica e agrava a realidade da crise e, paralelamente, cria o personagem do bode-expiatório, protagonizado pelos políticos que se quer expulsar de cena. Veiculada dia após dia, tal narrativa intensifica o fantasma do perigo de desagregação iminente fabulado por uma subjetividade reduzida ao sujeito – sucumbida ao medo, ela está pronta para se agarrar ao bode-expiatório como sua única saída. A construção de tais narrativas midiáticas é uma das principais operações da estratégia micropolítica de tomada de poder pelo capitalismo globalitário.[55]

Entretanto, se faz necessário acrescentar que, assim como não podemos falar direita, no singular, tendo em vista as diferenças entre as abordagens de distintos autores que apresentam variadas interpretações em suas análises, também não podemos falar em "marxismo" ou de uma suposta "esquerda" no singular, já que a diversidade e as contradições presentes nessas tradições do pensamento tem cada vez mais apresentado conflitos internos que muitas vezes são negligenciados pelos próprios autores e/ou militantes dos movimentos sociais, a exemplo do comumente "lugar de fala" que se tornou o principal combustível do chamado por grande parte das novíssimas direitas de "politicamente correto".

Em um vídeo publicado no canal do MBL no *youtube*, o atual deputado federal Kim Kataguiri (DEM/SP) afirma que o politicamente correto seria "uma maldição toda disfarçada em mil e uma intenções, mas que tem plantado uma verdadeira ditadura disfarçada nos debates públicos".[56] Ele ainda afirma que "piadas passaram a ser alvo de

55 ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. Série Pandemia. São Paulo: Ed. N-1, 2016, p. 21 *et. seq.*

56 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Como a esquerda está se matando através

patrulha. Expressões comuns viraram alvo de patrulha. Enfim, se você respira e não se alinha com as pautas da esquerda, você fatalmente vai ser alvo da patrulha.”. Contudo, continua, argumentado que “as acusações são sempre as mais variadas. Ou você é racista, ou você é machista, ou é homofóbico, mas perceba, as acusações só valem, se você não for de esquerda”.

Inclusive em pesquisas anteriores, verificamos que o “lugar de fala” tem sido utilizado como instrumento de exercício de um tipo de poder emergente em movimentos sociais de esquerda, através daquilo que passamos a chamar de “capital subalterno”,[57] promovendo não apenas uma espécie de economia política identitária, mas também ocasionando fissuras na atuação política destes movimentos, ao invés de potencializar certa justaposição, conforme podemos encontrar nas análises que realizaremos doravante acerca da aproximação entre conservadores, liberais-conservadores, liberais, anarcocapitalistas e, em alguns casos, até monarquistas, em decorrência do reconhecimento e valoração das análises de Olavo de Carvalho.[58]

Também é importante esclarecer que, embora a nossa crítica seja direcionada a essas tradições do pensamento das chamadas novíssimas direitas brasileiras, reconhecemos que muitos dos diagnósticos apresentados por Olavo de Carvalho podem ser tratados como indícios da emergência de um certo perfil de esquerda hegemônica e institucional no Brasil que sim,[59] se deu a partir das interpretações desse autor, sobretudo, acerca do peso dos marxismos no campo universitário brasileiro e mundial. No entanto, a importância atribuída por esse autor ao que chama de “esquerda” – isso sem falar que ele parece considerar como um bloco homogêneo conspirador - é enorme se comparado com a realidade política brasileira. Talvez isso ocorra, porque Olavo de Carvalho não vive no Brasil e sim em Virgínia, nos Estados Unidos, da mesma forma com que ocorre com outros ideólogos da direita, a exemplo de Diogo Marinardi, que vive em Veneza desde 2010.[60]

---

do politicamente correto? **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PDJF_f7pYms&t=1s>. Acesso em: 05 nov. 2018.

57 Cf. ROSA, Pablo O.; RESENDE, Paulo E. R. Ativismo identitário e o capital subalterno. **GAVAGAI**: revista Interdisciplinar de Humanidades. Dossiê ‘Movimentos sociais, sociabilidades emergentes e anticapitalismo’, v. 03. n. 02. jun/dez, 2016. Disponível em: <http://gavagai.com.br/wp-content/uploads/2017/12/Gavagai-v4-n1-completa.pdf>.

58 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

59 *Ibidem*.

60 Cf. BALTHAZAR, Ricardo. Desafetos acusam Mainardi de escapar de processos no

De fato, até recentemente era muito comum encontrarmos em boa parte dos espaços universitários brasileiros, em especial na área de ciências humanas, pesquisadores que fundamentavam as suas análises apenas em referenciais marxistas, inclusive isso fez com que a direita produzisse uma espécie de acumulação de ressentimento,[61] ao ponto do filósofo Luiz Felipe Pondé, não apenas chamar esse perfil de pessoas supostamente progressistas e/ou "de esquerda" de "inteligentinhos",[62] como também procurou ensinar a potencializar conflitos em seus jantares.[63] No entanto, é importante destacar que o círculo para outras tradições do pensamento jamais esteve fechado nestes espaços acadêmicos, embora em muitos deles fosse um enorme desafio questionar esse perfil de esquerda institucionalizada, sobretudo, aqueles que compartilham de referenciais marxistas.

> O ressentimento da sociedade brasileira está enraizado em nossa dificuldade em nos reconhecermos como agentes da vida social, sujeitos da nossa história, responsáveis coletivamente pela resolução dos problemas que nos afligem. Suas raízes remontam à tradição paternalista e cordial de mando, que mantém os subordinados em uma relação de dependência filial e servil em relação às autoridades políticas ou patronais, na expectativa de ver reconhecidos e premiados o bom comportamento e a docilidade de classe.[64]

No meu caso, embora não seja tributário das tradições marxistas, nem liberais, nem anarcocapitalistas, muito menos conservadoras e monarquistas, mesmo não as negando, também encontrei certa dificuldade em localizar pesquisadores que pudessem orientar as minhas investigações. Mas, mesmo diante desse pequeníssimo desafio, consegui ser orientado em minha pesquisa de doutorado por um crítico veemente dos marxismos, dos liberalismos, conservadorismos, monarquismos e, principalmente, anarcocapitalismo, o querido professor anarquista Edson Passetti, vinculado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PEPGCS da Pontifícia Universidade Católica de São

---

Brasil. **Folha de S.Paulo ilustrada**, 2010. Disponivel em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1908201018.htm>. Acesso em: 21 jan. 2018.

61 Cf. KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2015.

62 Cf. LUIZ Felipe Pondé. Como saber se sou um inteligentinho(a)? - Luiz Felipe Pondé. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJzIlEBC02k>. Acesso em: 22 jan. 2018.

63 Cf. MAMAEFALEI. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkSjy-IOEq-eMtarZl2uH1Q>. Acesso em: 22 jan. 2018.

64 KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**... *Op. cit.*, p. 323.

Paulo – PUC/SP. Algo que põe em xeque esse determinismo estabelecido por Olavo de Carvalho acerca da sua crítica à produção acadêmica brasileira que seria dominada exclusivamente por "esquerdistas".[65] Sendo assim, outro ponto que deve ser questionado é: Será mesmo que a academia brasileira foi tomada por marxistas, conforme argumenta Olavo de Carvalho?[66] Se realmente foi tomada por esquerdistas, como pude concluir a minha formação acadêmica, da graduação ao pós-doutorado, mesmo sendo crítico dos marxismos, liberalismos, conservadorismos, monarquismos e anarcocapitalismos?

O fato de ter realizado estudos acadêmicos ininterruptos desde 2000 até o presente ano, além de ter passado por distintas instituições e programas de graduação e pós-graduação no Brasil (e na Alemanha, no caso de parte da pesquisa de pós-doutoramento que realizei no Instituto Max Weber de Sociologia, da Universidade de Heidelberg), me permite afirmar que essa narrativa de Olavo de Carvalho (2014) é bastante problemática e exagerada, sendo exatamente esse exagero que sugere um certo pânico ao Estado e uma supervalorização do mercado, ainda que garantindo certa conservação de uma ordem amparada nos valores cristãos, ocidentais, patriarcais, hetorossexuais, etc. Inclusive é importante destacar que, quando esse autor publicou a primeira edição desse seu livro *A nova era e a revolução cultural*, em 1994, outros autores brasileiros da própria esquerda também já apontavam críticas contundentes tanto ao governo Lula quanto à postura do Partido dos Trabalhadores - PT diante das adequações às demandas neoliberais, conforme mostrou Paulo Eduardo Arantes em seu livro intitulado *Zero à esquerda*, publicado em 2004.[67]

> Aqui entramos nós. O risco país diminui, o dólar recua, a inflação desacelera e até já viramos "a estrela dos emergentes no pós-guerra" e contudo é bem provável que um historiador do futuro intitule o capítulo referente ao período inaugurado pelo triunfo eleitoral do maior partido de esquerda do ocidente, Crônica de um suicídio. No primeiro mês de governo, não por acaso, falou-se muito em esquizofrenia a propósito do desencontro sabido: discurso enfático à esquerda, e muita energia no encaminhamento de políticas ortodoxas. Quatro

---

65 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

66 É importante destacar que no final da edição de 2014 de sua obra *A nova era e a revolução cultural*, Olavo de Carvalho apresenta uma entrevista em que mostra o declínio do pensamento da suposta esquerda e do que chama de gramscismo nos espaços acadêmicos do Brasil contemporâneo. *Ibidem*.

67 ARANTES, Paulo E. **Zero à esquerda**. São Paulo: Ed. Conrad, 2004

> meses depois, a mudança de rota assumiu proporções tais que já não é mais possível recusar a hipótese da autodestruição, nos termos enunciados acima – menos um trivial tiro no pé (esquerdo) em matéria de política econômica, do que uma fulminante conversão à lógica mortal da crise. Não vou, nem poderia, discutir alternativas macro-econômicas, nem chorar o leite derramado, toda a tradição crítica brasileira e latino-americana descartada sem maiores considerações. Creio todavia que também interessa, e muito, identificar a natureza da mutação quase antropológica em curso, a continuidade por assim dizer "espiritual" lograda por um sistema de dominação social tão acachapante que pode se dar ao luxo de se perpetuar entregando o comando primeiro a um sociólogo acometido de apoteose mental, depois a um líder sindical generosamente empenhado em levar todas as classes sócias à mesa da comunhão nacional. Tampouco explica muita coisa observar que o próprio Partido dos Trabalhadores já vinha entregando os pontos há um bom tempo. Pelo contrário, apesar de todos os pesares, durante a campanha o show de vileza e terror econômico em que se esmerou a direita prestou inestimável favor de revelar o irreconciliável inimigo de classe num adversário eleitoral que apenas vendia paz-e-amor e outras amenidades. A memória recente deste antagonismo só fez aumentar a estupefação provocada pela retomada da agenda falida do período anterior e seu cortejo de racionalizações mambembes. Não é falso afirmar que a lógica da situação finalmente se impôs e que beijando a cruz – primeiro na Carta aos Brasileiros, em seguida endossando o acordo com o FMI, Lula teria selado o seu destino. Também não é fácil alegar a herança de um país arruinado para além da imaginação. Como deve ter pesado igualmente a percepção de que a eleição foi ganha um pouco por acaso e no centro do espectro político, onde reinam os temores de uma classe média tão conservadora quanto sua congênere Argentina, que aliás se prepara para cometer um segundo suicídio, tomada pela mesma certeza paralisante de que qualquer mudança será sempre para pior. A essa visão se somaria outra não menos verdadeira, de que tal imaginário congelado contagiaria amplos setores das camadas populares.[68]

Desse modo, creio que um dos principais problemas apresentados tanto pelos representantes das esquerdas quanto das novíssimas direitas brasileiras, seja o desconhecimento de leituras que escapem as suas visões de mundo e, portanto, às suas perspectivas políticas, ou seja, marxistas não lêem autores (neo)liberais, liberais-conservadores, conservadores, anarcocapitalistas e monarquistas, e vice-versa. Além disso, também é importante realçar que os representantes dos partidos brasileiros que se reconhecem tanto como de esquerda quanto de

68 ARANTES, Paulo E. **Zero à esquerda**... *Op. cit.*, p. 302 et. seq.

direita geralmente não possuem os seus projetos de lei baseados em diagnósticos acerca dos impactos sociais e ambientais, preocupando-se com questões de cunho utilitário, prestando atenção somente nos ganhos do ponto de vista econômico e eleitoral, conforme podemos verificar na pesquisa desenvolvida pela professora de ciência política da London School of Economics – LSE, Flávia Donadelli,[69] que avaliou as mudanças nas políticas ambientais brasileiras em três áreas específicas: o código florestal, a lei de acesso a recursos genéticos e as mudanças nas regras de importação de pesticidas e agrotóxicos.

Não obstante, a análise realizada pela pesquisadora acerca dessas áreas estudadas revela a existência de uma quantidade considerável de pesquisas científicas qualificadas que são realizadas nos Brasil por biólogos, ecólogos, médicos, físicos e químicos que teriam muito a dizer sobre esses assuntos técnicos, mas que não são consultados em decorrência exclusivamente de interesses econômicos e eleitorais. Portanto, eles produzem diversos estudos sobre as regulações e seus impactos, mas raramente são ouvidos.

As novíssimas direitas brasileiras e o marxismo cultural

Ao constatar que a difusão de discursos persecutórios proferidos contra as esquerdas ou demais movimentos progressistas dissidentes dos posicionamentos situados à direita se deu a partir da utilização do dispositivo marxismo cultural através de narrativas compartilhadas pelos tributários das vertentes conservadoras, liberais-conservadoras, liberais, anarcocapitalistas e até monarquistas produzidos por Olavo de Carvalho acerca do processo de redemocratização do Brasil,[70] é possível verificar a necessidade de uma análise mais sofisticada, uma vez que localiza-se uma diversidade de reverberações em canais do *youtube*, a exemplo do vídeo que será analisado nesse texto, em que uma das figuras mais militantes e significativas das novíssimas direitas brasileiras contemporâneas, Flávio Rocha, proprietário das lojas Riachuelo e criador do movimento de empresários chamado de Brasil 200, é entrevistado e como ele apresenta os seus pontos de vista tanto sobre o mercado quanto sobre o declínio e/ou suposto fim das tradições marxistas, assim como o presumido problema

69 Cf. POLÍTICOS brasileiros ignoram cientistas e pesquisas, diz estudo. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2017/10/1926646-politicos-brasileiros-ignoram-cientistas-e-pesquisas-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 22 jan. 2018.

70 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

que o Estado gera no controle social formal, sobretudo, referente às empresas e suas taxações, além de apresentar equívocos históricos e simplificações conceituais – ou mesmo *fake news*[71] e até elementos da chamada *pós-verdade,*[72] conforme apresentarei no decorrer deste texto.

Logo no primeiro minuto da entrevista, Flávio Rocha se questiona sobre que Brasil queremos para 2022. E, segundo ele, são possíveis distintos cenários tanto à esquerda quanto à direita, que podem ser completamente opostos. No primeiro caso, ou seja, naquele que se refere à esquerda, ele associa o projeto de país à Venezuela, como se os tributários dos pensamentos à esquerda tivessem de forma uníssona aquele país como um projeto de governo (algo utilizado de maneira simplista e provavelmente de forma ingênua ou por pura má fé); enquanto que no segundo, ele diz que "pode ser uma país muito mais próximo dos nossos sonhos".

Contudo, o principal problema apresentado por Flávio Rocha se dá pela espécie de caricaturização que ele faz daquilo que chama de esquerda, uma leitura tipicamente paranóica e persecutória fundamentada em uma interpretação ainda mais simplificada do que aquela trazida por Olavo de Carvalho,[73] embora se fundamente nele, estabelecendo nos regimes totalitários a compreensão do que seria essa "esquerda", ou como se ela só existisse nesses moldes e como se só houvesse uma única estratégia para pôr em prática esse suposto projeto socialista e/ou comunista, tratado equivocadamente pelo autor, como se toda a esquerda existente no Brasil fosse tributária da tradição gramsciana, o que seria um enorme equívoco, embora o seu peso tenha sido considerável no campo acadêmico das ciências humanas brasileira na segunda metade do século XX.

> Esse efeito foi longamente desejado e meticulosamente preparado pela mais hábil e talentosa geração de intelectuais ativistas já nascida neste país. A geração que, derrotada pela ditadura militar, abandonou os sonhos de chegar ao poder pela luta armada e se dedicou, em silêncio, a uma revisão de sua estratégia, à luz dos ensinamentos de Antonio Gramsci. O

71 Cf. O mundo governado por mentiras das 'fake news' abre ciclo de debates FAAP-EL PAÍS. **El País**, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/30/politica/1493559929_642710.html>. Acesso em: 06 mar. 2018.

72 Cf. FÁBIO, André Cabette. O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. **Nexo**, 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acesso em: 06 mar. 2018.

73 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

> que Gramsci lhe ensinou foi abdicar do radicalismo ostensivo para ampliar a margem de alianças; foi renunciar à pureza dos esquemas ideológicos aparentes para ganhar eficácia na arte de aliciar e comprometer; foi recuar do combate político direto para a zona mais profunda da sabotagem psicológica. Com Gramsci ela aprendeu que uma revolução da mente deve preceder a uma revolução política; que é mais importante solapar as bases morais e culturais do adversário do que ganhar votos; que um colaborador inconsciente e sem compromisso, de cujas ações o partido jamais possa ser responsabilizado, vale mais que mil militantes inscritos. Com Gramsci ela aprendeu uma estratégia tão vasta em sua abrangência, tão sutil em seus meios, tão complexa e quase contraditória em sua pluralidade simultânea de canais de ação, que é praticamente impossível o adversário mesmo não acabar colaborando com ela de algum modo, tecendo como profetizou Lênin, a corda com o que será enforcado. A conversão formal ou informal, consciente ou inconsciente da intelectualidade de esquerda à estratégia de Antonio Gramsci é o fato mais relevante da História nacional dos últimos trinta anos.[74]

É importante esclarecer que, embora se possa sugerir que boa parte das esquerdas nacionais sejam de alguma forma simpáticas e/ou tributárias da tradição gramsciana (o que provavelmente seria um enorme equívoco nos dias de hoje, sendo que para desenvolver esse tipo de análise demandaria uma pesquisa abarcando principalmente a utilização de métodos precisos de análise), Olavo de Carvalho ainda argumenta que o processo de redemocratização do Brasil, decorrente da implementação da Constituição Federal brasileira de 1988, foi estabelecida a partir de diretrizes esquerdistas que, inclusive contou com o apoio dos militares,[75] o que permitiu certa confusão sobre o entendimento acerca de questões como a justiça equitativa,[76] social democracia e ordoliberalismo. Isso se deve porque o autor mencionado supõe que a defesa de direitos sociais, políticos, civis e econômicos seria uma estratégia de esquerda, e, portanto, uma verdade inquestionável produzida pelos tributários de Gramsci, já que ela abarcaria de sociais-democratas até mesmo comunistas e anarquistas.

> O gramscismo propõe uma revolução cultural que subverta todos os critérios admitidos do conhecimento, instaurando em seu lugar um “historicismo absoluto”, no qual a função da inteligência e da cultura não seja captar a verdade objetiva, mas

---

74 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*, p. 22 *et. seq.*

75 Cf. *Ibidem*; OLAVO de Carvalho. Analfanpófios. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ejk315PiAI>. Acesso em: 05 jun. 2019.

76 Cf. RAWLS, John. **Justiça como equidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

> apenas "expressar" a crença coletiva, colocada assim fora e acima da distinção entre o verdadeiro e o falso.[77]

Essa construção argumentativa trazida pelo autor apresenta-se problemática porque desde que Nietzsche apresentou o seu livro *Genealogia da moral*, foi possível reconhecer que a busca por uma suposta verdade absoluta deve ser entendida de um ponto de vista agonístico,[78] ou seja, pensado em termos de forças que se conflituam buscando se afirmar como verdades. É dessa forma que o autor tratará da produção da verdade, procurando não uma "história da verdade" – conforme foi apresentada por Olavo de Carvalho a partir de sua História com "H" maiúsculo e,[79] portanto, universal -, mas uma "história efetiva", tratando das forças que reivindicam se afirmarem enquanto verdade.

Também é importante mencionar que a leitura realizada pelo autor acerca do que entende por esquerda, tratada equivocadamente no singular, acaba relacionando com a suposta intensificação de conflitos trazidos pelos "esquerdistas", enquanto que a direita se coloca como tributária da defesa de certa "unidade orgânica entre a parte e o todo",[80] ou seja, diante desta perspectiva apresentada por parte do pensamento das novíssimas direitas, enquanto elas visam a pacificação, a esquerda supostamente procuraria a desordem. Assim, a crítica tecida pelo autor acerca do patriarcado será localizada não em Gramsci – já que, segundo ele, o gramscismo entrou em declínio na medida em que ascendeu a chamada "nova era", através do I Ching -, mas por Frijof Capra, conforme segue abaixo:

> o patriarcado consiste, segundo o Sr. Capra, num complexo de três elementos: o primeiro, o domínio do homem sobre a mulher; segundo, o domínio da espécie humana sobre a natureza; terceiro, o predomínio da razão (faculdade masculina) sobre a intuição (feminina). São três lados de um fenômeno único, que o Sr. Capra resume como supremacia *yang* sobre o *yin*. É, como se vê, um tipo especial de patriarcado, bem diferente daquele que podemos encontrar nos livros de história e sociologia. Pois estes, nos dizem que o aumento do poderio técnico sobre a natureza abalou o regime de propriedade rural no qual estava o patriarcado; e que o advento do Império da Razão, trazido pela Revolução Francesa, promoveu logo em seguida a igualdade

---

77 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*, p. 38.

78 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

79 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

80 *Ibidem*, p. 16.

> de direitos para homens e mulheres, desferindo o golpe de misericórdia na autoridade do *pater famílias*. Em suma, que das três coisas que o Sr. Capra reúne sob o rótulo de "patriarcado", duas são precisamente o contrário.[81]

Provavelmente a falta de leitura de alguns textos contemporâneos fundamentais, sobretudo, na área da antropologia social, acabou prejudicando as pretensas análises de Olavo de Carvalho que geralmente são caracterizadas tanto por simplificações interpretativas quanto por problemas epistemológicos, conforme mostrarei adiante. O fato de não ter frequentado e concluído formalmente um curso de graduação em filosofia ou de qualquer outra área das ciências humanas, não tendo professores universitários qualificados que pudessem ajudá-lo a resolver alguns problemas interpretativos acerca de suas leituras, possivelmente o fez supervalorizar certos elementos em seus diagnósticos (a exemplo da supervalorização atribuída à Capra e Gramsci), na medida em que negligenciou outros aspectos relevantes, que só o permite enxergar a realidade com a lente dos seus valores ocidentais e cristãos, reproduzindo aquilo que tem sido chamado na antropologia social há mais de um século de "etnocentrismo".[82]

> Não só a separação entre os povos e países, mas também entre as classes sociais, entre os gêneros e entre as "raças", é construída e passa a ter extraordinária eficácia prática precisamente por seu conteúdo aparentemente óbvio e nunca refletido. Afinal, as classes superiores são as classes do espírito, do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular, que aproxima dos animais. O homem é percebido como espírito, em oposição às mulheres definidas como afeto. Daí a divisão sexual do trabalho, que relega as mulheres ao trabalho invisibilizado e desvalorizado na casa e no cuidado dos filhos. Nós não refletimos nunca acerca dessas hierarquias, assim como não refletimos sobre o fato de respirar. É isto o que fazem tão poderosas: elas se tornam naturalizadas. Esquecemos que tudo que foi criado por seres humanos também pode ser refeito por nós. Como não percebemos essas hierarquias, elas mandam em nós todos de modo absoluto e silencioso. O fato de não as percebermos facilita enormemente seu efeito perverso. No caso das mulheres, das quinhentas maiores empresas do mundo, 492 são dirigidas por homens. De algum modo, essa hierarquia perversa está na cabeça também dos que escolhem os CEOs das grandes empresas, fazendo com que os homens sejam maioria esmagadora. Se essa hierarquia moral é invisível

81 *Ibidem*, p. 32.

82 Cf. LARAIA, Roque de B. **Cultura:** Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001; LÉVI-STRAUSS, Claude. **Os pensadores**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1985.

> para nós, seus efeitos, ao contrário, são muitíssimo visíveis. O mesmo esquema possibilita que o branco se oponha ao negro como superior também pré-reflexivamente.[83]

O problema desse tipo de discurso etnocêntrico - que se apresenta sob várias roupagens como o ocidentalismo, eurocentrismo, machismo, patriarcalismo, homofobia e, sobretudo, o racismo entendido a partir daquilo que Foucault chamou de "racismo de Estado" -[84] apresentado por Olavo de Carvalho e os seus intérpretes -[85] é que ele não apenas é constituído por meio de uma perspectiva cultural situada em certa tradição da antropologia evolucionista amparada no pensamento de Edward Tyler que foi historicamente questionada pelos antropólogos que o sucederam, como também se apresenta de um ponto de vista identitário, em que é não apenas pela diferença que se produz a identidade, como é por meio da diferença que o Outro será tratado com suspeita e, no limite, como inimigo, configurando, portanto, aquilo que Jason Stanley chamou de política do "nós" e "eles", justamente o que caracteriza aquilo que o autor entende por política fascista.[86]

> No mundo inteiro agora, vemos movimentos de extrema direita atacando as universidades pela disseminação do "marxismo" e do "feminismo", deixando de dar um lugar central aos valores da extrema direita. Mesmo nos Estados Unidos, berço do maior sistema universitário do mundo, vemos ataques ao melhor estilo Leste Europeu nas universidades. Os protestos estudantis são deturpados na imprensa e apresentados como tumultos de multidões indisciplinadas, ameaças à ordem civil. Na política fascista, as universidades são degradadas em discursos públicos, e os acadêmicos são ignorados como fontes legítimas de conhecimento e expertise, sendo representados como "marxistas" ou "feministas" radicais que estariam espalhando um plano ideológico esquerdista sob disfarce de pesquisa. Ao rebaixar as instituições de ensino superior e empobrecer nosso vocabulário comum para discutir políticas, a política fascista reduz o debate a um conflito ideológico. Por meio dessas estratégias, a política fascista degrada os espaços de informação, obliterando a realidade.[87]

Essa abordagem interpretativa utilitária do "nós" e "eles", fundamentada na crença que estabelece o ocidente e seus valores

---

83 SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão â Lava-Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017, p. 21 *et. seq*.

84 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

85 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

86 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., p. 65.

87 *Ibidem*, p. 65.

conservadores como a face progresso que deverá ser seguido pelos demais países do planeta na medida em que as demais sociedades e suas distintas formas societais desaparecerão, acaba condicionando não apenas uma hierarquia e um processo de subalternização de certos sujeitos historicamente perseguidos, como também produz a ausência de um sentido mais crítico sobre os impactos sociais e, sobretudo, ambientais decorrentes da crença do sucesso do capitalismo financeiro apresentado pela racionalidade neoliberal contemporânea. Contudo, é importante situar, a partir de Descola, em que contexto histórico emerge essa razão científica e etnocêntrica.[88]

> Foi a partir do final do século XVIII e, sobretudo, no século XIX que os europeus e os norte-americanos começaram de fato a formular a questão em termos científicos, realizando pesquisas sistemáticas em todas as regiões do mundo e fazendo o inventário das maneiras de viver. Nessa época, a questão da diversidade cultural era explicada por meio de ritmos de evolução distintos: os povos então chamados de "primitivos", para evidenciar sua proximidade com os primeiros tempos da humanidade, eram tidos por poucos evoluídos em comparação aos europeus, que se julgavam no mais alto nível da escala de evolução em termos de progresso. Porém, quando raciocinamos assim, supomos que o estado atual em que nos encontramos é o produto de uma evolução contínua, ao passo que outros povos, os aborígenes australianos, por exemplo, não teriam evoluído. Ora os aborígenes australianos têm 50 mil anos de história, só que a história deles é diferente da nossa. E dessa história, que não pode ser medida pelos nossos critérios, sabemos muito pouco por falta de documentos escritos. A arqueologia nos permite saber como e quando a Austrália foi povoada, o estudo das línguas nos permite reconstruir rotas de difusão, mas quase nada sabemos sobre o que aconteceu ao longo desses 50 mil anos. Apesar disso, durante esse longo período, os aborígenes inventaram instituições originais; por exemplo, sistemas de casamento tão incrivelmente complicados que necessitamos de ferramentas matemáticas complexas para modelizá-los. Só não inventaram instituições ou objetos comparáveis aos nossos. Não criaram estados, tribunais ou automóveis. E, na medida em que nos parecem ser o resultado ou o ápice da evolução, não conseguimos conceber que os aborígenes australianos também tenham conhecido uma longa evolução. É por isso que os europeus se perguntam por que eles próprios, e não os outros, haviam evoluído. Ora, os outros também evoluíram, só que de outra maneira.[89]

---

88 Cf. DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

89 *Ibidem*, p. 38 *et. seq*.

A produção desse discurso fundamentado na defesa do domínio dos valores ocidentais sob as demais sociedades através de uma perspectiva hierárquica mascarada por um suposto cientificismo douto - que, segundo Caillé está baseado em certa concepção utilitária operada tanto pelo Estado quanto pelo mercado -[90] é localizada não apenas nos textos e vídeos difundidos por Olavo de Carvalho que possui um alcance nacional,[91] como também podemos encontrar essa hierarquização nos escritos do professor da Universidade de Harvard, Samuel Huntington, em que afirma que "o ocidente é a única civilização que tem interesses substanciais em todas as outras civilizações ou regiões e tem capacidade de afetar a política, a economia e a segurança de todas as outras civilizações ou regiões".[92]

Contudo, mesmo diante da leitura etnocêntrica trazida tanto por Carvalho quanto por Huntington,[93] hoje vemos emergir novas perspectivas epistemológicas que questionam a dominação desse tipo de racionalidade eurocêntrica construída a partir de uma concepção utilitária que vê em tudo uma potencialidade de mercantilização, tanto à direita, com o neoliberalismo, quanto à esquerda, com o desenvolvimentismo. Foi exatamente a partir desta perspectiva micropolítica operada no campo da produção de subjetividades que Rolnik passou a designar esse inconsciente dominante na cultura ocidental de "regime colonial-capitalístico".[94]

> Se passei a designar por "colonial-capitalístico" o regime de inconsciente dominante na cultura ocidental, é porque eu não queria que se entendesse o termo colonial literalmente – ou seja, restrito à operação por meio da qual a Europa Ocidental colonizou parte do planeta a partir do século XVI. Era importante marcar que o capitalismo nasce junto com a operação e é dela inseparável. Nesse sentido, a colonização nunca parou, apenas foram mudando suas formas, dinâmicas e procedimentos, junto com as mudanças do regime capitalista. Em sua versão financeirizada, o capitalismo vem logrando expandir seu projeto colonial a ponto de englobar o conjunto do planeta. Assim,

90 Cf. CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom**... *Op. cit*.

91 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

92 HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Ed. Objetivo, 1996, p. 97.

93 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**... *Op. cit*.

94 Cf ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**... *Op. cit*.

> chamar de "colonial-capitalístico" o regime do inconsciente que nos orienta na contemporaneidade é dar nome aos bois. Há uma ressonância entre essa ideia e a proposta de Guattari de substituir o termo globalização por "Capitalismo Mundial Integrado (CMI) já em 1980, quando o neoliberalismo apenas se instalava. É que, para ele, o termo "globalização encobre dois sentidos essenciais do fenômeno que ele nomeia: de um lado, o fato de que este fenômeno é fundamentalmente econômico e, mais especificamente capitalista e, de outro, sua dimensão colonizadora, já que hoje não há mais atividade humana alguma no planeta que lhe escape. De fato, como um tsunami, em sua versão neoliberal, a política do desejo colonial-capitalística se espalha por toda a parte, inundando tudo com uma velocidade e uma força descontroladas. Do ponto de vista micropolítico, é portanto com base na desconexão com o saber-do-corpo que se dá essa instalação mundial do capitalismo financeirizado. No lugar das narrativas singulares, variadas e variáveis que seriam criadas a partir de desse saber, impõe-se a todos um discurso único, que Laymert Garcia dos Santos chama muito apropriadamente de "ocidêntico".[95]

Em meio a esse diagnóstico trazido por diferentes tradições do pensamento social, vemos emergir distintas epistemologias, que de certa forma foram e são subalternizadas, tendo em vista o peso da tradição judaico-cristã, iluminista e moderna do ocidente, inclusive no hemisfério sul, em que vimos ascender não apenas o pós-colonialismo, que de alguma forma incorpora a suposta noção "esquerdista" de classe subalterna trazida por Gramsci,[96] conforme questionaria Olavo de Carvalho,[97] mas também as teses decoloniais, que partem de uma outra perspectiva questionadora acerca dessas concepções utilitárias tratadas a partir de certo senso comum douto decorrente de uma caricaturização em termos estadocêntricos ou mercadocêntricos.

Para Martins,[98] as teses decoloniais constituem a reação contrahegemônica que reúne muitos críticos do neoliberalismo. Para tais críticos, a passagem dos pólos centro e periferia, antes considerados realidades históricas substantivas, contribuiu para a emergência da produção de outras narrativas a respeito da colonialidade, em particular a releitura dos imaginários do centro e da periferia como norte global

95 Cf ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**... *Op. cit*., p. 23 *et. seq*.

96 Cf. GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 5. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

97 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

98 MARTINS, Paulo Henrique. **La decolonialidad de América Latina y la heterotopía de una comunidad de destino solidaria**. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2012, p. 38.

e sul global. Assim, essa reconceituação de matriz dualista colonial realizada a partir da crítica decolonial não é apenas uma espaço formal, é um local que possibilita um aspecto crítico e interdisciplinar muito importante: a ruptura com o eurocentrismo como fonte hegemônica de produção de saberes sobre o mundo e o surgimento tanto de uma variedade de novos campos de saberes como de movimentos sociais capitaneados por grupos subalternizados nessas regiões. Desse modo, esses grupos emergentes se mostram extremamente preocupados com os efeitos dessa economia utilitária, que ao pensar em termos exclusivamente disciplinares, acaba deixando de lado os efeitos ecocídas encontrados na nossa atual era geológica chamada de antropoceno, decorrente do incentivo ao consumo,[99] que negligencia o esgotamento dos recursos naturais planetários.

No entanto, antes de ponderarmos sobre as fragilidades daquelas epistemologias que reiteram essa construção de saberes hierarquizados decorrentes de grande parte das tradições teóricas europeias e estadunidenses, é importante verificar a diferença entre cosmologia e ciência, conforme mostrou Descola,[100] sobretudo, no que se refere à imposição de certos valores como verdadeiros e outros como falsos ou desqualificados do ponto de vista de determinados saberes que escapam à certa legitimidade científica.

> Eu não ponho a ciência em dúvida, eu mesmo sou cientista. Acredito que o que faço respeite as regras do método científico, e o que eu digo não é, portanto, um julgamento de ciência. Mas acredito também que muitas vezes confundimos ciência com o que chamamos, em termos científicos, de cosmologia. De que se trata? Trata-se simplesmente da visão de mundo, da maneira como pensamos que nosso mundo está organizado. Quando afirmamos que o mundo se compõe de entidades naturais, de humanos e de objetos artificiais, enunciamos os princípios de uma cosmologia particular, isto é, da nossa. Outros povos não estabelecem tais distinções e veem o mundo segundo outras cosmologias. Nossa cosmologia tornou possível a ciência, mas é preciso entender que essa cosmologia não é em si mesma o produto de uma atividade científica. Ela é uma maneira de distribuir as entidades do mundo, ela é fruto de uma certa época, que permitiu que as ciências se desenvolvessem. Mas é preciso admitir que ela não é universal. Nós podemos muito bem imaginar outras maneiras de viver e de ver o mundo com o concurso das ciências. Foi inclusive graças às ciências que tomamos consciência dos efeitos dramáticos do aquecimento

---

99 MISES, Ludwig von. **As seis lições**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2009.

100 DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit*.

> global, graças aos glaciologistas, climatologistas, geólogos e matemáticos que produzem modelos. A ciência nos permite compreender qual é o estado de um sistema, no caso o mundo, num determinado momento, quais são as previsões sobre os estados futuros deste sistema em prazo mais ou menos longo e como fazer para modificar esses estados, se necessário.[101]

Deste modo, o avanço do giro epistemológico trazido por distintas perspectivas teóricas, dentre elas a tradição decolonial, passou a se desenvolver neste momento de modo importante e simultaneamente em vários continentes – América, Europa, África, Ásia e também em diferentes países considerados colonizadores como a França e Itália, dentre outros,[102] conforme mostrou Martins.[103] O autor ainda argumenta que a ideia de globalização planetária pode logo ser interpretada a partir de um entendimento contrário a ideologia da uniformização global.

Entretanto, é por meio desta vertente decolonial e antiutilitária que se torna possível conceber outra base epistemológica da globalização que passa a rechaçar o caráter hierárquico da dualidade centro-periferia (o centro superior e a periferia inferior), buscando revalorizar outras possibilidades interpretativas acerca das interações humanas. Contudo, essa interpretação nega a ideia neoliberal do fim da colonialidade e afirma a existência de uma nova colonialidade que não anula sua crítica e sua contestação. Pois, para esta corrente decolonial o avanço da recolonização planetária atual busca conter o capitalismo econômico, financeiro e informal, bem como os seus impactos produzidos pela governamentalidade algorítmica.

Ainda segundo Martins, a crítica decolonial considera que as margens do sistema mundo constituem um conjunto de possibilidades para pensar alternativamente a modernidade eurocêntrica com valoração de práticas associativas também no campo da economia,[104]

101 DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit*., p. 47 *et. seq*.

102 Alguns exemplos sobre a literatura decolonial pode ser encontrado em: QUIJANO, A. **El fantasma del desarollo en America Latina y algunos de sus principales problemas**. México: Fondo de Cultura, 2000; LANDER, E. **La colonialidad del saber:** *Eurocentrismo y ciências sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Ed. CLACSO, 2003; CAIRO, H.; GROSFOGUEL, R. **Descolonizar la modernidade, descolonizar Europa:** *Un diálogo Europa-América Latina*. Madrid: Ed. IEPALA, 2010; MARTINS, P.H.; SCHERER-WARREN, I. *Des-colonialidad y giros epistemológicos*. **Estudos de Sociologia**, v. 16, n. 02, 2010; RESTREPO, G. *Economía, crematística y ecosofia*. **Estudos de Sociologia**, v. 16, n. 02, 2010.

103 MARTINS, Paulo Henrique. **La decolonialidad de América Latina y la heterotopía de una comunidad de destino solidaria**... *Op. cit*., p. 38.

104 *Ibidem*.

mas a partir de outras premissas como, por exemplo, a economia solidária e demais economias alternativas que operem a partir de outros capitais para além do econômico, decorrentes de possíveis experiências de democracia participativa e radical, justiça plural, revalorização das tradições e memórias dos povos tradicionais, enfim, pensar que é possível tratar do mundo para além das concepções utilitárias que operam como fundamento planetário tanto à esquerda quanto à direita. Não obstante, é importante destacar que, mesmo no interior dos debates sobre a decolonialidade, existem aqueles que se posicionam à esquerda, assim como há aqueles que se situam a partir de uma aproximação das tradições anarquistas e pós-estruturalistas, sobretudo, a partir daquilo que Foucault chamou de saberes sujeitados.[105]

> Por "saberes sujeitados", acho que se deve entender outra coisa e, em certo sentido, uma coisa totalmente diferente. Por "saberes sujeitados", eu entendo igualmente toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo, desses saberes não qualificados, desses saberes desqualificados mesmo, foi pelo reaparecimento desses saberes: o do psiquiatrizado, o do doente, o do enfermeiro, o do médico, mas paralelo e marginal em comparação com o saber médico, o saber do delinquente, etc. – esse saber que denominarei, se quiserem, o "saber das pessoas"(e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam) -, foi pelo reaparecimento desses saberes locais das pessoas, desses saberes desqualificados, que foi feita à crítica.[106]

Ao ponderarmos, por exemplo, tanto sobre quem poderia praticar a acupuntura quanto acerca dos discursos mais frequentes sobre a eficácia dessa terapêutica há vinte anos atrás no Brasil, é possível compreender o processo de violência institucional que os adeptos desse método terapêutico foram submetidos diante dos discursos proferidos pelo corporativismo médico. Esses profissionais da saúde que questionavam não apenas a eficácia da acupuntura, como também os riscos de sua aplicação, paulatinamente deixaram de rejeitar tal método,

105 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

106 *Ibidem*, p. 8 *et. seq*.

passando a argumentar que somente os médicos teriam capacidade de praticar essa modalidade terapêutica oriental.

Ou seja, todo aquele saber milenar que atravessou a história baseada em uma cultura bastante particular que, mesmo tendo sido alterada discretamente pelo tempo, continuou tratando não apenas do funcionamento do corpo, mas também da mente por meio de processos terapêuticos, passou por um contexto agonístico não tendo sido reconhecido legitimamente e até mesmo legalmente, entendido, portanto, a partir do que Hill chamou de "medicina paralela",[107] sendo inicialmente desqualificado pela medicina moderna, positivista, etnocêntrica, caracterizada, sobretudo, por um discurso científico de caráter mercantil e valores eurocêntricos.

> No Brasil, a prática da MTC se iniciou com a vinda dos primeiros imigrantes chineses para o Rio de Janeiro, em 1810. Em 1908, os imigrantes japoneses inseriram a acupuntura japonesa, embora restrita à colônia. Em 1958, Friedrich Spaeth, fisioterapeuta, considerado responsável pela difusão da acupuntura na sociedade brasileira na década de 1950, começou a ensinar esta prática milenar no Rio de Janeiro e em São Paulo e, em 1972, foi fundada a Associação Brasileira de Acupuntura (ABA). A tentativa de estabelecimento da acupuntura no Brasil foi marcada principalmente pelo repúdio da classe médica; em decorrência disto, a introdução e o desenvolvimento inicial desta prática milenar foram realizados por profissionais de outras áreas. Nesta perspectiva, a acupuntura passou por um período caracterizado pela marginalização antes que ocorresse sua efetiva aceitação pela classe médica.[108]

O livro de Ann Hil intitulado *Guia de las medicinas paralelas: Todos los sistemas de curación natural* é uma dentre várias publicações desse tipo que circulam mundo afora, que procura apresentar a diversidade de potencialidades terapêuticas utilizadas em diferentes culturas e em diversificados momentos históricos.[109] Dentre as concepções globais, a autora apresenta a medicina oriental, a medicina ayurvédica, homeopatia e medicina antroposófica. Já em relação aos métodos de diagnosis, a autora mostra a diagnosis oriental, da íris, da

---

107 Cf. HILL, Ann. **Guia de las medicinas paralelas:** *todos los sistemas de curación natural*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1982.

108 ROCHA, S. P.; BENEDETTO, M. A. C.; FERNANDEZ, F. H. B.; GALLIAN, D. M. C. A trajetória da introdução e regulamentação da acupuntura no Brasil: memórias de desafios e lutas. **Revista Ciência & Saúde Coletiva:** revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. v. 20, n. 1, p. 156, 2015.

109 Cf. HILL, Ann. **Guia de las medicinas paralelas**... *Op. cit*.

língua, cionesiologia aplicada, diagnosis psíquica, da aura, fotografia kirlian, biorritmos, teste cromático de Lüscher. Ainda divide as terapias em físicas, herbárias, hidroterapia, nutrição, ondas de radiações e vibrações, terapias mentais e espirituais, assim como terapias de exercícios pessoais. No caso desse livro, em especial, a acupuntura foi analisada como parte das terapias meridianas, ao lado da reflexologia, shiatsu e moxabustão.

Ao ponderar sobre as análises trazidas por Olavo de Carvalho,[110] provavelmente todos esses saberes poderiam ser questionados, caso fossem aproximados do I Ching e, sobretudo, da influência oriental trazida por Capra que supostamente comprometeria o ocidente, porque retoricamente ele desconsidera certos saberes em detrimento de outros, produzindo interpretações que tomam os seus valores e comportamentos como os únicos corretos e os demais se tornam alvos que devem ser combatidos, justamente porque ameaçam o que ele entende por civilização. Entretanto, esse fenômeno amparado na *pós-verdade* ou mesmo na *autoverdade* não é produzido apenas por Olavo de Carvalho, mas também por seus leitores e seguidores.

Assim, a visão de mundo produzida por Olavo de Carvalho se fundamenta em uma leitura não apenas que desqualifica a ciência moderna,[111] principalmente o campo das ciências humanas, mas que também desconsidera todos esses saberes sujeitados a partir de uma perspectiva cosmológica amparada em um suposto e pretenso cientificismo douto – que não alcança nem mesmo uma abordagem cunhada no cientificismo positivista - amparado no discurso de legitimidade forjado justamente por uma forma de produzir conhecimento um tanto quanto limitada e que hoje está sendo colocada em xeque, tendo em vista que os interesses econômicos acabam por determinar aquelas supostas verdades que se apresentam cientificamente.

Isso, inclusive, pode ser constatado não apenas nos eventos das áreas da saúde, a exemplo dos congressos brasileiros de nutrologia que são patrocinados e financiados por empresas que produzem produtos maléficos à saúde humana,[112] a exemplo da Herbalife,[113] como

---

110 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

111 Cf. *Ibidem*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

112 Cf. XXI Congresso Brasileiro de Nutrologia. **Abran**, 2017. Disponível em: <http://www.abran.org.br/essencea/admeventos/admcj/congresso2017/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

113 Eliav publicou em 2012 uma pesquisa no *Journal of Hepatology*, revista científica européia bastante conceituada na área, mostrando que os produtos da Herbalife, uma das marcas mais

a produção de pesquisas científicas também tem sido patrocinada desde o século XIX por empresas privadas, visando "comprovar" o que bem quiserem, conforme mostrou Robin em seu livro e também documentário intitulado *O mundo segundo a Monsanto*.[114]

O mais curioso é que mesmo diante de inúmeras pesquisas científicas realizadas em diversos países, inclusive no Brasil - basta ver, por exemplo, os dados apresentados pelo dossiê organizado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva -ABRASCO em parceria com o Ministério da Saúde e Fundação Osvaldo Cruz - FIOCRUZ, intitulado *Dossiê ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde* -[115], ainda existem grupos que defendem veementemente o uso indiscriminado de agrotóxicos e, portanto, os interesses desse mercado independente dos seus impactos na saúde humana, dos animais e mesmo do planeta.

Um exemplo disso foi o vídeo publicado pelo Movimento Brasil Livre – MBL e apresentado por Kim Kataguri que, mesmo diante de fatos comprovados pela comunidade científica, tanto pela ciências positivas da saúde quanto por perspectivas mais críticas a partir de outros campos do saber, ainda insiste de maneira irresponsável em não reconhecer os prejuízos causados à saúde humana em decorrência do uso de agrotóxicos,[116] conforme podemos verificar nitidamente através dos estudos de Robin,[117] como também podemos encontramos na seguinte passagem extraída do dossiê mencionado:

> mesmo que alguns dos IAs possam – com base em seus efeitos agudos – ser classificados como medianamente ou pouco tóxicos,

conhecidas de suplementos alimentares, foram objetos de estudos clínicos sobre intoxicação no fígado na Suíça e em Israel, revelando que o uso desses produtos causa lesões hepáticas graves, como morte de células ou parte do tecido do fígado (necrose) e inflamação do fígado (hepatite).

114 Cf. ROBIN, Marie-Monique. **O mundo segundo a Monsanto**. São Paulo : Radical livros, 2008; MONALISA Varela. O mundo Segundo a Monsanto - Legendado. **Yuotube**, 2015. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=J22coHHotpw&t=13s>. Acesso em: 14 fev. 2018.

115 Cf. CARNEIRO, F. F.; AUGUSTO, L. G. S.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K. BÚRIGO, A. C. **Dossiê ABRASCO:** um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos da saúde. Rio de Janeiro / São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Expressão Popular, 2015. Disponível em: <http://www.abrasco.org.br/dossieagrotoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2018.

116 Cf. Alliance For NAtural Health. MIT Researcher: Glyphosate Herbicide will Cause Half of All Children to Have Autism by 2025. **Health Impact News**, 2019. Disponível em: <https://healthimpactnews.com/2014/mit-researcher-glyphosate-herbicide-will-cause-half-of-all-children-to-have-autism-by-2025/>. Acesso em: 06 nov. 2018.

117 Cf. ROBIN, Marie-Monique. **O mundo segundo a Monsanto**... *Op. cit*.

> não se pode perder de vista os efeitos crônicos que podem ocorrer meses, anos ou até décadas após a exposição, manifestando-se em várias doenças como cânceres, más-formações congênitas, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais.[118]

Neste vídeo intitulado "Agrotóxicos salvam vidas", publicado no *youtube*, Kim Kataguri,[119] ao buscar questionar os supostos "esquerdistas", sobretudo, a partir do vídeo de Gregorio Duvivier também dedicado a esse assunto, chegou ao ponto de iniciar o seu discurso com a seguinte pergunta:

> Você já reparou que os partidos de esquerda, os principais veículos de comunicação e ONGs de tudo quanto é tipo fazem de tudo para demonizar o agronegócio, especialmente o uso daquilo que eles chamam de agrotóxicos?.[120]

Contudo, imagino que um ex-estudante do curso de graduação em economia não seria o profissional mais adequado para debater sobre o impacto dos agrotóxicos na saúde humana, já que temos uma quantidade considerável de cientistas que dedicam não apenas a sua atividade laboral a pesquisa, mas as suas próprias vidas. Isso sem falar dos diversos estudos comparativos realizados por e entre instituições mundo afora, que chegaram a essas mesmas conclusões acerca dos agrotóxicos, para além desse discurso improdutivo baseado em uma espécie de ciberfetichismo fundamentado em caricaturizações sobre a esquerda e a direita.

> Os ciberfetichistas atribuem uma grande importância à tecnologia, mas, a julgar pelos argumentos que apresentam, sua influência seria uma emanação mágica. Os ciberfetichistas não fornecem nenhuma pista concreta sobre o modo como as mudanças tecnológicas interferem nas estruturas sociais. Por isso a maioria de suas propostas tem um caráter ou muito ideológico – às vezes explicitamente, sob a forma de manifesto -, ou muito formal, centrado em questões éticas ou legais mais que no poder efetivo e nas condições materiais que permitem exercê-lo.[121]

---

118 CARNEIRO, F. F.; AUGUSTO, L. G. S.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K. BÚRIGO, A. C. **Dossiê ABRASCO**... *Op. cit*., p. 58.

119 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Agrotóxicos salvam vidas! **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2kWYWzHM98&t=3s>. Acesso em: 13 fev. 2018.

120 Cf. HBO Brasil. GREG NEWS com Gregório Duvivier | Agrotóxicos. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d4Xy6yBM378&t=22s>. Acesso em: 13 fev. 2018.

121 RENDUELES, César. **Sociofobia:** Mudança política na era da utopia digital. São Paulo: Ed. SENAC, 2016, p. 55.

Argumentar que "agrotóxicos salvam vidas e orgânicos matam", situando seu posicionamento em uma perspectiva tão simplista, amparada em uma espécie de ciberfetichismo, como se essa discussão pudesse ser entendida somente a partir de uma perspectiva binária é, no mínimo, uma irresponsabilidade. Além disso, é preciso esclarecer que o impacto dos agrotóxicos na saúde humana, animal e ambiental não é uma questão de opinião, embora não sejam poucos os veículos de comunicação corporativos e científicos que noticiam esse tipo de informação,[122] mas sim um fato comprovado por distintos pesquisadores que atuam em diferentes centros de pesquisa, algo que a médio e longo prazo pode inclusive comprometer a vida planetária, tendo em vista o antropoceno. Isso sem falar na insensibilidade com que trata os trabalhadores rurais que resistem arduamente ao uso de agrotóxicos através de uma produção baseada na agricultura familiar ou agroecologia associada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST, que correm o sério risco de serem criminalizados através do projeto de Lei Antiterrorismo 13.260/2016.[123]

Kim Kataguri ainda argumenta insistentemente que os supostos esquerdistas "vivem demonizando os tais latifundiários, como se ter um latifúndio fosse um crime. Gente fina mesmo é o pessoal do MST que democraticamente se apropria das terras desses criminosos para promover a justiça social! Os agrotóxicos matam! Todos esses latifundiários gananciosos estão condenando as nossas crianças a morrer de câncer". Sarcasticamente, o *youtuber* que foi eleito deputado federal em São Paulo pelo partido Democratas – DEM ainda prossegue argumentando que "só porque são gananciosos, só porque só pensam no lucro, tão envenenando a sociedade. A solução é tirar todas as terras deles e dar para os movimentos dos sem terra".

Não obstante, esse tipo de simplificação técnica instrumentalizada através de uma linguagem sarcástica é algo que não apenas compromete a qualidade do debate, já que ele acaba ocorrendo por meio de discurso sem fundamento do ponto de vista do conteúdo e dos argumentos comprovados por meio da utilização de métodos científicos em

---

122 Cf. TERRA entrou em novo período de extinção em massa, diz pesquisa. **BBC**, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150620_extincao_terra_humanos_lab>. Acesso em: 13 fev. 2018.

123 Cf. ROCHA, Rosely. Avança na Câmara Projeto de Lei que criminaliza movimentos sociais. **CUT Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/avanca-na-camara-projeto-de-lei-que-criminaliza-movimentos-sociais-ab5b>. Acesso em: 06 nov. 2018.

suas análises, como também pode engendrar sérias consequências, tendo em vista que quem assiste esse tipo de vídeo, pode reproduzir essa informação equivocada justamente porque o Movimento Brasil Livre - MBL passou a capturar certo perfil de jovens através de uma forma de rebeldia baseada no direito de ter opinião e expressá-la em forma de memes, por meio daquilo que chamaram de "estética da zoeira",[124] principal estratégia estabelecida por esses representantes das novíssimas direitas desenvolvidas a partir da leitura do livro *Acredite, estou mentindo: Confissões de um manipulador das mídias*, escrito por Ryan Holiday.[125]

Certamente um dos aspectos mais problemáticos de seu vídeo se dá quando Kim Kataguri afirma que "não existe em toda a história um registro de morte que tenha acontecido comprovadamente com alimentos convencionais por ingestão de resíduos. Desde 1975 até 2009 as doenças se mantêm estáveis. O índice de pessoas com câncer também não aumentou, mesmo com o uso intensivo de agrotóxicos nos últimos cinquenta anos". Desse modo, quando afirma não existir comprovadamente registros de morte causado por agrotóxicos, ele não apenas negligencia diversos estudos, como também deixa de reconhecer que parte dessas pesquisas supostamente comprovadas foram não apenas financiadas, mas encomendadas justamente por essas empresas privadas para que possam produzir e comercializar os seus produtos legalmente, conforme mostrou Robin.[126]

Para verificar esse tipo de informação fortemente influenciada pelo mercado, basta entrar no site da Associação Brasileira de Nutrologia – ABRAN, por exemplo, para ver quem são os principais financiadores de seu congresso,[127] Aché, Nestlé, Tirolez, Central Farma, Health Tech e a Herbalife. Será mesmo que essa associação reconheceria que os produtos da Herbalife causam problemas no fígado, hepatite tóxica e deficiências na coagulação do sangue, conforme mostrou o pesquisador Lázaro Nunes, das Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas

---

124 Cf. BRAGA, Tatiane M. **Movimento Brasil Livre (MBL) e a agenda neoliberal:** trajetória ao poder e projeção social. Dissertação (Mestrado em Sociologa Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2019.

125 Cf. HOLIDAY, Ryan. **Acredite, estou mentindo:** confissões de um manipulador das mídias. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

126 Cf. ROBIN, Marie-Monique. **O mundo segundo a Monsanto**... *Op. cit*.

127 Cf. XXI Congresso Brasileiro de Nutrologia. **Abran**, 2017. Disponível em: <http://www.abran.org.br/essencea/admeventos/admcj/congresso2017/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

– METROCAMP (junto com pesquisas realizadas em Israel, Suíça, Espanha, Alemanha e Islândia),[128] sendo ela uma das principais financiadoras do evento mencionado?

Inclusive, é importante destacar que o termo “nutricionismo”, cunhado por Gyorgy Scrinis em seu livro com o mesmo título e difundido por Michael Pollan,[129] sugere que as informações contidas nas embalagens de alimentos na maior parte das vezes não correspondem a absorção do conteúdo energético e nutrientes conhecidos como a proteína, as gorduras, carboidratos, etc. pelo corpo humano, o que faz com que as pessoas acreditem que não precisem de alimentos, mas sim de nutrientes. A questão fundamental é que o consumo de um milho orgânico *in natura*, por exemplo, não corresponde ao consumo de um pacote de salgadinho Doritos, produzido pela pepsico, não apenas porque o alimento é transgênico e provavelmente tenha sido utilizado agrotóxico em sua produção, mas principalmente porque são adicionados produtos processados e muitas vezes, ultraprocessados, conforme podemos verificar em um sorvete de sabor morango da Kibom, em que essencialmente todos os ingredientes não são naturais, mas artificiais, com exceção do leite que foi pasteurizado.

Nesse sentido, o nutricionismo pode ser entendido a partir de uma perspectiva reducionista porque ele presume que adicionando nutrientes em qualquer produto, este se tornaria um alimento, além de presumir que a ciência da nutrição conhece praticamente tudo o que diz respeito aos alimentos e o seu funcionamento fisiológico no corpo humano, o que seria um enorme equívoco. Em seu lugar, por exemplo, alguns pesquisadores brasileiros e de outras nacionalidades, dentre eles o professor Carlos Monteiro, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva – PPGSC da Universidade de São Paulo – USP, propôs outra classificação que passou a ser chamada de NOVA, uma vez que divide os alimentos em quatro grupos distintos. Sendo os três primeiros tratados a partir de uma base de alimentação humana realizada durante séculos, sobretudo, alimentos não processados ou minimamente processados, ingredientes culinários processados e alimentos processados. Já o quarto grupo,

128 Cf. CARTA Campinas. Professor de Campinas reúne estudos sobre toxidade de produtos Herbalife. **Carta Campinas**, 2015. Disponível em: <http://cartacampinas.com.br/2015/09/professor-de-campinas-reune-estudos-sobre-toxidade-de-produtos-herbalife/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

129 Cf. SCRINIS, G. *On the ideology of nutritionism*. **Gastronomica**, v. 8, n.1, 2008; POLLAN, M. **O dilema do Onívoro**. São Paulo: Intrínseca, 2007; *Idem*. **Em defesa da Comida**. São Paulo: Intrínseca, 2008.

passou a ser constituído, tendo em vista a mudança estabelecida a partir da segunda metade do século XX decorrente de formulações industriais de substâncias derivadas de alimentos e aditivos cosméticos, chamadas hodiernamente de alimentos ultraprocessados.[130]

> A perspectiva ideológica do Nutricionismo que reduz a comida a seus componentes bioquímicos dialoga com essa ideia de racionalização da dieta, promovendo uma alimentação individualizada, desprovida de valores culturais e funções sociais, endossa o fenômeno da medicalização da Nutrição, impulsionado pela ideia de saudabilidade do corpo magro. Para além de diferentes repercussões sobre a saúde advindas desse modelo interventivo, o qual contribui para a construção da chamada "lightização da existência" sob uma "nova ordem corporal" (Santos, 2008, p.18), presume-se que a tendência do aumento da prescrição e do consumo de alimentos industrializados de caráter dietoterápicos (light, diet) e de cápsulas sintéticas que substituem a comida carece de estudos que analisem seu impacto social. Teme-se que o fortalecimento da indústria de suplementos, por exemplo, voltados para um mercado solvível e rentável e para o tratamento de disfunções que impactam os grupos mais afluentes da sociedade, promova a elitização da Nutrição e a consequente redução de interesse e de intervenções para promover segurança alimentar e nutricional. Essa mesma lógica pode ser aplicada para analisar o estímulo às tecnologias agroalimentares – como a transgenia e a nanotecnologia aplicadas à produção de comida – em detrimento da lógica de fomento da segurança e soberania alimentar e dos sistemas agroalimentares sustentáveis.[131]

Kim Kataguri insiste, argumentando que ao contrário dos alimentos cultivados com defensivos agrícolas, "os alimentos orgânicos já mataram. Foram responsáveis por pelo menos trinta e cinco mortes e mais de três mil casos de intoxicação alimentar pela bactéria E.coli, na Alemanha, em 2011. Pois é, essa história de que os orgânicos são mais saudáveis não passa de pura mentira para justificar os preços mais altos". Ao proferir esse tipo de discurso simplório, parece que a intenção de Kim Kataguiri é presumir que a Organização Mundial da Saúde – OMS também deve ser composta por "esquerdistas", tendo em vista que a própria Organização das Nações Unidas – ONU publicou uma campanha em 2015 amparada em relatórios da OMS visando combater

---

130 Cf. ULTRA-ataque: pesquisador brasileiro é alvo de transnacionais de alimentos. **Vigilância Sanitária**, 2017. Disponível em: <http://www6.ensp.fiocruz.br/visa/?q=node/7523>. Acesso em: 14 fev. 2018.

131 AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: Temas contemporâneos. **Revista Sociologias**, a. 19. n. 44, p. 288, 2017.

a obesidade através do destaque acerca dos benefícios dos alimentos orgânicos,[132] justamente porque eles não matam, diferentemente do que mostrou Kim Kataguri em seu vídeo.

Mas, nesse caso é provável que as ideias de Olavo de Carvalho tenham influenciado não apenas Kim Kataguiri,[133] mas vários outros jovens tributários das novíssimas direitas, conforme verifiquei em um evento do Movimento Brasil Livre - MBL que participei em janeiro de 2018, sobretudo, no que se refere ao seu entendimento sobre a ONU, que seria o principal instrumento da chamada Nova Ordem Mundial que supostamente visaria a destruição dos supostos valores ocidentais, cristãos e europeus através da articulação dos chamados globalistas, eurasianos e islâmicos.

Também é importante mencionar que o glifosato, também conhecido como *Roundup*, agrotóxico mais utilizado no mundo que é produzido pela Monsanto, será proibido na França até 2022.[134] Não obstante, é preciso esclarecer que o consumo deste tipo de produto agrícola em especial é responsável pelo autismo, Parkinson, Alzheimer, anencefalia e câncer.[135] Portanto, diferentemente do que mostrou Kim Kataguri, a Agência Internacional de Pesquisas do Câncer – LARC, órgão vinculado a Organização Mundial da Saúde – OMS, reconheceu que o agrotóxico glifosato é sim potencialmente cancerígeno.[136]

A estratégia discursiva utilizada por Kim Kataguri, mesmo operada através da ausência de uma ética da responsabilidade,

---

132 Cf. CAMPANHA da OPAS/OMS e parceiros combate a obesidade e destaca benefícios de alimentos orgânicos. **Nações Unidas Brasil**, 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/campanha-da-opasoms-e-parceiros-combate-a-obesidade-e-destaca-beneficios-de-alimentos-organicos/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

133 Cf. Antonio José Barbosa. ONU, Nova Ordem Mundial e a escravização mundial - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uEtbs0tm8NI>. Acesso em: 06 nov. 2018.

134 Cf. RFI. França acirra briga para proibir agrotóxico mais usado no mundo. **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/franca-acirra-briga-para-proibir-agrotoxico-mais-usado-no-mundo.ghtml>. Acesso em: 14 fev. 2018.

135 Cf. OLIVEIRA, Cida de. Autismo, Parkinson, Alzheimer, anecefalia, câncer. O que o glifosato tem a ver com isso? **Rede Brasil Atual**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2017/05/autismo-parkinson-e-outras-doencas-modernas-na-rota-do-glifosato>. Acesso em: 14 fev. 2018.

136 Cf. VELLEDA, Luciano. Apontado pela OMS como cancerígeno, importação de glifosato triplica no Brasil. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2016/10/aumenta-importacao-de-glifosato-no-brasil-941.html>. Acesso em: 14 fev. 2018.

conforme verificaríamos por meio de uma análise fundamentada em certa sociologia weberiana, acaba incorporando elementos simplistas e, em consequência disso, passa a intensificar a difusão de um conteúdo falacioso. Contudo, o elemento que deve ser questionado é a concepção utilitária do ponto de vista da defesa do livre mercado, que chega ao ponto de não reconhecer os prejuízos deste tipo de argumento, ao mesmo tempo em que intensifica a difusão de informações completamente equivocadas, justificadas pela suposta "mão invisível" do mercado, conforme mostrou Smith.[137]

Desse modo, creio que essa concepção utilitarista apresentada por Kim Kataguri seja apresentada como certo tipo de racionalidade que opera de maneira não muito racional, tendo em vista que atua a partir de uma perspectiva antropocêntrica e mercadológica, ao invés de biocêntrica e amparada em uma concepção não-utilitária, tirando o foco dos impactos não apenas à saúde humana e animal, mas também à *pachamama*, na medida em que o mercado, tanto à esquerda quanto à direita, prioriza exclusivamente a extensão de seus lucros através da intensificação dos impactos ambientais, tornando tudo aquilo que é encontrado na natureza em produtos que deverão ser mercantilizados. O resultado disso é o que Cesarman chamou de ecocídio.[138]

Segundo Cesarman, os nossos impulsos ecocídicos têm estado presentes durante toda a nossa história,[139] portanto, tem acompanhado todo o nosso desenvolvimento civilizacional, embora tenha se tornado cada vez mais intenso com a emergência da razão mercantil. No princípio éramos tão poucos em relação ao tamanho do planeta, que a destruição não era importante; esgotávamos a fertilidade de um pedaço de terra e emigrávamos para as terras vizinhas. Hoje somos muitos e os problemas da terra ou os espaços de fronteira ilimitados desapareceram. Já estamos no limite do balanço entre população e alimentos, na medida em que nos mostramos progressivamente mais vorazes, mais industrializados, mais contaminados, mais férteis, exatamente no momento em que devemos ser mais generosos com o nosso planeta.

Na ausência de outros horizontes para procurar alimentos, nossos impulsos ecodídicos são claramente manifestados. Estamos destruindo o único espaço que temos. Todos os estudos que tentam encontrar

137 Cf. SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

138 Cf. CESARMAN, Fernando. **Ecocidio:** *la destruicción del medio ambiente*. México: Cadernos de Joaquín Moritz, 1972.

139 *Ibidem*, p. 89.

soluções para a crise ecológica chegam à conclusão de que a solução está em uma mudança de valores e hábitos em todos os seres humanos.

> A partir do momento em que nos habituamos a representar a natureza como um todo, ela se torna, por assim dizer, um grande relógio, do qual podemos desmontar o mecanismo e cujas peças e engrenagem podemos aperfeiçoar. Na realidade, essa imagem começou a ganhar corpo relativamente tarde, a partir do século XVII, na Europa. Esse movimento, além de tardio na história da humanidade, só se produziu uma única vez. Para retomar uma fórmula muito conhecida de Descartes, a quem fiz referência há pouco, o homem se fez então "mestre e senhor da natureza". Resultou daí um extraordinário desenvolvimento das ciências e das técnicas, mas também a exploração desenfreada de uma natureza composta, a partir de então, de objetos sem ligação com os humanos: plantas, animais, terras, águas e rochas convertidos em meros recursos que podemos usar e dos quais podemos tirar proveito. Naquela altura, a natureza havia perdido sua alma e nada mais nos impede de vê-la unicamente como fonte de riqueza. Faz pouco tempo que começamos a ter a medida do preço extremamente alto que será preciso pagar pela exploração imoderada de nosso meio ambiente, com a poluição crescente do solo, do ar, da água e também dos organismos vivos, com o desaparecimento acelerado de inúmeras espécies de plantas e animais, com as consequências dramáticas do aumento do efeito estufa sobre o planeta. Em outros lugares do mundo, muitas culturas não seguiram o mesmo caminho, não isolaram a natureza como se ela fosse um domínio à parte, exterior, onde tudo pode ser rentabilizado a serviço dos homens. Isso não significa que essas culturas tenham evitado desastres ecológicos. Os índios das planícies da América do Norte, por exemplo, massacraram muitos bisões e cervos da Virgínia na segunda metade do século XVII e nos séculos XVIII e XIX. Mas esses massacres não serviam para garantir a subsistência dos próprios índios, e sim para fornecer carne aos colonos brancos, à medida que a fronteira avançava.[140]

Ao ponderar sobre os posicionamentos políticos de Olavo de Carvalho e suas construções argumentativas supostamente científicas operadas a partir de certa cosmologia cristã e etnocêntrica,[141] é possível constatar que a ausência de uma formação acadêmica mais contemporânea em sua trajetória acaba o impedindo ou o dificultando de ter acesso a leituras fundamentais no campo das ciências humanas e, principalmente, da antropologia social, que são referências em praticamente todos os espaços universitários do ocidente, uma vez

140 DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit*., p. 23 *et. seq*.

141 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

que permitem um olhar mais interdisciplinar e complexo acerca das realidades que nos cercam, conforme localizamos nas análises do antropólogo catedrático do *Còllege de France*, o professor Philippe Descola,[142] que questiona certa universalização do presente, na medida em que não apenas “a antropologia nos mostra que o que nos parece eterno, este presente no qual estamos agora trancafiados, é apenas uma entre milhares de outras maneiras já descritas de se viver a condição humana”,[143] como também possibilita reconhecer que “a antropologia nos oferece o testemunho das múltiplas soluções encontradas para o problema da existência comum”.[144]

Além disso, são vários os vídeos em que Olavo de Carvalho justifica não ter frequentado um curso de filosofia,[145] questionando não apenas a qualidade do ensino superior no Brasil, mas também desqualificando professores e pesquisadores que, segundo ele, não possuem relevância internacional, justamente porque não são citados como fontes em trabalhos universitários nos Estados Unidos ou mesmo em países europeus. Certamente, uma leitura acerca dos escritos pós-coloniais ou mesmo decoloniais poderia ajuda-lo a compreender como se dá a colonização epistemológica, conforme mostrou Spivak ao tratar daquilo que chamou de violência epistêmica.[146] Contudo,

> dentro das universidades, os políticos fascistas visam professores que consideram demasiadamente politizados, geralmente demasiado marxistas, e denunciam áreas inteiras de estudo. Quando movimentos fascistas estão em curso em estados democráticos liberais, certas disciplinas acadêmicas recebem destaque. Os estudos de gênero, por exemplo, são criticados por movimentos nacionalistas de extrema direita em todo o mundo. Os professores dessas áreas são acusados de desrespeitarem as tradições da nação. Sempre que o fascismo ameaça, seus representantes e facilitadores denunciam as universidades e escolas como fontes de ‘doutrinação marxista’, o bicho-papão clássico da política fascista. Usada normalmente sem qualquer conexão com Marx ou com o marxismo, a expressão é empregada na política fascista como uma maneira de difamar a igualdade. É por isso que as universidades que buscam dar algum espaço

142 Cf. DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit*.

143 DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit*., p. 26 *et. seq*.

144 *Ibidem*, p. 27.

145 Cf. OLAVO de Carvalho. Olavo de Carvalho - Jumentice universitária. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LHVIArPAbLo&t=52s>. Acesso em: 06 nov. 2018.

146 Cf. SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

> intelectual às perspectivas marginalizadas, ainda que pequeno, estão sujeitas à denúncia de focos de 'marxismo'. O fascismo consiste na perspectiva dominante e, assim, durante momentos fascistas, há um forte apoio no sentido de que se denunciem disciplinas que ensinam perspectivas diferentes das dominantes, como estudos de gênero ou, nos Estados unidos, estudos afro-americanos ou estudos do Oriente Médio. A perspectiva dominante é muitas vezes deturpada, sendo apresentada como a verdade, a 'história real', e qualquer tentativa de permitir um espaço para perspectivas alternativas é ridicularizada como 'marxismo cultural'.[147]

Não obstante, ainda podemos encontrar nos textos de Olavo de Carvalho uma espécie de discurso violento e persecutório,[148] fundamentado no ódio contra aqueles que pensam diferente dele, algo característico da política do "nós" e "eles", apresentado por Stanley ao tratar da política fascista.[149] Isso fica bastante evidente quando encontramos uma simplificação analítica realizada por Olavo de Carvalho acerca da complexidade conceitual, teórica e metodológica presente nas distintas tradições dos pensamentos marxistas,[150] trazidas pelo autor como uma espécie de conspiração internacional orquestrada pela esquerda que visaria acabar com a cultura ocidental, conforme podemos localizar na seguinte passagem:

> Felix Weil, outra cabeça notável, achava muito lógico usar o dinheiro que seu pai acumulara no comércio de cereais como um instrumento para destruir, junto com sua própria fortuna doméstica, a de todos os demais burgueses. Com esse dinheiro ele fundou o que veio a se chamar "Escola de Frankfurt": um think thank marxista que, abandonando as ilusões de um levante universal dos proletários, passou a dedicar-se ao único empreendimento viável que restava: destruir a cultura ocidental. Na Itália, o fundador do Partido Comunista, Antônio Gramsci, fora levado à conclusão semelhante ao ver o operariado trair o internacionalismo revolucionário, aderindo em massa à variante ultranacionalista de socialismo inventada pelo renegado Benito Mussolini. Na verdade os próprios soviéticos já não acreditavam mais em proletariado: Stálin recomendava que os partidos comunistas ocidentais recrutassem, antes de tudo, milionários, intelectuais e celebridades do *show business*. Desmentido pelos fatos, o marxismo iria à forra por meio da auto-inversão: em vez de transformar a condição social

147 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., p. 54.

148 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

149 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

150 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*

> para mudar as mentalidades, iria mudar as mentalidades para transformar a condição social. Foi a primeira teoria do mundo que professou demonstrar sua veracidade pela prova do contrário do que dizia os instrumentos para isso foram logo aparecendo. Gramsci descobriu a 'revolução cultural', que reformaria o "senso comum" da humanidade, levando-a a enxergar no martírio dos santos católicos uma sórdida manobra publicitária capitalista, e faria dos intelectuais, em vez de proletários, a classe revolucionária eleita. Já os homens de Frankfurt, especialmente Horkheimer, Adorno e Marcuse, tiveram a idéia de misturar Freud e Marx, concluindo que a cultura ocidental era uma doença, que todo mundo educado nela sofria de 'personalidade autoritária', que a população ocidental deveria ser reduzida à condição de paciente de hospício e submetida a uma 'psicoterapia coletiva'.[151]

O que mais desperta a atenção nessa passagem é a ausência daquilo que a sociologia de tradição hermenêutica weberiana chama de "ética da responsabilidade" no que se refere à simplificação de sua leitura acerca de autores tão importantes, complexos e distintos entre si. Marx, Gramsci, Horkheimmer, Adorno, Marcuse e Freud, por exemplo, além daqueles que Carvalho chama simploriamente de "desconstrucionistas" franceses,[152] que ele não apresenta nitidamente - embora seja possível imaginar que se trata de Foucault, Deleuze e Guattari -, partem de premissas completamente distintas.

Inclusive, Michel Foucault se coloca como crítico veemente do marxismo, tendo escrito um artigo intitulado *Metodologia para o conhecimento do mundo: Como se desembaraçar do marxismo*, em que o autor reconhece a importância histórica do materialismo histórico e dialético, embora entenda que possui enormes limitações epistemológicas, analíticas e teóricas para se analisar de maneira mais sofisticada a política contemporânea.[153] Isso sem falar do livro escrito por Geoffroy Lagasnerie intitulado *A última lição de Foucault*, em que o autor chega ao ponto de aproximar a analítica foucaultiana com o neoliberalismo,[154] como também podemos constatar esse tipo de equívoco na seguinte passagem:

> expulsos da Alemanha pela concorrência desleal do nazismo,

151 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.,* p. 161.

152 Cf. *Ibidem*.

153 Cf. FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2010.

154 Cf. LAGASNERIE, Geoffrey. **A última lição de Foucault**. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2013.

> os frankfurtianos encontraram nos EUA a atmosfera de liberdade ideal para a destruição da sociedade que os acolhera. Empenharam-se então em demonstrar que a democracia para a qual fugiram era igualzinha ao fascismo que os pusera em fuga. Denominaram sua filosofia de "teoria crítica" porque se abstinha de propor qualquer remédio para os males do mundo e buscava apenas destruir: destruir a cultura, destruir a confiança entre as pessoas e os grupos, destruir a fé religiosa, destruir a linguagem, destruir a capacidade lógica, espalhar por toda a parte uma atmosfera de suspeita, confusão e ódio. Uma vez atingindo esse objetivo, alegavam que a suspeita, a confusão e o ódio eram a prova da maldade do capitalismo. Da França, a escola recebeu a ajuda inestimável do método "desconstrucionista", um charlatanismo acadêmico que permite impugnar todos os produtos da inteligência humana como truques maldosos com que os machos brancos oprimem mulheres, negros, gays e tutti quanti, incluindo animais domésticos e plantas. A contribuição local americana foi a invenção da ditadura linguística do "politicamente correto". Em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no show business e nos meios de comunicação do Ocidente. Seus dogmas macabros, vindo sem o rótulo do "marxismo", são imbecilmente aceitos como valores culturais supra-ideológicos pelas classes empresariais e eclesiásticas cuja destruição é o seu único e incontornável objetivo. Dificilmente se encontrará hoje um romance, um filme, uma peça de teatro, um livro didático onde as crenças do marxismo cultural, no mais das vezes não reconhecidas como tais, não estejam presentes com toda a virulência do seu conteúdo calunioso e perverso.[155]

Ao analisarmos esse trecho, sobretudo, a capacidade de simplificação construída por Carvalho acerca de uma diversidade de autores que produziu teorias, conceitos, noções e métodos de análise a partir de referenciais teóricos e epistemológicos completamente distintos, é possível reconhecer não apenas a falta de compromisso com a realidade analisada, assim como a busca por produzir certa visão negativa e de ódio ao que chama de "marxismo" -[156] tendo em vista que Carvalho não se aprofunda nesses autores,[157] apenas lança aproximações extremamente exageradas e complicadas do ponto de vista analítico, já que aparentemente o autor não se mostra muito preocupado com as consequências de suas afirmações.

155 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*, p. 161 *et. seq*.

156 Cf. *Ibidem*.

157 *Ibidem*.

Todavia, também é importante mostrar que a valoração que Olavo de Carvalho atribui a isso que chama de marxismo cultural é um tanto quanto desproporcional,[158] se compararmos com a realidade que ele se propõe a analisar, na medida em que reproduz teorias conspiratórias nascidas nos anos 1990 com Pat Robertson, por exemplo.[159]

> O que acontece quando as teorias da conspiração se tornam a moeda da política, e a grande mídia e as instituições educacionais estão desacreditadas, é que os cidadãos não têm mais uma realidade comum que possa servir como pano de fundo para deliberação democrática. Nessa situação, os cidadãos não têm outra escolha a não ser procurar referências para seguir que não apenas a verdade ou a confiabilidade. O que acontece nesses casos, como vemos em todo o mundo, é que os cidadãos buscam políticas para identificações tribais, para lidar com queixas pessoais e para entretenimento. Quando as notícias se tornam esporte, o homem forte atinge certa medida de popularidade. A política fascista transforma as notícias de um canal de informação e debate nacional num espetáculo com o homem forte como estrela. A política fascista, como vimos, procura abalar a confiança na imprensa e nas universidades. Mas a esfera de informação de uma sociedade democrática saudável não inclui apenas instituições democráticas. A disseminação da suspeita geral e da dúvida enfraquece os laços de respeito mútuo entre os concidadãos, deixando-os com profundas fontes de desconfiança, não apenas em relação às instituições, mas também em relação uns aos outros. A política fascista procura destruir as relações de respeito mútuo entre cidadãos, que são a base de uma democracia liberal saudável, substituindo-as, em última instância, pela confiança apenas numa figura, o líder. Quando a política fascista é mais bem-sucedida, o líder é considerado pelos seguidores como o único confiável.[160]

As consequências desse tipo de simplificação teórica e analítica apresentada por Olavo de Carvalho é extremamente devastadora e isso ocorre porque boa parte dos seus leitores,[161] ou mesmo daqueles que acompanham os seus cursos – que estão cada vez mais difundidos, a exemplo do projeto Brasil Paralelo,[162] que visa inserir nas escolas de

158 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

159 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**... *Op. cit.*

160 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*, p. 78.

161 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

162 Cf. BLOGDELINKS. Língua de pau: censura politicamente correta destruiu o Brasil - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TltV6ZGNyf4>. Acesso em: 06 fev. 2018.

todo o Brasil uma narrativa histórica produzida por Olavo de Carvalho e seus seguidores sem formação acadêmica - não conhece minimamente os autores mencionados por ele.

Todavia, esse desconhecimento por parte de seus seguidores acerca da complexidade do aporte teórico dos autores por ele mencionados, produz no lugar deste desconhecimento, uma narrativa frágil e extremamente equivocada que tem como alvo críticas direcionadas a parte das produções e problematizações trazidas por pesquisadores nacionais sérios, tratados agora não apenas como "politicamente correto", mas como promotores da bandidolatria,[163] conforme mostrou em seu vídeo no canal do *youtube.*[164]

A noção de que a "visão filosófica de uma cultura milenar" está ameaçada por uma "incultura momentânea", reitera certa concepção trazida pelo antropólogo evolucionista do século XIX, Edward Tylor, amparada em certa hierarquia no desenvolvimento da interação humana, ou segundo o próprio autor, da evolução das sociedades. Essa forma de tratar a cultura apresentada por Olavo de Carvalho acaba por não reconhecer que ela não é estática, mas sim dinâmica,[165] conforme mostrou Laraia.[166] O que ocorre é que a antropologia evolucionista apresentada inicialmente por Tylor utilizava o método comparativo como ferramenta metodológica, partindo da premissa teórica de que só era possível tratar da evolução humana através de uma única mentalidade capaz de gerar um caminho singular de desenvolvimento possível para as sociedades.

Contudo, foi principalmente Franz Boas quem propôs uma (nem tão) nova abordagem para a antropologia social estadunidense fundamentada na utilização do conceito de cultura -[167] no lugar das características fenótipas e raciais que precediam esse tipo de abordagem – , compreendendo que cada sociedade possui uma história particular e em decorrência disso não seria possível comparar hierarquicamente a suposta evolução destes distintos grupos. Desse modo, a atribuição valorativa da hierarquia apresentada acerca da evolução dessas sociedades estaria caracterizada por aquilo que passou a ser chamado

163 Cf. PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio**... *Op. cit.*

164 Cf. BRASIL Paralelo, 2018. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/home/>. Acesso em: 01 fev. 2018.

165 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

166 Cf. LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit.*

167 Cf. BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

de etnocentrismo, tendo em vista que nessa abordagem simplista o pesquisador utilizaria a sua própria visão de mundo como referência para atribuir sentidos para o comportamento dos grupos investigados. Diante disso, a antropologia social nascida com Boas teria proposto como forma de lidar com esse problema analítico cunhando o conceito de relativismo metodológico e também cultural que passou a ser somado ao método histórico e a necessidade de estudar cada cultura a partir de suas especificidades e peculiaridades, como uma cultura em si composta por uma história particular.[168]

No entanto, embora tenha reconhecido - em um vídeo disponibilizado em seu canal de *youtube* -[169] certa importância de Franz Boas no que se refere a formação do intelectual brasileiro Gilberto Freyre, ainda que tenha enfatizado que o essencial da sua formação tenha se dado no Brasil, Olavo de Carvalho parece desconsiderar o que há de mais relevante nas contribuições trazidas pelo antropólogo alemão, tendo em vista que permanece reproduzindo um leitura etnocêntrica também amparada em certo viés anti-intelectual e anti-acadêmico.

Todavia é importante destacar que foi justamente por meio do questionamento acerca das tradições evolucionistas da antropologia social que compreendiam as culturas caucasianas a partir de um viés não apenas etnocêntrico, mas também racista, localizado no ápice da linha evolutiva, sendo as demais sociedades distribuídas em locais inferiores nesta escala, que Franz Boas passou a repudiar veementemente certa visão em que as sociedades caucasianas seriam superiores às demais.[170] Não obstante, é possível encontrar alguns trechos que evidenciam o racismo em livros de Mário Ferreira dos Santos,[171] que seria o maior intelectual da história do país,[172] segundo o próprio Olavo de Carvalho.[173]

---

168 Cf. BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**... *Op. cit*; LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit*.

169 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nsQuCGWvxjM&t=126s>. Acesso em: 29 jul. 2018.

170 BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**... *Op. cit*

171 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: Ed. É Realizações, 2012.

172 Cf. DANIEL Mota. 375 - Olavo de Carvalho | Filosofia de Mário Ferreira dos Santos, grande Filósofo Brasileiro. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cjW-U51-Q7Y&t=55s>. Acesso em: 05 jun. 2019.

173 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

> Nós não vimos a África também, de outro modo, senão como este: 1. Uma terra de gente bárbara e cruel, estúpida e infeliz, de homens lobo do próprio homem, de homens tigres do próprio homem, hienas, chacais de cor preta e de feições parecidas às nossas, mais animais que homens, talvez uma raça que tenha provindo de espécies inferiores, cujo parentesco conosco é longínquo. 2. Portanto, que devemos fazer deles senão escravos, já que não compreendem o trabalho livre, já que se negam disciplinar-se para viver culturalmente, já que se obstinam em conservar os costumes bárbaros e vive-los com intensidade sempre a mesma, imutavelmente. Ademais, a escravidão que oferecemos, sempre será melhor que a oferecida por seus sobas.[174]

Parece que o antiacademicismo apresentado no livro de Olavo de Carvalho intitulado *A nova era e a revolução cultural*, acaba sendo instrumentalizado como uma justificativa para não se aprofundar em análises que comprometam a sua abordagem, já que este escrito acaba apresentando inicialmente problemas sérios do ponto de vista conceitual, historiográfico e epistemológico.[175] Isso é nitidamente evidenciado no seguinte trecho:

> se em qualquer dos três livros tivesse adotado uma forma expositiva mais ao gosto acadêmico, eu não precisaria estar agora chamando a atenção para uma unidade de pensamento que transpareceria à primeira vista. Mas, essa visibilidade custaria a perda de todas as referências à vida autêntica e o aprisionamento do meu discurso numa redoma linguística que não combina nem com o meu temperamento nem com a regra que me impus alguns anos atrás, de nunca falar impessoalmente nem em nome de alguma entidade coletiva, mas sempre diretamente em meu próprio nome apenas, sem qualquer retaguarda mais respeitável que a simples honorabilidade de um animal racional, bem como de nunca me dirigir a coletividades abstratas, mas sempre e unicamente indivíduos de carne e osso, despidos das identidades provisórias que o cargo, a posição social e a filiação ideológica superpõem àquela com que nasceram e com a qual hão de comparecer, um dia, ante o Trono do Altíssimo.[176]

Nesse fragmento textual, o autor busca justificar a pessoalidade na forma de sua escrita, como se isso fosse uma novidade no campo acadêmico, o que seria um enorme equívoco, tendo em vista que boa parte da produção acadêmica brasileira e internacional na área da antropologia social e de parte das ciências sociais, de modo geral, como

---

174 SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*., p. 78.

175 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. ci.*

176 *Ibidem*, p. 17.

a sociologia, utiliza o método etnográfico e a observação participante, inaugurada com Bronislaw Malinowski, como referência metodológica na compreensão das diferentes culturas de distintas sociedades ao redor do planeta.[177] E essa forma de produção de saber oriunda do campo das ciências sociais realiza uma descrição densa também em primeira pessoa, conforme argumentou Clifford Geertz.[178]

Assim, ao argumentar que busca se despir das identidades provisórias que o cargo, a posição social e a filiação ideológica superpõem àquela com que nasceram, Olavo de Carvalho reitera o seu olhar ocidentalizado e cristão, na medida em que estabelece que uma das principais tarefas de seu livro seria "remover os obstáculos mentais que hoje impedem que a cultura brasileira receba uma inspiração mais forte do espírito divino e possa florescer como um dom magnífico a toda a humanidade".[179] Assim, é justamente diante dessa hierarquia que estabelece o ocidente católico como referência que encontramos o etnocentrismo naquilo que poderíamos chamar de escritos olavistas.

Todavia, essa afirmativa também é bastante problemática por ao menos dois motivos: em primeiro lugar, porque o autor parece reconhecer a existência de apenas uma única cultura brasileira, como se não houvesse uma variedade de valores, costumes, regras, construções morais, etc. presentes nessa sociedade, reiterando certa abordagem evolucionista oriunda da antropologia evolucionista um tanto quanto ultrapassada e que foi trazida por Tylor no século XIX, acerca da precária concepção de unilinearidade histórica; em segundo lugar, o autor acaba aderindo a uma concepção etnocêntrica que se fundamenta em uma construção eurocêntrica, ocidental e cristã de sociedade, algo extremamente problemático e questionado do ponto de vista dos saberes debatidos no campo acadêmico internacional contemporâneo, que inclusive pressupõe uma espécie de ciência supostamente cristã.

Após termos apresentado algumas das fragilidades encontradas na narrativa histórica e política produzida por Olavo de Carvalho em seu livro *A nova era e a revolução cultural* e os reflexos de seu pensamento em alguns de seus seguidores, se faz necessário mostrar de que forma o seu discurso acaba sendo apropriado por boa parte dos brasileiros através de militantes das chamadas novíssimas direitas brasileiras, na medida

177 Cf. MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1976.

178 Cf. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: Ed. LTC, 2008.

179 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. ci*., p. 18.

em que conseguiram aglutinar concomitantemente a defesa do livre mercado no campo econômico ao mesmo tempo em que produziram discursos visando restringir certas liberdades por meio da produção de pautas morais, conforme pudemos acompanhar no episódio do cancelamento da exposição intitulada "Queer Museum", realizada em Porto Alegre pelo banco Santander;[180] e como grupos que se afirmam como liberais e ou liberais-conservadores, a exemplo do Movimento Brasil Livre – MBL, passaram a pautar suas visões de mundo através de práticas persecutórias a grupos subalternizados.

Ao ponderar sobre a produção daqueles perfis de sujeitos tratados historicamente como monstros ou aberrações justamente por não compartilharem das mesmas condutas estabelecidas como normais pela maior parte daqueles que integram determinada sociedade, é possível encontrar nas análises de Foucault acerca da fabricação da loucura, bem como de outras supostas patologias como o *onanismo*, ou mesmo de crimes construídos como o chamado *donjuanismo,* elementos que permitam compreender como foi possível extrair a intencionalidade do produtor do conteúdo artístico, colocando em seu lugar a suposição da intencionalidade do artista tratada a partir do ponto do de vista daquele que está observando a obra exposta.[181]

Nesse sentido, é possível compreender não apenas como se articula o campo jurídico com o campo das psico-ciências, sobretudo da psiquiatria iniciada a partir do século XIX, mas principalmente como esse processo de desqualificação subjetiva permitiu com que grupos de defendem pautas conservadores começassem a se articularem militando pela patologização da homossexualidade e transsexualidade, ao ponto de agredirem fisicamente uma das maiores pesquisadoras da atualidade sobre questões de gênero, a professora da Universidade da Califórnia, Judith Butler, que estava vindo ao Brasil lançar o seu último livro intitulado *Caminhos divergentes: judaicidade e crítica ao sionismo*,[182] que inclusive não se tratava de questões de gênero. Nesse sentido,

180 Cf. FOTOS: veja imagens da exposição "Queermuseu", cancelada após críticas nas redes. **Gauchazh**, 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/08/fotos-veja-imagens-da-exposicao-queermuseu-cancelada-apos-criticas-nas-redes-9869624.html>. Acesso em: 22 jan. 2018.

181 Cf. FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011.

182 Cf. BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes:** judaicidade e crítica do sionismo. São Paulo: Ed. Boitempo, 2017; Em novo livro, Judith Butler faz crítica judaica ao sionismo. **O Globo**, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-novo-livro-judith-butler-faz-critica-judaica-ao-sionismo-20979144>.Acesso em: 11 mar. 2018.

> é para o indivíduo perigoso, isto é, nem exatamente doentes nem propriamente criminosos, que esse conjunto institucional está voltado. No exame psiquiátrico (aliás, a circular de 1958, creio eu, diz isso explicitamente), o que o perito tem a diagnosticar, o indivíduo com o qual ele tem de se haver em seu interrogatório, em sua análise e em seu diagnóstico, é o indivíduo eventualmente perigoso. De modo que temos finalmente duas noções que se deparam e que vocês logo veem quão próximas e vizinhas estão: a noção de "perversão", de um lado, que permite costurar uma na outra a série de conceitos médicos e a série de conceitos jurídicos; e, de outro lado, a noção de "perigo", de "indivíduo perigoso", que rupta de instituições médico-judiciárias. Perigo e perversão: é isso que, na minha opinião, constitui a espécie de núcleo essencial, o núcleo do exame médico-legal.[183]

Como parte dos tributários das novíssimas direitas desconhecem plenamente autores tão fundamentais das ciências humanas, sendo que muitos deles inclusive nem se reconhecem como de "esquerda", não é de se esperar que acreditem que as suas premissas sobre questões políticas, inclusive a partir de questões identitárias, estejam equivocadas, conforme estamos mostrando neste texto. Assim, esse tipo de argumento trazido por figuras como Olavo de Carvalho acerca do que chamou de "ditadura gay" ou mesmo "ideologia de gênero" é questionado veementemente não apenas por aqueles cientistas que pesquisam transtornos mentais,[184] como também por movimentos sociais, dentre eles, as feministas, que possuem como representantes figuras do porte de Judith Butler, que provocou uma verdadeira quebra de paradigma na academia através da publicação de seu livro *Problemas de gênero*.[185]

Também é importante mencionar que mesmo após a Organização Mundial da Saúde – OMS e Associação Americana de Psiquiatria que produzem os diagnósticos de transtornos mentais como CID e DSM terem questionado no século passado o caráter patologizante que o sufixo "ismo" presente na noção abandonada de "homossexualismo" - que em seu lugar se estabeleceu "homossexualidade" -, Olavo de Carvalho ainda insiste em utilizar expressões desatualizadas do ponto de vista técnico e científico sobre questões identitárias fundamentais,[186]

183 Cf. FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**... *Op. cit.*, p. 30.

184 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q41RcBPQ92M>. Acesso em: 11 mar. 2018.

185 Cf. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2014.

186 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O**

a exemplo das questões de gênero, que segundo Stanley, assim "como na Rússia e na Europa Oriental, atacar os estudos de gênero é uma parte explícita do movimento de extrema direita dos Estados Unidos".[187]

Diante do atual contexto político institucional brasileiro demarcado por polarizações à direita e à esquerda, é possível verificar os impactos desse tipo de postura que ainda instrumentaliza o perigo e o ódio como justificativa moral para que se possa proferir ataques que saem da esfera simbólica, ingressando na esfera física, tendo em vista que Judith Butler presenciou uma batalha de grupos de extrema direita no evento que participou sobre Democracia em São Paulo,[188] ao ponto de, inclusive, ser agredida fisicamente no aeroporto de Congonhas,[189] em uma situação típica das caças às bruxas encontradas na Idade Média, e/ou também a partir de certa legitimidade científica instrumentalizada pelo "discurso de medo, um discurso que terá por função detectar o perigo e opor-se a ele",[190] tendo em vista a imposição da *cisheteronoramtividade,*[191] sobretudo, da *cisgeneridad*e, como referência, e tudo aquilo que escapa a ela, devendo ser patologizado e, em alguns casos, criminalizado, conforme encontramos em diversos textos críticos produzidos por pesquisadores que utilizam referenciais pós-estruturalistas em suas análises.

---

mínimo que você precisa saber para não ser um idiota... *Op. cit.*

187 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*, p. 56.

188 Cf. BETIM, Felipe. As vozes da pequena grande batalha do Sesc Pompeia. **El País**, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html>. Acesso em: 18 fev. 2018.

189 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MlA35qo9uHc>.Acesso em: 18 fev. 2018.

190 FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011, p. 30.

191 Segundo Jardim, "Quando falo em cis-heteronormatividade estou entendendo que a cisgeneridade, tanto quanto a heterossexualidade, constitui um regime político-social que regula nossas vidas. Assim, parece-me que, na contemporaneidade, considerando os diferentes saberes produzidos nas últimas décadas, tais como os transfeministas, o conceito de heteronormatividade precisa ser ampliado, de modo a passar a englobar também a cisnormatividade. Por cisnormatividade estou compreendendo as normas relacionadas à imposição de que deva existir coerência linear entre a materialidade do corpo de alguém (órgãos genitais), o gênero designado ao nascer, e a expressão de gênero que a pessoa apresentará ao longo da vida; impondo o modelo cisgênero para todas as pessoas, o que inclui as pessoas trans*, que são socialmente consideradas bem sucedidas em seu processo de transição quando, através de hormônios e cirurgias (que pressupõe também a redesignação sexual), conseguem aproximar-se mais dos padrões cisgêneros hegemônicos de masculinidade e feminilidade". JARDIM, Juliana G. Deveriam os estudos queer falar em cis-heteronormatividade? Reflexões a partir de uma pesquisa sobre performatividade de gênero nas artes marciais mistas femininas. **IV Seminário Internacional de Educação e Sexualidade / II Encontro Internacional de Estudos sobre Gênero**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016, p. 11.

> Cisgeneridade eu entendo como um conceito analítico que eu posso utilizar assim como se usa heterossexualidade para as orientações sexuais, ou como branquitude para questões raciais. Penso a cisgeneridade como um posicionamento, uma perspectiva subjetiva que é tida como natural, como essencial, como padrão. A nomeação desse padrão, desses gêneros vistos como naturais, cisgêneros, pode significar uma virada descolonial no pensamento sobre identidades de gênero, ou seja, nomear cisgeneridade ou nomear homens-cis, mulheres-cis em oposição a outros termos usados anteriormente, como mulher biológica, homem de verdade, homem normal, homem nascido homem, mulher nascida mulher, etc. Ou seja, esse uso do termo cisgeneridade, cis, pode permitir que a gente olhe de outra forma, que a gente desloque essa posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada, hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades Trans, por exemplo.[192]

Desse modo, também é importante destacar que essa agressão sofrida por Judith Butler no aeroporto de Congonhas foi fomentada pelo *youtuber* neoconservador Bernardo Küster,[193] que teve o seu canal recomendado pelo então presidente Jair Bolsonaro (PSL) em seu no primeiro mês de governo,[194] argumentando que

> se nós não combatermos verdadeiramente as pessoas que propagam as ideias, as ideias continuarão aí. Não adianta combater apenas as ideias, nós temos que combater agentes históricos reais que as promovem.

Contudo, foi essa mesma pesquisadora que sofreu ataques de distintos grupos autoreconhecidos como de direita que vai nos oferecer uma importante reflexão sobre o ódio ao Outro, bem como sobre aquelas "vidas passíveis de luto". Mesmo diante da agressão sofrida no aeroporto de Congonhas justamente por defender os direitos daqueles que possuem suas vidas em constante ameaça – a exemplo das populações LGBTTT -[195], Judith Butler nos permite compreender essa

---

192 RAMÍREZ, Boris. *Colonialidad e cis-normatividade. Entrevista con Viviane Vergueiro*. **Iberoamérica Social:** *revista de estudios sociales*, v. 3, p. 16, 2014.

193 Cf. BERNARDO P Küster. #FORABUTLER - A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7l348rFl7_o&t=230s>. Acesso em: 05 jun. 2019.

194 Cf. FILHO, João. Quem são os youtubers recomendados por Jair Bolsonaro. **The Intercept_ Brasil**, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/11/17/youtubers-bolsonaro-nando-moura-diego-rox-bernardo-kuster-fake-news/>. Acesso em: 05 jun. 2019.

195 Cf. BRASIL é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa. **G1**, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html>. Aceso

polarização entre esquerda e direita através da emergência daquilo que tratou como *quadros de guerra* que, no limite, incentiva não apenas a eliminação simbólica, mas também a eliminação física, desse outro que supostamente ameaça a *cisheteronormatividade*.[196]

> A capacidade epistemológica de apreender uma vida é parcialmente dependente de que essa vida seja produzida de acordo com as normas que a caracterizam como uma vida ou, melhor dizendo, como parte da vida. Desse modo, a produção normativa da ontologia cria o problema epistemológico de apreender uma vida, o que, por sua vez, dá origem ao problema ético de definir o que é reconhecer ou, na realidade, proteger a violação e a violência. Estamos falando, é claro, de diferentes modalidades de "violência" em cada nível desta análise, mas isso não significa que todas sejam equivalentes ou que não seja necessário estabelecer alguma distinção entre elas. Os "enquadramentos" que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um c*ontinuum* de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o "ser" do sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento. Ao mesmo tempo, seria um equívoco entender a operação das normas de maneira determinista. Os esquemas normativos são interrompidos um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo de operações mais amplas de poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer. Assim, há "sujeitos" que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há "vidas" que dificilmente – ou melhor, dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas.[197]

Dando continuidade às análises da entrevista de Flávio Rocha no programa "teste do sofá", se faz necessário reconhecer que o entrevistado também negligencia não apenas outras experiências que poderiam e são entendidas como de "esquerda" (a exemplo de países europeus que saíram de uma situação fragilizada, na medida em que passaram a galgar espaços através da conciliação das diferentes tradições mais progressistas, resultando em uma maior preocupação com políticas

em: 25 mar. 2018.

196 Cf. BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto? Rio deJaneiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016.

197 BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**... *Op. cit*., p. 16 *et. seq*.

públicas, sociais e seus impactos, conforme ocorreu em Portugal a partir de 2015, segundo a análise do professor de sociologia da Universidade de Coimbra, Elisio Estanque);[198] como também desconsidera os enormes prejuízos decorrentes das políticas de austeridade, típicas da racionalidade neoliberal, que priorizam os números em detrimento das pessoas, ou como diria McCloskey,[199] enfatizam a prudência ao invés da solidariedade. Segundo Flávio Rocha,

> Então eu acho que essa tendência a judicialização, esse detalhismo da legislação detalhando todos esses aspectos da vida, é decorrência da descrença no juiz mais sábio que existe, que é o livre mercado. Quando você não acredita na sabedoria suprema do livre mercado, você tende, você degringola para os falhos tribunais humanos, tentando regular todos os aspectos da vida. Eu acho que o fator para recobrar a competitividade e eu vejo com alegria que esses ventos liberais estão levando a isso é resgatar a crença na sabedoria suprema do livre mercado.[200]

Segundo Flávio Rocha, o “candidato óbvio”, ou seja, aquele por quem o povo está clamando, deveria conseguir unir “o liberalismo econômico à práticas conservadoras no campo do comportamento”, uma vez que, segundo ele, “o Brasil está clamando por um liberal de cabo à rabo, um liberal que seja favorável ao protagonismo do indivíduo na economia, mas também a favor do indivíduo na família no plano do comportamento”. Assim, a partir desse discurso proferido por Flávio Rocha, podemos localizar certa proximidade entre o neoconservadorismos, liberal-conservadorismos e neoliberalismos.

No entanto, o empresário afirma que “o que a gente vê são discursos cruzados”, pois segundo ele, “quando o candidato vai até bem, falando o ‘economês’, falando em privatização, falando em Estado menor, pisa em cascas de banana do politicamente correto”. Segundo ele, isso ocorre “porque o meio onde vivem os políticos é impregnado do tal ‘gramscismo’, do tal ‘marxismo cultural’. Antonio Gramsci é o grande guru”. Todavia, ao afirmar que a política institucional

---

198 Cf. SEM Fronteiras: Coalizão da esqueda faz com que Portugal volte para os trilhos. **Globo News**, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/sem-fronteiras/videos/v/sem-fronteiras-coalizao-da-esquerda-faz-com-que-portugal-volte-para-os-trilhos/5606140/>. Acesso em: 22 jan. 2018.

199 Cf. MCCLOSKEY, Deirdree. **Os pecados secretos da economia**. São Paulo: Ed. Ubu, 2018.

200 Cf. MAMAEFALEI. Flávio Rocha - Entrevista Completa - MAMAEFALEI. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCHEGD5s02I>. Acesso em: 25 mar. 2018.

presente no Estado brasileiro está contaminada pelo que chamou de "gramscismo" ou "marxismo cultural", é possível constatar a influência do diagnóstico de Olavo de Carvalho em sua interpretação, tendo em vista que é essa a ideia central de sua obra intitulada *A nova era e a revolução cultural*.[201] Assim, ainda segundo Flávio Rocha,

> a esquerda tem dois gurus: Marx na economia e Antonio Gramsci no comportamento. Antonio Gramsci foi aquele que disse que o socialismo não viria pela luta armada, mas viria como uma revolução cultural. Através da construção de uma hegemonia, que passa por antes de mais nada, nas palavras dele, por uma faxina nos valores cristãos.[202]

Contudo, esse discurso apresentado pelo proprietário da Riachuelo, possibilita não apenas compreender de que forma a literatura e os vídeos produzidos por Olavo de Carvalho tem contribuído (para não dizer determinado)[203] no estabelecimento do diagnóstico do presente utilizado na interpretação de uma boa parcela da população brasileira, sobretudo, a partir daqueles que se associam aos neoconservadorismos e liberal-conservadorismos como também tem servido de estratégia de unificação das novíssimas direitas em torno da defesa do capitalismo financeiro sob essa face chamada de neoliberalismo, embora os aspectos morais sejam reafirmados pelos tributários dessas tradições do pensamento. Tudo isso pode ser encontrado na fala de Flávio Rocha que, assim como Olavo de Carvalho,[204] afirmou não apenas em seu livro *A nova era e a revolução cultural*, mas também em boa parte dos seus vídeos no youtube, que

> Antonio Gramsci, há quase cem anos atrás, viu que para haver uma mudança radical, um modelo de sociedade, uma sociedade socialista, você tinha que abolir as colunas mestras do conservadorismo. A primeira delas é a família. Depois vem a empresa. Depois vem a justiça. Depois vem a polícia. Depois vem o legislativo.[205]

---

201 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*

202 Cf. MAMAEFALEI. Flávio Rocha - Entrevista Completa - MAMAEFALEI. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCHEGD5s02I>. Acesso em: 25 mar. 2018.

203 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

204 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

205 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rhZ9gpWpXYM>. Acesso em: 25 mar. 2018.

No entanto, quando ele argumenta que "hoje, Antonio Gramsci não podia ser mais atual", parece que ele não está mais acompanhando os diagnósticos mais recentes do próprio Olavo de Carvalho que, na versão de seu livro reeditado em 2014, argumentou exatamente o contrário, já que

> uma revolução cultural é feita por meio de intelectuais, e a esquerda não os tem mais. Gramsci dá uma definição muito ampla de intelectual, que é qualquer sujeito que trabalhe para a propaganda do Partido. Mas para isso são necessários intelectuais *stricto sensu* também, pessoas que tem projeção na mídia, como Luiz Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor, etc. Intelectuais públicos, por assim dizer. E o fato é que o PT não conseguiu reciclar o exército de intelectuais que ele tinha. São todos decadentes hoje. Se olharmos para o que havia antes e compararmos com Fernando Haddad, com Vladimir Safatle, com Leonardo Sakamoto, percebe-se que a queda foi vertiginosa. Não se pode comparar essa gente com os intelectuais de esquerda dos anos 60. Naquela época havia Otto Maria Carpeaux, Leandro Konder, Ênio Silveira, etc. O próprio Emir Sader, que é de uma geração anterior à atual, decaiu muito. Como não houve essa reciclagem dos intelectuais, a esquerda tem hoje o domínio dos aparatos educacionais, mas não tem mais a liderança cultural. Ninguém tomou essa liderança, a esquerda simplesmente caiu e ninguém tomou o lugar. Há uma geração de jovens que têm saído dos meus cursos e que estão ocupando alguns lugares, mas eles ainda não têm a relevância que tinham os intelectuais dos anos 60.[206]

Creio que essa geração de jovens que estão saindo dos cursos de Olavo de Carvalho, bem como lendo os seus livros, assistindo as suas aulas *on line* ou mesmo utilizando outras formas de comunicação proferidas por ele, não apenas abarca uma diversidade de distintos perfis de sujeitos, como também envolve a maior parte dos jovens que participaram do "Fórum: Brasil, para onde estamos indo?", realizado pelo Movimento Brasil Livre – MBL, no dia 01 de fevereiro de 2018, no auditório do curso de engenharia civil da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, onde tive a oportunidade de realizar uma observação participante.

É importante destacar que durante o ano de 2018, alguns de meus orientandos no mestrado em sociologia política, assim como um de meus bolsistas de iniciação científica, encontraram alusões voluntárias de seus interlocutores acerca dos livros e ideias de Olavo de Carvalho

206 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*, p. 226.

nas entrevistas que realizaram para as suas respectivas pesquisas. Contudo, o que mais me chamou a atenção não foi o fato desse escritor conservador ter sido citado pelos entrevistados dos meus orientandos sem terem sido perguntados sobre esse autor. O que mais me chamou a atenção foi o fato de se tratar de um juiz de direito, um médico que atua como professor universitário em uma instituição de ensino superior privada e um promotor de justiça.

Ou seja, parece que o que temos aqui é um outro perfil de sujeitos que provavelmente passou por um modelo de educação escolar voltado para o aprendizado a partir de uma dimensão reprodutiva acerca das informações acessadas, ao invés de ter sido orientado a partir de uma prática pedagógica amparada não apenas na associação de idéias, teorias e análises, mas também em sua compreensão de uma forma mais complexificada. Todavia, esse comportamento parece ser bastante característico naqueles que procuram o campo acadêmico com o único objetivo de participar de algum concurso público ou qualquer outra forma de ensino voltado a superar uma fase e que escapa, portanto, a aprendizagem baseada na associação de idéias, ao invés de sua mera reprodução. Essa experiência acabou me fazendo sugerir uma pesquisa para um outro orientando justamente sobre o perfil dos concurseiros. Pesquisa essa que se encontra em andamento.

Também gostaria de deixar claro ao leitor, que esse foi o primeiro texto escrito desse livro e, portanto, foi a partir dele que muitas das idéias aqui apresentadas se desdobraram em outros demais capítulos. Não obstante, esse trecho tem uma enorme relevância, uma vez que as eleições de 2018 mostraram que as ideias de Olavo de Carvalho realmente tiveram um enorme impacto no Brasil, ao ponto de não apenas modular um comportamento conservador que incidiu diretamente em uma parcela significativa da população, mas também de eleger o presidente do país. Certamente, tudo isso não seria possível sem o efeito Robert Mercer, Steve Bannon, Cambridge Analytica, facebook, dentre outros protagonistas. Sendo assim, peço desculpas ao leitor pelo texto tão atrapalhado e quase que catársico, mas prometo que os próximos capítulos serão menos prolixos.

Desse modo, quando situo essa pesquisa cibercartográfica a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, parto da premissa de que estamos vivenciando a passagem daquilo que a analítica foucaultiana chamou de biopolítica, amparada, portanto, em modos de subjetivação

decorrentes tanto de certa razão de Estado quanto governamental, para aquilo que poderíamos tratar como ciberpolítica, tendo em vista a emergência dessa nova arte de governar baseada na modulação algorítmica que, em certa medida, já havia sido mencionada, ainda que de forma germinal, por Deleuze em seu texto sobre a emergente *sociedade de controle*.[207]

> Para modular é necessário reduzir o campo de visão dos indivíduos ou segmentos que serão modulados. É preciso oferecer algumas alternativas para se ver. A modulação encurta a realidade e a multiplicidade de discursos e serve assim ao marketing. Os sistemas algoritmos filtram e classificam as palavras-chaves das mensagens, detectam sentimentos, buscam afetar decisivamente os perfis e, por isso, organizam a visualização nos seus espaços para que os seus usuários se sintam bem, confortáveis e acessíveis aos anúncios que buscarão estimulá-los a adquirirem um produto ou um serviço. A modulação opera pelo encurtamento do mundo e pela oferta, em geral, de mais de um caminho, exceto se ela serve aos interesses de uma agência de publicidade, instituição ou uma corporação compradora. Assim, ficamos quase sempre em bolhas que prefiro chamar de amostras, filtradas e organizadas conforme os compradores, ou melhor, anunciantes. Para que o processo de modulação seja eficiente e eficaz, as plataformas precisam conhecer bem cada um que interage em seus espaços ou dispositivos. Por isso, a modulação é um recurso-procedimento do mercado de dados pessoais e um estágio na cadeia da microeconomia da interceptação de dados pessoais. A captura ou colheita de dados é o primeiro passo. O armazenamento e a classificação desses dados devem ser seguidos pela análise e formação de perfis. Diversos bancos de dados podem ser agregados a um perfil pelas possibilidades trazidas pelo *Big Data*. Os sistemas algorítmicos modelados como aprendizado de máquina devem acompanhar os clientes das plataformas em cada passo, reunindo informações precisas sobre os cliques dados, os links acessados, o tempo gasto em cada página aberta, os comentários apagados, dentre outros. O processo de modulação começa por identificar e conhecer precisamente o agente modulável. O segundo passo é a formação do seu perfil e o terceiro é construir dispositivos e processos de acompanhamento cotidiano constantes, se possível, pervasivos. O quarto passo é atuar sobre o agente para conduzir o seu comportamento ou opinião.[208]

Além disso, também é importante mencionar que durante a produção desse livro, que teve início em janeiro de 2018, acompanhamos tanto a criação da candidatura de Flávio Rocha à presidência da

207 Cf. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

208 SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **A noção de modulação e os sistemas algorítmicos**... *Op. cit*., p. 38 *et. seq.*

república quanto a sua desistência, verificando não apenas o apoio do MBL, como o do pastor Edir Macedo, assim como outros demais representantes das vertentes evangélicas, chegando ao ponto de acreditar na possibilidade dele vencer as eleições. No entanto, reconheço que só fui perceber a desistência da candidatura de Flávio Rocha quando ficou evidente que o bolsonarismo e tudo aquilo que passei a entender como governamentalidade algorítmica começou a aparecer a partir de certo discurso amparado na construção de Bolsonaro como "o mito" e seus seguidores como "mitadores",[209] algo que passou a se propagar entre os seus eleitores nas redes sociais e que me deixou bastante preocupado após ler o trecho de um discurso de Benito Mussolini no Congresso Fascista de Nápoles em 1922,[210] em que disse

> nós criamos o nosso mito. O mito é uma fé, uma paixão. Não é necessário que ele seja uma realidade... Nosso mito é a nação, nosso mito é a grandeza da nação! E a esse mito, essa grandeza, que queremos transformar numa realidade total, subordinamos tudo.[211]

Certamente, se temos, além de jovens, juízes de direito, médicos, promotores de justiça, por que então não teríamos um empresário como tributário das idéias de Olavo de Carvalho? E por que não um presidente? Mas, enquanto Flávio Rocha reproduz o discurso produzido na primeira edição do livro *A nova era e a revolução cultural* de 1994, sem atualizar sobre as ponderações trazidas por esse autor, na última edição de seu livro datada de 2014, Olavo de Carvalho apresenta uma abordagem mais atualizada de suas análises que acabou sendo desconhecida e/ou negligenciada pelo proprietário das lojas Riachuelo.[212]

Ainda segundo Flávio Rocha,

> no discurso da economia, acho que Marx está morto e sepultado, pois depois de cem anos, os maiores fracassos econômicos foram as sessenta experiências socialistas que só levaram a ditaduras e a miséria.[213]

---

209 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit*; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*.

210 Cf. CASSIO Cunha. Bolsonaro e recebido com gritos de mito. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OtNMmCK0v5k>. Acesso em: 05 jun. 2019.

211 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., p. 21.

212 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

213 Cf. MAMAEFALEI. Flávio Rocha - Entrevista Completa - MAMAEFALEI. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCHEGD5s02I>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Nesse sentido, é interessante verificar de que forma opera essa seletividade no entendimento do que seriam as experiências socialistas, isso sem falar das misérias que são implementadas no campo da segurança pública e em nome do mercado nas sociedades capitalistas ao redor do planeta, conforme podemos encontrar nas análises de Loïc Wacquant acerca da emergência do que chamou de "Estado centauro" nos Estados Unidos,[214] através da chamada "guerra às drogas" que resulta na "criminalização da pobreza" e em seu consequente "encarceramento em massa", também encontrada na realidade brasileira.[215]

> A destruição deliberada do Estado social e a hipertrofia súbita do Estado penal transatlântico no curso do último quarto de século são dois desenvolvimentos concomitantes e complementares. Cada um a seu modo, eles respondem, por um lado, ao abandono do contrato salarial fordista e do compromisso keynesiano em meados dos anos 70 e, por outro, à crise do gueto como instrumento de confinamento dos negros em seguida à revolução dos direitos civis e aos grandes confrontos urbanos da década de 60. Juntos, eles participam do estabelecimento de um "novo governo da miséria" no seio do qual a prisão ocupa uma posição central e que se traduz pela colocação sob tutela severa e minuciosa dos grupos relegados às regiões inferiores do espaço social estadunidense. Desenha-se assim a figura de uma formação política de um tipo novo, espécie de "Estado centauro", cabeça liberal sobre corpo autoritário, que aplica a doutrina do "laissez faire, laissez passer" ao tratar das causas das desigualdades sociais, mas que se revela brutalmente paternalista e punitivo quando se trata de assumir as consequências.[216]

Essa seletividade penal mencionada por Wacquant acerca da realidade estadunidense pode muito bem ser utilizada para tratar da realidade brasileira,[217] tendo em vista o perfil dos crimes e das pessoas encarceradas no Brasil, conforme encontramos apresentado no Mapa do Encarceramento, já que a

> seletividade penal desdobra-se em um punitivismo que focaliza alguns segmentos sociais e tipos de delito (como crimes

214 Cf. WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres:** a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2003.

215 Cf. RIBEIRO JUNIOR, Humberto. **Criminalização da pobreza e encarceramento em massa no Espírito Santo**. Vitória: Ed. Cousa, 2012; ROSA, Pablo O. **Drogas e a governamentalidade neoliberal**. Florianópolis: Ed. Insular, 2014; ZACCONE, Orlando. **Indignos de vida**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2016.

216 WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres:** a nova gestão da miséria nos Estados Unidos... *Op. cit.*, p. 55.

217 Cf. *Ibidem*.

> patrimoniais e tráfico de drogas), ao mesmo tempo que, para outros tipos de conflitos e seus autores, como os crimes de homicídios, os fluxos de justiça são lentos e até bloqueados.[218]

Assim, a complexidade do funcionamento do sistema de justiça criminal a partir dos crimes contra o patrimônio ou mesmo tráfico de drogas são elementos que dificilmente são encontrados no senso comum douto, embora sejam instrumentalizados na garantia da perpetuação de um tipo de discurso conservador amparado na lei e ordem. Isso pode muito bem ser localizado no evento sobre segurança pública – que discutiu a chamada "bandidolatria" e o "democídio" -[219] que foi organizado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, convidando um dos fundadores do Movimento Brasil Livre – MBL, Kim Kataguri, que era apenas um jovem de 22 anos e ex-estudante do curso de graduação de economia - e não um pesquisador da área -, para proferir uma palestra intitulada "A visão da sociedade".[220] Como pesquisador, a primeira pergunta que me fiz quando me deparei com essa notícia foi: Será que o Ministério Público do Rio de Janeiro não tinha ninguém mais qualificado para tratar deste assunto?

Não obstante, talvez seja necessário mencionar um dos aspectos mais intrigantes e paradoxais possivelmente desconhecido por Kim Kataguiri acerca do racismo sofrido pelos povos orientais que pode ser encontrado nos escritos da querida amiga Elena Camargo Shizuno que evidencia o chamado "perigo amarelo" e como os asiáticos e, sobretudo, os japoneses passaram a serem tratados no Brasil de forma racista na primeira metade do século passado – principalmente no contexto da Segunda Guerra Mundial - por pensadores conservadores brasileiros da época, a exemplo de Oliveira Viana que ao argumentar acerca da suposta inassimilação dos japoneses no Brasil, concluiu que "O japonês é como enxofre: insolúvel. É este justamente o ponto mais delicado do seu problema migratório, aqui como em qualquer outro ponto do globo".[221]

Não obstante, o que estou querendo problematizar aqui perpassa exatamente a localização da mesma estratégia encontrada por Foucault

---

218 BRASIL. **Mapa do Encarceramento:** os jovens do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2015, p. 13.

219 Cf. PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio**... *Op. cit*.

220 Cf. ALBUQUERQUE, Ana Luiza. Promotores do Rio e Kim Kataguiri debatem 'bandidolatia'; web reage. **Folha S.Paulo**, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1918699-promotores-do-rio-e-kim-kataguiri-debatem-bandidolatria-e-web-reage.shtml>. Acesso em: 06 jan. 2018.

221 VIANA *apud* SHIZUNO, Elena C. **Os imigrantes japoneses na segunda Guerra Mundial:** bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil. Londrina: Ed. UEL, 2010, p. 50.

para tratar da suposta desqualificação do Outro que permite não apenas a sua patologização, mas também a criminalização de certos grupos identitários subalternizados através da instrumentalização da suposta perversidade e do perigo.[222] Portanto, a compreensão da desqualificação do imigrante japonês, tratado por Shizuno como "perigo amarelo",[223] permite compreender o deslocamento da figura do inimigo para outros campos patologizantes e/ou criminais a partir de certa universalização essencialmente identitária, transitando de alvos como os japoneses, passando por indígenas, negros, latinos, comunistas, terroristas, usuários de drogas, gays, pessoas trans ou quaisquer outros grupos subalternizados localizados como desviantes, abarcando, inclusive, o chamado marxismo cultural.

> Perigo e perversidade. Estão vendo que encontramos de novo aqui, reativada através de uma instituição e de um saber que nos são contemporâneos, toda uma imensa prática que a reforma judiciária do fim do século XVIII deveria ter feito desaparecer e que agora encontramos tal qual. E isso não apenas por uma espécie de efeito de arcaísmo, mas – à medida que o crime vai se patologizando cada vez mais, à medida que o perito e o juiz trocam de papel – toda essa forma de controle, de apreciação, de efeito de poder ligado à caracterização de um indivíduo, tudo isso se torna mais ativo.[224]

É diante desse cenário neoconservador acerca das questões morais que visam desqualificar aqueles que compartilham valores tratados como subalternizados por certa concepção etnocêntrica que vemos emergir todo um processo de construção do inimigo por meio de ferramentas não apenas normativas, mas também simbólicas, bastante potentes que podem ser identificadas por meio do que Foucault chamou de porta giratória, ou seja, "quando o patológico entra em cena, a criminalidade, nos termos da lei, deve desaparecer".[225]

Visando debater acerca das estratégias neoconservadores de desqualificação do Outro, é possível localizar tanto na patologização do comunismo presente no livro *A mente esquerdista: As causas psicológicas da loucura política* de Lyle Rossiter, quanto a sua própria criminalização localizada no projeto de Lei n. 5.358/2016, proposto

222 Cf. FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**... *Op. cit*.

223 Cf. SHIZUNO, Elena C. **Os imigrantes japoneses na segunda Guerra Mundial**... *Op. cit*.

224 Cf. FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**... *Op. cit*., p. 33.

225 *Ibidem*, p. 27.

pelo Deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP), que: “Altera a redação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo”.[226]

No caso do projeto de Lei n. 5.358/2016, capitaneado pelo filho do atual presidente Jair Bolsonaro (PSL), conseguimos encontrar traços de um certo macarthismo tropical ou à brasileira que opera a partir de uma estratégia antidemocrática e, portanto, antiliberal, podendo ser tratada, sobretudo, a partir daquilo que Tocqueville chamou de “tirania da maioria”,[227] tendo em vista que restringe liberdades, inclusive a de resistência, tão defendida por John Locke, em seu livro *Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos*, um dos textos fundadores do liberalismo político.[228]

No entanto, o aspecto mais questionável no que se refere à produção simbólica de um discurso amparado em uma suposta cientificidade para esse comportamento persecutório e patologizante acerca da dissidência política pode ser encontrado no livro *A mente esquerdista: As causas psicológicas da loucura política* que tem em sua capa, antes do nome do autor,[229] o título “Dr.” Lyle H. Rossiter, como estratégia de legitimação discursiva, amparada em certa qualificação enquanto cientista, mesmo o autor não sendo pesquisador e tendo concluído apenas uma formação em medicina e em psiquiatria na Universidade de Chicago.

Também é importante mencionar que o título desse livro em inglês é *The Liberal Mind: The psichological causes of political madness* e, portanto, deveria ser traduzido literalmente como *A Mente Liberal: As causas psicológicas da loucura política*. No entanto, na sua tradução para a publicação em português pela Vide Editorial, editora que inclusive publica parte dos escritos de Olavo de Carvalho e alguns de seus alunos, o livro sofreu uma alteração significativa, na medida em que o seu título foi modificado para *A mente esquerdista: As causas psicológicas da loucura política*, evidenciando o propósito

226 Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista:** As causas psicológicas da loucura política. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

227 Cf. TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracia na América:** leis e costumes. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

228 Cf. LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos**. Petrópolis: Ed. Vozes: 1994.

229 Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista** - As causas psicológicas da loucura política. São Paulo: Vide editorial, 2016. Disponível em: <https://videeditorial.com.br/a-mente-esquerdista>. Acesso em: 11 mar. 2018.

de não apenas descontextualizar o fato deste texto tratar da política institucional estadunidense que abarcaria republicanos e democratas, como também passou a servir para desqualificar, ora patologizando ora criminalizando, toda a dissidência política através de certa suposição acerca da mentalidade da esquerda brasileira. Segundo ele,

> a agenda esquerdista é a neurose esquerdista transformada em manifesto. Ela não é um programa racional para a organização da ação humana. É, em vez disso, um conglomerado irracional de defesas neuróticas que os esquerdistas modernos utilizam para seu equilíbrio mental e emocional. Ao atacar a soberania do indivíduo e as instituições essenciais à liberdade ordenada, a agenda ataca os próprios fundamentos de uma sociedade livre. Na verdade, o esquerdismo moderno não busca a liberdade autêntica, apesar de sua associação histórica com esse ideal, nem fomenta o crescimento do indivíduo para a competência. Ela não promove as virtudes da liberdade individual: nem auto-confiança, responsabilidade ou segurança; nem cooperação por consentimento ou iniciativa ou atividade; nem padrões altos de moral ou cuidado ou altruísmo. Ela não busca uma sociedade de cidadãos soberanos, mas cria em seu lugar uma sociedade de dependentes alegadamente vitimizados sob o cuidado tutelar do Estado. Ao manter suas origens no comportamento infantil, a agenda esquerdista endossa a auto-satisfação através do hedonismo de curto prazo e do impulso primitivo da gratificação.[230]

Esse tipo de literatura neoconservadora que não tem sustentação no campo científico contemporâneo, operando apenas em uma dimensão persecutoriamente moral, só consegue atingir tamanha capilaridade através da utilização de certa estratégia de *marketing* revisionista decorrente de um deslocamento do conteúdo do debate, inserindo em seu lugar apenas a forma. Nesse sentido, aqueles que compartilham visões de mundo com viés mais conservador ou mesmo aqueles que estão suscetíveis a esse tipo de narrativa persecutória acabam encontrando aquelas verdades que corresponderiam às suas expectativas, constituindo não uma verdade amparada em evidências científicas, mas uma autoverdade constituída a partir das narrativas que corroboram aquilo que se quer afirmar para si.

Desse modo, é possível constatar a emergência de um tipo de discurso que poderia até mesmo ser associado a uma espécie de leitura neolombrosiana em pleno século XXI, operado por uma suposta psico-ciência ao invés da antropometria, fundamentando o seu discurso em

230 ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista**... *Op. cit.*, p. 490.

algo que não tem mais sustentação teórica e empírica desde os princípios do século XX, a exemplo de afirmações trazidas pelo próprio Rossiter acerca da natureza humana e sua relação com a gestão das populações.[231]

> Lombroso (2013) não apenas adotou diversificados parâmetros frenológicos na utilização de exames que visavam pesar e medir cabeças humanas na busca por elementos que pudessem conferir sentido científico às suas pesquisas sobre o que chamou de "criminoso nato", como também se utilizou discurso científico dos psiquiatras da época na análise daquilo que era entendido como degeneração dos loucos morais. Embora o seu trabalho tenha consistido em verificar a capacidade craniana, cerebral, suas medidas de sua circunferência, formato, diâmetro, feição, índices nasais, detalhes da mandíbula, fossa occipital, etc., tratando-se, portanto, de elementos de cunho fisiológico, o autor também se utilizou da antropologia evolucionista da época que abarcava os conceitos de atavismo e de espécie não evolucionada.[232]

Desse modo, creio que deveríamos tratar da política institucional advinda das tradições contratualista como uma espécie de cosmologia política, conforme entendemos a partir de Descola,[233] já que essas concepções também abarcam certos e distintos entendimentos acerca da natureza humana que passaram a ser reconhecidos no século XIX e depois veementemente questionados no século XX pelas diversificadas escolas da antropologia social que emergiram após as reflexões trazidas por Franz Boas acerca da unilinearidade história,[234] tão defendida pelos precedentes antropólogos evolucionistas, também conhecidos como antropólogos de gabinete. Um exemplo da reprodução deste tipo de leitura essencialista questionável do ponto de vista das ciência humanas do século XX amparada em uma perspectiva quase que neolombrosiana pode ser encontrada no afirmação trazida pelo "Dr." Rossiter amparada na ideia de que "a obediência geral a essas regras é essencial para o sucesso do empreendimento humano; qualquer violação generalizada das mesmas leva à ruptura social".[235]

---

231 Cf. *Ibidem*.

232 ROSA, Pablo O.; ROSA, Ramiro de O.; MIGUEL, Élcio C.; INTRA, Eviner. Da necessidade de formação sobre o funcionamento do Sistema Único de Saúde – SUS acerca das políticas de controle sobre as drogas destinado aos operadores do sistema de justiça criminal. *In*.: MIRANDA, Angelica E.; RANGEL, Claudia; COSTA-MOURA, Renata. (org.). **Questões sobre a população prisional no Brasil:** saúde, justiça e direitos humanos. Vitória: Ed. UFES/PROEX, 2016, p. 25 *et. seq*.

233 Cf. DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit*.

234 Cf. BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**... *Op. cit*.

235 ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista**... *Op. cit*., p. 403.

Contudo, o que dizer, por exemplo, da questão que se coloca em relação ao respeito da obediência geral quando nos colocamos diante de um contexto de uma sociedade escravocrata ou mesmo diante do racismo encontrado por Elena Shizuno ao tratar do "perigo amarelo" presente no contexto político brasileiro?[236] A defesa do combate ao racismo deveria ser tratada como uma ruptura social ou a ampliação de liberdades que antes eram negadas? Não seria esse tipo de literatura difundida não por seu conteúdo passível de análise dos pares acadêmicos através de avaliação teórica, metodológica e conceitual, mas por meio da difusão de diferentes estratégias de *marketing*, que vemos a emergência dos pensamentos neoconservadores no Brasil, sobretudo, capitaneados por certo senso comum douto que passou a ser compartilhado por sujeitos que tem na sua atividade profissional exclusivamente a reprodução de técnicas de certas áreas? Portanto, o que um psiquiatra que não realiza pesquisas científicas como Rossiter,[237] mas que as instrumentaliza a partir de certa cruzada moral para legitimar as suas visões de mundo, teria a dizer de mais relevante e que deve ser levado em consideração, se comparado com as pesquisas que realmente são realizadas não apenas a partir de critérios científicos decorrentes de construções teóricas, empíricas, metodológicas, etc., mas que também passam pelo crivo da avaliação de seus pares?

Certamente para Rossiter, "eles" são a esquerda e, portanto, representam a loucura política e o mal, enquanto "nós" somos a direita, na medida em que encarnamos a ordem, a lei, a hierarquia, a tradição, enfim, a normalização encontrada no suposto "cidadão de bem".[238] Contudo, é justamente isso que Stanley trata como fascismo ao mencionar o que chamou de política do "nós" e "eles".[239]

> O que a normalização faz é transformar o que é moralmente extraordinário em ordinário. Isso nos torna capazes de tolerar o que antes era intolerável, fazendo parecer que é assim que as coisas sempre foram. Em contrapartida, a palavra "fascista" adquiriu um matiz de extremismo, como se fosse alarme falso. A normalização da ideologia fascista, por definição, faria com que acusações de "fascismo" parecessem uma reação exagerada, mesmo em sociedades cujas normas estão se transformando com base nessas linhas preocupantes. Normalização significa

236 Cf. SHIZUNO, Elena C. **Os imigrantes japoneses na segunda Guerra Mundial**... *Op. cit*.

237 Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista**... *Op. cit*.

238 *Ibidem*.

239 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

> precisamente que a invasão de condições ideologicamente extremas não é reconhecida como tal porque elas parecem normais. A acusação de fascismo sempre parecerá extrema; "normalização" significa que as regras do jogo para o uso de terminologia "extrema" estão sempre mudando. Que nosso senso de normalidade – e nossa capacidade de julgá-la – esteja mudando não significa que o fascismo agora recaia sobre nós. O que significa é que a sensação intuitiva de que as acusações de "fascismo" são exageradas não é um argumento suficientemente bom contra o uso da palavra. Em vez disso, os argumentos sobre a invasão política fascista precisam de uma compreensão de seu significado e das táticas que ela abrange.[240]

Outro texto também publicado pela Vide Editorial - editora que lançou tanto os escritos de Carvalho quanto os de Rossiter -[241]que necessita de certa atenção em nossa análise, já que reproduz certa visão etnocêntrica, eurocêntrica e ocidêntica, conforme constatou Rolnik,[242] é o livro intitulado *Teoria e tradição da guerra justa: do Império Romano ao Estado Islâmico*", de Pedro Erik Carneiro.[243] Nele, o autor questiona a perseguição que a igreja católica vivenciou e permanece vivenciando em relação às violências capitaneadas pelos muçulmanos historicamente, chegando ao ponto de afirmar que

> os livros escolares precisam ser revistos para incluir o que as pesquisas modernas sérias dizem sobre os cruzados. Eles não eram imperialistas, eram católicos penitentes e muitos países devem suas fronteiras a eles.[244]

Contudo, essa cruzada católica moralizante e colonizadora de subjetividades que trata do não católico como herege e, portanto, como inimigo, pode ser encontrada não apenas em escritos como os de Carneiro,[245] por exemplo, como também pode ser evidenciada em discursos de *youtubers* Bernardo Küster que, em vídeo-aula proferido no Centro Dom Bosco,[246] assim como no documentário que ele está

---

240 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*., 181.

241 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista**... *Op. cit*.

242 Cf. ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**... *Op. cit*.

243 CARNEIRO, Pedro Erik. **Teoria e Tradição da Guerra Justa**: do Império Romano ao Estado Islâmico. Campinas: Vide Editorial, 2016.

244 *Ibidem*, p. 208.

245 Cf. *Ibidem*.

246 Cf. CENTRO Dom Bosco. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=bernardo+kuster+dom+bosco>. Acesso em: 11 ma. 2019.

produzindo intitulado *Eles estão no meio de nós*,[247] constrói uma narrativa persecutória que visa eliminar a teologia da libertação da igreja católica através da produção e fomento de certo pânico moral contra os supostos comunistas e marxistas, justamente por defender abertamente a criminalização e extermínio do comunismo.[248] Além de Bernardo Küster, também se faz importante mencionar Nando Moura, outro *youtuber* recomendado pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL) e que também se reconhece como aluno de Olavo de Carvalho, que chegou a argumentar, inclusive, que "Karl Marx foi o maior filho da puta da humanidade".[249]

Uma leitura crítica à certa da concepção ocidêntica,[250] sobretudo, amparada não apenas nas tradições pós-colonialistas e decoloniais que apresentam críticas contundentes a esse tipo de afirmação frágil do ponto de vista da universalização das intencionalidades da igreja católica, mas também de tradições acadêmicas europeias, a exemplo das analíticas pós-estruturalistas, nos permite questionar os argumentos tanto de Carneiro quanto de Bernardo Küster e Nando Moura fundamentados em autores cristãos,[251] constatando exatamente elementos contrários ao modelo evolucionista e/ou certo fundamentalismo instrumentalizado por autores de tradição católica, conforme argumentou o professor de filosofia da Universidade de Sorbonne, David Lapoujade, ao reconhecer que

> todas as formações sociais coexistem num único e mesmo campo de interações. Se há um erro que não deve ser cometido, é inscrever essa tipologia dentro de um esquema evolucionista qualquer. Não se passa dos nômades aos sedentários, dos caçadores-coletores aos agricultores, assim como não se passa das tribos às vilas e depois às cidades e aos Estados. Todos os tipos de organizações sociais são dados ao mesmo tempo, coexistem num mesmo espaço-tempo, como atestam a história e a pré-história. As primeiras formações imperiais são contemporâneas das sociedades linhageiras, assim como o são as primeiras

247 Cf. BERNARDO P Küster. Eles estão no meio de nós - teaser 01. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WFbt7hCy_Ow>. Acesso em: 11 mai. 2019.

248 Cf. BERNARDO P Küster. Prova do Enade - heresias, mentiras e manipulação. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OQag0V3pzOs&t=491s>. Acesso em: 11 mai. 2019.

249 Cf. NANDO Moura. Karl Marx - O anticristo. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5TjfR5SLl2g>. Acesso em: 11 mai. 2019.

250 Cf. ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**... *Op. cit*.

251 CARNEIRO, Pedro Erik. **Teoria e Tradição da Guerra Justa**... *Op. cit*.

> cidades e as primeiras organizações comerciais internacionais. Por mais longe que remonte no tempo, sempre encontramos impérios, cidades, tribos. Deve-se supor que todos os tipos de organizações sociais sempre coexistiram, talvez independente umas das outras, mas em 'perpétua interação' segundo fronteiras constantemente móveis.[252]

Certamente a principal consequência negativa deste tipo de abordagem apresentada por Carneiro reivindicando certa justiça na conduta violenta histórica do cristianismo em relação à demais religiões, é que ela possibilita olhar para o Outro não apenas como diferente, o que permitiria o reconhecimento da nossa identidade.[253] Mas, vê-lo como um suspeito e, no limite, como inimigo. Nesse sentido, a conduta daqueles que não compartilham com os valores estabelecidos por certo modelo ocidêntico cristão, amparado não apenas em certa concepção de política fundamentada no modelo liberal de democracia quanto na economia de livre mercado, mas principalmente na adesão àquelas condutas identificadas como pertencentes às práticas cristãs, acaba sendo instrumentalizado na desqualificação do Outro como diferente, situando-o como um perigo social. No entanto, isso não quer dizer que não há e nem houve perseguição aos cristãos, entretanto, a proporção trazida pelo autor acaba possibilitando a produção de uma narrativa de combate ao inimigo e, portanto, perpetuando, a política do "nós" e "eles", tipicamente fascista, conforme sugeriu Stanley.[254]

Assim, da mesma forma que, diante do contato dos ameríndios com os europeus, o Outro era tratado de maneira completamente distinta entre eles, conforme mostrou Viveiros de Castro,[255] podemos verificar que a construção do subalternizado pelos neoconservadores brasileiros e possivelmente por grande parte dos representantes das novíssimas direitas, de alguma forma reitera essa leitura hierárquica instrumentalizada por uma visão etnocêntrica em que o Outro passa a ser não apenas inferiorizado, mas tratado como uma espécie de ameaça em decorrência de um processo de desqualificação decorrente de um modo de subjetivação produtora do dissidente como inimigo, que pode não apenas estar relacionado a patologização e criminalização

---

252 LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: Ed. N-1, 2015, p. 229 *et. seq*.

253 CARNEIRO, Pedro Erik. **Teoria e Tradição da Guerra Justa**... *Op. cit*.

254 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

255 Cf. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2015.

de condutas construídas historicamente pelas cosmologias que compartilhamos como também pode promover o próprio extermínio daquelas populações que não creem nos valores e condutas estabelecidas hegemonicamente por grupos dominantes.

> foi uma meditação sobre esse desequilíbrio que conduziu à hipótese perspectivista segundo a qual os regimes ontológicos ameríndios divergem daqueles mais difundidos no Ocidente precisamente no que concerne às funções semióticas inversas atribuídas ao corpo e à alma. Para os espanhóis do incidente das Antilhas, a dimensão marcada era a alma; para os índios, era o corpo. Por outras Palavras, os europeus nunca duvidaram de que os índios tivessem corpo (os animais também os têm); os índios nunca duvidaram que de que os europeus tivessem alma (os animais e os espectros dos mortos também as têm). O etnocentrismo dos europeus consistia em duvidar que os corpos dos outros contivessem alma formalmente semelhantes às que habitavam os seus próprios corpos; o etnocentrismo ameríndio, ao contrário, consistia em duvidar que outras almas ou espíritos fossem dotadas de um corpo materialmente semelhantes aos corpos indígenas.[256]

Seguindo as análises da entrevista, Flávio Rocha ainda argumenta a partir de sua cosmologia pretensamente liberal-conservadora que o "fenômeno Macron é uma característica francesa ou europeia. O que que é Macron? Direita na economia e esquerda nos costumes. Eu acho que aqui influenciou muito os candidatos que tentam essa fórmula, mas não é isso que o povo quer". Segundo o entrevistado, "o povo está querendo, o povo está clamando pela coerência do protagonismo do indivíduo na economia e o protagonismo do indivíduo no comportamento". O proprietário das lojas Riachuelo ainda argumenta que no Brasil,

> você não vê um candidato do partido republicano que, por definição, defende a liberdade econômica, a livre empresa e é contra a *National Rifle Association,* que é a grande entidade que defende o direito do ser humano de se defender.[257]

Contudo, é importante destacar que o poderio da *National Rifle Association* não se dá simplesmente porque a maior parte da população estadunidense se coloca favorável ao direito de comprar uma arma, tendo em vista a sua garantia constitucional, mas principalmente

256 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**... *Op. cit*., p. 36 *et. seq*.

257 Cf. BARBOSA, Bene. Atenção BBC, Globo e Folha: desarmamento não é responsável pela baixa criminalidade no Japão, mas vocês sabem muito bem disso! **Cada Minuto**, 2017. Disponível em: <http://www.cadaminuto.com.br/noticia/297722/2017/01/09/atencao-bbc-globo-e-folha-desarmamento-nao-e-responsavel-pela-baixa-criminalidade-no-japao-mas-voces-sabem-muito-bem-disso>. Acesso em: 06 fev. 2018.

porque essa associação chegou a gastar em 2017, pelo menos 4,1 milhões de dólares em *lobbies* junto ao governo daquele país, ao passo que setor de laticínios gastou 4,4 milhões de dólares com esse mesmo tipo de atividade. Isso sem falar dos 53,4 milhões gastos pela *National Rifle Association* também com *lobbies* na eleição presidencial de 2016.[258]

> No mundo há, a rigor, dois sistemas de controle de armas: o discricionário (may issue licencing) pelo qual se estabelece quais são as pessoas que poderão usar armas e o sistema não-discricionário (shall issue) pelo qual se parte do princípio de que há um direito à posse e/ou porte de armas, o que obrigaria as autoridades a emitir licenças para todas as pessoas que não estejam legalmente impedidas. Esta última política vem sendo defendida pela National Rifle Association (NRA), desde 1985, nos EUA, e é adotada por vários Estados naquele país. O Brasil adotou, com o Estatuto, uma política de may issue licencing, restritiva quanto à posse de armas e de orientação, de regra, proibicionista quanto ao porte.[259]

No entanto, é bastante curioso verificar que as referências utilizadas pelos tributários das novíssimas direitas no Brasil geralmente são importadas dos Estados Unidos e, quando são citados em livros de autores nacionais, estes escritos ou constroem causalidades desconexas visando corroborar a ideia de que um mundo armado seria mais seguro, ou não são fundamentados em pesquisas científicas realizadas formalmente em nosso país, mas baseados em reproduções de pesquisas executadas fora do Brasil, a exemplo dos defensores armamentistas Flavio Quintela e Bene Barbosa,[260] fundador da Organização Não-Governamental – ONG Movimento Viva Brasil, que se apresenta como bacharel em ciências jurídicas e especialista em segurança pública, embora não possua pesquisas científicas realizadas formalmente no país[261] sobre essa questão tão defendida por ele.

Desse modo, o suposto especialista em segurança pública – digo suposto, porque me parece que o armamentista mencionado não possui

---

258 Cf. Why is the National Rifle Association so powerful? **The Guardian**, 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/nov/17/nra-gun-lobby-gun-control-congress>. Acesso em: 14 mar. 2018.

259 ROLIM, Marcos. **Evidências científicas sobre o desarmamento ou "tudo aquilo que o lobby das armas não gostaria que você soubesse"**. Pelotas: Ed. Da casa, 2005, p. 23.

260 Cf. QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. **Mentiram pra mim sobre o desarmamento**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

261 **NATIONAL Rifle Association (NRA)**. Disponível em: <https://home.nra.org/>. Acesso em: 06 fev. 2018.

formação em pesquisa *stricto sensu* - argumenta que o chamado "Estatuto do desarmamento" opera de maneira ideológica,[262] ao passo que as políticas armamentistas defendidas por ele não se dariam dessa forma.

> A taxa de mortes por arma de fogo entre crianças de 0 a 14 anos é, aproximadamente, 12 vezes maior nos EUA do que a média de 25 outras nações industrializadas. Quando se separa a taxa de homicídios de crianças praticados com armas de fogo (acidentes excluídos), os EUA chegam a ter taxas 16 vezes maiores. As taxas de suicídio de crianças entre 0 -14 anos com armas de fogo, por outro lado, são, como veremos, muito maiores nos EUA do que nos outros 25 países industrializados. O interessante é que não há qualquer diferença nas taxas de suicídios sem arma de fogo entre os EUA e as demais nações do estudo o que sugere que o fator distintivo seja mesmo a disponibilidade extraordinária de meios de morte.[263]

Segundo Rolim, John Lott Junior, professor de economia da Universidade de Chicago e certamente um dos maiores entusiastas armamentistas dos Estados Unidos, foi o autor do livro intitulado "*More guns, less crime*",[264] em que "procurou oferecer evidências de que as políticas de liberalização do porte de armas em vários estados norte-americanos teriam produzido o efeito benéfico de redução nas taxas de crimes violentos".[265] Esse livro, acabou tendo um impacto enorme no pensamento das novíssimas direitas brasileiras, não apenas tendo sido utilizado como principal referência por Bene Barbosa e Flávio Quintela,[266] tanto em seus textos e vídeos,[267] mas também por alguns tributários da esquerda, a exemplo do candidato presidenciável Rui Pimenta (PCO) -[268]

262 BRASIL. **Lei n. 10.826, de 22 de dezembro de 2003**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10826-22-dezembro-2003-490580-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 09/10/2019.

263 ROLIM, Marcos. **Evidências científicas sobre o desarmamento ou**... *Op. cit*., p. 34.

264 Cf. LOTT JUNIOR, John. **More guns, less crime**. Chicago: The University Chicago Press, 2000.

265 ROLIM, Marcos. **Evidências científicas sobre o desarmamento ou**... *Op. cit*., p. 36.

266 Cf. QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. **Mentiram pra mim sobre o desarmamento**... *Op. cit*.

267 Cf. BARBOSA, Bene. Atenção BBC, Globo e Folha: desarmamento não é responsável pela baixa criminalidade no Japão, mas vocês sabem muito bem disso! **Cada Minuto**, 2017. Disponível em: <http://www.cadaminuto.com.br/noticia/297722/2017/01/09/atencao-bbc-globo-e-folha-desarmamento-nao-e-responsavel-pela-baixa-criminalidade-no-japao-mas-voces-sabem-muito-bem-disso>. Acesso em: 12 fev. 2018; SOBRIVENCIALISMO. Mentiram para você sobre o desarmamento? (Com Bene Barbosa) - No fio da Navalha. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hTZJYdHs3hs&t=27s>. Acesso em: 12 fev. 2018.

268 Cf. G1. Rui Pimenta defende população armada para combater o crime. **G1**, 2014.

embora seja possível verificar que a grande parte dos representantes de perspectivas mais progressistas se coloquem veementemente contra as políticas armamentistas. No entanto, ao analisar a pesquisa realizada por John Lott Junior,[269] Rolim reconhece que

> Seu trabalho produziu uma enorme satisfação entre os defensores das armas, porque apareceu, de início, como o resultado de um amplo e meticuloso estudo sobre as taxas criminais, pretensamente construído sobre os alicerces da pesquisa científica e do manejo responsável das estatísticas. O estrago deste trabalho, na verdade, extrapolou todas as expectativas, pois as conclusões de Lott e suas posições reacionárias passaram a legitimar os valores violentos que, costumeiramente, acompanham a defesa das armas em todo o mundo. Os argumentos de "More Guns, Less Crime", mesmo nos países onde o livro nunca teve uma tradução (como no Brasil) se espalharam com a velocidade das notícias ruins. O que ocorre, entretanto, quando um trabalho é construído alegadamente segundo critérios científicos, é que seus resultados são examinados por outros cientistas e pesquisadores, seus métodos de trabalho são escrutinados por todos os estudiosos no tema e os critérios de escolha empregados são questionados para que se possa afirmar, finalmente, se suas conclusões são sérias. O trabalho de Lott jamais alcançou esta condição. Pelo contrário: tão logo os pesquisadores e cientistas tiveram acesso ao seu estudo e metodologia, dezenas de trabalhos acadêmicos e artigos em revistas especializadas começaram a desconstituir as premissas e as conclusões da polêmica obra 27. Muitos pesquisadores de diferentes universidades examinaram seus métodos e conclusões e concluíram que o livro de Lott é, fundamentalmente, um equívoco.[270]

As análises constatadas por Rolim evidenciam as mais variadas fragilidades na pesquisa de John Lott Junior que foi reconhecida por uma diversidade de pesquisadores e cientistas de vários países, dentre eles dos Estados Unidos,[271] que tiveram acesso ao seu estudo, resultando em dezenas de trabalhos que passaram a colocar em xeque as premissas e conclusões de sua polêmica obra, tendo em vista as dimensões simplórias e generalizações de suas abordagens estatísticas, bem como acerca do método utilizado por ele.[272]

Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/rui-pimenta-defende-populacao-armada-para-combater-o-crime.html>. Acesso em: 14 mar. 2018.

269 Cf. LOTT JUNIOR, John. **More guns, less crime**... *Op. cit*.

270 ROLIM, Marcos. **Evidências científicas sobre o desarmamento ou**... *Op. cit*., p. 37.

271 Cf. *Ibidem*; LOTT JUNIOR, John. **More guns, less crime**... *Op. cit*.

272 Cf. ZIMRING, F; HAWKINS, G. *Concealed Handgun Permits: The Case of the Counterfeit Deterrent*. **The Responsive Community**, v. 2, n. 7, 1997; WEBSTER, D.;

Embora Bene Barbosa e Flávio Quintela,[273] que é membro da instituição lobbysta nos Estados Unidos chamada de *National Rifle Association*, tenham escrito o livro intitulado *Mentiram para mim sobre o desarmamento*, publicado pela Vide Editorial, mesma editora que divulga os livros de Olavo de Carvalho e seus alunos neoconservadores, buscando justificar de diferentes formas os benefícios de uma sociedade plenamente armada, os seus argumentos que buscam atribuir aos desarmamentistas como ideólogos acaba os tornando justamente aquilo que acusam os seus opositores, na medida em que utilizam pesquisas frágeis do ponto de vista teórico, metodológico e analítico, a exemplo de uma de suas principais referências, John Lott Junior, que entende que aqueles que supostamente cometerão algum comportamento tipificado como criminoso inevitavelmente avaliam os riscos e optam por procurar vítimas sem uma certa capacidade de autodefesa, ou até mesmo buscam realizar um crime patrimonial e, portanto, não violento, mais tolerável do ponto de vista social.[274] Assim, segundo eles,

> está claro que não há nenhuma relação entre o aumento da quantidade de armas em circulação nas mãos dos cidadãos – tampouco da facilidade de obtê-las – e o aumento da criminalidade. Se há alguma relação, é justamente a oposta: mais armas significam menos crimes. Essa conclusão não vem de reportagens superficiais de jornais ou revistas semanais, mas de estudos sérios e estatisticamente significativos de pesquisadores como David Mustard, Joyce L. Malcolm, John Lott Jr. e William M. Landes.[275]

VERNICK, J. S.; LUDWIG, J.; LESTER, K. J. *Flawed gun policy research could endanger public safety*. **American Journal of Public Health**, v. 87, n. 6, p. 918- 921, 1997. Disponível em: <www.ajph.org/cgi/content/abstract/87/6/918>; BLACK, D.; NAGIN, Daniel. *Do 'Right-to-Carry' Laws Deter Violent Crime?* **Journal of Legal Studies**, v. 27, n. 1, p. 209-213, 1998; LUDWIG, Jens. *Concealed-Gun-Carrying Laws and Violent Crime: Evidence from State Panel Data*. **International Review of Law and Economics**, v. 18, No. 3, p. 239 - 254, 1998; WEBSTER, D.; LUDWIG, J. *Myths about Defensive Gun Use and Permissive Gun Carry Laws*. **Strengthening the Public Health Debate on Handguns, Crime, and Safety**" , October 1999. Disponível em: <www.jhsph.edu/bin/u/c/myths.pdf>; DUGGAN, M. *More Guns, More Crime*. **Journal of Political Economy**, v. 109, n. 5, 2000. Disponível em: <www.journals.uchicago.edu/JPE/journal/issues/v109n5/019506/brief/019506.abstract.html>; MATLZ, M. D.; TARGONSKI, J. *A Note on the Use of County-Level UCR Data*. **Journal of Quantitative Criminology**, 2002. Disponível em: <tigger.uic.edu/~mikem/Cnty_UCR.PDF>; EHRILCH, R. *Nine Crazy Ideas in Science*. **Reason Magazine**, 2001. Disponível em: <reason.com/0108/fe.re.the.shtml>.

273 Cf. QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. **Mentiram pra mim sobre o desarmamento**... *Op. cit*.

274 Cf. LOTT JUNIOR, John. **The bias against guns:** *why almost everything you've heard about gun control is wrong*. Washington: Regnery Publishing, 2003.

275 QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. **Mentiram pra mim sobre o desarmamento**... *Op. cit*., p. 63.

No entanto, mesmo que consideremos que esses estudos realmente sejam sérios e supostamente não enviesados, conforme argumentam ambos os autores, estas análises não tratam necessariamente da realidade brasileira e de toda sua complexidade. Além disso, quem define se esses estudos são sérios? Bene Barbosa e Flavio Quintela? Qual a formação técnica deles para efetivamente avaliar essa questão? O livro publicado por eles foi baseado em que tipo de pesquisa? Qual foi o método utilizado? Quais as referências teóricas e bibliográficas? Ou foi apenas uma revisão bibliográfica que contou apenas com as narrativas daqueles autores que corroboram a sua visão de mundo e, portanto, as suas verdades, constituindo, assim, em uma autoverdade?

O que ocorre é que essa perspectiva cunhada na suposta escolha racional do agente se fundamenta em uma simplificação generalizante que desconsidera as particularidades de cada comportamento, momento e caso que deveria ser investigado, na medida em que propõe um modo de universalização analítica utilizada simplesmente para justificar a sua verdade, constituindo, portanto, em uma autoverdade. Um exemplo desse tipo de manipulação orientada por certa causalidade desconexa da realidade produtora da autoverdade pode ser evidenciada não apenas na comparação do risco de acesso às crianças as armas de fogo em relação ao liquidificar, afirmação proferida pelo atual Ministro Chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni,[276] como também pode ser evidenciado de onde ele retirou essa informação, que foi justamente do livro de Flavio Quintela e Bene Barbosa que diz que

> um liquidificar pode ser muito mais perigoso do que uma arma, assim como uma batedeira, um *mixer* ou uma torradeira, todos geralmente à disposição das crianças que se aventuram a subir numa cadeira e abrir uma gaveta ou porta de armário na cozinha.[277]

Desse modo, deveríamos nos perguntar por que também não analisar as pesquisas que mostram as fragilidades das abordagens de John Lott Junior que ambos os autores tomam como referência,[278] conforme estamos mostrando aqui? Será que não seria preciso sair

276 Cf. MAZUI, Guilherme Mazui; BARBIÉRI, Luiz Felipe. Arma em casa é risco para criança anto quanto liquidificador, compara Onyx. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/15/arma-em-casa-e-risco-para-crianca-tanto-quanto-liquidificador-compara-onyx.ghtml>. Acesso em: 06 jun. 2019.

277 QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. **Mentiram pra mim sobre o desarmamento**... *Op. cit*., p. 94.

278 Cf. LOTT JUNIOR, John. **The bias against guns**... *Op. cit*.

dessa dimensão moral e emotiva amparada na presunção da liberdade de um sujeito poder comprar uma arma justamente para satisfazer o seu desejo ou até mesmo presumir que está mais seguro? Sendo assim, seria importante nos questionarmos sobre algo um tanto quanto óbvio, ou seja, será que realmente quanto mais armas estiverem circulando no país, mais protegidos estamos ou mais vulneráveis nos colocamos?

Pois, se nos questionarmos se, de fato, quanto mais automóveis forem vendidos e estiverem circulando no país, menor ficaria o trânsito nas metrópoles brasileiras? Certamente teríamos uma resposta negativa, tendo em vista que a racionalidade é a mesma. Assim, embora o raciocínio seja o mesmo, John Lott Junior ainda insiste em afirmar que o fluxo de armas circulando não incide no número de mortes,[279] fomentando o consumo desses produtos bélicos não apenas nos Estados Unidos, mas no Brasil, que figurou como décimo país do planeta que mais mata jovens.[280] Também é importante destacar que exatamente no dia em que escrevi este texto, estava sendo noticiado que estudantes estadunidenses foram às ruas protestar em busca de um maior controle ao acesso às armas em seu país,[281] tendo em vista o ataque realizado na Escola Marjory Stoneman Douglas, na Flórida, ocorrido no dia 14 de fevereiro de 2018.[282]

> Dúvidas muito pertinentes foram levantadas sobre a existência desta pesquisa porque: 9 (nove) outras pesquisas encontraram que de todos os casos de uso defensivo reportados, os percentuais de disparos efetuados pelos proprietários oscilaram entre 21% a 67%. Números muito distantes dos 2% encontrados por Lott. Ele sustentou que o percentual encontrado de disparos defensivos correspondia a 2 casos em um universo de 28 pessoas que empregaram armas para se defender. Mas 2 em 28 representam 7%, não 2%. Na verdade, não se encontrou sequer uma evidência

279 Cf. LOTT JUNIOR, John. **More guns**... *Op. cit.*

280 Cf. BRASIL é 10º país que mais mata jovens no mundo; em 2014, foram mais de 25 mil vítimas de homicídio. **Nações Unidas Brasil**, 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-e-10o-pais-que-mais-mata-jovens-no-mundo-em-2014-foram-mais-de-25-mil-vitimas-de-homicidio/>. Acesso em: 20 fev. 2018; WAISELFISZ, Julio J. **Mapa da violência 2016:** homicídios por armas de fogo no Brasil. São Paulo: FLACSO, 2016. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>.

281 Cf. MILHARES de estudantes vão às ruas dos EUA por maior controle no porte de armas. **G1**, 2018.Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/milhares-de-estudantes-vao-as-ruas-dos-eua-por-maior-controle-no-porte-de-armas.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2018.

282 Cf. TIROTEIO deixa mortos e feridos em escola nos EUA. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-responde-a-relato-de-tiroteio-com-feridos-em-escola-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2018.

> de que Lott tenha, de fato, realizado alguma pesquisa porque, em várias oportunidades, ele alterou sua versão para os tais 98% de uso defensivo com sucesso sem disparos. A própria história sobre a pesquisa que teria feito só foi tornada pública em 2000, três anos após a divulgação das suas conclusões. Quando pressionado a mostrar todo o material empírico coletado na pesquisa, Lott afirmou que isso seria impossível por conta de uma pane em seu computador. Em que pese a extensa cobertura oferecida ao trabalho de Lott pela mídia, incluindo a Internet e jornais importantes como The New York Times, The Chicago Tribune e The Washington Post, nenhum dos oito estudantes que teriam aplicado a pesquisa do professor foi ouvido. Após algumas destas dúvidas terem sido explicitadas, Lott afirmou ter replicado sua pesquisa, encontrando 95% de casos de sucesso em uso de armas sem disparo. A nova pesquisa, logo se descobriu, havia encontrado apenas 7 pessoas que alegaram experiência de uso defensivo de arma de fogo, uma das quais havia atirado. Trata-se de uma amostra muito pequena, o que poderia produzir desvios estatísticos enormes. Seja como for, foi preciso corrigir novamente o professor Lott pois 6 em 7 significam 85,7%, não 95%. Mas há muitas outras conclusões do trabalho de Lott que se prestam a dúvidas e que chegam mesmo a desafiar a lógica mais elementar. Assim, por exemplo, seu livro conclui que leis mais liberais quanto ao porte de arma reduzem crimes violentos, inclusive estupros. O interessante é que Lott não encontrou qualquer efeito benéfico quanto à redução das taxas de roubos. Ora, sabemos que o roubo é o delito mais comum de ocorrer entre estranhos. Ao contrário do estupro que ocorre, com mais freqüência, quando há algum tipo de relação ou contato anterior entre autor e vítima. Isso não parece ser consistente sequer com a teoria esboçada por Lott. A crítica especializada demonstrou que o modelo estatístico usado por Lott é "não específico". Isto significa, em parte, que ele não considerou adequadamente outros fatores que produzem impacto nas taxas criminais. Assim, por exemplo, reformas efetuadas nas polícias de vários municípios nos EUA, com a valorização de novos paradigmas como o Policiamento Comunitário ou o "Policiamento Orientado Para a Solução de Problemas" 30, as mudanças verificadas no mercado de drogas, o crescimento da economia norte-americana, entre muitas outras variáveis, não foi sequer consideradas. O problema é que elas poderiam oferecer uma outra racionalidade e uma explanação alternativa para os seus números.[283]

Assim, quando o entrevistado Flávio Rocha é questionado por Arthur do Val acerca de sua posição sobre o desarmamento, ele afirma que "não é a minha opinião, é a opinião da esmagadora maioria da

283 ROLIM, Marcos. **Evidências científicas sobre o desarmamento ou**... *Op. cit.*, p. 40 *et. seq.*

opinião pública. Foi feito um plebiscito em 2005" e, segundo ele, "o resultado foi em torno de 80%. Hoje acho que dá 90%. Eu sou contra o Estatuto do desarmamento porque a tática perversa das esquerdas ao longo da história é desarmar o camponês e jogar o MST em cima. Não tem nada mais perverso do que isso". Ele ainda argumenta, assim como sugere Olavo de Carvalho em seu livro *A nova era e a revolução cultural*, que "Herbert Marcuse, que é outro colega de Gramsci na Escola de Frankfurt, dizia que Marx estava completamente enganado quando imaginou que o proletariado seria o agente da revolução".[284] Mas, segundo Flávio Rocha,

> não foi isso que aconteceu, o Marx imaginava que quando evoluísse o capitalismo, cada vez mais a opressão iria se tornar maior, até se tornar insuportável e o proletariado iria se subverter, iria se rebelar. Mas não foi isso que aconteceu. Gramsci disse: não adianta contar com o proletariado porque quando o capitalismo prospera, o proletariado prospera junto, aumenta a demanda por mão de obra e os salários crescem. Quem vai ser o nosso instrumento na revolução socialista é o lumpemproletariado. E quem seria o lumpemproletariado? É o bandido, é o PCC, é o MST, é o MTST, são as crackolândias.[285]

Este trecho da entrevista é algo assustador por vários motivos: primeiramente, Flávio Rocha indiretamente defende que aquilo que é estabelecido pela opinião pública, deve ser não apenas respeitado, mas também deve se tornar lei, conforme ocorre com o "Estatuto do desarmamento".[286] Esse tipo de afirmação é algo extremamente perigoso tendo em vista que se a maior parte da opinião pública defender, por exemplo, o racismo, machismo, a homofobia, transfobia, xenofobia, ou o extermínio de judeus, comunistas e negros, como fez a Alemanha nazista na primeira metade do século passado, essas condutas deveriam ser respeitadas, mesmo violando os princípios dos direitos humanos estabelecidos pela Convenção Americana sobre Direitos Humanos?[287] Creio que não seria adequado, muito menos condizente, com acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário.

---

284 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

285 Cf. MAMAEFALEI. Flávio Rocha - Entrevista Completa - MAMAEFALEI. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCHEGD5s02I>. Acesso em: 25 mar. 2018.

286 Cf. BRASIL. **Lei n. 10.826, de 22 de dezembro de 2003**... *Op. cit*.

287 Cf. PLANALTO. **Convenção Americana sobre Direitos Humanos**, 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/anexo/and678-92.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Em segundo lugar, encontramos um enorme equívoco não apenas teórico, epistemológico, metodológico e político, mas principalmente histórico, quando o entrevistado Flávio Rocha afirma, assim como Olavo de Carvalho,[288] que Antonio Gramsci e Herbert Marcuse fariam parte da Escola de Frankfurt, mostrando um enorme desconhecimento sobre as distintas tradições e conflitos que ocorrem no interior dos pensamentos das esquerdas, conforme podemos encontrar como exemplo o artigo de Igor Machado intitulado *Pessimismo da razão, otimismo da vontade: A escola de Frankfurt, Gramsci e os desdobramentos de duas concepções críticas díspares*, que mostra não apenas a proximidade, mas também o distanciamento acerca dos pensamentos destas tradições,[289] que passaram a ser apresentadas de maneira extremamente irresponsável e simplificada tanto por Olavo de Carvalho quanto por Flávio Rocha.[290]

Isso sem falar da associação extremamente maldosa, instrumentalizando uma enorme má fé que produz ódio à certos movimentos sociais históricos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, que hoje se coloca como resistência à destruição do meio ambiente, não apenas pelo cultivo de alimentos orgânicos como o arroz,[291] mas também na luta por uma forma de agricultura familiar muito menos impactante tanto para a saúde humana e animal, quanto para a saúde do planeta, através da busca pela preservação do solo, rios e mares.

> A Agricultura Orgânica Familiar declara como pressuposto a promoção do bem-estar e da qualidade de vida dos trabalhadores rurais, reverenciando o ambiente físico e social onde vivem. Compreende-se que a categoria agricultura familiar surgiu como um novo paradigma coletivo integrador em aversão ao empresário rural produtivista, tecnicista e predador, consequentemente, opondo-se à agricultura patronal. Segundo Muller (2001, p. 198), 'a agricultura de lógica familiar, por sua maior capacidade de cumprir com o papel da multifuncionalidade, tem demonstrado estar mais

288 Cf. Disponivel em: <https://www.youtube.com/watch?v=M70g9u2OQL8>. Acesso em: 12 fev. 2018.

289 Cf. MACHADO, Igor S. Pessimismo da razão, otimismo da vontade: a escola de Frankfurt, Gramsci e os desdobramentos teóricos de duas concepções díspares. **Revista Sinais**, Vitória, v. 02, n. 18, 2015.

290 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*; Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista**... *Op. cit*.

291 Cf. vCOMO o MST se tornou o maior produtor de arroz orgânico da Améca Latina. **Uol**, 2017. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2017/05/07/como-o-mst-se-tornou-o-maior-produtor-de-arroz-organico-da-america-latina.htm>. Acesso em: 12 fev. 2018.

> próxima ao ideário de uma agricultura sustentável'. Para responder a essas exigências dos consumidores, a produção é cultivada organicamente, isto é, tem como objetivo produzir alimentos com valor nutricional equilibrado e isentos de venenos cujo consumo se relaciona com a promoção da saúde humana. No Brasil, a maior parte dos produtos orgânicos é produzida por meio da AOF e o Brasil revela-se como o país mais promissor na produção orgânica do mundo porque há 90 milhões de hectares agricultúraveis, sem mencionar as áreas de produção convencional que se encontram em transição para a agricultura orgânica (Planeta Orgânico, 2010). À luz da AOF, surge um momento de debate para a inclusão do agricultor orgânico familiar nos mercados nacional e internacional e desenvolvimento rural sustentável, aspectos que também permeiam as discussões de qualidade de vida. Todavia, a relação entre qualidade de vida e trabalho deve ser analisada com foco em aspectos sociais, econômicos, políticos, psicológicos e antropológicos.[292]

No entanto, o que mais chama a atenção é como Flávio Rocha profere um discurso tão perigoso e tipicamente conspiratório, ao ponto de realizar associações desconexas da realidade que ao longo do texto fica evidenciado acerca do quão frágeis são, inclusive associando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST ao Primeiro Comando da Capital – PCC, como se ambos fossem estratégias ou desdobramentos da esquerda, o que seria um enorme equívoco no caso do segundo grupo que atua no mercado das drogas e, portanto, como uma empresa capitalista,[293] operando completamente diferente do outro grupo mencionado, que busca estratégias de perpetuação da vida no planeta através do cuidado não apenas com a terra, nossa *pachamama,* mas também com a vida humana, animal e planetária, visando o que Eduardo Gudynas chamou de biocentrismo.[294]

Segundo o autor, a perspectiva antropocêntrica e, consequentemente, utilitária, seguiu avançando no século XX com um forte impacto sobre as concepções de natureza. Em muitos casos se reforçaram as posturas que a fragmentavam, e em particular desde a década de 1980, lançaram-se várias propostas para mercantilizá-la.

---

292 PESSOA, Y. S. R.; ALCHERI, J. C. Qualidade de vida em agricultores orgânicos familiares no interior paraibano. **Revista Psicologia:** Ciência e Profissão, Brasília v. 34, n. 2, p. 334, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n2/v34n2a06.pdf>.

293 Cf. MANSO, Bruno P.; DIAS, Camila N. **Guerra:** a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. São Paulo: Ed. Todavia, 2018.

294 Cf. GUDYNAS, Eduardo. **Derechos de la naturaleza:** *ética biocêntrica y políticas ambientales*. Buenos Aires: Ed. Tinta Limón, 2015.

Em muitos âmbitos se aceitou a categoria "capital natural", segundo o qual a natureza era essencialmente outra forma de produção de valor econômico e, portanto, deveria ser incorporada aos mercados, uma vez que se presumia que os recursos naturais eram inesgotáveis. Algo que na virada do século XX para o XXI ficou evidenciado pela comunidade científica internacional – mas, não pelo mercado - que era um enorme equívoco em decorrência da constatação não apenas do antropoceno, mas, principalmente, das mais distintas formas de ecocídio encontradas em diversos países do planeta, inclusive no Brasil, com o recente rompimento das barragens da Vale em Brumadinho e Mariana, em Minas Gerais.[295] Apesar disso, não surpreende então que se tenham difundido ideias de "bens" e "serviços" ambientais com propósitos exclusivamente do ponto de vista utilitário.[296]

Ainda segundo Gudynas, muitos alertas foram feitos em relação a deteriorização ambiental e a busca pela contenção daquelas espécies ameaçadas de extinção, visando recuperar a natureza, buscando garantir a pluralidade da vida planetária.[297] Assim, segundo o autor, a mercantilização da natureza chegou a tais extremos que para combater esse processo predatório que pode comprometer a vida humana no planeta seria necessário resgatar a ideia de natureza para além de uma perspectiva utilitária, mas sim produzindo uma perspectiva biocêntrica, conforme ocorreu com a elaboração da Constituição do Equador, de 2008, que consagrou na lei a chamada *pachamama.*[298]

No entanto, para as novíssimas direitas e, em especial, para grande parte dos neoconservadores, liberais-conservadores e até mesmo liberais, a questão ambiental é tratada como uma espécie de falso problema criado por esquerdistas e isso é possível de ser evidenciado, por exemplo, no livro intitulado *Psicose ambientalista: Os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma "religião" igualitária e anticristã*, escrito por Dom Bertrand de Orleans e Bragança, que se reconhece como príncipe e, portanto, defensor da monarquia, justamente por descender da família real.[299]

---

295 Cf. PASSARINHO, Nathalia. Tragédia com barragem da Vale em Brumadinho pode ser a pior no mundo em 3 décadas. **BBC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47034499>. Acesso em: 07 jun. 2019.

296 GUDYNAS, Eduardo. **Derechos de la naturaleza**... *Op. cit.*, p. 141.

297 *Ibidem*, p. 142.

298 *Ibidem*.

299 Cf. BRAGANÇA, Dom Bertrand Orleans. **Psicose ambientalista:** os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma "religião" ecológica, igualitária e anticristã. São Paulo:

Nesse livro, Bragança,[300] que também milita no movimento Tradição, Família e Propriedade - TFP através de sua participação ativa no Instituto Plínio Corrêa de Oliveira,[301] argumenta que toda a discussão que abarca a questão do meio ambiente, principalmente, no que tange aos recursos naturais, busca utilizar discursos técnicos, visando atingir metas econômicas, sociais e ambientais que seriam supostamente benéficas a todos, mas, que segundo ele, não passaria de desdobramentos da doutrina comunista supostamente importada de uma velha e fracassada narrativa contra a propriedade privada, deslocando o vermelho dessa tradição do pensamento político, para o verde, que representaria o ambientalismo.[302]

Esse tipo de discurso representado pela melancia pode, inclusive, ser encontrado no vídeo do empresário conservador que defende a intervenção militar no país e proprietário das lojas Havan,[303] Luciano Hang,[304] que paulatinamente ganhou destaque na mídia nacional por aderir ao bolsonarismo, não apenas sendo acusado de coagir os seus funcionários a votar no então presidente Jair Bolsonaro (PSL),[305] como também de comprar pacotes ilegais de envio de mensagens contra o Partido dos Trabalhadores – PT, através do aplicativo *Whatsapp*.[306]

Não obstante, o que mais me deixa assustado em meio ao discurso proferido por Flávio Rocha foi o estímulo criado por ele acerca de uma espécie de *esquerdofobia*, conforme não apenas encontramos no

---

Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, 2012.

300 Cf. BRAGANÇA, Dom Bertrand Orleans. **Psicose ambientalista**...

301 Cf. COMO o MST se tornou o maior produtor de arroz orgânico da América Latina, **Uol**, 2017. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2017/05/07/como-o-mst-se-tornou-o-maior-produtor-de-arroz-organico-da-america-latina.htm>. Acesso em: 12 fev. 2018.

302 Cf. BRAGANÇA, Dom Bertrand Orleans. **Psicose ambientalista**... *Op. cit.*

303 Cf. FELIX, Rosana. Pedidos de intervenção militar são alvo de investigação. **Gazeta do Povo**, 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/justica/pedidos-de-intervencao-militar-sao-alvo-de-investigacao-01yawsdizhukqf7rvu925g3ms/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

304 Cf. DEJALMA Cremonese. Luciano Hang descobre que melancia é comunista. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvG4uB_RQZ4>. Acesso no dia 06 de junho de 2019.

305 Cf. REDAÇÃO. MPT processa dono da Havan por "coagir" funcionários a votar em Bolsonaro. **Exame**, 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/mpt-processa-dono-da-havan-por-coagir-funcionarios-a-votar-em-bolsonaro/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

306 Cf. EMPRESAS compram pacotes ilegais de envio de mensagens contra o PT no WhatsApp, diz jornal. **Eleições 2018**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/politica/1539873857_405677.html>. Acesso em: 06 jun. 2019.

manuscrito *A nova era e a revolução cultural*, de Olavo de Carvalho,[307] como também localizamos em certo nível de patologização da esquerda através do livro mencionado anteriormente, intitulado *A mente esquerdista: As causas psicológicas da loucura política,* escrito por Lyle Rossiter,[308] que inclusive foi recomendado por Olavo de Carvalho no seu site.[309] Assim, esse tipo de prática discursiva sobre o outro não apenas tem produzido identidades polarizadas estanques como esquerda/direita, como tem produzido ódio a partir daquilo que Stanley tratou como política do "nós" e "eles", ao evidenciar o fascismo emergente no século XXI.[310]

É, portanto, no mínimo curioso argumentar que a "mente esquerdista" seria uma doença, enquanto a "mente direitista" seria uma suposta solução não apenas para os problemas da psique humana como também para a salvação do planeta, como se essa atribuição não operasse no nível do etnocentrismo ou do determinismo subjetivo acerca não apenas das múltiplas identidades de esquerda, mas também sobre as próprias condutas dos indivíduos que se reconhecem como tal. Já a atribuição de Flávio Rocha a certo tipo de consumo compulsivo de crack com o PCC, associado ao MST e MTST, tratando desses distintos grupos não apenas como lumpemproletariado, mas como bandidos, é algo de uma irresponsabilidade sem precedentes do ponto de vista de uma análise mais humanizada e sofisticada acerca da possível produção de um pânico moral e intensificação ainda maior de preconceitos sobre esses grupos, conforme foi mostrado no livro de Ygor Alves intitulado *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo*,[311] resultado de sua tese de doutorado em antropologia social realizada na Universidade Federal da Bahia – UFBA, conforme segue abaixo:

> a carreira do usuário nestes casos, se torna uma carreira de progressiva exclusão da sociedade abrangente e de inclusão em um grupo desviante organizado. Isto tem grande impacto sobre a concepção da pessoa sobre si mesma. Perceber que para alguns usuários existe certo objetivo de incorporar a máxima

307 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

308 Cf. ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista**... *Op. cit*.

309 Cf. ACORDAILHA. 26/04/2016. **Olavo de Carvalho**, 2016. Disponível em: <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2016/04/26/26042016/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

310 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit*.

311 Cf. ALVES, Ygor D. D. **Jamais Fomos Zumbis:** contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo. Salvador: Ed. UFBA, 2017.

> 'sou da marginália, sou do crack', nos diz algo a respeito de uma identidade desviante advinda de um sentimento de destino comum. Porém, estes usuários também são capazes de desenvolver um repertório de respostas ao estereótipo do 'nóia' e mesmo de construir uma autoimagem positiva e vão além. Edificam uma vida cotidiana em torno do uso do crack que preenche o tempo diário com atividades como a busca por meios para sustentar o consumo, as relações afetivas, 'o corre', 'a treta', a manutenção a todo o instante do barraco, as conversas e uma grande gama de atividades condizentes com a situação de rua. Sugerimos assim, a existência de uma 'dependência social' de todas estas relações, vínculos e práticas proporcionadas pelo uso de crack.[312]

Portanto, acreditar que o PCC é um grupo de esquerda é algo que não condiz com a maior parte das pesquisas empíricas realizadas por investigadores que dedicam a sua atividade laboral a esse assunto, a exemplo das análises apresentadas por Eduardo Paes Manso e Camila Nunes Dias sobre essa facção criminosa em especial, que resultou de pesquisa empírica com os integrantes desse grupo.[313] Segundo esses pesquisadores, a principal atividade do Primeiro Comando da Capital - PCC é a busca por obter dinheiro através de meios ilícitos, já que "o PCC não é revolucionário, é uma organização conservadora e que tem valores como machismo e o repúdio aos homossexuais".[314]

Contudo, é bastante provável que a afirmação de Flávio Rocha em entrevista realizada no "programa teste do sofá" tenha se fundamentado justamente nos escritos de Olavo de Carvalho, em que o autor associa a esquerda não ao PCC, mas ao Comando Vermelho, apresentando uma espécie de diacronismo histórico por se tratar de uma análise publicada em 1994 para pensar o século XXI sustentado,[315] ainda, por uma interpretação vaga e isenta de método de pesquisa, baseada no livro de Carlos Amorim, que recebeu o prêmio Jabuti de literatura em 1994, na categoria reportagem.[316]

312 Cf. ALVES, Ygor D. D. **Jamais Fomos Zumbis**... *Op. cit.*, p. 37.

313 Cf. MANSO, Eduardo P.; NUNES, Camila D. **A Guerra** - A ascenção do PCC e O mundo do crime no Brasil. São Paulo: Todavia, 2018.

314 Cf. AZEVEDO, Guilherme. "PCC é conservador e capitalista", diz socióloga que estuda a facção. **Uol**, 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/12/03/pcc-e-conservador-e-capitalista-diz-sociologa-que-estuda-a-faccao.htm>. Acesso em: 12 fev. 2018.

315 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

316 Cf. AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho:** a história secreta do crime organizado. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1994. SOBRE o autor. **Carlos Amorim**, 2016. Disponível em: <https://carlosamorim.com/sobre-o-autor/>. Acesso em: 07 jun. 2019.

Segundo Olavo de Carvalho, "o Comando Vermelho nasceu da convivência entre criminosos comuns e ativistas políticos dentro do presídio da Ilha Grande, entre os anos de 1969 a 1978".[317] Deste modo, ele argumenta que os militantes esquerdistas acabaram ensinando a estes sujeitos que se encontravam presos técnicas que possibilitaram a execução de operações criminosas, assim como os princípios de organização político-militar sob os quais seriam estruturados o Comando Vermelho. Assim, ao questionar as premissas de Carlos Amorim acerca do seu livro intitulado *Comando Vermelho: A história secreta do crime organizado*, Carvalho argumentará que

> na interpretação do autor, os ensinamentos de guerrilha teriam sido passados aos bandidos de uma maneira natural, espontânea, impremeditada, ao sabor de contatos fortuitos entre indivíduos, e sem qualquer responsabilidade das organizações esquerdistas. Mas, os fatos narrados pelo próprio Amorim desmentem frontalmente essa interpretação. Sem chegarem a dar respaldo à tese policial que vê no Comando Vermelho uma extensão ou um recrudescimento da velha guerrilha revolucionária, eles indicam, no entanto, que o que se passou na Ilha Grande foi algo de bem mais comprometedor do que simples conversas casuais. Poderosos interesses vetam, hoje, uma investigação mais profunda desses episódios. Os prisioneiros políticos de então tornaram-se gente importante, deputados, ministros, procuradores, com poderes suficientes para dissuadir qualquer olhar curioso que se lance sobre um passado que eles preferem manter protegido entre névoas.[318]

O mais curioso acerca dessa crítica de Olavo de Carvalho sobre a aproximação do Comando Vermelho com o que chama de organizações esquerdistas é que,[319] mesmo tendo acertado que houve sim essa justaposição dos interesses de ambos os grupos naquele momento histórico do país - embora não tenha ocorrido na proporção mencionada por ele, justamente porque isso era inevitável uma vez que compartilhavam o mesmo presídio de Ilha Grande, no Rio de Janeiro -, o autor não evidencia nenhum elemento resultante de pesquisa teórica, muito menos empírica, tratando-se, portanto, de mero julgamento especulativo acerca de um texto jornalístico laureado, que acabou se tornando instrumento de difusão de certo pânico moral, intensificando as polarizações no campo da política brasileira contemporânea, na medida em que produziu uma espécie

317 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*, p. 98.

318 *Ibidem*, p. 99.

319 Cf. *Ibidem*.

de *esquerdofobia,* por meio do que chamou abstratamente de "tese policial", deixando uma enorme curiosidade acerca de onde saiu esse seu argumento.

Desse modo, é preciso entender que análise realizada por Olavo de Carvalho acerca do Comando Vermelho consistiu em apenas utilizar como fonte secundária o livro do jornalista Carlos Amorim,[320] tomando como verdade somente aqueles elementos que corroboram a sua visão de mundo, na medida em que desqualificou tudo aquilo que ia contra os seus posicionamentos que visam exclusivamente sustentar que a esquerda teria sido a principal responsável pelo nascimento das facções criminosas, algo que o próprio autor do livro mencionado por ele desconsidera, assim como a própria literatura científica, a exemplo da pesquisa de Manso e Dias.[321] Ou seja, o que Olavo de Carvalho fez foi utilizar um texto jornalístico para construir argumentos não apenas desqualificando o autor do livro mencionado,[322] mas também sustentando que suas análises estavam erradas apenas porque não corroboravam o que ele queria sustentar como verdade, mesmo sem ter realizado nenhuma pesquisa e, consequentemente, sem utilizar nenhum método, apenas a sua visão de mundo delirante.

Essa é a mesma linha argumentativa que segue Flavio Rocha ao mencionar tanto o que entende por esquerda quanto por marxismo cultural. Talvez seja por isso que dentre os assuntos que mais se destacaram equivocadamente na entrevista de Flavio Rocha, o que soa mais gritante é a crença de que as tradições de esquerda, sobretudo, marxistas e de tradição gramsciana e/ou frankfurtiana, apostavam no lumpemproletariado como classe revolucionária e principalmente eram os principais fomentadores de crimes. Contudo, esse debate sobre a aposta no proletariado ou lumpemproletariado foi um dos pontos de divergência entre os tributários da tradição anarquista bakuninista e os marxistas na Europa a partir da segunda metade do século XIX. Enquanto a maioria dos anarquistas daquele século acreditava que a revolução que engendraria o fim do capitalismo seria capitaneada por aqueles que não possuíam nada, nem mesmo o trabalho, conforme ocorria com o lumpemproletariado, os defensores das ideias de Marx acreditavam na classe trabalhadora e, portanto, no proletariado como classe revolucionária.

---

320 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*;AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho**... *Op. cit.*

321 Cf. MANSO, Bruno P.; DIAS, Camila N. Guerra... *Op. cit.*

322 *Ibidem.*

> A abertura para ações de diferentes formas, a exemplo de diferentes partidos políticos, sempre existiu para Marx e Engels, que nunca impuseram ou trataram especificamente de um modelo partidário exclusivo. No entanto, o que impuseram foi a forma de Ação Política Partidária, eminentemente estatal, possibilitando que Bakunin e alguns anarquistas ou socialistas libertários desenvolvessem um programa anti-autoritário, no intuito de desmobilizar o Conselho Geral da I Associação Internacional dos Trabalhadores, que estava sob total controle de Marx e Engels. Bakunin argumentava que não havia necessidade de os trabalhadores se organizarem em partidos políticos para dar início a uma revolução social. Ele defendia a ideia e que o sucesso desta viria da auto-organização de um grande grupo de trabalhadores da mais baixa renda ou, ainda, daqueles que estivessem excluídos do mercado de trabalho – o lumpemproletariado. Isto porque estes, que nada possuíam, sofriam muito mais do que aqueles que tinham pelo menos o mínimo. Contudo, ambos acabariam se unindo e se beneficiando com o processo de solidarização que ocorreria, afetando os diferentes níveis sociais da classe trabalhadora. Já para Marx, quanto mais miserável a classe, mais disposta a se corromper seria.[323]

Portanto, essas aproximações simplificadas trazidas inicialmente por Olavo de Carvalho e reproduzidas na entrevista realizada com Flavio Rocha,[324] não apenas mostram as fragilidades dos apontamentos apresentados por grande parte dos tributários dos pensamentos das novíssimas direitas no que se refere às abordagens verificadas no livro *A nova era e a revolução cultural* como, principalmente nos vídeos que são produzidos e difundidos por este militante do neoconservadorismo no Brasil, mas que vive atualmente em Virginia, nos Estados Unidos.

Ainda segundo Flavio Rocha,

> tudo tem um fundamento, uma razão de existir ideológica por trás. Você liga na teledramaturgia brasileira: Por que que sempre o empresário é o bandido? Por que sempre o traficante é caridoso, generoso? O policial é o bandido![325]

Todavia, o entrevistado ainda argumenta que "com o jornalismo acontece a mesma coisa: demonização da polícia. E sempre a visão

323 ROSA, Pablo O. Divergências entre Marx e Bakunin na I Associação Internacional dos Trabalhadores. **Mosaico Social**: revista do curso de graduação em ciências sociais. a. 02, v. 02, p. 210, 2004.

324 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

325 Cf. MAMAEFALEI. Flávio Rocha - Entrevista Completa - MAMAEFALEI. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCHEGD5s02I>. Acesso em: 25 mar. 2018.

de que o bandido é a vítima da sociedade. Isso aí é Marcuse". Ao transcrever esse vídeo, reconheço que passei algum tempo tentando encontrar textos não apenas de Herbert Marcuse, mas de comentadores da escola de Frankfurt, em que pudesse encontrar algo próximo do que foi proferido neste discurso de Flavio Rocha.

Mas, após essa procura resolvi realizar uma breve consulta no google para verificar se o entrevistado em questão possuía algum processo trabalhista, já que se coloca como tributário de certa fusão de liberalismo com conservadorismo e o que encontrei foram algumas notícias em que Ministério Público Federal responsabiliza o proprietário das lojas Riachuelo por irregularidades em confecções que prestam serviços terceirizados ao grupo varejista, pedindo uma indenização coletiva de R$ 37,7 milhões de reais.[326] Não seria esse um dos principais motivos de sua defesa acerca da reforma trabalhista em andamento, poder intensificar a exploração do trabalho, defendendo a destruição da justiça do trabalho e evitando que ações trabalhistas como essa possam acontecer?

Quando questionado se a polícia brasileira prende muito, Flavio Rocha argumenta que "isso é Herbert Marcuse revivido. A proteção do bandido. Defender o bandido e reprimir a polícia. Eu acho que a polícia tem que usar a dose de energia necessária para impedir o crime".[327] É curioso avaliar que o suposto crime do qual está sendo acusado, certamente não será entendido por ele como crime. No entanto, ele ainda afirma que

> esses quinze anos da era petista exacerbaram – eu acho que isso é um grande motivo da situação em que chegou a segurança pública – que é a super proteção do bandido no sentido de fazer vicejar e prosperar o instrumento da revolução que é o lumpemproletariado.[328]

Uma questão fundamental negligenciada por Flavio Rocha acerca da criminalidade é a seletividade penal, algo que ele ignora, demonstrando desconhecer plenamente pesquisas sobre esse assunto,

---

326 Cf. CARVALHO, André. MPF denuncia dono da Riachuelo por crimes contra a honra de procuradora trabalhista. **Uol**, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/10/13/mpf-denuncia-dono-da-riachuelo-por-crimes-contra-a-honra-de-procuradora-trabalhista.htm>. Acesso em:12 fev. 2018.

327 Cf. MAMAEFALEI. Flávio Rocha - Entrevista Completa - MAMAEFALEI. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCHEGD5s02I>. Acesso em: 25 mar. 2018.

328 *Ibidem.*

na medida em que parece reproduzir a narrativa do livro *Bandidolatria e democídio*, escrito por Pessi e Souza,[329] que consiste em um texto raso e sem a utilização de método científico, além de homenagear o "professor" Olavo de Carvalho, tendo em vista que ambos os autores jamais realizaram uma pesquisa de mestrado ou mesmo de doutorado, algo que fica evidente no livro publicado por eles

Um exemplo destes problemas apresentados por Pessi e Souza pode ser evidenciado quando ambos os autores desqualificam o filósofo francês Michel Foucault ao longo de todo o texto, mas sem fazer citações diretas acerca de suas obras,[330] utilizando em suas críticas apenas o livro *Pensadores da nova esquerda*, de Roger Scruton,[331] que apresenta erros grosseiros acerca desse autor, atribuindo a ele a utilização do "método hegeliano" ou mesmo levando o leitor a entender que as análises de Foucault seriam uma espécie de continuidade do pensamento Karl Marx e, portanto, do marxismo (cultural!?), mesmo tendo ele escrito textos que mostram justamente o contrário, a exemplo do artigo *Metodologia para o conhecimento do mundo: como se desembaraçar do marxismo*.[332] Isso sem falar dos problemas éticos apresentados por Pessi e Souza,[333] que não apenas citam o nome completo de um sujeito condenado pelo sistema de justiça criminal do Rio Grande do Sul, como também trazem no corpo do texto os seus antecedentes de quando era adolescente, violando, portanto, a lei 8.069/1990.

Assim, tanto Olavo de Carvalho quanto Roger Scruton,[334] por exemplo, parecem desconhecer plenamente a analítica foucaultiana quando a aproximam da tradição marxista. Embora em um primeiro momento de sua carreira tenha se aproximando do Partido Comunista francês, tendo sido inicialmente um entusiasta de uma possibilidade mais à esquerda, mas também tenha se oposto veementemente ao bloco soviético, Foucault rompeu, e muito, com o comunismo. [335]

Inclusive ele também passou a ser associado equivocadamente ao regime neoliberal, conforme sustentou Lagasnerie ao argumentar que

---

329 Cf. PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio**... *Op. cit*.

330 *Ibidem*.

331 Cf. SCRUTON, Roger. **Pensadores da Nova Esquerda**... *Op. cit*.

332 Cf. FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**... *Op. cit*.

333 Cf. PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio**... *Op. cit*.

334 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; SCRUTON, Roger. **Pensadores da Nova Esquerda**... *Op. cit*.

335 Cf. FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**... *Op. cit*.

"Foucault não emite, nessas aulas, qualquer crítica ao neoliberalismo – ao passo que emprega fórmulas bastante severas a respeito do marxismo e do socialismo",[336] ou mesmo Byung-Chul Han, quando afirma que "ele admite que o regime neoliberal, enquanto "sistema do estado mínimo, possibilita a liberdade do cidadão enquanto empreendedor da liberdade".[337] Contudo, entendo que Foucault não se situa nem como neoliberal, nem como marxista, uma vez que acredito que o que ele faz é atribuir uma importância histórica à Marx, da mesma forma que ele faz com o neoliberalismo ao tratar do *homo oeconomicus* e sua condição de empreendedor de si.

> Marx é uma existência histórica e, desse ponto de vista, é um rosto portador da mesma historicidade que outras existências históricas. E esse rosto de Marx pertence claramente ao século XIX. No século XIX, Marx representou um papel particular, quase determinante. Mas esse papel é claramente típico do século XIX e só funciona lá. Colocando esse fato como evidência, será preciso atenuar as relações de poder ligadas ao caráter profético de Marx. Ao mesmo tempo, Marx certamente enunciou um certo tipo de verdade; pergunta-se se suas palavras são universalmente justas ou não, de que tipo de verdade era detentor, e se, à força de tornar essa verdade absoluta, ele lançou ou não as bases de uma historiologia determinista; convém frustrar esse tipo de debate. Demonstrando que Marx não deve ser considerado detentor decisivo da verdade, parece necessário atenuar ou reduzir o efeito que o marxismo exerce como modalidade de poder.[338]

Se o entrevistado Flávio Rocha ao menos buscasse analisar os dados apresentados tanto no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2017,[339] produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, composto por variados pesquisadores das mais distintas tradições do pensamento político, quanto pelo Mapa do Encarceramento de 2015 produzido pela Secretaria Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude,[340] possivelmente faria uma outra avaliação sobre

---

336 LAGASNERIE, Geoffrey. **A última lição de Foucault**... *Op. cit.*, p. 18.

337 HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 22.

338 Cf. FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**... *Op. cit.* p. 193.

339 Cf. LIMA, Renato Sérgio de; BUENO; Samira (org.). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/12/ANUARIO_11_2017.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

340 Cf. BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do Encarceramento:** os jovens do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: <http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0010/1092/Mapa_do_Encarceramento_-_Os_jovens_do_brasil.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

essa questão, já que passamos a prender mais, justamente por crimes contra o patrimônio ou tráfico de drogas, ao passo que o percentual de criminosos com pós-graduação no Brasil representa 0%. Isso sem falar do perfil de presos e mortos em nosso país, composta por uma população masculina de jovens negros e pobres.[341]

> A maioria dos jovens mortos em decorrência dos homicídios no Brasil, em 2012, tinha entre 20 e 24 anos. Constata-se que a taxa de mortos entre 20 e 24 anos é de 66,9, sendo que entre 25 e 29 anos ocorrem 55,5% das mortes, e entre 15 e 19 anos ocorrem 53,8% das mortes. Em relação ao perfil da população prisional adulta, verifica-se que, em todos os estados e durante todos os anos da série observada (2007 a 2012), a maioria dos presos tinha idade entre 18 e 24 anos e outra grande parte dos presos tinha idade entre 24 e 29 anos. Constata-se que em 2012 o perfil das vítimas de homicídio foi semelhante ao perfil dos encarcerados. Para cada grupo de 100 mil habitantes jovens acima de 18 anos havia 648 jovens encarcerados, enquanto para cada grupo de 100 mil habitantes não jovens havia 251 encarcerados, ou seja, proporcionalmente o encarceramento de jovens foi 2,5 vezes maior do que o de não jovens em 2012. O que infere a afirmação de que tanto a população prisional como as vítimas de homicídios no Brasil são, predominantemente, jovens. Os dados dos referidos estudos apontaram ainda que a maioria das vítimas de homicídios e a maioria dos presos do Brasil, em 2012, era do sexo masculino. E, em relação à cor/raça dos homicídios no Brasil, os dados do Mapa da violência apontam que morrem 73% mais negros do que brancos no país, assinalando assim desigualdade racial no número de mortos em decorrência dos homicídios. Segundo os dados do referido estudo, entre os brancos, assim como no conjunto da população, o número de vítimas diminui de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, o que representa queda de 24,8%. No mesmo período, entre os negros as vítimas aumentam de 29.656 para 41.127: crescimento de 38,7%. No período analisado pelo Mapa da violência, a taxa de homicídio dos brancos era de 21,7 por 100 mil brancos, já a dos negros era de 37,5 por 100 mil negros. Assim, em 2002 morreram proporcionalmente 73% mais negros que brancos. Em 2012, esse índice subiu para 146,5. A vitimização negra, no período de 2002 a 2012, mais que duplicou: 100,7%. E quando se analisa apenas a população jovem, o quadro se agrava: o índice de vitimização de jovens negros, que em 2002 era de 79,9, sobe para 168,6 em 2012: para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,7 jovens negros. Também os negros, no período de 2005 a 2012, foram encarcerados em maior proporção do que os brancos, considerando-se os dados do InfoPen. Em 2012, por exemplo, para cada grupo de 100 mil habitantes brancos acima

341 Cf. BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do Encarceramento:** os jovens do Brasil... *Op. cit.*

> de 18 anos havia 191 brancos encarcerados, enquanto para cada grupo de 100 mil habitantes negros acima de 18 anos havia 292 negros encarcerados, ou seja, o encarceramento de negros foi 1,5 vez maior do que o de brancos. Em relação à população que cumpre medida socioeducativa de internação, a mesma análise não foi possível, pois o Sinase passou a coletar a informação cor/raça apenas em 2013.[342]

Essa perspectiva apresentada por Flávio Rocha fundamentada na ideia de que o Brasil é o país da "super proteção do bandido" se ampara em um senso comum criminológico que desconsidera algo fundamental: o fato do Brasil ser o terceiro país com o maior número de presos do planeta.[343] Negligenciar este tipo de informação, sem verificar os tipos específicos de crimes cometidos pela maioria desses presos e não situá-los como um reflexo da desigualdade social e econômica sustentada por um racismo de Estado instrumentalizado pelo sistema de justiça criminal é demonstrar pleno desconhecimento acerca da realidade brasileira no campo da segurança pública, uma vez que somados os crimes contra o patrimônio e tráfico de drogas[344] representam quase um quarto da população prisional do país.[345] Ou seja, condutas sem violência cometidos por aquelas populações mais pauperizadas são criminalizadas de maneira seletiva resultando em um crescimento da população carcerária jamais vista na história deste país.

Partindo desse senso comum penal, o discurso proferido por Flávio Rocha também pode muito bem ser compreendido a partir do que Giovane Matheus Camargo chamou de *fronteira moral*.[346] Ao tratar da construção teórica, analítica e metodológica para entender o processo de interação face a face entre os atores que participavam do cenário das

---

342 Cf. BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do Encarceramento**... *Op. cit*., p. 84.

343 Cf. BARRETTO, Eduardo. Brasil é o terceiro país com mais presos no mundo, diz levantamento. **O Globo**, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-o-terceiro-pais-com-mais-presos-no-mundo-diz-levantamento-22166270>. Acesso em: 25 mar 2018.

344 Cf. D'Agostino, Rosanne. Tráfico é crime mais citado em processos nas Promotorias do País. **G1**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/trafico-e-crime-mais-citado-em-processos-nas-promotorias-do-pais.html>. Acesso em: 25 mar. 2018.

345 Cf. BATISTA, Eurico. Perfil do detento: maior parte dos presos responde por tráfico e roubo. **Consultor Jurídico**, 2010. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2010-abr-03/maior-parte-presos-brasileiros-responde-trafico-roubo-qualificado>. Acesso em: 25 mar. 2018.

346 Cf. CAMARGO, Giovane M. **Audiências de Custódia:** ilegalismos e rituais de interação face a face. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

audiências de custódia em Paranaguá/PR através da realização de uma pesquisa etnográfica, Camargo constatou a existência de um processo de desumanização do Outro transformado em um suposto perigoso, conforme verificamos na entrevista realizada por ele com uma juíza de direito de Curitiba.[347]

> Quando você pega um preso em audiência de instrução é totalmente diferente, ele já está preso a algum tempo, está despersonificado, infantilizado, neutralizado, cabelo raspado, de uniforme, prostrado. Não é mais um ser humano, é um espectro na sua frente. Ele está calminho, você pergunta e ele responde, ele está moldado. Na audiência de custódia não, ele chega gritando, gente vomitando na sua mesa, família do preso gritando lá fora... É na verdade a vida é assim, né? Nela você vê a loucura que é o sistema criminal e eu como juíza criminal há dez anos, participando daquela máquina de moer carne, tentava achar alguma racionalidade naquilo e não achava nenhuma [...] O que eu percebo é que juízes não gostam da situação. [...] Lá na central só tem um juiz e de vez em quando eles fazem rodízio, o que eu acho salutar. O que acontece com o juiz na audiência de custódia, o que aconteceu comigo e com outros, o choque de realidade... Eu tinha dez anos de audiência criminal e achava que sabia tudo de audiência. Na custódia eu vi que não sabia nada. É chocante, você perde o prumo, ou você fica muito molenga como eu fiquei, ou você fica muito duro. Seria salutar o rodízio de juízes. Melhor então, é diluir os juízes e não massacra-los. Se eu fizesse uma ou duas audiências de custódia por dia tudo bem, agora trinta, quarenta, como eu fazia na Central, não dá. (Juiz de Direito de Curitiba).[348]

Ao compreender que juízes de direito e promotores de justiça têm consciência de que produzem dor e sofrimento, conforme proferiu a juíza de direito ao argumentar que o sistema de justiça criminal seria uma espécie de "máquina de moer carne", Camargo mostrou que, diferentemente do que ocorre nas ruas assim como no interior das delegacias e sistemas prisionais, o controle do crime realizado por estes operadores do direito estabelece uma operação limpa e higienizada, uma vez que ocorrem no interior dos gabinetes e salas de audiência que, segundo o autor, seriam esterilizadas de qualquer pingo de crueldade, já que seriam instrumentalizadas pela objetividade da norma jurídica e, portanto, exclusivamente pela dogmática fria e supostamente neutra, ao invés da subjetividade daqueles que decidem sobre a vida de quem está sendo julgado.[349]

---

347 Cf. CAMARGO, Giovane M. **Audiências de Custódia**... *Op. cit*.

348 *Ibidem*, p. 101.

349 Cf. *Ibidem*.

Como argumenta que uma das funções dos rituais judiciais é operar como dispositivos que fariam desaparecer a dor da vida pública e da punição, Camargo mostra que as salas de audiências judiciais, assim como os demais espaços sagrados, acabam sendo protegidos dos mecanismos profanos que reforçam as *fronteiras morais*.[350] Nesse sentido, é através dos símbolos utilizados nos rituais judiciais (como crucifixos, perfis de roupas, de linguagens faladas e linguagens corporais, bem como os avisos de silencio, etc.) que se poderia localizar a demarcação daquele território como o lugar da solenidade em que não se permite a presença das impurezas mundanas, exigindo-se, portanto, o máximo de respeito formal à autoridade do Estado.

> Quando o juiz diz que nas audiências de custódia os operadores são obrigados a lidar com 'a vida como ela é' e não com o indivíduo já neutralizado pelo sistema penal, ela quer dizer que diferente dos outros rituais, nas audiências de custódia, por se tratar de pessoas que acabaram de serem presas, elementos da violência urbana são transportados para as salas de audiência, fazendo com que a esterilidade do ritual diminua na medida em que aumentam as impurezas. Segundo o entrevistado, o contato excessivo com os 'clientes' das audiências de custódia 'massacra' o juiz por colocá-lo de maneira muito próxima dos problemas sociais, provocando uma espécie de contágio que causa uma modificação moral no operador, que 'perde o prumo'.[351]

Desse modo, segundo Camargo,[352] as audiências de custódia seriam espaços em que as *fronteiras morais* entre os operadores do sistema de justiça criminal e os custodiados seriam tão aproximadas que possibilitaria o risco daquilo que Pescarolo chamou de *contágio moral* para tratar do medo que algumas pessoas possuem não apenas de se contagiar com bactérias eventualmente presentes no interior dos Institutos Médicos Legais, mas, sobretudo, do medo inconsciente e recalcado amparado em certa moral associada à morte e/ou à doença.[353]

> Se analisarmos mais atentamente, não temos apenas nojo ou medo das bactérias que habitam o hospital, o moribundo, o necrotério, o cadáver, o cemitério. Tememos ao que isso nos remete: à doença, impotência, morte. Pensemos no câncer, que não é uma doença contagiosa, mas carrega um estigma tal que os

---

350 CAMARGO, Giovane M. **Audiências de Custódia**... *Op. cit.*, p. 103.

351 *Ibidem*.

352 *Ibidem*, p. 104.

353 Cf. PESCAROLO, Joyce K. **Morte, racionalização e contágio moral:** um estudo sobre o Instituto Médico Legal de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

> doentes que apresentam essa doença são muitas vezes excluídos pela própria família, como se tivessem uma doença altamente contagiosa. O que há na verdade, é um altíssimo grau de contágio, mas um contágio moral. Sentimo-nos “contaminados” pelo alto grau de destrutividade que ainda hoje o câncer tem e ao que ele nos remete: nossa própria finitude. O grau de contágio moral é tanto que tememos inclusive falar o nome da doença. Quando perguntamos o que a pessoa tem, ouvimos muitas vezes: “aquilo”, “aquela doença” e muito raramente ouvimos sem maiores constrangimentos a palavra câncer. Mesmo as pessoas menos supersticiosas parecem ficar desconfortáveis em pronunciá-la, como se sua simples menção tivesse o potencial de materializar a doença, de atraí-la. Esse para mim é um dos exemplos mais elucidativos de como se dá a sensação de contágio moral.[354]

O discurso de Flávio Rocha acerca não apenas do que entende por “esquerdistas”, bem como suas concepções acerca da criminalidade e da segurança pública podem ser compreendidas a partir desta perspectiva do *contágio moral*, na medida em que estabelece uma *fronteira moral* frente a estes grupos que não compartilham os mesmos valores e visões de mundo que o proprietário das lojas Riachuelo. Contudo, quando argumenta que “a polícia tem que usar a dose de energia necessária para impedir o crime” e que o Brasil é o país da “super proteção do bandido”, Flávio Rocha permite a construção deste Outro, o “bandido”, como inimigo,[355] inclusive tratando os supostos “esquerdistas” dessa forma, podendo ser esse outro indigno de vida, já que defendeu o fim do limite de 30 anos de pena privativa de liberdade, juntamente com o movimento Brasil 200, do qual faz parte.

A noção de indignos de vida apresentada pelo delegado de polícia Orlando Zaccone em sua tese de doutorado, visa tratar das mortes capitaneadas pela polícia do Rio de Janeiro que passaram a serem justificadas pelo dispositivo “auto de resistência” -[356] tratado a partir do pacote anti-crime proposto pelo então ministro da justiça e segurança pública Sérgio Moro como “excludente de ilicitude” -[357],

---

354 Cf. PESCAROLO, Joyce K. **Morte, racionalização e contágio moral**... *Op. cit*., p. 73.

355 Cf. RACY, Sonia. Brasil 200 lança plano de segurança Pública. **Estadão**, 2018. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/brasil-200-lanca-plano-de-seguranca-publica/>. Acesso em: 25 mar. 2018.

356 Cf. ZACCONE, Orlando. **Indignos de vida**... *Op. cit*.

357 Cf. PORTINARI, Natália. Relatório do pacote anticrime de Moro mantém ‘imunidade’ para policiais que matam em serviço. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/relatorio-do-pacote-anticrime-de-moro-mantem-imunidade-

tendo como alvo, em sua maioria, jovens negros e moradores de comunidades periféricas.[358] As consequências disso se dão, inclusive, através de preleções que justificam as mortes geradas por policiais que argumentam o cometimento de homicídios através da suposta ameaça, frente aquele que foi localizado pelas polícias como um potencial suspeito, encontrando-se supostamente armado.

Ao justificar a sua pesquisa através do relatório publicado em 2009 pela *Human Right Watch* acerca da violência letal cometida pelas forças policiais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o autor constatou, através de documentos dos quais teve acesso, que foram muitas as pessoas que foram mortas por esses distintos profissionais da segurança pública nos confrontos ocorridos, sobretudo, em regiões periféricas das cidades, tendo como resultado certa "impunidade crônica" por parte destes executores.[359]

> Assim como no relatório citado, diferentes pesquisas apontam indícios de práticas criminosas nas ações da polícia ao analisarem a incompatibilidade entre as ações narradas pelos agentes policiais e as lesões descritas nos exames cadavéricos, como a presença de tiros da cabeça e à queima-roupa nas vítimas. Em outros poucos casos, também são observadas declarações de testemunhas que contradizem a versão dos policiais. Ao mesmo tempo, promotores de justiça criminal se defendem da sua baixa produtividade nos processos contra os policiais, alegando a inexistência de provas colhidas na investigação, o que resulta no arquivamento da quase totalidade desses inquéritos. Ousamos discordar desta análise. Um dos objetivos do presente trabalho está em verificar com um olhar crítico este grande paradoxo, ou seja: de um lado o discurso de que existem provas suficientes, com indícios de autoria e comprovação da materialidade do crime de homicídio, a ensejar a responsabilidade do criminal dos policiais; do outro o argumento de que essas provas não existem, por "falhas do inquérito", gerando o arquivamento da investigação em relação a esses mesmos policiais. Esta duplicidade de discursos sobre a letalidade a partir das ações policiais abre margem para o questionamento sobre o enquadramento da conduta praticada por esses agentes da lei, naquilo denominado uso legítimo da força pelo Estado. Quais os limites em que se em que se autoriza uma ação policial letal

---

para-policiais-que-matam-em-servico-23724025>. Acesso em: 08 jun. 2019.

358 Cf. NEGROS e pardos são 77% dos mortos pela polícia do Rio em 2015. **Folha de S.Paulo**, 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/02/1742551-negros-e-pardos-sao-77-dos-mortos-pela-policia-do-rio-em-2015.shtml>. Acesso: 25 mar. 2018.

359 Cf. HUMAN RIGHT WATCH. **Força Letal:** violência policial e Segurança Pública no Rio de Janeiro e São Paulo. [*s. l.*] [*s. n.*]Dezembro de 2009.

> no marco do estado de direito em nosso país? A resposta está na construção da legítima defesa muito embora alguns promotores insistam na tese do estrito cumprimento do dever legal como hipótese excludente da ilicitude do crime de homicídio.[360]

O caso do assassinato da vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco (PSOL), no dia 18 de março de 2018,[361] permite não apenas conjecturar de que forma o sistema de justiça criminal opera a partir de seus distintos atores, como também possibilita compreender como a *fronteira moral* demarcada por estes profissionais acerca da construção do criminoso é arquitetada. Um exemplo da subjetividade exteriorizada por esses profissionais que atuam no sistema de justiça criminal instrumentalizada de forma supostamente objetiva pode ser encontrada no discurso proferido pela desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Marília Castro Neves,[362] quando afirmou, sem base material alguma, que a vereadora assassinada estava "engajada com bandidos", não apenas demonstrando uma enorme insensibilidade diante de um assassinato cruel, como também difundindo nas redes virtuais uma informação sem base alguma e, portanto, produzindo *fake News* sem sofrer nenhum tipo de responsabilização, visando desqualificar as lutas enfrentadas por Marielle Franco que, diferentemente da desembargadora, teve uma outra trajetória de vida, vinda de comunidades periféricas.

Também é importante mencionar as suspeitas que pesam sobre o filho do atual presidente Jair Bolsonaro (PSL), o senador Flávio Bolsonaro (PSL/RJ), sobretudo, a partir de sua suposta relação com a milícia de distintas regiões do Rio de Janeiro, bem como com o assassinato da própria Marielle Franco,[363] assim como também se faz necessário evidenciar que a esposa do atual presidente, Michele Bolsonaro, recebeu em sua conta pessoal um cheque de vinte e quatro mil reais de Fabrício Queiroz,[364] que supostamente estaria vinculado à

360 ZACCONE, Orlando. **Indignos de vida**... *Op. cit*., p. 142 *et. seq*.

361 Cf. MARÉ tem protesto neste omingo contra morte de Marielle Franco. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/mare-tem-protesto-neste-domingo-contra-morte-de-marielle-franco.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2018.

362 Cf. REDAÇÃO. Desembargadora diz que Marielle 'estava engajada com bandidos'. **Veja**, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/desembargadora-diz-que-marielle-estava-engajada-com-bandidos/>. Acesso em: 25 mar. 2018.

363 Cf. ALESSI, Gil. O elo entre Flávio Bolsonaro e a milícia investigada pela morte de Marielle. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/politica/1548165508_401944.html>. Acesso em: 07 jun. 2019.

364 Cf. REZENDE, Constança. Cheque de ex-assessor de Flávio Bolsonaro a Michelle

milícia, uma vez que a mãe do ex-capitão do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar, Adriano Magalhães da Nóbrega, aparece em um relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras – COAF, como uma das pessoas que fizera depósito para Fabrício Queiroz,[365] ex-motorista do senador, e suposto articulador da prática da "rachadinho", que consiste em uma espécie de pedágio em que o parlamentar expropria parte do salário de seus assessores para si.[366]

Isso sem falar da própria filha de Fabrício Queiroz, Nathalia Melo de Queiroz, que acumulava cargo a Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, como assessora de Flávio Bolsonaro, além de atuar concomitantemente como recepcionista em uma rede de academias.[367] Assim, também é importante destacar as suspeitas que pesam sobre os possíveis assassinos de Marielle Franco, Roni Lessa, que mora no mesmo condomínio que o presidente Jair Bolsonaro (PSL), e atuava supostamente com o chefe do grupo de matadores da região de Rio das Pedras, e Adriano Magalhães da Nóbrega, que teve a sua mãe, Raimunda Veras Magalhães e sua esposa, Danielle Mendonça da Nóbrega, empregadas no gabinete do senador Flávio Bolsonaro (PSL/RJ).[368]

Não obstante, é importante mencionar que essa mesma condição existente nas condutas decisórias de juízes de direito e promotores de justiça,[369] bem como dos delegados de polícia e demais

---

é pagamento de dívida, diz Bolsonaro. **Estadão**, 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cheque-de-ex-assessor-de-flavio-a-michelle-e-pagamento-de-divida-diz-bolsonaro,70002637717>. Acesso em: 07 jun. 2019.

365 Cf. LEITÃO, LESLIE; BARREIRA, Gabriel; COELHO, Henrique. Mae e esposa de suspeito de integrar milícia trabalharam no gabinete de Flávio Bolsonaro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/01/22/flavio-bolsonaro-contratou-mae-de-foragido-de-operacao-contra-milicia-ex-assessora-e-citada-pelo-coaf.ghtml>. Acesso em: 07 jun. 2019.

366 Cf. MELLO, Igor. Rachadinha, fantasmas e imóveis: o que o MP investiga no caso Queiroz? **Uol**, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/05/17/rachadinha-fantasmas-e-imoveis-o-que-o-mp-investiga-no-caso-queiroz.htm>. Acesso em: 07 jun. 2019.

367 Cf. LIMA, Ana Cora; ANDRADE, Hanrrikson de. Ex-assessora de Flávio Bolsonaro acumulava cargo na Alerj, emprego e estudo. **Uol**, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/12/14/ex-assessora-de-flavio-bolsonaro-acumulava-cargo-na-alerj-emprego-e-estudo.htm>. Acesso em: 07 jun. 2019.

368 Cf. GALVÃO, Alexandre. Flávio Bolsonaro diz que membros de milícia foram nomeados por indicação de Queiroz. **Metro 1**, 2019. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/politica/67578,flavio-bolsonaro-diz-que-membros-de-milicia-foram-nomeados-por-indicacao-de-queiroz>. Acesso em: 08 jun. 2019.

369 Cf. SOUZA, Aknaton T. **Perigo à Ordem Pública**... *Op. cit.*; CAMARGO, Giovane M. **Audiências de Custódia**... *Op. cit.*

policiais,[370] é amparada na produção de um descrédito acerca daquele sujeito subalternizado, geralmente negro, pobre, morador de regiões periféricas e, conforme o caso de Marielle Franco, alguém que escapa a cisheteronormatividade. Talvez o simples fato de Marielle encarnar as mesmas condições de subalternidade encontradas pelos juízes de direito em suas práticas cotidianas tenha sido suficiente para que a desembargadora emitisse sua opinião produzindo nela a condição de *desacreditado*, conforme mostrou Camargo.[371]

> A *fachada* constitui um objeto sagrado nestes rituais, o que institui um trabalho de *figuração* (*face-work*), isto é, uma precaução contra qualquer risco que possa comprometer a face dos participantes da interação. Entretanto, o ritual pode produzir um efeito contrário e se transformar em uma missa negra, onde a sacralidade da face de alguém é quebrada e se pode profanar este. Neste ponto, posso afirmar que, a depender do juiz ou promotor de justiça que atuam na audiência de custódia, estas podem constituir um ritual de profanação da fachada do custodiado, que passa a ser visto como um *desacreditado* (GOFFMAN, 2013) e suas palavras são constantemente colocadas um dúvida, como demonstrarei mais adiante. A partir destas categorias de Goffman, pode-se considerar que quando os operadores do SJC interagem face a face com o preso *sem filtro* nas audiências de custódia (considerada como um ritual, pois é o momento em que os operadores do SJC demonstram a deferência pelo custodiado e manejam seu porte), decidindo logo após pela prisão ou liberdade e a necessidade ou não de se investigar práticas de agressão ou tortura policial, estruturam suas ações e fundamentam suas manifestações com base em valores e motivações encontradas nas relações socioculturais.[372]

Da mesma forma com que é construída a figura do desacreditado acerca do perfil daquele jovem negro,[373] pobre e morador de comunidade periférica, decorrente da seletividade penal estabelecida pelas autuações policiais recorrentemente encaminhadas aos delegados de polícia que corporativamente legitimam todo o discurso produzido pelas polícias,[374]

---

370 Cf. PEDROTTO, Fábio A. **Representações sociais dos delegados de polícia da grande Vitória acerca das políticas de drogas**. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública). Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2018.

371 Cf. CAMARGO, Giovane M. **Audiências de Custódia**... *Op. cit.*

372 *Ibidem*, p. 89 *et. seq.*

373 Cf. *Ibidem*.

374 Cf. PEDROTTO, Fábio A. **Representações sociais dos delegados de polícia da grande Vitória acerca das políticas de drogas**... *Op. cit.*

bem como as simples audiências que reiteram todo esse processo persecutório que incide sobre essas populações mais subalternizadas,[375] a desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Marília Castro Neves, não fez nada mais que exteriorizar sua sujeição subjetiva, relacionando o perfil que sofre com as atividades persecutórias do sistema de justiça criminal,[376] que corresponde exatamente com as características da vereadora do Rio de Janeiro assassinada em 2018, Marielle Franco (PSOL).

Reflexões sobre a etnografia realizada no congresso do Movimento Brasil Livre

No dia 01 de fevereiro de 2018, ou seja, enquanto escrevia este texto, estive participando, na condição de ouvinte, do evento organizado pelo Movimento Brasil Livre – MBL no auditório do curso de engenharia civil da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES,[377] que tinha como palestrantes anunciados Fernando Holiday, Renan Santos, Raquel Gerde, Bruno Garschagen, Lelo Coimbra, Ricardo Ferraço, além dos entrevistadores Kim Kataguiri e Arthur do Val, bem como o entrevistado da análise aqui apresentada, Flávio Rocha. Curiosamente, embora tenha sido realizado em um espaço universitário, o evento intitulado "Fórum: Brasil, para onde estamos indo?", não contava com nenhum pesquisador ou mesmo professor de instituições de ensino superior, tendo sido agendado para ter início às 17 horas e começando somente às 18:40 horas.

Como não havia realizado a inscrição previamente, por acreditar no fato de o evento ser gratuito, além de também ter sido realizado em uma instituição pública de ensino superior, procurei chegar por volta das 16:30 horas. Chegando lá, não apenas constatei que precisava ter realizado a inscrição antecipadamente no site do evento, como também verifiquei que precisava levar um documento que comprovasse que a

375 Cf. SOUZA, Aknaton T. **Perigo à Ordem Pública**... *Op. cit.*

376 Cf. D'AGOSTINO, Rosanne. CNJ decide apurar conduta de desembargadora que postou fake news sobre Marielle Franco. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/corregedor-do-cnj-determina-procedimento-para-apurar-conduta-de-desembargadora-que-postou-sobre-marielle.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2018.

377 Cf. MOVIMENTO Brasil Livre ES realiza fórum "Brasil: para onde estamos indo?" entre dias 31 de janeiro e 01 e 02 de fevereiro. **O diário nacional**, 2018. Disponível em: <http://odiarionacional.org/2018/01/16/movimento-brasil-livre-es-realiza-forum-brasil-para-onde-estamos-indo-entre-dias-31-de-janeiro-e-01-e-02-de-fevereiro/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

inscrição havia sido realizada previamente através de um "código QR" que seria conferido no momento da entrada do evento.

Assim que cheguei, constatei uma fila enorme, composta majoritariamente por jovens do sexo masculino aparentemente de classe média, brancos e universitários, não necessariamente estudantes daquela instituição, conforme verifiquei na medida em que comecei a conversar com aqueles que se encontravam na fileira. Logo em seguida, chegou um grupo de jovens com uma bandeira do Espírito Santo, em que havia a inscrição "Grupo Domingos Martins", juntamente com uma mesa em que mais tarde seriam expostos livros produzidos pelo Instituto Ludwig von Mises Brasil, que inclusive cheguei a comprar três exemplares: *A lei*, de Frédéric Bastiat,[378] *Da produção de segurança* de Gustave de Molinari e o livro mais importante para este grupo,[379] conforme não apenas comentaram comigo, mas também me recomendaram, *As seis lições* de Ludwig von Mises.[380]

Na ocasião, questionei se o nome deste grupo se devia ao fato de seus integrantes serem do município de Domingos Martins, mas assim que perguntei, disseram-me que se tratava de uma homenagem ao sujeito e não a cidade que recebe o nome. Segundo os participantes do grupo, essa homenagem se deu a esse sujeito pelo fato de ele ter sido uma figura importante tanto para o pensamento liberal capixaba e brasileiro, quanto por sua importância na maçonaria. Como a minha preocupação naquele momento era buscar conhecer os posicionamentos dos participantes daquele evento acerca dos autores que são lidos e/ou assistidos através da internet, tendo como hipótese a ideia de que o diagnóstico sobre a história política do Brasil apresentado por boa parte das novíssimas direitas brasileiras havia sido construído por meio das interpretações de Olavo de Carvalho, não apenas através de seus livros, mas também de seus vídeos no *youtube*, bem como do projeto "Brasil Paralelo", do qual faz parte; passei a conversar com os integrantes do "Grupo Domingos Martins".[381]

Inicialmente perguntei quem eram as referências do pensamento liberal no Brasil e a resposta que tive foi: Rodrigo Constantino. O

378 Cf. BASTIAT, Frédéric. **A lei**. São Paulo: Institito Ludwig von Mises, 2010.

379 Cf. MOLINARI, Gustave de. **Da produção de segurança**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2014.

380 Cf. MISES, Ludwig von. **As seis lições**... *Op. cit.*

381 Cf. POR um Espírito Santo mais livre e próspero. **Grupo Domingos Martins**. Disponível em: <http://grupodomingosmartins.com.br/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

que de alguma forma me deixou bastante intrigado, para não dizer incomodado, tendo em vista que, por fazer parte do campo acadêmico, imaginei que seria algum professor que atuava como pesquisador em determinado programa de pós-graduação em economia de alguma universidade brasileira, pública ou privada.

A minha crença nesse perfil de entusiastas para parte das direitas brasileiras se deu porque imaginei que, assim como os neoliberais estadunidenses têm como referência tanto Gary Becker quanto Milton Friedman, por exemplo, ambos professores do programa de pós-graduação em economia da Universidade de Chicago e prêmios Nobel de economia, imaginei que no caso do nosso país, seria alguém com um perfil próximo, e não um bacharel em economia com especialização em finanças.

Quando indaguei sobre o fato de Rodrigo Constantino não atuar com pesquisa formal em sua área, produzindo reflexões sem consistência realmente acadêmica, isso sem falar da falta de reconhecimento dos seus escritos por seus pares, os participantes do “Grupo Domingos Martins”, argumentaram que outra grande referência para eles no campo acadêmico era Luiz Felipe Pondé, que atua como professor no programa de pós-graduação em ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Não obstante, ponderei, argumentando que o professor mencionado não era um economista, mas um filósofo. Eles reconheceram o problema apresentado, argumentando que a grande maioria da leitura que fazem é produzida por autores estrangeiros, sobretudo, europeus, a exemplo de Ludwig von Mises,[382] que me foi recomendado por eles como leitura elementar para não apenas entender o neoliberalismo, mas defendê-lo.

Naquele momento, me questionei se a ausência de um diálogo acadêmico mais sofisticado não seria um grande problema não apenas encontrado nas análises de Olavo de Carvalho,[383] como do próprio Rodrigo Constantino, uma vez que me recordei de um texto jornalístico seu que li e fiquei horrorizado com a capacidade de simplificação de análises de autores tão complexos como Michel Foucault. No artigo mencionado que foi publicado no dia 20 de dezembro de 2013 no site do jornal gazeta do povo,[384] intitulado “Disney é muito melhor do

382 Cf. MISES, Ludwig von. **As seis lições**... *Op. cit*.

383 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

384 Cf. CONSTANTINO, Rodrigo. Disney é muito melhor do que Foucault. **Gazeta do Povo**, 2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/

que ler Foucault", Constantino não apenas argumenta que a esquerda está em uma busca constante em encontrar inimigos, como faz uma aproximação extremamente frágil e inconsistente, dando a entender que Foucault seria uma espécie de desdobramento da chamada teoria crítica ou Escola de Frankfurt na França, negando todas as críticas que filósofo francês mencionado fez não apenas aos marxismos, mas aqueles autores que se apropriaram da psicanálise e do marxismo para produzir suas análises.

Essa sua crítica, inclusive, pode ser encontrada no prefácio intitulado "O anti-Édipo: Introdução à uma vida não-fascista", escrito por Michel Foucault no livro *O anti-Édipo*,[385] produzido por Deleuze e Guattari.[386]

> O anti-Édipo mostra, inicialmente, a extensão do terreno percorrido. Porém faz muito mais. Ele não se distrai difamando os velhos ídolos, ainda que se divirta muito com Freud. E, sobretudo, ele nos incita a ir mais longe. Seria um erro ler O anti-Édipo como a nova referência teórica (sabem, essa famosa teoria que nos foi anunciada com tanta freqüência: aquela que vai englobar tudo, que é absolutamente totalizante e tranqüilizante e da qual, conforme nos garantem, 'temos tanta necessidade' nessa época de dispersão e de especialização, em que a 'esperança' desapareceu). Não se deve buscar uma 'filosofia' nessa extraordinária profusão de noções novas e de conceitos-surpresa. O anti-Édipo não é uma contrafação de Hegel. A melhor maneira de ler O anti-Édipo é, creio eu, abordá-lo como uma 'arte', no sentido em que se fala de 'arte erótica', por exemplo. Apoiando-se nas noções aparentemente abstratas de multiplicidade, de fluxos, de dispositivos e de ramificações, a análise da relação do desejo com a realidade e com a 'máquina' capitalista traz respostas a questões concretas. Questões que se ocupam menos com o porquê das coisas do que com seu como. Como se introduz o desejo no pensamento, no discurso, na ação? Como o desejo pode e deve desdobrar suas forças na esfera do político e se intensificar no processo de reversão da ordem estabelecidas? Ars erotica, ars theoretica, ars política. Donde os três adversários aos quais O anti-Édipo se vê confrontado. Três adversários que não têm a mesma força, que representam graus diversos de ameaças e que o livro combate por meios diferentes. 1) Os ascetas políticos, os militantes morosos, os terroristas da teoria, aqueles que gostariam de preservar a ordem pura da política e do discurso político. Os burocratas da revolução

artigos/disney-e-muito-melhor-do-que-foucault/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

385 Cf. FOUCAULT, Michel. O anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.

386 Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

> e os funcionários da Verdade. 2) Os deploráveis técnicos do desejo — os psicanalistas e os semiólogos que registram cada signo e cada sintoma e que gostariam de reduzir a organização múltipla do desejo à lei binária da estrutura e da falta. 3) Enfim, o inimigo maior, o adversário estratégico (visto que a oposição de O anti-Édipo a seus outros inimigos constitui antes um engajamento tático): o fascismo. E não somente o fascismo histórico de Hitler e Mussolini — que soube tão bem mobilizar e utilizar o desejo das massas —, mas também o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora. Eu diria que O anti-Édipo (possam seus autores me perdoar) é um livro de ética, o primeiro livro de ética que se escreveu na França desde muito tempo (é talvez a razão pela qual seu sucesso não se limitou a um 'leitorado' particular: ser antiÉdipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida). Como fazer para não se tornar fascista mesmo (e sobretudo) quando se acredita ser um militante revolucionário? Como livrar do fascismo nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres? Como desentranhar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento? Os moralistas cristãos buscavam os traços da carne que se tinham alojado nas dobras da alma. Deleuze e Guattari, por sua vez, espreitam os traços mais íntimos do fascismo no corpo. Prestando uma modesta homenagem a São Francisco de Sales, poderíamos dizer que O anti-Édipo é uma introdução à vida não fascista. Essa arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, estejam elas já instaladas ou próximas de sê-lo, é acompanhada de certo número de princípios essenciais, que resumirei como segue, se eu devesse fazer desse grande livro um manual ou um guia da vida cotidiana: • Liberem a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante. • Façam crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal. • Livrem-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas, enquanto forma de poder e modo de acesso à realidade. Prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas. Considerem que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade.[387]

Também perguntei quem eram os referenciais teóricos e autores que tinham como referência para tratar de questões que faziam parte da minha agenda de pesquisas até aquele momento como, por exemplo, drogas e alimentos, por meio dos campos da saúde e da segurança pública. A resposta que me foi dada é que a grande maioria dos livros

387 FOUCAULT, Michel. O anti-Édipo... *Op. cit.*, p. 198 *et. seq.*

que eles liam eram produzidos pela editora do Instituto Ludwig von Mises Brasil e, portanto, tratavam-se de textos publicados pela chamada escola austríaca de economia. Quando os questionei se não seria importante pensar a realidade brasileira a partir dos problemas brasileiros, ao invés de tentar importar teorias e diagnósticos realizados por autores austríacos do século XX para tratar do Brasil no século XXI, senti um certo clima de desconforto, justamente por tratar de questões que aparentemente não haviam sido refletidas por estes jovens do "Grupo Domingos Martins".

É importante destacar que a minha abordagem neste evento realizado pelo Movimento Brasil Livre – MBL, desde o princípio, foi escutar o que esses jovens, sobretudo, do "Grupo Domingos Martins", todos brancos e universitários, tinham a me dizer sobre suas referências acerca da interpretação que fazem do Brasil contemporâneo a partir daquilo que passei a chamar de perspectivismo político para compreender o entendimento dos diferentes polos políticos brasileiros, a partir de suas próprias perspectividades. Desse modo, a minha aposta passou a se dar por meio de estratégias que me permitam conhecer os campos políticos a partir de suas crenças e, portanto, de suas próprias cosmologias.[388]

No entanto, eu imaginava que me colocar como tributário da esquerda seria um problema, na medida em que poderiam entender que eu seria uma espécie de "infiltrado". Deste modo, quando me perguntaram o que eu estudava, disse que era professor nos programas de mestrado em sociologia política e em segurança pública da Universidade Vila Velha – UVV, mas mesmo sendo sociólogo, não era marxista, mas anarquista e, além disso, pensava a política partir de uma outra perspectiva que escapava ao modelo binário da esquerda e da direita. Isso acabou fazendo com que me dessem mais abertura em nossa conversa e passassem a dar importância para o que eu estava falando. Quero deixar registrado que desde o princípio fui muito bem tratado por todos aqueles com quem dialoguei no evento. Todos se mostraram extremamente solícitos em me apresentar os seus olhares sobre a política nacional a partir de um viés neoliberal.

Contudo, quando questionei sobre a relevância do pensamento do Olavo de Carvalho em suas leituras acerca da história política brasileira e seu diagnóstico, os jovens do "Grupo Domingos Martins", de modo

388 Cf. DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas**... *Op. cit.*

geral, disseram-me que compartilhavam das interpretações trazidas por ele, entretanto, discordavam de sua postura por posicionar-se como um filósofo de tradição conservadora e não (neo)liberal, conforme se reconheciam. Essa afirmação trazida por eles, de alguma forma reitera a minha hipótese inicial amparada na ideia de que as novíssimas direitas brasileiras, em sua maioria, são tributárias das análises de Olavo de Carvalho acerca da narrativa sobre o processo de democratização do país na passagem da ditadura empresarial-militar para a democracia liberal, e isso pode ser encontrado no fato deste evento ter como participante outro autor conservador, Bruno Garschagen, que, embora não atue como pesquisador no sentido formal, orientando pesquisas de mestrado e doutorado, leciona em uma especialização em "Escola austríaca" na Unítalo,[389] tendo sido provavelmente professor do atual Deputado Federal e filho do presidente da república, Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ).[390]

Entretanto, é possível verificar que enquanto que as diferentes tradições à direita se aglutinam em busca da redução do Estado também a partir de interpretações trazidas por Olavo de Carvalho,[391] conforme reconheceram os integrantes do "Grupo Domingos Martins", as distintas esquerdas se conflituam em nome do chamado "lugar de fala", conforme mostramos em pesquisa anterior,[392] servindo, portanto, de combustível para alimentar o fogo daquilo que as novíssimas direitas tem chamado de "politicamente correto".

Assim que a primeira mesa do evento foi composta, a organizadora do evento e também coordenadora do Movimento Brasil Livre – MBL do Espírito Santo, Raquel Guerde, proferiu um discurso de abertura, argumentando que aquele seria um dia inesquecível e histórico, tendo em vista que pela primeira vez no Estado a direita estava tomando um espaço que historicamente estava sendo ocupado pela esquerda, a Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, assim como as demais instituições de ensino superior públicas do Brasil. Em seguida, foram

---

389 Cf. ESCOLA Austríaca. **Italo Brasileiro**, 2018. Disponível em: <https://italo.com.br/cursos/lato-sensu-escola-austriaca/>. Acesso em: 02 jan. 2018.

390 Cf. AGUIAR, Tiago. No currículo para embaixador, Eduardo Bolsonaro diz ter pós-graduação que não concluiu. **Extra**, 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/no-curriculo-para-embaixador-eduardo-bolsonaro-diz-ter-pos-graduacao-que-nao-concluiu-23815386.html>. Acesso em: 17 jul. 2019.

391 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

392 Cf. ROSA, Pablo O.; RESENDE, Paulo E. R. Ativismo identitário e o capital subalterno... *Op. cit*.

apresentados os demais organizadores do evento, também participantes do movimento mencionado, para que na sequência fosse cantado o hino do Brasil e, a seguir, o microfone fosse direcionado para o primeiro palestrante, Arthur do Val.

No momento em que foi anunciado que o hino do Brasil seria cantado antes do evento iniciar, estava ao lado de outro interlocutor que havia mencionado que ele seria uma espécie de exceção entre os tributários das novíssimas direitas de tradição (neo)liberal, tendo em vista que ele lia mais livros do que assistia vídeos no *youtube*. Contudo, assim que este interlocutor concluiu seu raciocínio, todos aqueles que estavam sentados se levantaram olhando para a bandeira do Brasil e passaram a cantar o hino deste país de forma intensa e orgulhosamente patriótica.

Naquela ocasião, não apenas pensei no trecho da música "Sua bandeira", da banda de hardcore capixaba, Dead Fish – em que diz: "Sua bandeira se tornou prisão, posso sentir o ódio em seu brasão, não, prefiro não, quero lutar, mas em outra direção, pois seu pano limpo com listras e estrelas, me fez lembrar o Mickey Mouse. Não vou cantar esse hino que você quer me obrigar. O mundo é um todo como uma nação, se chama humanidade e parece sofrer em vão" -, como também recordei da seguinte passagem do livro de Emma Goldman, intitulado *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*:[393]

> então, o que é o patriotismo? 'O patriotismo, senhor, é o último recurso dos vagabundos', declarou o dr. Johnson. Liev Tolstoi, o mais célebre dos antipatriotas de nossa época assim o define: o patriotismo é um princípio que justifica a instrução de indivíduos que cometerão massacres em massa, um comércio que exige um equipamento bem melhor para matar outros homens do que para fabricar gêneros de primeira necessidade – sapatos, vestimentas ou moradias; uma atividade econômica que garante maiores lucros e uma glória bem mais cintilante do que aquela da qual jamais fruirá o operário médio.[394]

Em seguida, o discurso proferido pelo articulador político do "canal mamãe falei" que foi eleito deputado estadual em 2018, Arthur do Val (DEM/SP), tratou basicamente de suas experiências familiares, principalmente da afinidade com a sua tia, que segundo ele era "esquerdista", e que em certa medida o influenciou em relação aos seus

---

393 Cf. GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios**. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

394 *Ibidem*, p. 59 *et. seq.*

posicionamentos políticos. No entanto, a mudança de seu ponto de vista sobre o campo político ocorreu quando ele começou a trabalhar e que, portanto, se deu conta de que nada é de graça e que a produção de riqueza se dá pelo trabalho, inclusive chegou a argumentar que não existe almoço grátis. Curioso é que hoje, dia 10 de fevereiro de 2018, em pleno sábado de carnaval, momento que estou comemorando 39 anos de idade, almocei gratuitamente em um restaurante vegano maravilhoso chamado Mãe Divina,[395] em Vila Velha, Espírito Santo.

É importante esclarecer que o restaurante mencionado não atua unicamente a partir de uma perspectiva econômica utilitária associada a racionalidade neoliberal voltada exclusivamente para a acumulação, embora seja necessário estabelecer trocas amparadas no dinheiro, tendo em vista a necessidade dessa relação no contexto capitalístico. Ao contrário, a proposta deste espaço é minimizar os impactos ambientais através da produção de comidas veganas não necessariamente direcionada para esse público específico, mas visando sensibilizar os não veganos acerca da possibilidade de ter uma alimentação muito mais saudável e extremamente saborosa, minimizando os prejuízos causados tanto à saúde humana e animal quanto planetária. Isso sem falar que os dois casais que são proprietários do restaurante mãe divina também produzem semanalmente comidas veganas que são distribuídas para as pessoas que se encontram em situação de rua, além de também administrarem um centro espiritual, buscando produzir um mundo melhor, conforme argumentou um dos proprietários em conversa informal.

A proposta deste restaurante é algo que está para além de uma visão econômica utilitária, operando através daquilo que Caillé chamou de *dom*,[396] a partir de Mauss.[397] Isso ocorre por alguns motivos que estão relacionados às próprias atividades realizadas por eles, como por exemplo, que não estão vinculadas especificamente ao restaurante, mas a partir de uma perspectiva que poderia ser situada através do que a analítica foucaultiana chamou de *estética da existência*. Desse modo, quando procuramos mudar o *dom*, ou seja, quando alteramos a nossa forma de nos relacionarmos para além de uma questão utilitária e, sobretudo, econômica, podemos criar linhas flexíveis e, principalmente, linhas de fuga para o utilitarismo ainda fundamentado na teoria do

395 Cf. **MAE Divina:** restaurante natural. Disponível em: <http://maedivinarestaurante.com.br/>. Acesso em: 10 fev. 2018.

396 Cf. CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom**... *Op. cit*.

397 Cf.MAUSS, Marcel. **Ensaios de sociologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

valor trabalho, conforme vimos inicialmente com Adam Smith e, sequentemente com Karl Marx.

> O trabalho (*work*) dotado de significado, produtivo, que também é chamado de "labor" (l*abor*), é a base do nosso sistema de crédito, de forma que podemos computá-lo em termos monetários. Isso possibilita avaliar outras quantidades, tais como o tempo, recursos e trabalho (*labor*) acumulado, ou mesmo "direitos" e "obrigações" abstratos. Essa produtividade, a aplicação e implementação do refinamento do homem por ele próprio, consiste no foco central de nossa civilização. Isso explica o alto valor atribuído à "Cultura" no sentido restrito, marcado, "sala de ópera", pois ela representa o incremento criativo, a produtividade que cria trabalho e conhecimento ao fornecer-lhes ideias, técnicas e descobertas, e que em última instância molda o próprio valor cultural. Experimentamos a relação entre os dois sentidos de "cultura" nos significados de nossa vida e trabalho cotidianos: "cultura" no sentido mais restrito consiste em um precedente histórico e normativo para a cultura como um todo: ela encarna um ideal de refinamento humano. É porque trabalho e produtividade são centrais em nosso sistema de valores que neles baseamos nosso sistema de crédito. O "dinheiro", ou a "riqueza", é, portanto o símbolo do trabalho da produção de coisas e serviços segundo técnicas que constituem a herança preservada de nosso desenvolvimento histórico. Embora algumas dessas técnicas sejam patenteadas, algumas fórmulas sejam secretas e algumas habilidades sejam propriedade de pessoas particulares, a maior parte da nossa tecnologia e de nossa herança cultural é de conhecimento público, sendo posta à disposição pela educação pública. Assim como o dinheiro representa o padrão público de troca, a educação define um certo pré-requisito para a participação.[398]

A universalização de certa ética do trabalho através da cultura, conforme apresentou por Roy Wagner,[399] pode ser entendida a partir da instrumentalização hierárquica decorrente dos discursos proferidos pelos supostos "cidadãos de bem" - que pode ser encontrada no início do discurso proferido por Arthur do Val no evento "Fórum: Brasil, para onde estamos indo?" - como algo que não está presente somente nas narrativas das novíssimas direitas do Brasil contemporâneo, como também compõe os princípios de grupos que se reconheciam como de extrema direita nos anos 1980 e 1990, a exemplo dos "carecas", conforme mostrou Costa.[400] Segundo a autora,

---

398 WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2012, p. 81 *et. seq*.

399 Cf. *Ibidem*.

400 Cf. COSTA, Márcia R. **Os carecas do subúrbio:** caminhos de nomadismo

> Uma das questões que o 'careca' sempre procurou deixar claro é a preocupação em manter a dignidade, a exigência de respeito pelo fato de ele ser um trabalhador. Segundo sua visão, o 'careca' trabalha e se diferencia do bandido, do marginal, que são definidos como aqueles que não trabalham, roubam o pobre, vendem drogas para sobreviver etc. É interessante observar que, para eles, apesar de assumirem a treta (briga, luta, ser e impor-se através da violência), a violência, isto não significa que se considerem bandidos e que adotem o não-trabalho como estratégia de sobrevivência. O 'careca' E., de 18 anos, por exemplo, relatou que, uma reportagem sobre *skinheads* ingleses a que teve acesso, ficou espantado em saber da existência de um *skinhead,* com 27 anos e desempregado, tinha namorada e dinheiro para sair com ela.[401]

Contudo, não estou afirmando que os grupos que se reconhecem como pertencentes às novíssimas direitas do Brasil contemporâneo se fundamentam exclusivamente nos mesmos princípios que constituem a identidade dos "carecas". O que estou querendo mostrar é que tanto os "carecas" estudados por Costa quanto os jovens empreendedores que se posicionam como direitistas hodiernamente compartilham suas opiniões acerca de uma diversidade de assuntos como o papel da polícia,[402] a forma de tratar os "criminosos", o motivo da proibição das drogas, a noção de família, a sexualidade cisheteronormativa, etc.

No entanto, enquanto os "carecas" podem ser entendidos como um grupo de extrema direita vinculado a certa concepção formal e braçal de trabalho cada vez mais precarizado, conforme mostrou Costa,[403] os tributários de grupos como o Movimento Brasil Livre – MBL aderem uma leitura mais sofisticada e utilitária acerca da adesão a certo condicionamento daquilo que Foucault chamou de *homo oeconomicus*, ou seja, se produzem como empreendedores de si, como *digital influenciers* e consequentemente como figuras públicas do suposto mundo político da internet brasileira.

> No neoliberalismo – e ele não esconde, ele proclama isso – também vai-se encontrar uma teoria do *homo œconomicus*, mas como o *homo œconomicus*, aqui, não é em absoluto um parceiro da troca. O *homo œconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será

moderno. São Paulo: Ed. Musa, 2000.

401 COSTA, Márcia R. **Os carecas do subúrbio**... *Op. cit.*, p. 127 *et. seq.*

402 Cf. *Ibidem.*

403 *Ibidem.*

> substituir, a cada instante, o *homo œconomicus*, parceiro da troca por um *homo œconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda.[404]

O efeito da difusão deste tipo de discurso é algo extremamente perigoso porque é a partir dele que encontraremos a busca por um padrão supostamente normal de sociabilidade e tudo aquilo que escaparia a essa normalidade seria tratado como suspeita, ao ponto de tornar os suspeitos inimigos a partir de certo processo de estigmatização que engendraria, no limite, um processo de criminalização. Inclusive esse tipo de abordagem pode ser localizada no discurso proferido pela figura política mais importante na época presente que atualmente encarna a extrema direita no Brasil, o presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL). Segundo ele,

> a minoria tem que se calar, tem que se curvar à maioria. Acabou. Eu quero é respeitar é a maioria e não a minoria. Você está entendendo? Respeitar homossexual? Ele é que tem que respeitar? Eles é que tem que nos respeitar! É o contrário! A política é o contrário![405]

Não obstante, esse mesmo tipo de discurso proferido pelo presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL) acerca do tratamento dado a certas minorias a exemplo dos grupos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - LGBT, também pode ser encontrado não apenas nos escritos de Olavo de Carvalho,[406] como também em seus vídeos que tratam daquilo que chamou de "ditadura gayzista",[407] assim como também podemos encontrar em um vídeo de Kim Kataguri,[408] do Movimento Brasil Livre – MBL, difundindo a benesses da chamada "cura gay". Inclusive, no final da última edição de seu livro *A nova era e a revolução cultural*, publicado inicialmente em 1994, mas que conta com uma entrevista na edição de 2014, Carvalho argumenta que:[409]

---

404 FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008, p. 310 *et. seq*.

405 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WUBe-tkPqaY>. Acesso em:18 fev. 2018.

406 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

407 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q41RcBPQ92M>. Acesso em: 18 fev. 2018.

408 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CcOnBPsSfq8>. Acesso em: 18 fev. 2018.

409 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

> no Brasil isso ainda é evidente. A rigor, o governo não está fazendo coisa alguma no sentido de implantar o socialismo. Suas ações não passam de ensaios muito tímidos. O que ele está impondo é apenas aquele resíduo de Revolução Cultural radicalizada: gayzismo, feminismo, racialismo, ideologia de gênero, etc. Mas o governo não é necessário para avançar essas agendas, pois os organismos internacionais já o fazem. Então, praticamente a única iniciativa política que se vê no Brasil vêm dos organismos internacionais. O governo apenas carrega uma agenda que não é dele. A mentalidade comunista dos anos 70 e 80 não tinha nada a ver com esse programa. Eles pegaram carona nisso porque achavam que era vantajoso e porque essa era uma maneira de expressar a revolta contra a sociedade burguesa e contra a igreja. Mas era algo secundário. Hoje, porém, isso não é o único item do programa. Na verdade, isso é uma revolta de classe média que nada tem a ver com o proletariado, muito menos com a população pobre. Outro fenômeno que ocorreu no Brasil foi 'lumpenização' da esquerda. Hoje em dia, graças a esse tipo de bandeira, que se sobrepõe muito a qualquer bandeira de ordem econômica ou até mesmo à ideia de socialismo, o conceito de povo que esquerda é o *lumpemproletariado*, ou seja, os bandidos, as prostitutas, os viciados, traficantes, etc.[410]

Um dos principais problemas deste tipo de análise simplificada acerca da realidade política dos movimentos sociais de caráter identitário é presumir que eles foram criados de cima para baixo, ou seja, de maneira hierarquizada e através de forças supostamente ideológicas estabelecidas a partir das estratégias comunistas, ao invés de reconhecer que a sua demanda está associada justamente às violências que estes sujeitos subalternizados sofrem cotidianamente, justamente por não se adequarem à essa suposta normalidade cisheteronormativa, por exemplo.

Esse tipo de consideração pode ser encontrado nos debates realizados no interior destes movimentos, que muitas vezes defendem uma leitura liberal, ao invés das perspectivas comunistas, conforme pontua Carvalho.[411] Contudo, o efeito desse tipo interpretação acaba por sugerir a produção de um discurso de ódio contra aqueles que não se adequam as supostas regras morais compartilhadas pelos valores cristãos, ocidentais, eurocêntricos e utilitários acerca da realidade social contemporânea, o que poderia ser entendido a partir daquilo que Foucault chamou de "racismo de Estado".[412]

410 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*, p. 229.

411 *Ibidem*.

412 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*

Ao tratarmos disso que a analítica foucaultiana chamou de guerras de raças, amparadas na tentativa de impor um único modo de subjetivação sustentando na possibilidade de uma espécie de normalização societal, na medida em que se passa a não apenas estigmatizar, mas a criminalizar aquelas condutas que escapem a essa suposta normalidade, é possível compreender, assim como mostrou Foucault,[413] que o que chamou de "racismo de Estado" não está associado exclusivamente a uma perspectiva racial, mas àquelas práticas que escapam às tecnologias de regulamentação estabelecidas pelos Estados modernos a partir de construções baseadas no que chamou de sociedades de normalização, ou seja, sociedades em que se articulam ortogonalmente a norma da disciplina e a norma da regulamentação, tendo em vista que a "a norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar".[414]

No entanto, ao ponderar sobre as afirmações proferidas por estes tributários dos distintos pensamentos das novíssimas direitas contemporâneas do Brasil, desde Olavo de Carvalho ao próprio Movimento Brasil Livre - MBL, assim como nos discursos proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL), conforme mostrei anteriormente, sobretudo, no que se refere a sexualidade, conseguimos encontrar em Foucault alguns elementos que nos permitem identificar esse "racismo de Estado" com a valoração médica do século XIX, que já no século XX passou a ser questionada pela Organização Mundial da Saúde –[415] OMS e pela Associação Americana de Psiquiatria, que deixou de entender o homossexualismo como doença, na segunda metade do século XX, tratando-o como homossexualidade, bem como passou a reconhecer como uma questão de orientação sexual, conforme mostrou.[416]

> A extrema valoração médica no século XIX teve, assim creio, seu princípio nessa posição privilegiada da sexualidade entre organismo e população, entre corpo e fenômenos globais. Daí também a ideia médica segundo a qual a sexualidade, quando é indisciplinada e irregular, tem sempre duas ordens de efeitos: um sobre o corpo, sobre o corpo indisciplinado que é imediatamente punido por todas as doenças individuais que o devasso sexual atrai sobre si. Uma criança que se masturba demais será muito doente a vida toda: punição disciplinar no plano do corpo. Mas,

413 Cf. FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**... *Op. cit.*

414 *Idem*. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*, p. 213.

415 *Ibidem*.

416 Cf. LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Revista de Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 18, n. 05, 1984.

> ao mesmo tempo, uma sexualidade devassa, pervertida, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações, na sétima geração, na sétima da sétima. É a teoria da degenerescência: a sexualidade, na medida em que está no foco das doenças individuais e uma vez que está, por outro lado, no núcleo da degenerescência, representa exatamente esse ponto de articulação do disciplinar e do regulamentador, do corpo e da população. E vocês compreendem então, nessas condições, por que e como um saber técnico como a medicina, ou melhor, um conjunto constituído por medicina e higiene, vai ser no século XIX um elemento, não o mais importante, mas aquele cuja importância será considerável dado o vínculo que estabelece entre as influências científicas sobre os processos biológicos e orgânicos (isto é, sobre a população e sobre o corpo) e, ao mesmo tempo, na medida em que a medicina vai ser uma técnica política de intervenção, com efeitos de poder próprios. A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e reguladores.[417]

Um dos aspectos mais curiosos presentes nessas narrativas extraídas de certos tributários das novíssimas direitas do Brasil contemporâneo, amparada na estigmatização, patologização e, no limite, na criminalização de grupos e indivíduos que escapam esse modelo cisheteronormativo, é que eles, mesmo não atuando na produção de pesquisas científicas, se utilizam delas para justificar os seus pontos de vista que reiteram não apenas seus preconceitos e valores supostamente ocidentais e cristãos, como também instrumentalizam artigos extremamente desatualizados e questionáveis no que se refere às premissas estabelecidas pela comunidade acadêmica não apenas no Brasil, mas nos demais países.

Deste modo, conforme mostrou Foucault, a "especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado a técnica do poder, à tecnologia do poder",[418] ou seja, segundo o autor, uma importante questão que se coloca é que "o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer o seu poder".[419]

---

417 FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*, p. 212.

418 *Ibidem*, p. 217

419 *Ibidem*.

Inclusive, é importante mencionar que Foucault localizou o chamado racismo de Estado não apenas no contexto das democracias liberais, mas também nas experiências nazistas, socialistas, sociais-democratas, bem como entre os anarquistas, na medida em que estes modelos ainda estabeleciam a guerra como elemento central para constituírem os seus projetos políticos.[420]

> Na guerra, vai se tratar de duas coisas, daí em diante: destruir não simplesmente o adversário político, mas a raça adversa, essa [espécie] de perigo biológico representado, para a raça que somos, pelos que estão à nossa frente. É claro, essa é apenas, de certo modo, uma extrapolação biológica do tema do inimigo político. No entanto, mais ainda, a guerra – isto é absolutamente novo – vai se mostrar, no final do século XIX, como uma maneira não simplesmente de fortalecer a própria raça eliminando a raça adversa (conforme os temas da seleção e luta pela vida), mas igualmente de regenerar a própria raça. Quanto mais numerosos forem os que morrerem entre nós, mais pura será a raça a que pertencemos.[421]

Assim, se a raça a que supostamente pertencemos - do ponto de vista daquilo que a analítica foucaultiana chamou de racismo de Estado - estiver fundamentada em certa concepção de sexualidade amparada na cisheteronormatividade, encontrada inclusive no discurso sobre a minoria apresentado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL), tudo aquilo que escapar a esse padrão normativo deverá ser tratado como um problema a ser solucionado por meio da extinção dessas condutas entendidas ora como estigma, ora como doença e, no limite, ora como crime que deverá ser contido.

Contudo, a questão que se coloca diante dessa concepção foucaultiana de racismo de Estado é: A partir das construções patológicas e criminais estabelecidas pelo saber médico do século XIX, produzidos pelo estabelecimento de quais condutas seriam reprovadas socialmente e convertidas em crimes no decorrer das distintas histórias das civilizações, como fazer para contê-las, evitando quaisquer tipos de violências para com esses indivíduos e grupos que vivenciam essas condições de subalternidade? Isso seria possível? De que forma e em que contexto? Para Foucault,

> se esse mecanismo pode atuar é porque os inimigos que se trata de suprimir não são os adversários no sentido político do termo;

420 FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*., p. 221.

421 *Ibidem*, p. 216 *et. seq*.

> são os perigos, externos ou internos, em relação à população e para a população. Em outras palavras, tirar a vida, o imperativo da morte, só é admissível, no sistema de biopoder, se tende não à vitória sobre os adversários políticos, mas a eliminação do perigo biológico e ao fortalecimento, diretamente ligado a essa eliminação, da própria espécie ou da raça. A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização, quando vocês têm um poder que é, ao menos em toda a sua superfície e em primeira instância, em primeira linha, um biopoder, pois bem, o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo.[422]

Assim, se voltarmos ao texto de Costa veremos que os "carecas",[423] assim como parte dos atuais integrantes das novíssimas direitas brasileiras que defendem a cisheteronormatividade, operam de maneira muito próxima no que se refere à criação dos inimigos, a exemplo das populações de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros – LGBT, tratados ora como doentes ora como imorais que visam subverter os supostos valores da família tradicional elaborada supostamente pela tradição judaico-cristã, tipicamente conservadora. Não obstante, a conduta amparada nessa noção foucaultiana de racismo de Estado não se limita apenas a esses grupos, como também é reiterada pela conduta policial e sua defesa no que se refere à violência impetrada por esse braço armado do Estado, conforme mostrou um dos interlocutores de Costa:

> a polícia até que gosta quando a gente pega bandidos. Mas quando a gente quebra alguma coisa [...], eles vêm em cima e dão o maior pau na gente, mas depois nos soltam. Os bandidos têm medo de nós. Eles sabem que a gente é da pesada, não estamos nem aí. Eles que façam o que dizem, desde que não venham se meter com a gente. Se se meter com a gente, morre![424]

Não seria exatamente o racismo de Estado que verificamos presente tanto na conduta de profissionais da segurança pública brasileiros que defendem não apenas o candidato o presidente Jair Bolsonaro (PSL), como também defenderam o aumento das punições, defesa de linchamentos públicos e mortes violentas decorrentes de ações policiais, inclusive a defendendo a pena de morte, conforme podemos

422 FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*, p. 215.

423 COSTA, Márcia R. **Os carecas do subúrbio**... *Op. cit.*, p. 145.

424 *Ibidem*, p. 136.

visualizar em várias páginas do facebook?[425] Portanto, a questão que se coloca é: Quem seriam esses indivíduos perigosos e quais os riscos efetivamente reais apresentados por eles, já que a maioria dos presos no Brasil é formada por pessoas que ainda não foram julgadas ou que foram condenadas principalmente por crimes contra o patrimônio ou por crimes relacionados ao tráfico de drogas, mesmo que a maior parte dos presos por esse tipo de crime tivesse sido apreendido sem armas e com pequena quantidade de drogas, conforme mostrou a pesquisa realizada por Luciana Boiteux e Ela Wiecko Volkmer de Castilho?[426]

Contudo, ao tratar da intervenção militar realizada pelo ministério da segurança pública criado pelo então presidente Michel Temer (PMDB), Arthur do Val, em seu vídeo publicado no dia 17 de fevereiro de 2018, argumentou que "Temos leis que favorecem bandidos". No entanto, poderíamos questionar se, de fato, as nossas leis defendem os supostos bandidos ou favoreceriam uma abissal desigualdade social que possibilita que as pessoas se tornem "bandidos" justamente porque há enorme dificuldades, para não dizer impossibilidades, de as pessoas conseguirem algum tipo de trabalho formal, conforme podemos verificar nos dados sobre empregabilidade no Brasil contemporâneo que revelam que, em novembro de 2017, existiam no país 12, 7 milhões de desempregados?[427]

Nesse sentido, o livro de Howard Becker intitulado *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio* nos possibilita compreender que, mesmo atacando aqueles que são supostamente reconhecidos como esquerdistas, ou seja, como ideólogos de um suposto regime que jamais obteve sucesso, conforme argumentou Flávio Rocha, parte dos tributários das novíssimas direitas deixam de reconhecer que atuam a partir do que Becker chamou de cruzado moral.[428]

> O protótipo do criador de regras, mas não a única variedade, como veremos, é o reformador cruzado. Ele está interessado no

---

425 Cf. 'Morte sem pena': Perfis nas redes fazem apologia à violência policial. **BBC**, 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140917_salasocial_eleicoes2014_violencia_rs>. Acesso em: 18 fev. 2018.

426 Cf. Disponível em: <http://www.bancodeinjusticas.org.br/wp-content/uploads/2011/11/Minist%C3%A9rio-da-Justi%C3%A7a-UFRJ-e-UnB-Tr%C3%A1fico-de-Drogas-e-Constitui%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018.

427 Cf. CURY, Ana; SILVEIRA, Daniel. Desemprego fica em 12,2% e atinge 12,7 milhões de brasileiros. **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-122-em-outubro.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2018.

428 Cf. BECKER, Howard S. **Outsiders**... *Op. cit*.

> conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que nada pode estar certo no mundo até que se façam regras para corrigi-lo. Opera com uma ética absoluta; o que vê é total e verdadeiramente mal sem nenhuma qualificação. Qualquer meio é válido para extirpá-lo. O cruzado moral é fervoroso e probo, muitas vezes hipócrita. É apropriado pensar em reformadores como cruzados porque eles acreditam tipicamente que sua missão é sagrada. O defensor da Lei Seca proporciona um excelente exemplo, assim como a pessoa que quer eliminar o vício e a delinquência sexual, ou aquela que quer extirpar o jogo. Esses exemplos sugerem que o cruzado moral é um intrometido, interessado em impor sua própria moral aos outros. Mas esta é uma visão unilateral. Muitos cruzados morais têm fortes motivações humanitárias. O cruzado não está interessado apenas em levar outras pessoas a fazerem o que julga certo. Ele acredita que se fizerem o que é certo será bom para elas.[429]

Algumas considerações sobre a cibercartografia e sua dimensão textual catársica

Assim, por mais impreciso que esse texto possa ter se apresentado, tendo em vista que ele foi escrito quase que como uma espécie de catarse acerca da quantidade de informações e dados evidenciados inicialmente em textos, vídeos, aulas, entrevistas, e livros produzidos e publicados pelos mais distintos representantes daquilo que passamos a chamar de novíssimas direitas, o que busquei evidenciar foi justamente como que a política do "nós" e "eles" apresentada por Stanley, ao caracterizar o que entende por fascismo em pleno século XXI,[430] também pode ser tratada em termos daquilo que Foucault chamou de racismo de Estado,[431] uma vez que passou a instrumentalizar o dispositivo marxismo cultural como técnica não apenas de desqualificação do outro, o dissidente político e moral, construído, portanto, como inimigo social ou inimigo de certa ordem que compromete os supostos valores pelos quais deveríamos seguir, mesmo que de maneira descontextualizada por não entender que essas idealizações não correspondem à realidade presumidamente vivenciada em outros momentos históricos, mas sim suas próprias representações de um passado.

---

429 BECKER, Howard S. **Outsiders**... *Op. cit.*, p. 153.

430 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*

431 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*

> Os mecanismos da política fascista apoiam-se uns nos outros, tecendo um mito de diferenciação entre "nós" e "eles", com base num passado fictício romantizado, em que há "nós" e "eles", e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça as nossas tradições. "Eles" são os criminosos preguiçosos com quem a liberdade seria desperdiçada (e que, de todo modo, não a merecem). "Eles" mascaram seus objetivos destrutivos com a linguagem do liberalismo, ou da "justiça social", e estão destinados a destruir nossa cultura e tradições, fazendo com que "nós" nos tornemos fracos. "Nós" somos diligentes e cumpridores da lei, tendo conquistado nossas liberdades por meio do trabalho; "eles" os indolentes, perversos, corruptos e decadentes. A política fascista transita em delírios que criam esse tipo de falsas distinções entre "nós" e "eles", independentemente de realidades óbvias.[432]

Não obstante, a idéia desse capítulo foi também mostrar que o tempo presente demanda outras formas de se analisar o ciberespaço, tendo em vista a virada do século XX para XXI, e como o nosso momento histórico demanda a produção e utilização de outros métodos de pesquisa para tratar dessa virtualização da vida que passou a ser orientada, sobretudo, a partir daquilo que tanto Rouvroy e Berns quanto Telles chamaram de governamentalidade algorítmica.[433] Portanto, a possibilidade de produção daquilo que passei a chamar de cibercartografia presume uma espécie de metodologia de investigação e análise do tempo presente construída interdisciplinarmente e a partir da tradição pós-estruturalista, utilizada para examinar os fenômenos políticos ocorridos no ciberespaço, uma vez que deixei lastro e, portanto, mapas, de tudo aquilo que foi utilizado de diferentes formas e modalidades discursivas, através de notas de rodapé que evidenciam não apenas o conteúdo do que estava sendo referendado, mas, sobretudo, a data em que aquele determinado trecho do texto ou vídeo foi proferido, escrito e analisado.

Também é importante esclarecer que esse livro começou a ser escrito, organizado e preparado em janeiro de 2018 e concluído no final do primeiro semestre de 2019, conforme o leitor pode constatar nas notas de rodapé mais antigas. No entanto, é importante esclarecer que a primeira parte deste escrito, se desdobrou em um outro livro intitulado *Perspectivismo político: Uma abordagem pós-anarquista anticolonial*,

432 Cf. STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*, p. 178.

433 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit.*; TELLES, Edson. **Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas**... *Op. cit.*

que será publicado concomitantemente com esse, uma vez que tanto Paulo Edgar da Rocha Resende quanto eu, portanto, os organizadores e autores de parte destes textos, conjuntamente aos demais pesquisadores e também amigos que participaram desse desafio tão importante para analisar o tempo presente, sentimos a necessidade de apresentarmos uma análise a partir de nossas perspectivas políticas destinadas a dar sentido às condutas e comportamentos desses indivíduos e grupos que se posicionam politicamente nesse contexto de tamanha obscuridade que estamos presenciando não apenas no Brasil, mas em praticamente todo o planeta.

Portanto, peço desculpas ao leitor por esse capítulo ter soado quase que como um expurgo de reflexões e análises que muitas vezes parecem soar tão complexas e possivelmente desconexas, tendo em vista que a quantidade de questões apresentadas foram acontecendo na medida em que o texto estava sendo escrito, provocando uma espécie de descontinuidade textual que almejava acompanhar todos os acontecimentos presentes e que durante o processo constatei que sozinho e sem uma equipe de pesquisadores isso seria bastante difícil.

No entanto, a solidariedade de pesquisadores e amigos que acompanharam todo esse processo foi enorme e me possibilitou reflexões muito mais sofisticadas do que teria, caso não contasse com essa participação de co-autores. Todavia, os textos que seguirão na sequência, não apenas dialogam diretamente com este, como também serão apresentados de uma forma mais sistematizada, de modo que a exposição dos acontecimentos terá uma dedicação maior em cada caso apresentado e em sua consequente análise.

Também é importante mencionar que esse escrito, assim como os demais capítulos deste livro, integram os resultados de uma pesquisa de pós-doutoramento que iniciei em dezembro de 2017 junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional – PPGPI na Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, sob a supervisão da querida professora doutora Ana Coelho Heckert, intitulada *Cibercartografia das novíssimas direitas brasileiras*, que será concluída no final em dezembro de 2019, conforme foi estabelecido no cronograma apresentado. Dito isso, evidencio que esse livro resulta de uma pesquisa de pós-doutoramento que contou com o diálogo com outros pesquisadores que me permitiram compreender a emergência dessas tecnologias de poder que produziram um novo modo não apenas de subjetivação, mas de modulação, muito

mais complexo, justamente por atuar por meio da sistematização de dados que disponibilizamos voluntariamente na internet na medida em que as nossas vidas passaram a demandar cada vez mais por uma biovirtualização, produzindo uma outra forma de gestão populacional, conforme será apresentado no capítulo seguinte.

Referências

AGUIAR, Lisiane M. As potencialidades do pensamento geográfico: A cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. **XXXIII Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Caxias do Sul/RS. Setembro de 2010. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4047519/mod_resource/content/0/Deleuze%20e%20o%20me%CC%81todo%202.pdf>.

ALVES, Ygor D. D. **Jamais fomos zumbis:** contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo. Salvador: Ed. UFBA, 2017.

AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho:** a história secreta do crime organizado. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1994.

ARANTES, Paulo E. **Zero à esquerda**. São Paulo: Ed. Conrad, 2004

AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Revista Sociologias**. a. 19, n. 44, 2017.

BASTIAT, Frédéric. **A lei**. São Paulo: Institito Ludwig von Mises, 2010.

BECKER, Howard S. **Outsiders:** Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

BLACK, D.; NAGIN, Daniel. *Do 'Right-to-Carry' Laws Deter Violent Crime?* **Journal of Legal Studies**, v. 27, n. 1, p. 209-213, jan. 1998.

BRAGA, Tatiane M. **Movimento Brasil Livre (MBL) e a agenda neoliberal:** Trajetória ao poder e projeção social. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2019.

BRAGANÇA, Dom Bertrand Orleans. **Psicose ambientalista:** os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma "religião" ecológica, igualitária e anticristã. São Paulo: Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, 2012.

BRASIL. **Mapa do Encarceramento:** os jovens do Brasil. Brasília: Presidência da República, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto?. Rio deJaneiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes:** judaicidade e crítica do sionismo. São Paulo: Ed. Boitempo, 2017.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom:** o terceiro paradigma. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

CAIRO, H.; GROSFOGUEL, R. **Descolonizar la modernidade, descolonizar Europa:** *un diálogo Europa-América Latina*. Madrid: Ed. IEPALA, 2010.

CAMARGO, Giovane M. **Audiências de Custódia:** Ilegalismos e rituais de interação face a face. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CARNEIRO, Pedro Erik. **Teoria e Tradição da Guerra Justa:** do Império Romano ao Estado Islâmico. Campinas: Vide Editorial, 2016.

CARNEIRO, F. F.; AUGUSTO, L. G. S.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K. BÚRIGO, A. C. **Dossiê ABRASCO:** um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos da saúde. Rio de Janeiro / São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Expressão Popular, 2015.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

CESARMAN, Fernando. **Ecocidio:** *la destruicción del medio ambiente*. México: Cadernos de Joaquín Moritz, 1972.

COSTA, Márcia R. **Os carecas do subúrbio:** caminhos de nomadismo moderno. São Paulo: Ed. Musa, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

DUGGAN, M. *More Guns, More Crime*. **National Bureau of Economic Research**; **Journal of Political Economy**, v. 109, n. 5, 2000. Disponível em: <www.journals.uchicago.edu/JPE/journal/issues/v109n5/019506/brief/019506.abstract.html>.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

EHRILCH, R. Nine Crazy Ideas in Science. **Reason Magazine**, ago.-set. 2001.

Disponível em: <reason.com/0108/fe.re.the.shtml>.

ELINAV, E. [*et al.*] *Association between consumption of Herbalife nutritional supplements and acute hepatotoxicity*. **Journal of hepatology**, Geneva, v. 47, n. 4, p. 514-520, oct. 2007. Disponível em: <http://www.journal-ofhepatology.eu/article/PIIS0168827807003674/abstract>. Acesso em: 18 jul. 2012.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FOUCAULT, Michel. O anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: Ed. LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 5. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

GRAEBER, David. **O anarquismo no século XXI e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2015.

GRAEBER, David. **Dívida:** Os primeiros 5.000 anos. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2016.

GOLDMAN, Emma. **O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios**. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do desejo. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

GUDYNAS, Eduardo. **Derechos de la naturaleza:** *ética biocêntrica y políticas ambientales*. Buenos Aires: Ed. Tinta Limón, 2015.

GUILHOT, Nicolas. Os profissionais da democracia em ação. *In*.: LINS, Daniel; WACQUANT, Loic (org.).**Repensar os Estados Unidos**: por uma sociologia do superpoder. São Paulo: Ed. Papirus, 2003. Reuilhot, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Ed. Vozes, 201

HAYEK. Friedrich. **Os erros fatais do socialismo**. Barueri: Faro Editorial, 2017.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias políticas:** do liberalismo ao fascismo. São Paulo: Ed. Ática, 2010.

HILL, Ann. **Guia de las medicinas paralelas:** todos los sistemas de curación natural. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1982.

HOLIDAY, Ryan. **Acredite, estou mentindo:** confissões de um manipulador das mídias. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2012.

HUMAN RIGHT WATCH. **Força Letal:** violência policial e Segurança Pública no Rio de Janeiro e São Paulo. Dezembro de 2009.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro: Ed. Objetivo, 1996.

JARDIM, Juliana G. Deveriam os estudos queer falar em cis-heteronormatividade? Reflexões a partir de uma pesquisa sobre performatividade de gênero nas artes marciais mistas femininas. **IV Seminário Internacional de Educação e Sexualidade / II Encontro Internacional de Estudos sobre Gênero**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2015.

LAGASNERIE, Geoffrey. **A última lição de Foucault**. São Paulo: Ed. Três Estrelas, 2013.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: Ed. N-1, 2015.

LANDER, E. **La colonialidad del saber:** *Eurocentrismo y ciências sociales*. *Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Ed. CLACSO, 2003.

LARAIA, Roque de B. **Cultura:** Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Revista de Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 18, n. 05, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Os pensadores**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1985.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos**. Petrópolis: Ed. Vozes: 1994.

LOTT JUNIOR, John. **More guns, less crime**. Chicago: The University Chicago Press, 2000.

LOTT JUNIOR, John. **The bias against guns:** *Why almost everything you've heard about gun control is wrong*. Washington: Regnery Publishing, 2003.

LUDWIG, Jens. *Concealed-Gun-Carrying Laws and Violent Crime: Evidence from State Panel Data.* **International Review of Law and Economics**, v. 18, n. 3, p. 239 - 254, sep. 1998.

MACEDO, Edir. **Plano de poder:** Deus, os cristãos e a política. São Paulo: Ed. Thomas Nelson Brasil, 2008.

MACHADO, Igor S. Pessimismo da razão, otimismo da vontade: A escola de Frankfurt, Gramsci e os desdobramentos teóricos de duas concepções díspares. **Revista Sinais**, Vitória, v. 02, n. 18, 2015.

MACHADO, Débora. Modulação de comportamento nas plataformas de mídias digitais. *In*.: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes sociais. São Paulo: Ed. Hedra, 2018.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1976.

MANSO, Bruno P.; DIAS, Camila N. **A Guerra:** a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. São Paulo: Ed. Todavia, 2018.

MATLZ, M. D.; TARGONSKI, J. *A Note on the Use of County-Level UCR Data.* **Journal of Quantitative Criminology**, sep. 2002. Disponível em: <tigger.uic.edu/~mikem/Cnty_UCR.PDF>.

MARTINS, P.H.; SCHERER-WARREN, I. *Des-colonialidad y giros epistemológicos*. **Estudos de Sociologia:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. v. 16, n. 02, 2010.

MARTINS, Paulo Henrique. **La decolonialidad de América Latina y la heterotopía de una comunidad de destino solidaria**. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2012.

MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999.

MAUSS, Marcel. **Ensaios de sociologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

MCCLOSKEY, Deirdree. **Os pecados secretos da economia**. São Paulo: Ed. Ubu, 2018.

MOLINARI, Gustave de. **Da produção de segurança**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2014.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2015.

MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia:** por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2019.

MISES, Ludwig von. **As seis lições**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2009.

NETTO, Leila E. **O conservadorismo clássico:** elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2015.

PEDROTTO, Fábio A. **Representações sociais dos delegados de polícia da grande Vitória acerca das políticas de drogas**. Dissertação (Mestrado em Seguraça Pública). Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2018.

PESCAROLO, Joyce K. **Morte, racionalização e contágio moral:** um estudo sobre o Instituto Médico Legal de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

PESSI, Diego; SOUZA, Leonardo G. **Bandidolatria e Democídio:** ensaios sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil. São Luíz/MA: Resistência Cultural Editora, 2017.

PESSOA, Y. S. R.; ALCHERI, J. C. Qualidade de vida em agricultores orgânicos familiares no interior paraibano. **Revista Psicologia:** Ciência e Profissão, Brasília, v. 34, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n2/v34n2a06.pdf>.

POLLAN, M. **Em defesa da Comida**. São Paulo: Intrínseca, 2008.

POLLAN, M. **O dilema do Onívoro**. São Paulo: Intrínseca, 2007.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2004.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, jan./jun. 2013. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>.

QUIJANO, A. **El fantasma del desarollo en America Latina y algunos de sus principales problemas**. México: Fondo de Cultura, 2000.

QUINTELA, Flavio; BARBOSA, Bene. **Mentiram pra mim sobre o desarmamento**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

RAMÍREZ, Boris. Colonialidad e cis-normatividade. Entrevista con Viviane Vergueiro. **Iberoamérica Social:** revista de estudios sociales, v. 3, p. 15 – 21, 2014.

RAWLS, John. **Justiça como equidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

RENDUELES, César. **Sociofobia:** Mudança política na era da utopia digital. São

Paulo: Ed. SENAC, 2016.

RESENDE, Paulo E. A. Comunicação e mestiçagem. *In*.: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P. E. A.; SILVA, H. (org.). **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

RESTREPO, G. *Economía, crematística y ecosofia*. **Estudos de Sociologia:** revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v. 16, n. 02, 2010.

RIBEIRO JUNIOR, Humberto. **Criminalização da pobreza e encarceramento em massa no Espírito Santo**. Vitória: Ed. Cousa, 2012.

ROBERTSON, Pat. **The New World Order**. Dallas: Word Publishing, 1991.

ROBIN, Marie-Monique. **O mundo segundo a Monsanto**. São Paulo : Radical livros, 2008.

ROCHA, S. P.; BENEDETTO, M. A. C.; FERNANDEZ, F. H. B.; GALLIAN, D. M. C. A trajetória da introdução e regulamentação da acupuntura no Brasil: memórias de desafios e lutas. **Revista Ciência & Saúde Coletiva:** revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. v. 20, n.01, 2015.

ROLIM, Marcos. **Evidências científicas sobre o desarmamento ou "tudo aquilo que o lobby das armas não gostaria que você soubesse"**. Pelotas: Ed. Da casa, 2005.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. Série Pandemia. São Paulo: Ed. N-1, 2016.

ROSA, Pablo O. Divergências entre Marx e Bakunin na I Associação Internacional dos Trabalhadores. **Mosaico Social:** revista do curso de graduação em ciências sociais, a. 02, v. 02, 2004.

ROSA, Pablo O. **Drogas e a governamentalidade neoliberal**. Florianópolis: Ed. Insular, 2014.

ROSA, Pablo O.; ROSA, Ramiro de O.; MIGUEL, Élcio C.; INTRA, Eviner. Da necessidade de formação sobre o funcionamento do Sistema Único de Saúde – SUS acerca das políticas de controle sobre as drogas destinado aos operadores do sistema de justiça criminal. *In*.: MIRANDA, Angelica E.; RANGEL, Claudia; COSTA-MOURA, Renata. (org.). **Questões sobre a população prisional no Brasil:** saúde, justiça e direitos humanos. Vitória: Ed. UFES/PROEX, 2016.

ROSA, Pablo O.; RESENDE, Paulo E. R. Ativismo identitário e o capital subalterno. **GAVAGAI:** revista Interdisciplinar de Humanidades. Dossiê: movimentos sociais, sociabilidades emergentes e anticapitalismo, v. 03. n. 02. jun/dez, 2016. Disponível em: <http://gavagai.com.br/wp-content/uploads/2017/12/Gavagai-v4-n1-completa.pdf>.

ROSA, P. O.; RIBEIRO JUNIOR, H.; CAMPOS, C. H.; SOUZA, A. T. **Sociologia**

da violência, do crime e da punição. Belo Horizonte: Ed. D'Plácido, 2016.

ROSSITER, Lyle H. **A mente esquerdista:** as causas psicológicas da loucura política. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

ROSSITER, Lyle H. **The liberal mind:** *The psychological causes of political madness*. Saint Charles: Free World Books/LLC, 2006.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 02, 2015. <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>.

SCRINIS, G. *On the ideology of nutritionism*. **Gastronomica**, v. 8, n. 1, 2008.

SCRUTON, Roger. **Pensadores da Nova Esquerda**. São Paulo: É Realizações, 2014.

SHIZUNO, Elena C. **Os imigrantes japoneses na segunda Guerra Mundial:** Bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil. Londrina: Ed. UEL, 2010.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*.: SOUZA, Joyce; Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Ed. Hedra, 2018.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

SNYDER, Timothy. **Sobre a tirania:** vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2017.

SOUZA, Aknaton T. **Perigo à Ordem Pública:** Um estudo sobre controle social perverso e segregação. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à lava jato. São Paulo, 2017.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

TAYLOR, Fraser. **Developments in the theory and pratice of cybercartography**. Oxford: Elsevier Science, 2014.

TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. In **Kriterium:** revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Democracia na América:** leis e costumes. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2015.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres:** a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2003.

WACQUANT, Loïc. **Repensar os Estados Unidos:** por uma sociologia do superpoder. Campinas: Ed. Papirus, 2003.

WAGNER, Roy. a invenção da cultura. São Paulo: Ed. Cosac Naify, 2012.

WAISELFISZ, Julio J. **Mapa da violência 2016:** homicídios por armas de fogo no Brasil. São Paulo: FLACSO, 2016. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf>.

WEBSTER, D.; VERNICK, J. S.; LUDWIG, J.; LESTER, K. J. *Flawed gun policy research could endanger public safety*. **American Journal of Public Health**, v. 87, n. 6, p. 918- 921, Jun. 1997. Disponível em: <www.ajph.org/cgi/content/abstract/87/6/918>.

WEBSTER, D.; LUDWIG, J. *Myths about Defensive Gun Use and Permissive Gun Carry Laws*. **Strengthening the Public Health Debate on Handguns, Crime, and Safety**, oct. 1999. Disponível em: <www.jhsph.edu/bin/u/c/myths.pdf>.

ZACCONE, Orlando. **Indignos de vida**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2016.

ZAFFARONI, Raul E. **O inimigo no direito penal**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2015.

ZIMRING, F; HAWKINS, G. *Concealed Handgun Permits: the Case of the Counterfeit Deterrent*. **The Responsive Community**, v. 2, n. 7, spr. 1997.

Governamentalidade Algorítmica: Ponderações sobre os seus efeitos ciberpolíticos[1]

Pablo Ornelas Rosa

A passagem do século XX para o XXI foi caracterizado principalmente por uma reviravolta no que se refere à produção, difusão e circulação de informações através do ciberespaço e, portanto, por meio da emergência de diferentes plataformas e canais da internet direcionadas à biovirtualização. Se até o final do último milênio éramos meros espectadores de informações que não apenas eram produzidas, mas indicadas por grandes empresas de comunicação que orientavam a nossa visão de mundo através da determinação daquilo que deveríamos ler, ouvir e/ou assistir nos exatos momentos selecionados por esses meios de comunicação corporativos, sobretudo, através de jornais, rádios e/ou canais de televisão concedidos pelo Estado; já nos princípios do século XXI presenciamos a possibilidade de cada um de nós nos tornarmos uma espécie de canal de televisão através de plataformas encontradas na internet como, por exemplo, o *whatsapp*, *youtube, facebook, instagram,* dentre outros.

Com o nascimento deste novo formato de produção e difusão de informações também vimos emergir aquilo que passou a ser chamado de pós-verdade,[2] principalmente após o dicionário Oxford eleger essa expressão como palavra do ano em 2016.[3] Ao reconhecer que a sociedade de fluxo informacional, com toda a velocidade das redes virtuais decorrentes da emergência cada vez maior dos mais diversos aplicativos que passaram a nos deixar cada vez mais impacientes, Pollyana Ferrari constatou que essa inquietude nos trouxe enormes prejuízos justamente porque compartilhamos informações que muitas vezes não lemos, passando, portanto, a aceitar a sedução de uma verdade

1 Esse artigo foi preparado para ser apresentada no "ST 41 – Teoria social hoje: desafios, tendências e perspectivas", do 43 Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, realizado em Caxambu/MG, entre os dias 21 e 25 de outubro de 2019.

2 Cf. *POST-truth*. **Lexico**, 2019. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>. Acesso em: 13 mai. 2019.

3 Cf. COMO Trump e o Brexit ajudaram a cunhar a 'palavra do ano' escolhida pelo dicionário Oxford. **BBC**, 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37998165>. Acesso em: 13 mai. 2019.

líquida e efêmera, uma vez que ela nos confortaria nestes momentos demarcados por angústias e incertezas, na medida em que se procura elementos que reafirmem os posicionamentos através da autoverdade.[4]

Não obstante, é justamente em meio a esse contexto que passamos a localizar o nascimento de novas fontes de notícias que não operam mais a partir de dimensões técnicas legítimas conforme ocorria com mais frequência no século anterior, em que quem proferia discursos políticos ou mesmo análises de conjuntura eram sujeitos que compartilhavam, ainda que minimamente, certa visão de mundo amparada em uma literatura mais especializada. Portanto, os jornalistas que debatiam o campo da política, mesmo sem terem uma formação técnica precisa acerca deste assunto, tinham como referência distintas literaturas instrumentalizadas de acordo com suas preferências político-ideológicas, mas ainda assim, eram textos reconhecidos internacionalmente e de maneira legítima pelo campo científico, evitando equívocos que hoje são enormemente difundidos como verdade, a exemplo dos vídeos de canais neoconservadores no *youtube* como o Terça Livre, que afirma que a masturbação mata neurônios,[5] ou mesmo os vídeos do escritor Olavo de Carvalho,[6] que se reconhece como filósofo embora não tenha formação acadêmica na área, argumentando que a "a Pepsi-Cola está usando células de fetos abortados como adoçante nos refrigerantes"**.**

Hoje, em pleno século XXI, presenciamos uma reviravolta acerca da produção e circulação de informações na internet sobre a política institucional brasileira, em que os canais mais assistidos sobre esse tipo de assunto, sobretudo, no que se refere ao que estamos chamando de novíssimas direitas, se dá através de sujeitos que desconhecem os aspectos mais pormenorizados desse campo do conhecimento das ciências humanas, produzindo novos modos de subjetivação e modulação construídos e compartilhados no ciberespaço decorrentes da algoritmização que encontra no neoconservadorismo as bases para a sua perpetuação. Inclusive, esse fenômeno pode ser evidenciado nos diversos sites e canais que foram tirados do ar justamente porque as informações compartilhadas por eles eram *fake news*, precisamente

4 Cf. FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018.

5 Cf. CARLOS Munhoz. Allan dos Santos: masturbação mata nurônios. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2VL8NjXDj6s>. Acesso em: 13 mai. 2019.

6 Cf. OLAVO de Carvalho TV. PEPSI com fetos abortados. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7l4WmFjzDls>. Acesso em: 13 mai. 2019.

porque se fundamentavam em fatos inexistentes ou distorcidos e até mesmo em mentiras,[7] mas que passaram a se tornar verdades enquanto consequências na medida em que as nossas *timelines* calharam a serem tomadas por pessoas que pensam exatamente como nós, em uma espécie de bolha informacional.

> A emoção anda presidindo a razão nesta era da pós-verdade, tornando-se a porta escancarada para *fake news* e outras aberrações midiáticas. E aqui vale uma ressalva, meu caro leitor, pois duvidar e querer checar a informação recebida são ações muito maiores do que etapas de rotina do Jornalismo, é uma função social do cidadão que foi educado para ter pensamento crítico; o que é pouco estimulado em governos corruptos e democracias em crise. Anda faltando ética, educação, e sobrando influenciadores [adjetivo, nome masculino, que influencia outras pessoas. Na era das mídias sociais, virou sinônimo de profissão, na maior parte das vezes ligada a *youtubers*]. Segundo a definição do dicionário Oxford, pós-verdade (*post-truth* em inglês) é um adjetivo que faz referência a 'circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência na formação de opinião pública do que os apelos emocionais e as opiniões pessoais'. O termo foi escolhido como palavra do ano em 2016 pelos dicionários britânicos Oxford e só vem reforçar a sociedade de consumo, na qual apelos emocionais e opiniões falam mais alto do que a verdade. As bolhas acabam ditando nosso comportamento, pois não queremos sair da zona de conforto.[8]

Essa disputa pela verdade decorrente de distorções ou mesmo invenções de fatos tem sido chamada por boa parte dos representantes das novíssimas direitas de guerra de narrativas,[9] conforme evidenciamos a partir da segunda década do século XXI em que a sociedade brasileira passou a se dividir entre "nós" e "eles", entre "coxinhas" e "pães com mortadela", entre "mitadores" e "lacradores", enfim, entre certo entendimento caricaturizado do que seria tanto a direita quanto a esquerda. Nesse sentido, também é possível constatar que essa polarização política permitiu com que toda a complexidade das diversas tradições dos pensamentos tanto a esquerda quanto à direita fosse simplificada, perdendo nuances fundamentais que poderiam promover um debate

7 Cf. HAYNES, Brad. Facebook retira do ar rede de fake news ligada ao MBL antes das eleições. **Uol eleições 2018**, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/reuters/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-dizem-fontes.htm>. Acesso em: 13 mai. 2019.

8 FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**... *Op. cit*., p. 51.

9 Cf. MBL - Movimento Brasil Livre. Análise Ibope: Bolsonaro e Haddad sobem! **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-vPKpKQWs0&t=8s>. Acesso em: 13 mai. 2019.

público muito mais qualificado do que o que temos encontrado nesse contexto político brasileiro caracterizado pela governamentalidade algorítmica e seu consequente efeito como pós-verdade.[10]

O fato é que é mais do que evidente que qualquer um que viveu no ano de 2018 em alguma metrópole brasileira dificilmente passou ileso por um tipo muito particular de conflito resultante da polarização política demarcada por certos entendimentos distorcidos e unitários acerca do que seria um posicionamento mais à esquerda ou mais à direita. Porém, essa guerra de narrativas que estamos presenciando na atual política brasileira passou a ser fortemente potencializada por meio da produção e difusão de certa literatura revisionista - que também passou a ser gerada em formato de vídeos - baseada em interpretações equivocadas de uma diversidade de autores extremamente relevantes para o campo das ciências humanas.

Contudo, isso não quer dizer que apenas o polo mais à direita e, portanto, os neoconservadores, liberais-conservadores, monarquistas, e anarcocapitalistas, seriam os únicos responsáveis pela produção e difusão de conflitos desse tipo de natureza no Brasil, pois essa aversão à dissidência também pode ser encontrada no discurso proferido pela professora de filosofia da Universidade de São Paulo – USP, Marilena Chauí, quando disse publicamente que odeia a classe média.[11] Mas, como o objeto investigado é justamente o que estamos chamando de novíssimas direitas e, sobretudo, as suas narrativas produzidas e compartilhadas no ciberespaço por meio do que estamos chamando de governamentalidade algorítmica,[12] nos atentaremos a analisar com mais cuidado os grupos que seguem distintamente essas tradições.

Ao difundir informações baseadas em distorções históricas, interpretações falseadas e desprovidas de evidências documentais e

---

10 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Kriterium:** revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>.

11 Cf. FERNANDO Frederico. Marilena Chauí: "Eu odeio a classe média". **Youtube**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OsvhFMrJLT8>. Acesso em: 13 mai. 2019.

12 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit.*; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit.*

científicas, buscando impor sua visão de mundo através da desqualificação agressiva de certos pensadores extremamente relevantes para o campo científico somente porque eles não corroboram suas perspectivas, Olavo de Carvalho,[13] certamente o maior representante da direita radical e escolástica nessa guerra de narrativas, passou a (re)produzir e disseminar pelo Brasil uma literatura conspiratória de tradição católica estadunidense que rapidamente incidiu e se capilarizou por entre os setores mais conservadores da sociedade brasileira estabelecendo nitidamente três alvos precisos que, segundo ele, seriam os globalistas, os comunistas eurasianos e os muçulmanos, grupos estes que passaram a serem tratados como conspiradores internacionais que, juntos, visariam destruir certo entendimento descontextualizado do que seria a "cultura ocidental" produzida pelos supostos valores judaico-cristãos. Foi assim, que progressistas, socialistas, comunistas, anarquistas e até mesmo alguns liberais passaram a serem associados ao petismo, projeto político que deveria ser erradicado do país, já que seria responsável por praticamente todos os males da nossa sociedade.

Além disso, também é importante ressaltar a emergência de narrativas produzidas através de *memes* que paulatinamente passaram a serem difundidas por meio desses novos modos de subjetivação e modulação decorrentes da governamentalidade algorítmica que intensificaram ainda mais essa polarização política, conforme podemos encontrar em diversos vídeos de um destes *think thank* neoconservadores e monarquistas, o Brasil Paralelo,[14] que além de visar se inserir nas escolas de todo o país construindo uma versão alternativa e revisionista da história brasileira,[15] também busca legitimar discursos anticientíficos caracterizados por um viés altamente persecutório e caricatural acerca das condutas das esquerdas que passaram a serem tratadas a partir de uma perspectiva unitária e essencialista, negligenciando suas distintas nuances e tradições,[16] como se os socialismos, comunismos e o petismo

---

13 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa. *In*.: CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial:** um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho. Campinas: Vide Editorial, 2012; CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

14 Cf. BRASIL Paralelo. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw>. Acesso em: 13 mai. 2019.

15 Cf. BRASIL Paralelo: seja membro. **Facebook**, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/brasilparalelo/posts/622775651445443/ Acesso em: 13 mai. 2019.

16 Cf. ALFREDO J.s. As raízes do Problema. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TzvPfLuKgUE&t=292s>. Acesso em: 13 mai. 2019.

fossem sinônimos de um mesmo posicionamento político, conforme encontramos na entrevista com o jornalista e escritor conservador Diego Casagrande publicada por esse mesmo *think thank* no exato dia que escrevo esse texto, portanto, no dia 13 de setembro de 2018.[17]

O jornalista mencionado inicia o seu vídeo com um discurso que busca comparar de maneira um tanto quanto simplista o atual contexto brasileiro com os últimos anos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, inclusive, argumentando que o regime político do nosso país passou a ser implodido naturalmente porque "é um sistema mau, antigo, arcaico e concentrador de poder".

Ao comparar os governos presidenciais do Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB e do Partido dos Trabalhadores – PT com essa experiência política do leste europeu, afirmando que "quando a União Soviética caiu de podre não teve uma invasão, não teve um tsunami, um terremoto. Caiu de podre porque o socialismo é podre. Porque o socialismo é ruim. Porque o socialismo, ele captura as consciências e aquelas que ele não consegue capturar, ele esmaga, ele mata", Diego Casagrande acaba apresentando um argumento frágil, estigmatizante, patologizante e, no limite, criminalizante, que visa nitidamente desqualificar o seu oponente de tal forma que chega a buscar a sua eliminação, acusando-o de ser extremamente violento e até mortal, já que acredita que

> existem pessoas que entraram no petismo e nunca mais foram pessoas normais. Acontece alguma coisa em nível cerebral e sei lá eu o que acontece com o cara, quer dizer, muitos conseguem sair, outros conseguem sair sequelados e outros nunca mais conseguem se livrar desse negócio, que é um negócio emburrecedor.[18]

Contudo, ainda no vídeo citado, o jornalista neoconservador faz algo bastante característico para aqueles que seguem inquestionavelmente Olavo de Carvalho, sujeitos que também passaram a serem chamados de olavistas, que é trazer à tona o fantasma de Antonio Gramsci, argumentando que há décadas no Brasil há uma tentativa de implantação desse sistema, só que com uma outra cara, com uma outra roupagem. Assim, Diego Casagrande argumenta que quem lê um pouco sobre Antonio Gramsci,

---

17 Cf. BRASIL Paralelo. O Comunismo Caiu de PODRE! | Diego Casagrande | Trecho Exclusivo da Plataforma de Assinantes. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VKpGAyjbHU&t=80s Acesso em: 13 mai. 2019.

18 *Ibidem*.

> vê que ele era um cara, ao mesmo tempo brilhante, mas um cínico, porque ele criou metodologias para que o socialismo, o comunismo, predomine culturalmente na sociedade e não por meio das armas, da força. E há décadas tem grupos que tentam fazer isso no Brasil.[19]

No entanto, o mais curioso acerca desse tipo de interpretação realizada por certo viés neoconservador tipicamente macarthista é que para boa parte dos tributários do pensamento marxista, a questão da luta a ser enfatizada não se dá necessariamente em uma dimensão cultural, conforme argumentam, mas também e, sobretudo, por uma perspectiva econômica. Inclusive, os marxismos, de modo geral, são acusados de "economicismo", ao invés de "culturalismo", conforme mostram interpretações que vão de Pierre Bourdieu à Jessé de Souza.[20] Além disso, é importante destacar que o projeto de busca por hegemonia cultural - e consequentemente política - atribuído a Gramsci, não é uma exclusividade deste autor ou deste campo do pensamento político, tendo em vista que todas as tradições, tanto a esquerda quanto a direita, estão e sempre estiveram em disputa permanente, interna e externamente, por espaços em que suas visões de mundo possam ser implementadas exatamente nesse nível cultural.

Contudo, a Sociedade Mont Pelerin mais à direita e o Foro de São Paulo mais à esquerda são exemplos bastante nítidos dessas forças que se encontram em embates constantes por legitimidade em busca da afirmação de suas cosmologias, além da nova força emergente que atualmente se dá por meio da forte influência de Steve Bannon em sua busca incessante pela construção de uma espécie de internacional ultraconservadora que opera através da governamentalidade algorítmica produzida por meio da sistematização de *Big Data* que não apenas preveem o nosso comportamento, mas orientam as nossas condutas através de modos de modulação produzidos e difundidos no ciberespaço,[21] conforme sustentou Morozov.[22]

---

19 Cf. BRASIL Paralelo. O Comunismo Caiu de PODRE! | Diego Casagrande | Trecho Exclusivo da Plataforma de Assinantes. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VKpGAyjbHU&t=80s Acesso em: 13 mai. 2019.

20 Cf. BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2011; SOUZA, Jessé. A visibilidade da raça e a invisibilidade da classe: Contra as evidências do conhecimento imediato. *In*.: SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

21 Cf. LEONARDO Aguiar. Fake News - "Driblando a democracia - Como Trump venceu". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIvwbtPCSac&t=27s>. Acesso em: 13 mai. 2019.

22 Cf. MOROZOV, Evgeny. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ed. Ubu, 2018.

> Com a utilização de algoritmos, principalmente de *machine learning*, as plataformas conseguem estruturar processos de modulação que são desenvolvidos para delimitar, influenciar, reconfigurar o comportamento dos interagentes na direção que os mantenha disponíveis e ativos na plataforma ou que os faça clicar e adquirir os serviços, produtos e ideias negociadas pelos donos do empreendimento. A modulação depende dos sistemas algoritmos e da estrutura de dados ampla, vasta e variada dos viventes, dentro e fora das plataformas e redes digitais. Como nos alertou Deleuze (1992), a modulação passa a ser continua e o marketing se tornou a principal forma de controle social.[23]

Portanto, se realmente é possível assegurar que Antonio Gramsci era cínico porque acreditava em suas convicções e estava em busca de implementá-las justamente por confiar em sua visão de mundo como a mais adequada, também deveria ser aceitável afirmar que Adam Smith, Thomas Hobbes, John Locke, Edmund Burke, Carl Menger, Friedrich von Hayek, Ludwig von Mises, Murray Rothbard, assim como o próprio Olavo de Carvalho ou qualquer outro pensador situado mais à direita padeceriam da mesma crítica, tendo em vista que declaravam igualmente as suas perspectivas como as mais apropriadas. Assim, esse tipo de afirmação trazida pelo jornalista conservador Diego Casagrande a partir das perspectivas defendidas por Olavo de Carvalho não traz nenhuma qualidade para o debate do ponto de vista do seu conteúdo, tendo em vista que ambos propõem apenas a inversão dos polos de domínio e, portanto, dos sinais nos exercícios de poder, em que dominante se torna dominado e dominado torna-se dominante.

Também é importante destacar que Olavo de Carvalho parece se apropriar de certo formato encontrado em algumas dimensões dos pensamentos da esquerda mais ortodoxa, caracterizado por caricaturizar a burguesia ao ponto de buscar erradicá-la do planeta, atribuindo a ela todos os males encontrados na sociedade,[24] da mesma forma com que os neoconservadores brasileiros passaram a procurar extirpar todos os comunistas, socialistas e supostamente petistas, conforme sustenta um dos vídeos do *think thank* neoconservador monarquista chamado de "Brasil Paralelo", sobretudo, em seu episódio intitulado "As raízes do

23 SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. *In*.: SOUZA, Joyce; Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Ed. Hedra, 2018, p. 42.

24 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.

Problema", que tem como narrativa as supostas verdades proferidas por Olavo de Carvalho.[25]

Não obstante, o autor ainda parece inverter a noção marxiana de ideologia, estabelecendo que as supostas ideias dominantes da sociedade são produzidas não pela burguesia, como diriam apressadamente alguns marxistas ortodoxos, mas por esquerdistas que querem acabar com a cultura ocidental e, para sair dessa suposta condição de alienação seria necessário não apenas crer na teoria conspiratória norteada pela chamada Nova Ordem Mundial,[26] orientadora dessa cosmologia presente em boa parte das direitas conservadoras, mas militar em prol dela, difundido-a pelo ciberespaço, visando capilarizá-la. Assim,

> os fascistas desprezavam as pequenas verdades da experiência cotidiana, amavam palavras de ordem que ressoavam como uma nova religião e preferiam mitos de criação à história ou ao jornalismo. Usavam os novos meios de comunicação, representados na época pelo rádio, para criar uma propaganda que apelasse aos sentimentos antes que as pessoas tivessem tempo para pensar. E hoje, como naquela época, muitas pessoas confundiram a fé em um líder cheio de enormes defeitos com a verdade sobre o mundo em que todos vivemos. A pós-verdade é o pré-fascismo.[27]

Desse modo, a narrativa apresentada por Diego Casagrande neste vídeo reproduz exatamente o que Olavo de Carvalho escreveu em seu livro *A nova era e a revolução cultural*.[28] Todavia, o jornalista entrevistado ainda insiste em uma narrativa que responsabiliza exclusivamente às esquerdas por toda a corrupção do país, destacando que os petistas sempre foram corrompíveis justamente porque o seu pensamento é totalitário, tendo em vista que visam aplicar os mesmos princípios que foram utilizados na União Soviética, já que, segundo ele,

---

25 BRASIL Paralelo. Congresso Brasil Paralelo | Capítulo 3: as raízes do problema - Como chegamos aqui? **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_u2lGJhrU14&t=650s>. Acesso em: 13 mai. 2019.

26 CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

27 SNYDER, Timothy. **Sobre a tirania:** vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017.

28 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

> essa ideologia totalitária chegou no Brasil em 2002 com a eleição do Lula. Mas eu sabia. Eu já como um crítico ferrenho do petismo, da esquerda, do socialismo e do comunismo, eu tinha a absoluta certeza que a hora da verdade iria chegar.[29]

Assim, fica evidente que o discurso produzido por essa tradição neoconservadora brasileira constituída por meio de uma guerra de narrativas proferidas por grande parte das novíssimas direitas neoconservadoras, liberal-conservadoras e até mesmo anarcocapitalistas e monarquistas, reiteram certa conduta persecutória a partir de determinada caricaturização acerca do que entendem como esquerda, que não apenas passou a ser tratada de maneira unitária, na medida em que foram negligenciadas suas distintas nuances, como também estabeleceu os comunistas, socialistas e petistas como praticamente os únicos responsáveis por quaisquer males encontrados na sociedade brasileira, tendo em vista que toda a corrupção localizada nos governos brasileiros passou a ser de responsabilidade exclusiva deste polo também chamado por estes grupos de progressista.

Outro exemplo mais evidente, também baseado em uma conduta persecutória proferida por grupos de esquerda contra a direita, pode ser encontrada em outro episódio publicado por esse mesmo *think thank* neoconservador monarquista, em que o professor de filosofia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Rodrigo Jungmann, denuncia a perseguição que sofreu não apenas por se reconhecer como conservador, mas também por ter Olavo de Carvalho como uma de suas referências intelectuais,[30] chegando a argumentar, inclusive, que as universidades brasileiras acossam professores e alunos de direita, principalmente aqueles que são conservadores, tendo em vista que estas instituições de ensino foram tomadas por esquerdistas orientados por certo "projeto gramscista" que visa inserir intelectuais orgânicos nestes espaços destinados a destruir os supostos valores judaico-cristãos presentes na tradição ocidental através de uma "revolução das mentalidades", tratada nestes termos conspiratórios como "marxismo cultural", uma espécie de conceito elástico que abarca quaisquer eventuais dissidências localizadas à esquerda e, portanto, uma visão de

---

29 Cf. BRASIL Paralelo. O Comunismo Caiu de PODRE! | Diego Casagrande | Trecho Exclusivo da Plataforma de Assinantes. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3VKpGAyjbHU&t=80s Acesso em: 13 mai. 2019.

30 Cf. BRASIL Paralelo mundo academico. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=brasil+paralelo+mundo+academico>. Acesso em: 13 set. 2018.

mundo que deve ser devidamente erradicada da sociedade brasileira, assim como deve ocorrer com os seus tributários.

Visando apresentar a dificuldade em ser de direita nos espaços acadêmicos brasileiros, o professor de filosofia chega inclusive a comparar o número de grupos de pesquisa no país que investigam sobre as obras de Karl Marx e Gilberto Freyre, argumentando que praticamente não há espaços para averiguações científicas para quem se apresenta como tributário do conservadorismo. Contudo, talvez fosse importante verificar se esse fenômeno acontece nos demais países europeus, norte-americanos, da Oceania ou de qualquer outro lugar. Certamente, uma questão que pode muito bem ser levantada refere-se justamente aos problemas teóricos, epistemológicos e até mesmo conceituais que muitas vezes impedem que grupos de pesquisa sejam criados, justamente porque podem trazer questões problemáticas decorrentes de certas desatualizações teóricas ocorridas no espaço acadêmico. Isso sem falar das dimensões colonizadoras do pensamento Europeu que ainda incidem sob o hemisfério sul, além de que comparar um autor que tem uma abrangência internacional reconhecida como Karl Marx, independente do posicionamento político, com um autor brasileiro que não teve a mesma magnitude do alcance de sua obra, como Gilberto Freyre, é um equívoco comparativo crasso.

Um exemplo acerca desse problema interpretativo é pensar na possibilidade da criação de um grupo de pesquisa sobre a criminologia positivista de Cesare Lombroso, autor que argumentava que a condição do criminoso seria geneticamente determinada para o mal por razões congênitas, na medida em que o sujeito traria consigo a reminiscência de comportamento adquirido na sua evolução psico-fisiológica, tendo, portanto, uma tendência inata para o crime.[31]

Como essa suposta teoria científica elaborada na virada do século XIX para o XX foi amplamente questionada, na medida em que a comunidade científica, de maneira consensual, passou a verificar que esse tipo de abordagem eugenista reproduzia uma infinidade de preconceitos, generalizações e essencializações biologizantes, defendendo, inclusive, práticas racistas, é possível pensar que um grupo de pesquisa sobre essa abordagem criminológica não seja tão interessante do ponto de vista teórico, embora possa ser atraente do ponto de vista historiográfico, justamente porque na atualidade essa suposta teoria é inconsistente do ponto de vista empírico e científico.

31 Cf. LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ed. Ícone, 2013.

Contudo, concomitante a essa narrativa neoconservadora - e também influenciada por ela, ora diretamente ora indiretamente - que orienta uma dimensão moral de parte da nossa sociedade brasileira tributária de um pensamento mais à direita, também vimos emergir outro tipo de literatura de tradição mais liberal do ponto de vista econômico, sobretudo, a partir da difusão de livros disponibilizados gratuitamente em sites de *think thank* como, por exemplo, o Instituto Ludwig Von Mises[32] ou mesmo o Instituto Millenium,[33] além de vídeos produzidos por jovens que compõem o que estamos chamando de novíssimas direitas, a exemplo do Movimento Brasil Livre – MBL, dentre outros grupos.

Essas narrativas produzidas por livros e vídeos que passaram a serem difundidas distintamente pelas novíssimas direitas no Brasil do século XXI estabeleceram como estratégia direta não apenas a desqualificação das esquerdas e seus demais discursos por meio de novos modos de subjetivação e modulação produzidos e difundidos pela internet, como passaram a produzir uma narrativa que busca erradicar qualquer dimensão do seu pensamento, responsabilizando esse polo à esquerda por praticamente todos os problemas do país. É como questionaria Zygmunt Bauman de maneira um tanto quanto provocativa:

> sempre há um número demasiado *deles*. 'Eles' são os sujeitos dos quais devia haver menos – ou, melhor ainda, nenhum. E nunca há um número suficiente de nós. 'Nós' são as pessoas das quais devia haver mais.[34]

É um tanto quanto óbvio reconhecer que existiram muitas outras forças que influenciaram diretamente na emergência dessa onda mais à direita como, por exemplo, a principal delas, que foram os escândalos do mensalão e da operação lava jato,[35] assim como o próprio contexto político fortemente polarizado das eleições de 2014 e o consequente *impeachment* da então presidente Dilma Roussef (Partido dos

32 Cf. **MISES Brasil**. Disponível em: <https://www.mises.org.br/>. Acesso em: 12 set. 2018.

33 Cf. **ISTITUTO Millenium**. Disponível em: <https://www.institutomillenium.org.br/>. Acesso em: 12 set. 2018.

34 BAUMAN, Zymunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 47.

35 Cf. SOUZA, Beatriz. Mensalão x Lava Jato: compare s casos que chocaram o Brasil. **Exame**, 2015. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/mensalao-x-lava-jato-compare-os-casos-que-chocaram-o-brasil/>. Acesso em: 13 set. 2018.

Trabalhadores- PT),[36] em 2016.[37] Entretanto, é importante destacar que essas distintas narrativas são fundamentadas em diferentes interpretações acerca desses diversos acontecimentos, também atravessados por alguns equívocos institucionais ocorridos que vão desde os erros advindos do processo de prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que contou com denúncia da Organização das Nações Unidas – ONU,[38] até mesmo as denúncias de políticos como o então senador e ex-candidato a presidência da república, Aécio Neves (PSDB),[39] bem como o próprio presidente da república do país que assumiu no lugar de Dilma Roussef, Michel Temer (MDB),[40] que passaram a serem alvos de acusações de envolvimento com atividades ilícitas.

Embora possa parecer estranho, tendo em vista que o objetivo dos 193 países que integram a ONU é, através dela, criar e colocar em prática mecanismos que possibilitem a segurança internacional, o desenvolvimento econômico através da definição de leis internacionais que garantam o respeito aos direitos humanos e o progresso social; existe uma outra narrativa neoconservadora e persecutória orientada por Olavo de Carvalho que não apenas é utilizada fidedignamente por esse polo à direita, como argumenta que essa instituição visaria destruir uma suposta cultura ocidental forjada a partir de certa caricaturização feita através de uma leitura estática acerca do entendimento que fazem sobre cultura, que comprometeria a sustentação de três grandes pilares de suas crenças, a saber, a democracia grega, o direito romano e os valores presentes na tradição judaico-cristã que,[41] a partir desse suposto

---

36 Cf. RESULTADO a Câmara: aprovado o impeachment de Dilma. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/17/media/1460895657_868124.html>. Acesso em: 13 set. 2018.

37 Cf. EM seis meses, Dilma sofre 15 pedidos de Impeachment na Câmara. **Congresso em Foco**, 2015. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/em-seis-meses-dilma-sofre-15-pedidos-de-impeachment-na-camara/>. Acesso em: 12 set. 2018.

38 Cf. SCHREIBER, Mariana. Decisão do comitê ONU não garante a Lula direito de concorrer, afirma jurista. **BBC**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45216356>. Acesso em: 12 set. 2018.

39 Cf. SANDIN, Caio. Veja quais são os nove processos contra Aécio no Supremo. **R7 Planalto**, 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fraga/veja-quais-sao-os-nove-processos-contra-aecio-no-supremo-11042018>. Acesso em: 14 set. 2018.

40 Cf. ADVOGADOS veem indícios de que Michel Temer cometeu cinco crimes. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1885734-advogados-veem-indicios-de-que-michel-temer-cometeu-cinco-crimes.shtml>. Acesso em: 14 set. 2018.

41 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*;

projeto globalista, buscariam impor aquilo que passou a ser chamado de Nova Ordem Mundial.[42]

Também é importante ressaltar que, conforme mencionou Jessé Souza – que, apesar de não ser marxista, certamente pode ser situado a partir de um outro polo desta narrativa mais a esquerda -, [43]a operação Lava-Jato[44] teve um enorme destaque nessa polarização política na medida em que passou a produzir uma outra versão e, portanto, constituiu um outro lado nessa guerra de narrativas, não apenas instrumentalizando certo discurso anti-esquerdista que culminou com a utilização da Lei de Segurança Nacional (Lei 7.179/1983), criada no período da ditadura empresarial-militar, como criminalizou certos manifestantes, bem como os movimentos sociais e, consequentemente, sua principal base política historicamente constituída por tributários de pensamentos mais à esquerda, conforme mostrou Diego Oliva Coletti em sua tese de doutorado em sociologia, que tratou da instrumentalização política da violência de Estado contra certas táticas políticas de grupos localizados à esquerda no Brasil a partir de junho de 2013, dentre eles, os chamados *black blocs*.[45]

> Quando empresas brasileiras e empresários entram em cena como na operação Lava Jato, isso só acontece pelo mais descarado viralatismo: para chantagear politicamente essas empresas em delações que criminalizam a esquerda ou políticos que não cumpram a agenda corporativa dos órgãos de controle. Assim como para consciente ou inconscientemente, atender a interesses geopolíticos americanos que visam a permanência do Brasil como mero exportador de matéria-prima.[46]

Idem. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

42 Cf. ROSA, P. O; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. M. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**, v. 4, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832>.

43 Cf. SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Ed. Leya, 2017.

44 Cf. ENTENDA o caso. Ministério Público Federal. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 13 set. 2018.

45 COLETTI, Diego O. **"Se eu grito e o governo não escuta... Vamos quebrar":** a instrumentalização política da violência a partir da atuação da tática black bloc no Brasil pós junho de 2013. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

46 SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**... *Op. cit*., p. 35.

Embora reconheçamos as limitações das análises expostas pelo autor que apresenta uma crítica localizada em grupos e não nas estruturas estruturantes das políticas econômicas do país, a ideia de trazer como referência a narrativa construída por Jessé Souza acerca da influência da operação Lava Jato no atual cenário político brasileiro caracterizado pela intensificação das polarizações políticas ocorre justamente com o propósito de mostrar como é possível utilizar como referência científica no Brasil, sobretudo, na área das ciências humanas,[47] autores reconhecidos internacionalmente como é o caso, que são críticos veementes da caricaturização que boa parte das direitas faz acerca do entendimento que tem sobre as esquerdas.

Contudo, o autor mencionado se apresenta como um crítico da tradição marxista, embora questione veementemente a seletividade político-partidária promovida pela operação Lava Jato. Como exemplo de sua crítica ao reducionismo marxista, trazemos a seguinte passagem que apresenta uma leitura sobre essa tradição do pensamento completamente oposta ao que defende Olavo de Carvalho acerca da valoração que certos marxismos contemporâneos atribuem as dimensões culturais no lugar da perspectiva econômica:[48]

> como o conceito 'economicista' da tradição marxista é o único conceito de classe percebido como existente, toda a problemática 'cultural' decorrente do pertencimento de classe é negada. Curiosamente, é a visão 'economicista' da 'luta de classes', como se a classe social pudesse ser reduzida ao lugar na produção ou à renda, que leva à não-percepção de qualquer eficácia às contradições de classe situadas na dimensão simbólica e cultural e, portanto, as formas opacas e socioculturais de 'racismo de classe'.[49]

Não obstante, foi a partir desse complexo e particular contexto histórico, social, político e econômico localizado logo nos princípios do século XXI que presenciamos a emergência dessa guerra de narrativas caracterizada pela ausência de filtros precisos acerca da qualidade das informações produzidas e compartilhadas na internet por meio de quantificações decorrentes de *likes* e *dislikes,* que nos termos da polarização política contemporânea seriam entendidos como "lacrações" (para esquerdistas) e "mitagens" (para direitistas),

47 Cf. SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**... *Op. cit.*

48 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

49 SOUZA, Jessé. A visibilidade da raça e a invisibilidade da classe... *Op. cit*., p. 133.

dependendo da perspectividade em que o sujeito se situa frente a esses polos.

Sendo assim, também vimos insurgir novíssimas forças políticas que visam impor suas visões de mundo por meio de estratégias ciberpolíticas que buscam não apenas combater as ideias de seus oponentes, mas eliminá-los, conforme podemos encontrar em vídeos de representantes das novíssimas direitas conservadoras, a exemplo dos comentários persecutórios apresentados pelo conservador cristão e aluno de Olavo de Carvalho, Bernardo Küster,[50] *youtuber* recomendado publicamente pelo presidente Jair Bolsonaro (PSL),[51] que fomentou ataques não apenas a filósofa estadunidense Judith Butler,[52] como incentivou agressões à professora de antropologia da Universidade de Brasília – UnB, Débora Diniz, que teve que sair do país em decorrência de ameaças proferidas por esses grupos,[53] apenas porque ela se posicionava politicamente frente à questões como o aborto.[54]

No entanto, o *youtuber* mencionado chegou a afirmar que "nós temos que nos opor a ela [Judith Butler], e dizer que o Brasil não aceita, não a recebe, que ela não é bem vinda e que a ideologia dela foi barrada no plano nacional de educação aqui no Brasil", estabelecendo uma verdadeira perseguição a essa pesquisadora estadunidense. Isso, sem falar das *fake news* produzidas por Bernardo Küster, a exemplo da difusão da informação de que a França legalizou a pedofilia,[55] conforme encontramos em um de seus vídeos que também teve a resposta de certa resistência encontrada igualmente na internet, conforme localizamos nos canais combatentes e mais qualificados academicamente de Paulo

---

50 Cf. BERNARDO P Küster. Bastidores - No quintal do Olavão. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsqFwO-FacM>. Acesso em: 08 jun. 2019.

51 Cf. ASSAD, Paulo; GRINBERG, Felipe; AGUIAR, Tiago. O que pensam os youtubers de Jair Bolsonaro. **Época**, 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/o-que-pensam-os-youtubers-de-jair-bolsonaro-23237031>. Acesso em: 08 jun. 2019.

52 Cf. BERNARDO P Küster. #FORABUTLER - A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7l348rFl7_o&t=7s>. Acesso em: 23 set. 2018.

53 Cf. PIRES, Breiller. Antropóloga convive com a "covardia da dúbida" de quem a ameaça de morte. **El País**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.html>. Acesso em: 13 mai. 2019.

54 Cf. BERNARDO P Küster. Débora Diniz e o aborto no Brasil. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AK5Atun4tyM&t=27s>. Acesso em: 08 jun. 2019.

55 Cf. BERNARDO P Küster. Fraça e pedofilia: eu menti? **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L7ul7PGEyzw>. Acesso em: 23 set. 2018.

Ghiraldelli,[56] Clayson[57] e Henry Bugalho.[58] Pois, conforme argumenta a analítica foucaultiana, onde há poder, há resistências.

Todavia, é importante destacar que, mesmo diante de certa resistência, é inegável a presença desse modo de modulação ciberopolítico, chamado de governamentalidade algorítmica, tendo em vista que

> a importância e o papel das legislações protetivas dos dados de usuários e "seus" perfis nos interessa para retomar a discussão acerca do estatuto do indivíduo e do regime de produção de subjetividades. Considerando que as funções de governo coletam quantidades massivas de dados "automaticamente", isto é, sem a necessidade de consentimento de um indivíduo, há um desinvestimento na singularidade de nossa existência. E esta é uma questão política na medida em que produziria não uma dissolução do indivíduo, mas uma rarefação dos processos de subjetivação, tornando complexas e inacessíveis as oportunidades de nos constituirmos enquanto sujeitos. Estaríamos diante de um processo de esquiva das subjetivações no quadro normativo da governamentalidade. Constata-se que a deliberação do indivíduo sobre a transmissão de informações é fraca e se dilui em proporção inversa à quantidade massiva de cliques e *touchs*. Assim, estes dados não estariam sendo "roubados", o que concretamente poderia gerar atos de resistência e demandas por direitos (fato que, em certa medida, pequena, tem gerado e produzido leis como as já citadas). Considerados triviais, descontextualizados, segmentados o bastante para se deixarem "perder" nos caminhos da rede, os traços seguem percursos incontroláveis para os sujeitos. e mais, estes dados produzem saberes extraídos diretamente da grande massa de informações e provêm de hipóteses (funções algorítmicas) que emergem dos próprios dados. Dessa forma, a ação normativa surgida das estatísticas produz efeitos sobre os ambientes e processos. Aparentemente, os saberes preservariam os indivíduos, pois não haveria uma predominância de processos discursivos e significantes de subjetivação.[59]

---

56 Cf. FILÓSOFO PAulo Ghiraldelli. CONVERSA FRANCA: nosso canal é contra a Deficiência Cognitiva Programada (DCP). **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Pt5cUg3-IQ>. Acesso em: 23 set. 2018.

57 Cf. CLAYSON. Bernardo Kuster MENTE novamente | A França NÃO LEGALIZOU crimes contra crianças. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SkGr-7virvY>. Acesso em: 23 set. 2018.

58 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZvmMpFb_5G4>. Acesso em: 23 set. 2018.

59 TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*., p. 445.

De todo modo, também é possível localizar essa mesma atitude persecutória proferida pelos tributários das novíssimas direitas conservadoras para com os supostos dissidentes esquerdistas que caracterizam o que Foucault chamou de racismo de Estado - justamente por se tratar não de um racismo de tipo biológico, mas de uma espécie de racismo que visa “fortalecer a própria raça eliminando a raça diversa”-[60] em representantes das novíssimas direitas, a exemplo do vídeo postado pelo *youtuber* membro do Movimento Brasil Livre – MBL e atual deputado estadual Arthur do Val (DEM/SP) eleito em 2018, também conhecido como “Mamãe Falei” e que ficou conhecido por participar de manifestações de seus opositores políticos visando desqualificar os seus discursos.

Nesse vídeo destinado a analisar o fato de que artista pop brasileira Anitta curtiu um comentário de uma suposta amiga sobre então o candidato à presidência da república do Brasil que foi eleito em 2018, Jair Bolsonaro (PSL), o *youtuber* revela em suas explanações uma conduta extremamente preconceituosa para com aqueles sujeitos que se reconhecem como de esquerda e que pensam de maneira diferente da sua, conforme segue a narrativa abaixo:[61]

> quando eu era criança tinha uma quitanda perto de casa e a dona, a dona não, mas quem trabalhava nessa quitanda era uma mulher LGBT. Era uma mulher trans, aliás. Estou confundindo todos os nomes aqui e já vou ser condenado. E aí, lógico que era um monte de moleque. A gente brincava, zoava etc. Normal, ela dava risada também. Só que a gente respeitava. Ia lá comprava pra caramba bolacha, chiclete, todas essas besteiras que moleque gosta de comprar em quitanda. E todo mundo respeitava. Antigamente, até 10 anos atrás, você via uma pessoa trans, beleza uma coisa diferente. Você não está acostumado, mas você não sai xingando. Não tem tanto preconceito quanto você tem hoje. Porque hoje você olha uma pessoa trans e você já imagina: Poxa, será que é psolista? Será que essa pessoa quer, sei lá, revogar a PEC do teto? Que é um absurdo! O que que fazem esses grupos, esses partidos, como PSOL, PT, PC do B, etc.? Usam a condição diferente de uma pessoa, usam a condição dessa pessoa ser uma pessoa trans, para incluir ela num grupo que tem, por exemplo, posições econômicas específicas. Então assim, você é uma pessoa trans, então você tem que apoiar a revogação da PEC do teto, né? Se você é uma pessoa trans, você tem que ser contra ali, a reforma

60 FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010, p. 217.

61 Cf. MAMAFALEI. Anitta #EleNão. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMGZs1i1nTo&t=3s>. Acesso em: 23 set. 2018.

> trabalhista, o que é um verdadeiro absurdo! E isso está fazendo com que a luta justamente por igualdade ali, por igualdade de direitos da comunidade gay esteja sendo banalizado. Eu acho um absurdo isso. Eu acho, inclusive, que os gays e tal deviam ser contra esse tipo de coisa.[62]

Esse tipo de comportamento que visa não apenas desqualificar os seus oponentes, mas aniquilar qualquer tipo de pensamento que se apresente como questionador dos princípios estabelecidos por uma suposta maioria, justamente por se manifestar como dissidente, pode ser encontrado nas análises apresentadas por Michel Foucault acerca do que chamou de racismo de Estado.[63]

> Em linhas gerais, o racismo, acho eu, assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo princípios de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária e viva. Vocês estão vendo que aí estamos, no fundo, muito longe de um racismo que seria, simples e tradicionalmente, desprezo e ódio das raças umas pelas outras. Também estamos muito longe de um racismo que seria uma espécie de operação ideológica pela qual os Estados, ou uma classe, tentaria desviar para um adversário mítico hostilidades que estariam voltadas para eles ou agitariam o corpo social. Eu creio que é muito mais profundo do que uma velha tradição, muito mais profundo do que uma nova ideologia, é outra coisa. A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder, do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo.[64]

Certamente uma das características que, em certa medida, une boa parte das novíssimas direitas é justamente a busca pela eliminação simbólica e até mesmo física dos seus opositores tratados de forma essencialista e caricatural como esquerdistas, justamente como ocorreu no momento da ditadura empresarial-militar brasileira a partir de 1964.[65]

62 Cf. MAMAFALEI. Anitta #EleNão. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMGZs1i1nTo&t=3s>. Acesso em: 23 set. 2018.

63 Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**... *Op. cit*.

64 *Ibidem*, p. 217 *et. seq*.

65 Cf. ANDRADA, Alexandre. O golpe de 64 não salvou o país da ameaça comunista

Desse modo, a mesma ameaça comunista que habitava o imaginário do brasileiro médio construído por certa visão estabelecida pelos grandes meios de comunicação corporativos que acreditavam em uma conspiração comunista que estava se organizando em busca de uma luta armada e, consequentemente, promovendo uma guerra civil, conforme sustenta o *think thank* neoconservador e monarquista "Brasil Paralelo", sobretudo, em se filme intitulado *1964 – O Brasil entre armas e livros*,[66] orientado pela narrativa de Olavo de Carvalho; o anticomunismo do século XXI promovido por meio da governamentalidade algorítmica aparece em nosso país através, sobretudo, de textos, vídeos, aulas e livros de Olavo de Carvalho,[67] que procurou estabelecer uma outra magnitude dessa luta que deve ser contida, mas que não opera mais em termos de uma luta armada, mas a partir de uma dimensão que se dá e se deu por meio da mudança das mentalidades através de uma suposta estratégia "gramscista" e não mais marxista, fundamentada na chamada "revolução cultural", que visaria destruir os valores judaico-cristãos ocidentais na medida em que imporia uma visão construída por globalistas através da imposição de uma suposta Nova Ordem Mundial.

A instrumentalização tanto dessa narrativa quanto desse processo de estigmatização e criminalização de certo entendimento do que seriam as esquerdas ou A esquerda e, portanto, o comunismo, permitiu com que pessoas torturadas na frente de seus filhos no período da ditadura empresarial-militar brasileira fossem alvo de *fake news*, tendo a tortura sido justificada já que os torturados teriam supostamente matado militares, conforme ocorreu com Maria Amélia de Almeida Telles.[68]

Portanto, mesmo tendo sido torturada em frente aos seus filhos no regime empresarial-militar,[69] o discurso de ódio proferido por boa

---

porque nunca houve ameaça nenhuma. **The Intercept_ Brasil**, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/21/farsa-historia-ditadura-militar-comunista/>. Acesso em: 26 out. 2018.

66 Cf. BRASIL Paralelo 1964. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=Brasil+Paralelo+1964>. Acesso em: 09 jun. 2019.

67 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

68 Cf. É mentira que mulher torturada diante dos filhos matou militares. **Uol Confere**, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2018/10/25/e-mentira-que-mulher-torturada-diante-dos-filhos-matou-militares.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral>. Acesso em: 26 out. 2018.

69 Cf. SANCHES, Mariana. Livro reúne histórias de crianças presas, torturadas ou exiladas durante a ditadura no Brasil. **O Globo**, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/livro-reune-historias-de-criancas-presas-torturadas-ou-exiladas-

parte dos supostos anti-petistas, anticomunistas, anti-esquerdistas, olavistas ou mesmo bolsonaristas não os impossibilitaram de atacá-la, desconsiderando a sua dor e sofrimento, através de um discurso conspiratório e falacioso baseado no extermínio físico e simbólico daqueles que supostamente ameaçariam a unidade forjada por uma narrativa persecutória capitaneada e legitimada por uma suposta maioria.

> As teorias da conspiração são ferramentas para atacar aqueles que ignoram sua existência; por não cobrí-las, a mídia fica parecendo tendenciosa e, em última análise, parte da própria conspiração que se recusa cobrir. As teorias da conspiração não apenas têm o poder de influenciar as percepções da realidade, mas também podem moldar o curso dos eventos reais.[70]

Não obstante, também é importante destacar que os grupos de direita são tão diversos quanto os de esquerda. Assim, da mesma forma que deveríamos falar em esquerdas, no plural, também precisaríamos tratar das direitas desse mesmo modo, na medida em que se consideraria a complexidade política decorrente dessas diversas forças que se encontram conflitantes nesses polos, a exemplo de neoliberalismo e ordoliberalismo, social-democracia e socialismo real, dentre outros. Contudo, a influência de Olavo de Carvalho e seu instrumento, Jair Bolsonaro (PSL), conforme afirmou o deputado federal mais votado do Brasil, Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ),[71] em entrevista a um comediante de direita e também aluno do suposto filósofo brasileiro, Alba Expider,[72] permitiu com que as direitas se radicalizassem, concentrando a sua força no presidenciável que representa uma perspectiva à direita radicalizada.

Todavia, não é porque as direitas concentraram os seus votos em Jair Bolsonaro (PSL) que elas deveriam ser vistas como uma unidade. Assim como as esquerdas, as direitas também apresentam uma diversidade de conflitos internos referentes aos seus distintos posicionamentos, conforme encontramos visivelmente no embate no

---

durante-ditadura-no-brasil-14496104>. Acesso em: 26 out. 2018.

70 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018, p. 70.

71 Cf. REDAÇÃO. SP: Eduardo Bolsonaro é deputado mais votado. **Isto É**, 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/eduardo-bolsonaro-e-deputado-mais-votado-em-sp/>. Acesso em: 26 out. 2018.

72 Cf. ALBA ExPider. Show do Esquerdão com Eduardo Bolsonaro. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U1FnGE6j8nY&t=183s>. Acesso em: 26 out. 2018.

Ministério da Educação deste governo, a partir dos conflitos internos entre militares e olavistas.[73]

No entanto, parece que a onda neoconservadora, anunciada por Eduardo Bolsonaro, que emergiu no Brasil no princípio do século XXI passou a aglutinar as diferentes direitas em seu polo extremo, na medida em que intensificou um discurso estigmatizante e criminalizante para com aquelas supostas pautas de esquerda - a exemplo do projeto de Lei 5358/2016 proposto por Eduardo Bolsonaro que visa a criminalização da apologia ao comunismo -[74], sendo que muitas delas são pautas liberais, a exemplo da garantia dos direitos humanos -[75] que segundo o autor neoconservador Roger Scruton, que orienta parte dessas narrativas mais à direita, seriam limitações ao poder do governo.[76]

Contudo, certamente essa junção de interpretações desqualificadoras, estigmatizantes e até criminalizantes acerca das esquerdas produzidas pelas direitas, a exemplo tanto de Roger Scruton quanto de Michael Oakshott e sua interpretação realizada por Luiz Felipe Pondé,[77] outro tributário das direitas brasileiras mais associado ao que entende por liberal-conservadorismo, permitiu com que emergisse um discurso que unificasse neoconservadores, liberais-conservadores e (neo)liberais, anarqocapitalistas e até mesmo monarquistas, baseado não apenas em um certo ódio contra o PT como também na acumulação de certo tipo de ressentimento decorrente do chamado "politicamente correto", que representaria uma suposta censura perpetrada pelo que entendem por esquerda, uma vez que "o ressentido não duvida de si mesmo; não coloca em questão a justeza de seus atos e suas motivações. Do ponto de vista do ressentimento, quem está em questão é sempre o outro".[78]

---

73 Cf. B. J. Batalha entre olavistas e militares no MEC trava a pauta de educação. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/12/politica/1552420072_316199.html>. Acesso em: 13 mai. 2019.

74 Cf. BOLSONARO, Eduardo. PL 5358/2016. **Câmara dos Deputados**, 2016. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2085411>. Acesso em: 13 mai. 2019.

75 Cf. ZAPATER Maíra Cardoso. Afinal, os Direitos Humanos são uma "ideologia de esquerda"? **Observatório do Terceiro Setor**, 2017. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/colunas/maira-zapater-direitos-humanos-e-sociedade/afinal-os-direitos-humanos-sao-uma-ideologia-de-esquerda/>. Acesso em: 26 out. 2018.

76 Cf. SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo?** São Paulo: Ed. É realizações, 2015.

77 Cf. *Ibidem*; OAKSHOTT, Michael. **Conservadorismo**. São Paulo: Ed. Ayine, 2016.

78 KEHL, Maria R. **Ressentimento**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2015, p. 39.

É desse modo que, a partir de sua leitura realizada sobre Michael Oakshott,[79] Luiz Felipe Pondé argumentou que a parceria entre a tradição cética conservadora e o pensamento liberal abarcado pelo conservadorismo inglês – que identifica Adam Smith como fundador do liberalismo econômico – entende que os vínculos comerciais seriam hábitos ancestrais,[80] ou seja, comportamentos que se fazem presentes desde os primórdios do que se entende por civilização. Portanto, essa leitura sustenta universalmente que os seres humanos, desde a pré-história, viveram desse jeito, fazendo negócios e acordos materializados na forma de comércio.

Partindo dessa perspectiva amparada em Michael Oakshott,[81] Pondé ainda argumenta sobre a necessidade de distinção entre uma política de fé e outra do ceticismo.[82] Segundo ele, a política de fé, que opera a partir de um espectro experimental mais à esquerda, seria o lugar da esperança e da imaginação, enquanto que a política do ceticismo, utilizada por certo olhar mais a direita seria o campo de uma política real, fundamentada naquilo que supostamente deu certo na história que conhecemos, caso se despreze todo o conhecimento produzido pela antropologia social, sobretudo, a partir de suas dimensões políticas e econômicas, conforme encontramos reverberado pelos vídeos e textos de Olavo de Carvalho.[83] Assim, a política do ceticismo seria justamente aquilo que passou a ser situado como tradição neoconservadora, enquanto que a política da fé seria a dimensão utópica apresentada por certo entendimento acerca das esquerdas ou mesmo progressistas.

A partir de suas leituras sobre Russel Kirk,[84] autor que sustentou os posicionamentos macarthistas nos Estados Unidos, Pondé também afirma que no Brasil do século XXI as políticas da fé foram entrando em declínio na medida em que ascenderam as políticas ceticistas,

---

79 Cf. OAKSHOTT, Michael. **Conservadorismo**... *Op. cit*.

80 Cf. CAFÉ Filosófico CPFL. Liberal e conservador para além do senso comum | Luiz Felipe Pondé. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6gZWqgTqfZk&t=1949s>. Acesso em: 26 out. 2018.

81 Cf. OAKSHOTT, Michael. **Conservadorismo**... *Op. cit*.

82 Cf. CAFÉ Filosófico CPFL. Liberal e conservador para além do senso comum | Luiz Felipe Pondé. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6gZWqgTqfZk&t=1949s>. Acesso em: 26 out. 2018.

83 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit*.; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

84 Cf. KIRK, Russel. **Edmund Burke:** redescobrindo um gênio. São Paulo: Ed. É realizações, 2017.

potencializando, portanto, a emergência do neoconservadorismo.[85] Assim, segundo ele, a palavra conservador (*conservateur*) começa a circular na França por volta de 1810, na medida em que

> significava pessoas que queriam preservar as estruturas sociais e políticas que os jacobinos tinham destruído. E essas pessoas começam a fazer a defesa dessa preservação a partir de textos como os de Edmund Burke.[86]

Não obstante, a palavra acabou sendo posteriormente apropriada em outros países.

Assim, para Pondé, a primeira e principal dessas percepções apresentadas, entende que conservador em política seria alguém a favor de formas reacionárias e atrasadas, na medida em que seria necessário lançar mão de algumas ferramentas um pouco mais empíricas para explicar o mundo, sobretudo, fundamentando-se na ideia de que em pesquisa eleitoral, as pessoas mentem. Foi justamente por meio desta perspectiva que ele justificou a vitória do presidente estadunidense Donald Trump, em 2016.

Assim, embora seja importante falar em direitas, no plural, ao invés de tratá-las como um bloco unitário, ou seja, como uma espécie de caricatura do livre mercado ou como razão mercantil, conforme argumentou Mbembe,[87] também é importante enfatizar que no início de 2018 e, portanto, logo no começo do ano eleitoral, era possível verificar nitidamente diferentes tradições mais à direita, em que já se encontrava certa tendência a um pensamento mais alinhado com o liberalismo-conservador e, sobretudo, com um neoconservadorismo, principalmente porque a narrativa que orientou o processo de redemocratização do país foi acaudilhado a partir dos vídeos e textos de Olavo de Carvalho.[88] Esse fenômeno pode ser encontrado não apenas na fala de Jair Bolsonaro (PSL),[89] como também de outros

---

85 Cf. CAFÉ Filosófico CPFL. Liberal e conservador para além do senso comum | Luiz Felipe Pondé. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6gZWqgTqfZk&t=1949s>. Acesso em: 26 out. 2018.

86 *Ibidem*.

87 Cf. MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Ed. N-1, 2018.

88 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

89 Cf. LEO Strom. Bolsonaro: Liberal na economia e Conservador Social. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xoxEkgl2-lU>. Acesso em: 26 out. 2018.

presidenciáveis como Flavio Rocha (PRB)[90] e João Amoedo (NOVO), que argumentavam acerca da necessidade de um "conservadorismo nos costumes e liberalismo na economia".[91]

Não obstante, este tipo de pensamento amparado na simplificação de questões complexas parece se alinhar mais com um perfil de pessoas que teriam uma maior facilidade com provas, seleções e até mesmo concursos, em que as questões apresentadas demandariam de certa reprodução das informações supostamente técnicas normalizadoras apresentadas em forma de dogmas, diferentemente de um outro perfil mais acadêmico no que se refere à produção científica, amparada na conexão e problematização de epistemologias, teorias, conceitos, autores, etc.

Sendo assim, é bastante provável que a capilarização das ideias persecutórias de Olavo de Carvalho tenham encontrado um terreno bastante fértil naquele perfil de pessoas que busca uma explicação mais simples e rasa,[92] orientada através de novos modos de subjetivação e modulação que emergiram no século XXI e passaram não apenas a prever o comportamento das pessoas por meio da sistematização de algorítmos, mas também passaram a orientar as nossas condutas, justificando uma visão de mundo arcaica que tem como referência aquilo que a antropologia social passou a chamar de etnocentrismo e, no limite, de racismo, conforme podemos encontrar na decisão do presidente Jair Bolsonaro (PSL) de vetar uma propaganda do Banco do Brasil que não corroborava a sua visão conservadora de família ou mesmo de comportamento adequado, já que contou com atores que escapam ao padrão estabelecido por ele.[93]

> Os políticos fascistas justificam suas ideias ao aniquilar um senso comum de história, criando um passado mítico para respaldar sua visão do presente. Eles reescreveram a compreensão geral

90 Cf. GAZETA do Povo. Liberal na economia e conservador nos costumes: é diferente de discrminar pessoas, diz Flavio Rocha. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5GSr8Mj-FTc>. Acesso em: 26 out. 2018.

91 Cf. RODA Viva. João Amoêdo: liberal ou conservador? **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FflhKIBS4Y8>. Acesso em: 26 out. 2018.

92 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

93 Cf. BOLSONARO veta campanha do Banco do Brasil marcada pela diversidade, e diretor é exonerado. **O Globo**, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-veta-campanha-do-banco-do-brasil-marcada-pela-diversidade-diretor-exonerado-23621741>. Acesso em: 26 abr. 2019.

> da população sobre a realidade distorcendo a linguagem da idealização por meio da propaganda e promovendo o anti-intelectualismo, atacando universidades e sistemas educacionais que poderiam contestar suas ideias. Depois de um tempo, com essas técnicas, a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar comum da realidade. À medida que compreensão comum da realidade se desintegra, a política fascista abre espaço para que crenças perigosas e falsas criem raízes. Em primeiro lugar, a ideologia fascista procura naturalizar a diferença de grupo, dando assim a aparência de respaldo científico e natural a uma hierarquia de valor humano. Quando classificações e divisões se solidificam, o medo substitui a compreensão entre grupos. Qualquer progresso para um grupo minoritário estimula sentimentos de vitimização na população dominante. Política da lei e ordem tem apelo de massa, lançando "nós" como cidadãos legítimos e "eles", em contraste, como criminosos sem lei, cujo comportamento representa uma ameaça existencial à masculinidade da nação. A ansiedade sexual também é algo típico da política fascista, pois a hierarquia patriarcal é ameaçada pela crescente igualdade de gênero. À medida que o medo em relação a "eles" cresce, "nós" passamos a representar tudo o que é virtuoso.[94]

Desse modo, para compreendermos como passou a se dar a gestão das pessoas pelo governo ou governamentalidade algorítmica, se faz necessário presumir que "só é possível entender o mundo digital de hoje em dia se o considerarmos com a intersecção das lógicas complexas que regem o mundo da política, da tecnologia e das finanças".[95] Ou seja, para entendermos como a dimensão política passou a direcionar o nosso comportamento através das informações disponibilizadas por cada um de nós voluntariamente na internet e também através de um processo de ampliação do capital improdutivo sob o capital produtivo,[96] condicionando-nos a nos submetermos à toda uma racionalidade financeirizada promovida pelos mais diversos serviços oferecidos por aplicativos na internet, se faz necessário compreender algumas técnicas que passaram a serem construídas visando uma alteração comportamental através da sistematização dos nossos dados.

Portanto, para compreender como se deu a passagem daquilo que Foucault chamou de biopolítica para algo que poderíamos

94 STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**... *Op. cit.*, p. 16.

95 MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**... *Op. cit.*, p. 163.

96 Cf. DOWBOR, Ladislau. **A Era do capital improdutivo:** a nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Ed. Autonomia Literária, 2017.

tratar de ciberpolítica,[97] sobretudo, através da emergência de certa governamentalidade algorítmica, conforme sustentou tanto Rouvroy e Berns quanto Telles,[98] é preciso encontrar elementos que evidenciem quais os dispositivos que permitiram essas transformações não apenas nos modos de subjetivação e modulação que constituem os sujeitos históricos, mas, principalmente, as técnicas de gestão populacional que ainda permanecem garantindo o Estado como instância legítima de controle governamental a partir de interesses econômicos, tendo em vista que a economia política permanece como saber nos princípios do século XXI, só que com uma nova face ainda mais financeirizada, decorrente do controle minucioso daqueles dados que disponibilizamos voluntariamente na medida em que somos demandados a ter uma vida cada vez mais virtualizada operada na internet através da biovirtualização. Para a analítica foucaultiana, a governamentalidade é entendida a partir de que

> são estes movimentos - o governo, população, economia política - que constituem, a partir do século XVIII, um conjunto que ainda não foi desmembrado. Para concluir, gostaria de dizer o seguinte. O que pretendo fazer nestes próximos anos é uma história da *governamentalidade*. E com esta palavra quero dizer três coisas: 1 - o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. 2 - a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros - soberania, disciplina, etc. - e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3 - o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco sendo governamentalizado.[99]

No entanto, se a governamentalidade analisada por Foucault no contexto biopolítico se caracteriza por um conjunto de instituições que utilizou do Estado para legitimar uma economia de livre mercado como

---

97 Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**... *Op. cit*.

98 Cf. ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação... *Op. cit*.; TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas... *Op. cit*.

99 FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006, p. 291 *et. seq*.

o saber fundamental daqueles sujeitos transformados em cidadãos a partir da emergência do Estado democrático de direito constituído pelos dispositivos de segurança;[100] no contexto ciberpolítico, presenciamos a emergência de um outro tipo de governamentalidade em que a segurança se dá por meio do controle minucioso acerca dos dados disponibilizados voluntariamente por cada um de nós na internet a cada instante, desde quando trocamos mensagens com amigos ou colegas de trabalho, até mesmo quando realizamos uma simples consulta em qualquer aplicativo de um aparelho celular ou mesmo quando solicitamos um serviço virtualizado.

Quando efetuamos uma compra pela internet através do uso de um computador ou de um aplicativo de celular qualquer, por exemplo, como um simples pedido em um restaurante local, somos demandados a disponibilizar informações que passaram a se tornar cada vez mais valiosas, uma vez que é através delas que passamos a ser monitorados, controlados e, sobretudo, modulados do ponto de vista das nossas condutas. Desse modo, ao fazermos um pedido, precisamos disponibilizar informações acerca do local de entrega, do cartão de crédito utilizado e, nesse processo, também construímos um histórico acerca dos nossos comportamentos e desejos que ficarão registrados em uma espécie memória biovirtualizada que não apenas fomentará determinado comportamento, como orientará as nossas condutas e intencionalidades, construindo uma espécie de bolha de realidade que opera no campo da política por meio de certo condicionamento moral e econômico.

O pedido realizado através de um simples aplicativo de celular engendra um fluxo de informações tão complexo, veloz e minucioso, em que é possível localizar praticamente todo o itinerário de dados necessários que permitiram com que essa operação solicitada fosse efetivada. Quando procuramos algo para nos alimentarmos através de em um aplicativo de celular, por exemplo, deixamos não apenas os rastros dos nossos interesses específicos no histórico de nossos acessos, como também precisamos disponibilizar diversas informações que vão desde os dados do cartão de crédito utilizado na compra, até mesmo a localização da entrega, passando pelas informações de quem fará a entrega e até mesmo o itinerário desse serviço poderá ser verificado em tempo presente, através de distintos dispositivos de controle virtual, como o GPS.

---

100 Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**... *Op. cit*.; *Idem*. **Nascimento da biopolítica**... *Op. cit*.

Por outro lado, tanto a empresa em que o serviço de entrega foi solicitado quanto o entregar que efetuará o pedido estão sendo controlados e rastreados, sobretudo, pelo sistema financeiro, na medida em que essa troca de serviços e produtos passa a ser mediada por um capital virtualizado controlado por estas instituições, em que seu lastro é facilmente mapeado e deslocado velozmente através da circulação de dados somente possíveis por meio da internet, diferentemente do que ocorria com a moeda ou dinheiro. É praticamente como se tivéssemos várias vidas virtualizadas, experienciadas e vividas em cada aplicativo de celular ou computador que faz com que os acontecimentos no ciberespaço sejam possíveis, embora todos esses aplicativos estejam relacionados entre si, permitindo um controle minucioso acerca dos dados que voluntariamente disponibilizamos no ciberespaço por meio dessa dimensão biovirtualizada.

No entanto, a governamentalidade algorítmica não se restringe apenas a esse saber situado em certa economia política agenciada pelo sistema financeiro através do controle minucioso dos nossos dados disponibilizados voluntariamente por todos nós a cada vez que somos convocados a entrar na internet. Para que ela possa existir é necessário que também haja um governo caracterizado pela forma-Estado, instrumentalizado não apenas pela lei, mas também pela adesão à ciberpolítica, através da captura decorrente desses novos modos de subjetivação e modulação que ainda operam pelo utilitarismo cada vez mais radical e financeirizado, que fez com que o capital investido na produção, portanto, o capital produtivo, perdesse o seu valor, ao passo que o capital improdutivo, baseado na especulação, tome o seu lugar, conforme destacou Ladislau Dowbor.[101]

Diante disso, é possível verificar que a tecnologia operada pelo ciberespaço permitiu com que a economia política se intensificasse em sua financeirização, legitimada plenamente pelos Estados modernos caracterizados pela adesão ao contratualismo, que reiteram toda essa racionalidade biovirtualizada que tem como consequência o completo desprezo pelo trabalho e, contrariamente, a extrema valorização da especulação rentista, permitindo a perda da dimensão da solidariedade, dando espaço apenas para a austeridade e prudência.

É a partir disso que os interesses do sistema financeiro e os dados por nós disponibilizados pela internet se coadunam reiterando a

101 Cf. DOWBOR, Ladislau. **A Era do capital improdutivo**... *Op. cit*.

ciberpolítica por meio dessa governamentalidade algorítmica, que tem no Estado a sua dimensão de legitimação, conforme tem acontecido desde o século XVIII, segundo Foucault;[102] só que no século XXI isso ocorre a partir de outras tecnologias de poder que se dão em uma dimensão institucional promovida por novos modos de subjetivação e modulação produzidos e difundidos no ciberespaço, chegando ao ponto, inclusive, de não apenas alterar os resultados de eleições, mas também mudar as formas com as quais as pessoas se apresentam frente ao mundo em que vivem.

O caso da vitória de Donald Trump nas eleições estadunidensse de 2016 revelado no documentário intitulado *Privacidade hackeada,*[103] disponível no Netflix, evidencia a operacionalidade dessa governamentalidade algorítmica e todo o seu modo de modulação típico do contexto ciberpolítico. Brittany Kaiser, que trabalhou na campanha de Trump através da *Cambridge Analytica,*[104] empresa que estava diretamente ligada a compra de informações dos usuários do *Facebook,*[105] visando modular o comportamento dos eleitores supostamente indecisos, denunciou nesse documentário o esquema da campanha do Trump, além dos seus efeitos e, outros governos como no caso brasileiro, com a vitória de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil, nas eleições de 2018. Ao reconhecer que "nós sempre gastamos a maior parte do dinheiro em qualquer comercial ou campanha política no facebook", Brittany Kaiser revela que

> lembra dos questionários do facebook que formavam modelos de personalidade para todos os eleitores americanos? A verdade é que não focávamos em todos os eleitores americanos por igual. A maior parte dos nossos recursos era para focar naqueles que ainda poderíamos fazer mudar de idéia. Os chamávamos de "os persuasíveis". Eles estavam por toda a parte do país. Mas, "os persuasíveis" que importavam eram aqueles em Estados decisivos como Michigan, Winsconsin, Pensilvânia e Florida. Cada um

102 Cf. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**... *Op. cit*.

103 Cf. AMER, Karim; NOUJAIM, Jehane. Privacidade Hakeada. **Netflix**, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117542>. Acesso em: 01 ago. 2019.

104 Cf. TIMBERG, Craig; HELDERMAN, Rosalind S. Brittany Kaiser's work with Cambridge Analytica helped elect Donald Trump. She's holping the world will forgive her. **The Washington Post**, 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/technology/2019/08/02/brittany-kaisers-work-with-cambridge-analytica-helped-elect-donald-trump-shes-hoping-world-will-forgive-her/?noredirect=on&utm_term=.483a1f11ec0a>. Acesso em: 01 ago. 2019.

105 Cf. MARTÍ, Silas. Entendo o escândalo do uso de dados do Facebook. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/entenda-o-escandalo-do-uso-de-dados-do-facebook.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2019.

> desses Estados era desmembrado em delegacias. Então, digamos que que havia 22 mil "eleitores persuasíveis" nessa delegacia. E se focássemos em pessoas suficientes nas delegacias corretas, esses estados viravam vermelhos no lugar de azuis. Nossa equipe criativa criava conteúdos personalizados para engatilhar esses indivíduos. Nós os bombardeávamos através de blogs, artigos em páginas, vídeos, anúncios em toda a plataforma que você possa imaginar, até eles verem o mundo do jeito que a gente queria que eles vissem. Até eles votarem no nosso candidato. É como um bumerangue. Você envia o seu dado, ele é analisado, e ele volta pra você com mensagens focadas para mudar o seu comportamento.[106]

Certamente outro dos principais exemplos desse fenômeno ciberpolítico que se coaduna com o "efeito bumerangue", mencionado por Brittany Kaiser, que merece destaque e que, inclusive, teve um vídeo disponibilizado pelo Le Monde Diplomatique é a chamada *Firehosing, estratégia de disseminação de mentiras usada como propaganda política*,[107] que parte de uma pesquisa apresentada em 2016 por um grupo de cientistas que publicou um estudo evidenciando uma nova estratégia de propaganda política que tem como base a produção de um fluxo de mentiras constante, emitidos por variados canais de comunicação, visando exclusivamente gerar confusão e afirmar crenças políticas. Entretanto, o estudo não foi realizado a partir de estratégias discursivas promovidas pelos presidentes eleitos Donald Trump ou mesmo Jair Bolsonaro (PSL), embora ambos tenham se utilizado dessa tática, mas antes, foi elaborado a partir de uma análise realizada acerca da máquina de propaganda de Vladimir Putin, na Rússia.

O estudo mencionado foi realizado pela Rand Corporation,[108] um *think thank* estadunidense que realiza pesquisas e análises políticas, descrevendo o funcionamento da máquina de propaganda russa que atuou entre 2008 e 2014, período em que houve a anexação da Criméia ao território da Rússia. O estudo apresenta quatro aspectos fundamentais de uma tática de comunicação que os autores chamaram de "*Firehose*

---

106 Cf. AMER, Karim; NOUJAIM, Jehane. Privacidade Hakeada. **Netflix**, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117542>. Acesso em: 01 ago. 2019.

107 Cf. LE Monde Diplomatique Brasil. Firehosing: a estratégia de disseminação de mentiras usada como propaganda política. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xf1y3kdaVAk&t=177s>. Acesso em: 10 jun. 2019.

108 Cf. PAUL, Christopher; MATTHEWS, Miriam. *The Russian "firehose of Falsehood" Propaganda Model: why it might work and options to counter it.* **RAND corporation**. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

of falsehood," que, em português, significa algo como "mangueira de falsidades". No entanto, essa expressão foi uma espécie de metáfora utilizada para explicar o conceito fundamentado no fluxo constante de mensagens que impossibilitaria a defesa de outra perspectiva, buscando afirmar posições políticas específicas.

De acordo com os pesquisadores da Rand Corporation, essa técnica tem como característica: I) o alto volume de conteúdo; II) a produção rápida, contínua e repetitiva; III) o não comprometimento com a realidade; IV) a ausência de consistência no que se diz entre um discurso e outro. Desse modo, quando as tropas russas invadiram a Criméia, por exemplo, o presidente da Rússia Vladimir Putin foi a público negar veementemente o fato atribuído ao seu governo, acusando a mídia de emitir informações falsas, negando as imagens divulgadas na imprensa, na medida em que argumentou que aquelas representações seriam referentes às milícias privadas. No entanto, pouco tempo depois, e como território já anexado, o presidente Vladimir Putin admitiu que as tropas enviadas à região eram, de fato, russas. Assim, a estratégia do presidente russo que foi elucidada pela pesquisa da Rand Corporation se mostrou bastante eficiente.

Como outra característica do *firehosing* é divulgar diversas mensagens em múltiplas plataformas ao mesmo tempo, a opinião pública tende a validar a informação e desconfiar menos de seu conteúdo. Isso ocorre porque quando recebemos uma notícia por canais e pessoas distintas, ainda que sua origem seja de uma mesma fonte possivelmente falaciosa, isso acaba criando uma sensação de legitimidade em relação àquela mensagem recebida. E mesmo que o conteúdo mentiroso seja verificado e desmentido na sequência, o estrago causado por essa primeira versão de uma suposta verdade já foi feito. Assim, no artigo publicado pela Rand Corporation, Christopher Paul e Miriam Matthews argumentam que as ferramentas multicanais combinadas com a máquina governamental produzem uma espécie de monopólio das primeiras impressões do público.[109] Portanto, na propaganda política passa-se a ganhar o domínio da "primeira notícia", alterando a memória das pessoas e influenciando no que se refere às suas decisões.

109 Cf. PAUL, Christopher; MATTHEWS, Miriam. *The Russian "firehose of Falsehood" Propaganda Model: why it might work and options to counter it*. **RAND corporation**. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE198.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

É justamente por meio desse tipo de estratégia que a vitória de Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro (PSL), no Brasil, parece ter sido possível. Entretanto, um dos autores do artigo mencionado, Christopher Paul, afirma que é possível que essa estratégia não tenha ocorrido com o triunfo de Donald Trump nos Estados Unidos. Porém, a pesquisa mencionada contou com financiamento do próprio Gabinete de Defesa dos Estados Unidos. Além disso o próprio *think thank* mencionado possui ligações diretas com a segurança nacional estadunidense há mais de cinquenta anos.

Não obstante, a jornalista Masha Gessen,[110] autora de dois livros sobre Putin e de outras publicações sobre governos autoritários, por exemplo, tem uma opinião divergente daquela apresentada por Christopher Paul e Miriam Matthews, autores do artigo publicado pela Rand Corporation. Segundo ela, os elementos trazidos no artigo deles também estiveram presentes na propaganda política do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Em uma entrevista para o Le Monde Diplomatique Brasil,[111] o antropólogo Piero Leirner, constatou o mesmo padrão acerca desse fenômeno produzido por Vladimir Putin e possivelmente por Donald Trump em relação à campanha política promovida pelo atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PSL), porém com particularidades bastante específicas. Piero acredita que, desde 2013, é possível constatar no Brasil o surgimento daquilo que passou a ser chamado de guerra híbrida que resultou no impeachment da então presidente Dilma Roussef (PT),[112] em 2015, embora Korybko entende que ela

> consiste em uma parte assimétrica singular da Dominação de Espectro Total que pode ser mais bem resumida como a armatização do caos e a tentativa de administrá-lo. Ela é um novo plano de guerra que transcende todos os outros e os incorpora em seu ser multifacetado. [Pois,][113]

---

110 Cf. GESSEN, Masha. **The man without face:** *the unlikely rise of Vladimir Putin*. New York: Riverhead, 2012; *Idem*. **The future is history:** *how totalitarianism reclaimed Russia*. New York: Riverhead, 2017.

111 Cf. SIMÃO, Renan Borges. *Firehosing*: por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas. **Le Monde diplomatique Brasil**, 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/firehosing-por-que-fatos-nao-vao-chegar-aos-bolsonaristas/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

112 Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas:** a abordagem adaptativa indireta com vistas a troca de regime. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

113 *Ibidem*, p. 32.

> a Guerra Híbrida, a combinação de Revoluções Coloridas mais Guerra Não Convencional, encaixa como uma luva no paradigma da Dominação de Espectro Total por representar o domínio da dinâmica caótica. Aqueles por trás das Revoluções Coloridas e da Guerra Não Convencional controlam a iniciativa da ofensiva golpista, colocando assim o Estado alvo na defensiva. O caos inerente às Revoluções Coloridas e à Guerra Não Convencional se espalha por todo o 'sistema' inimigo (como Warden vê o oponente) tal como um 'vírus' faz em um computador, como dita a lógica de Mann, com a eventual esperança de que resultará em sua total deterioração e na necessidade de iniciar um 'reboot do sistema' (troca de regime) para remover a ameaça. A Guerra Não Convencional acrescenta um elemento de medo contínuo à equação, que trabalha como um multiplicador de força para exacerbar o efeito caótico da operação de desestabilização para troca de regime.[114]

Esse conceito foi elaborado pelo pesquisador Andrew Korybko para explicar uma estratégia que visa a deposição de governos através de táticas de guerra política, ciberguerra e outros métodos de influência, como, por exemplo, as *fake News*.[115] Assim, para Piero Leirner, esse processo iniciado como uma espécie de guerra híbrida teria beneficiado o crescimento do candidato e agora presidente da república do Brasil Jair Bolsonaro (PSL), abarcando também o chamado *firehosing* como estratégia de *marketing* político do atual presidente e de seus círculos, operando por meio de sua capacidade de influência.

> Como parte da estratégia oficial do Pentágono, as forças armadas dos EUA vêm trabalhando com vistas a dominar toda e qualquer faceta dos recursos de guerra que existem. A Guerra Híbrida apresenta-se como um pacote híbrido excepcional de dominação intangível e tangível das variáveis do campo de batalha que manifesta-se de maneira largamente indireta. Em suma, ela é o paradoxal "caos estruturado" (na medida em que assim podemos chamá-lo) que está sendo armatizado para satisfazer objetivos de política externa específicos. Isso faz dela tanto uma estratégia como uma arma, dobrando sua eficiência no combate por procuração e igualmente desestabilizando seu alvo.[116]

Um exemplo disso foi a repetição de pontos que configuram o *firehosing* apresentados pelo então candidato à presidência da república nos últimos dias do mês de agosto de 2018, em que Jair Bolsonaro

---

114 Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**... *Op. cit.*, p. 31.

115 Cf. *Ibidem*.

116 *Ibidem*, p. 31.

(PSL) afirmou no Jornal Nacional - certamente o jornal televisivo mais assistido do país - que o livro intitulado *Aparelho sexual & Cia: Um guia inusitado para crianças descoladas*, escrito pela francesa Helene Bruller,[117] fazia parte do material do programa Brasil Sem Homofobia,[118] apelidado por ele de "kit gay".

A afirmação feita pelo então candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL) em rede nacional de televisão logo se pulverizou pelas redes sociais. No entanto, na segunda quinzena de setembro, uma pesquisa listou as publicações mais compartilhadas no facebook que mencionava o termo "kit gay".[119] Das cinco postagens mais compartilhadas, quatro vinham de páginas favoráveis à Jair Bolsonaro que somadas, contabilizavam mais de 190.000 compartilhamentos somente no facebook. Todavia, a afirmação de Bolsonaro foi desmentida, uma vez que ficou evidenciado pelo próprio Tribunal Superior Eleitoral – TSE que determinou que o candidato retirasse do ar todos os vídeos que abarcassem essa mentira,[120] já que o livro não fazia parte de nenhum kit distribuído pelo Ministério da Educação.

Assim que a notícia de que a fala proferida pelo então candidato à presidência da república foi evidenciada publicamente como falaciosa, o ex-capitão fez um pronunciamento nas redes sociais dizendo que o livro realmente não fazia parte do "kit gay", mas que teria sido distribuído em boa parte das escolas do país como um brinde dado pela editora. No entanto, a comunicação direta de Jair Bolsonaro com sua base acabou nos dando sinais de que a estratégia de propaganda política usada nas eleições de 2018 no Brasil, caracterizada pelo uso intensivo de canais de comunicação, inevitavelmente seria mantida em seu governo.

Seguindo a cartilha de Donald Trump no que se refere as estratégias comunicacionais, o *Twitter* acabou se consolidando como o canal oficial de comunicação do atual presidente brasileiro, Jair Bolsonaro. E

---

117 Cf. BRULLER, Helene. **Aparelho sexual & Cia:** um guia inusitado para crianças descoladas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

118 Cf. NOVA Escola. NOVA ESCOLA checa discurso de Bolsonaro sobre "Kit Gay". **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpUnNyE8ztU>. Acesso em: 10 jun. 2018.

119 Cf. POLICARPO, Alexandre; FONSECA, Bruno; LARA, Eliziane; HAUBER, Gabriella. A eleição do "kit gay". **Publica**, 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/a-eleicao-do-kit-gay/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

120 Cf. ESTADÃO Conteúdo. TSE determina que vídeos de Bolsonaro sobre "kit gay" sejam removidos. **Exame**, 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/16102018013220-tse-tse-determina-que-videos-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-sejam-removidos/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

da mesma forma com que ocorreu com os presidentes estadunidense e russo, ele estabelece grande parte da imprensa tradicional e que efetua críticas a seu governo como adversária e, portanto, como inimiga,[121] apostando, portanto, em meios de comunicação alternativos, chegando ao ponto de recomendar, inclusive, *youtubers* que o defende, conforme foi apresentado anteriormente. Foi por isso que em um de seus primeiros pronunciamentos após as eleições de 2018, Bolsonaro direcionou um de seus principais agradecimentos ao seu público nas redes sociais,[122] ao passo que a grande mídia corporativa nacional foi destratada por ele de maneira negativa logo no dia de sua posse como presidente da república.[123]

No entanto, não é possível tratar da passagem da governamentalidade biopolítica, pautada pela analítica foucaultiana, para o governo ciberpolítico, orientado pela governamentalidade algorítmica capitaneada por distintos representantes das novíssimas direitas, sem considerar aquilo que Achille Mbembe chamou de necropolítica, tendo em vista que

> a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e crias "mundos de morte", formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetias a condições de vida que lhes conferem o estatuto de "mortos-vivos". Sublinhei igualmente algumas das topografias recalcadas de crueldade (plantation e colônia, em particular) e sugeri que o necropoder embaralha as fronteiras de resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade.[124]

Desse modo, a presunção de que o racismo de Estado trazido pela analítica foucaultiana para tratar do contexto biopolítico passou

---

121 Cf. POSSE foi marcada por restrições ao trabalho da imprensa. **DW Brasil**, 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/posse-foi-marcada-por-restri%C3%A7%C3%B5es-ao-trabalho-da-imprensa/a-46921379>. Acesso em: 10 jun. 2018.

122 Cf. PODER360. 1º pronunciamento de Jair Bolsonaro (PSL) após ser eleito o 38º presidente da República. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zU8K1YBZPJ0>. Acesso em: 10 jun. 2018.

123 Cf. RIBEIRO, Janaína. Sem banheiro ou água, jornalistas relatam restrições em posse de Bolsonaro. **Exame**, 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/jornalistas-relatam-serie-de-restricoes-em-posse-de-bolsonaro/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

124 MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: Ed. N-1, 2018, p. 71.

a ser um instrumento necropolítico por meio da governamentalidade algorítmica tipicamente encontrada no contexto ciberpolítico, nos permite constatar que a transformação do Outro e, portanto, do dissidente político, em inimigo, possibilitou o extermínio não apenas simbólico, mas também físico, daqueles que não aderem a condição de capital humano ou mesmo empreendedor de si.[125]

Nesse sentido, os imigrantes, refugiados, populações indígenas ou mesmo populações pauperizadas que se encontram endividadas poderiam ter as suas vidas comprometidas pelo Estado e pelo mercado, tendo em vista que supostamente ameaçariam a existência daqueles que se encontram em uma condição garantida por privilégios justamente porque a

> violência e soberania, nesse caso reivindicam um fundamento divino: a qualidade do povo é forjada pela adoração de uma divindade mítica, e a identidade nacional é imaginada como identidade contra o Outro, contra outras divindades.[126]

Não obstante, quando o autor se refere à identidade nacional imaginada como identidade contra o Outro ou mesmo contra outras divindades, é possível presumir que esse Outro possa ser quaisquer sujeitos que resistem à captura por certa padronização essencialista e unitária acerca do comportamento humano adequadamente normatizado, conforme encontramos na noção de natureza humana típica das tradições conservadoras, sustentadas pela naturalização da hierarquia e autoridade; como também seria razoável imaginar que essas outras divindades versadas por Mbmebe tratariam não apenas do fundamentalismo religioso, mas de Estado, orientado por certa governamentalização de tradição política contratualista,[127] como também um fundamentalismo de mercado, orientado pelo capitalismo financeirizado contemporâneo, que condiciona aqueles sujeitos mais abastados à investirem no capital improdutivo e, portanto, na especulação tipicamente rentista, deixando os pauperizados viverem sem emprego ou até mesmo com um trabalho cada vez mais precarizado, tendo em vista que, conforme argumentou o autor e segundo podemos evidenciar a partir daquilo que estamos chamando de fascismo tropical ou à brasileira, "a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa".[128]

---

125 Cf. FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**... *Op. cit.*

126 Cf. MBEMBE, Achille. **Necropolítica**... *Op. cit.*, p. 42.

127 Cf. *Ibidem*.

128 *Ibidem*, p. 41.

Referências

BAUMAN, Zymunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2011.

BRULLER, Helene. **Aparelho sexual & Cia:** um guia inusitado para crianças descoladas. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa. *In*.: CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial:** um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

COLETTI, Diego O. **"Se eu grito e o governo não escuta... Vamos quebrar":** a instrumentalização política da violência a partir da atuação da tática *black bloc* no Brasil pós junho de 2013. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

DOWBOR, Ladislau. **A Era do capital improdutivo:** a nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Ed. Autonomia Literária, 2017.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

GESSEN, Masha.**The man without face:** *the unlikely rise of Vladimir Putin*. New York: Riverhead, 2012.

GESSEN, Masha. **The future is history:** *how totalitarianism reclaimed Russia*. New York: Riverhead, 2017.

KEHL, Maria R. **Ressentimento**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2015.

KIRK, Russel. **Edmund Burke:** redescobrindo um gênio. São Paulo: Ed. É realizações, 2017.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas:** a abordagem adaptativa indireta com vistas a troca de regime. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ed. Ícone, 2013.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Ed. N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: Ed. N-1, 2018a.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ed. Ubu, 2018.

OAKSHOTT, Michael. **Conservadorismo**. São Paulo: Ed. Ayine, 2016.

ROSA, P. O; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. M. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**, v. 4, p. 4, 2018. Disponivel em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832>.

ROUVROY, Antoinette; BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação? **Revista Eco Pós**, v. 18, n. 02, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2662/2251>.

SCRUTON, Roger. **O que é conservadorismo?** São Paulo: Ed. É realizações, 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In SOUZA, Joyce; Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **A sociedade de controle:** manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Ed. Hedra, 2018.

SOUZA, Jessé. A visibilidade da raça e a invisibilidade da classe: Contra as evidências do conhecimento imediato. *In*.: SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Ed. Leya, 2017.

SNYDER, Timothy. **Sobre a tirania:** vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2017.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed. L&PM, 2018.

TELLES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Kriterium:** revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 59, n. 140, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v59n140/0100-512X-kr-59-140-0429.pdf>.

As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras[1]

Pablo Ornelas Rosa
Rafael Alves Rezende
Victória Mariani de Vargas Martins

Ponderações iniciais

O texto apresentado foi construído a partir da utilização de uma metodologia que estamos chamando de cibercartografia, baseada, sobretudo, na tradição pós-estruturalista, uma vez que considera e aproveita todas as possibilidades de obtenção de elementos discursivos, independente de seus formatos, métodos, técnicas, tecnologias e mecanismos de produção de narrativas. Todavia, foi por meio desta estratégia que conseguimos obter relatos e discursos que possivelmente não seriam localizados de um modo tão particular, justamente porque parte deles foi retirado das redes virtuais e canais visitados neste ciberespaço onde são produzidos e difundidos os seus conteúdos, além das perspectivas extraídas das referências bibliográficas utilizadas.

Apesar da existência de outro método também chamado cibercartográfico, conforme foi exposto inicialmente por Fraser Tylor,[2] mas que não se baseia necessariamente em um ponto de vista genealógico nietzscheano sustentado nos escritos de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, dentre outros autores fundamentais para tratar da complexidade dos conteúdos que circulam pela internet produzidos por certos grupos neoconservadores; adotaremos uma perspectiva pós-estruturalista apostando na investigação das mais distintas formas de produção de

1 Uma versão desse artigo foi publicada com título *As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras* no Dossiê *Direitos Humanos, violência e criminalidade* da Revista de Estudos Paranaenses. ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 04, n. 02, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/issue/view/2702>.

2 Cf. TAYLOR, Fraser. **Developments in the theory and pratice of cybercartography**. Oxford: Elsevier Science, 2014.

análises e extração de informações para além das capturas que se dão em um nível meramente moral.

> O princípio/antiprincípio do cartógrafo o protege da captura pela moral. A análise do desejo assim concebida é, fundamentalmente, uma ética. Explico: se o cartógrafo nada tem a ver com os mundos que se criam (que conteúdos, que valores, que línguas) – a questão moral -, ele tem, e muito, a ver com o quanto a vida que se expõe à sua escuta se permite passagem; com o quanto os mundos que essa vida cria têm como critério sua passagem. Aqui, há uma questão ética. Em outras palavras: se não cabe ao analista do desejo sustentar valores, não é por isso que não lhe cabe sustentar coisa alguma.[3]

Embora utilizemos o método cartográfico apresentado por Rolnik para situar o que estamos chamando de cibercartografia das novíssimas direitas conservadoras brasileiras,[4] ainda o posicionamos em um certo lugar e com uma determinada particularidade espacial, só possível de ser capturada no ciberespaço. É justamente por isso que, além de usarmos os textos produzidos em formato de livro e/ou artigos, também utilizamos esse método no contexto das virtualidades geradas pela internet e de seus desdobramentos no campo da política institucional, sobretudo, no que se refere à busca pelos valores compartilhados pelas direitas neoconservadoras orientadas a partir daquilo que Richard Day chamou de novíssimos movimentos sociais,[5] visando ponderar sobre os seus discursos através de narrativas construídas por autores como Mário Ferreira dos Santos e,[6] principalmente, Olavo de Carvalho -[7] e seus alunos conservadores que o consideram o maior filósofo do país – por meio de vídeos gerados e difundidos por diferentes sujeitos e grupos que reproduzem suas visões de mundo, reiterando, portanto, certa cosmologia conservadora, cristã, colonizadora e ocidêntica encontrada

---

3 ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007, p. 70.

4 Cf. *Ibidem*.

5 Cf. DAY, Richard J. F. **Gramsci is dead:** *anarchist currents in the newest social movements*. Londres: Pluto Press, 2005; *Idem*. **De la hegemonía a la afinidad:** *solidariedad y responsabilidad en los nuevos movimientos sociales*. Madrid: Enclave de Libros, 2016.

6 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: Ed. É realizações, 2012; *Idem*. **Filosofia e Cosmovisão**. São Paulo: Ed. É realizações, 2018.

7 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa. *In*.: CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial:** um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho. Campinas: Vide Editorial, 2012; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

nas supostas teorias acerca do que tem sido chamado de Nova Ordem Mundial, globalismo e guerras culturais.

Não obstante, é importante destacar que segundo o próprio Olavo de Carvalho,[8] Mário Ferreira dos Santos seria o maior pensador brasileiro do século passado, senão o maior filósofo brasileiro, sendo inclusive a maior referência para este escritor autodidata que se reconhece como filósofo, embora não tenha formação acadêmica em nenhuma área do conhecimento científico.[9] Contudo, não estamos querendo desqualificar o autor por não ter formação acadêmica, mas apenas evidenciar os efeitos que uma formação deste tipo pode engendrar do ponto de vista da instrumentalização dos conceitos mediados por especialistas que, ao atuar como professores universitários, possuem a capacidade de mediar a relação entre o neófito no campo e seu entendimento acerca de determinados conceitos, categorias, noções, métodos, etc. Sendo assim, é importante esclarecer que o entendimento valorativo acerca da necessidade de um horizonte moral apresentado por Olavo de Carvalho,[10] nasce a partir de sua leitura etnocêntrica situada a partir do entendimento de Mário Ferreira dos Santos acerca do que o autor chamou de cultura cristã ocidental.[11]

> Para melhor compreensão da matéria sobre a qual versa esta obra de denúncia, é mister caracterizar a cultura cristã ocidental que, enquanto cristã, se caracteriza por uma cosmovisão, que inclui os seguintes princípios: a. O Universo é criatura, inclusive o homem; b. Os povos irmanam-se pela mesma fé, e todos são iguais perante Deus; c. A divindade é providencial; ou seja, providência (tem uma *videntia pro*, vê, dispõe com antecedência o *que pode* acontecer, o possível histórico); d. O homem é um ser inteligente e livre, que pecou livremente; e. Contudo, pode salvar-se, graças a um mediador (Cristo), e pela livre escolha da salvação, ou por uma graça divina (gratuita ou não); f. A paz reinará quando a boa vontade dominar entre os homens, a vontade sadia, liberta dos vícios, que a condenam ao erro. Os princípios, acima descritos, são constituintes da espinha dorsal desta cultura, o que não impede que nela sobrevivam resquícios da cosmovisão grega, da cosmovisão islâmica, da cosmovisão hebraica, e também de outras cosmovisões: contudo

8 Cf. DANIEL Mota. 375 - Olavo de Carvalho | Filosofia de Mário Ferreira dos Santos, grande filósofo brasileiro. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cjW-U51-Q7Y&t=47s>. Acesso em: 11 mai. 2019.

9 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

10 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural...** ***Op. cit***.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

11 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

> subordinadas, em graus intensistas maiores ou menores, à concepção cristã. A destruição do nosso ciclo cultural se completaria com a quebra, ou melhor, a ruptura da tensão dos seis aspectos citados, ameaçados hoje por todos os lados.[12]

Desse modo, podemos evidenciar que a narrativa de Olavo de Carvalho acerca do que entende por cultura cristã ocidental,[13] a partir deste livro de Mário Ferreira dos Santos, o permite construir um discurso persecutório,[14] ou até mesmo aquilo que Howard Becker tratou como cruzada moral e Foucault chamou de racismo de Estado, estabelecendo como inimigos todos aqueles que supostamente ameaçam tal condição imprescindível para a existência humana, tratada de um ponto de vista um tanto quanto equivocado, uma vez que certamente uma das maiores lições da antropologia social é justamente considerar que a cultura não opera de maneira estática, mas sim dinâmica.[15] E, portanto, o entendimento sobre esses valores apontados por ambos os autores parte de uma premissa contrária, já que os seus escritos visam perpetuar elementos de um passado mítico que são impossíveis de serem reproduzidos em nossas sociedades contemporâneas.

Todavia, o resgate de um passado mítico é justamente uma das dimensões mais relevantes para tratar das mais distintas formas de expressão do fascismo, conforme evidenciou Umberto Eco, Jason Stanley, Timothy Snyder, dentre outros,[16] permitindo-nos, inclusive, contatar a emergência de um discurso fundamentado em um viés persecutório que, no contexto de dos Santos passou a ter como alvo os "bárbaros",[17] enquanto que em Olavo de Carvalho essa condição passou a ser atribuída ao chamado marxismos cultural, que opera como uma espécie de conceito elástico que consegue abarcar praticamente

---

12 SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*, p. 19 *et. seq*.

13 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural...** ***Op. cit***.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

14 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

15 Cf. BECKER, Howard. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008; FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

16 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018; STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: Ed: L&PM, 2018; SNYDER Timothy. **Sobre a tirania:** vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2017.

17 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

todas as dimensões da dissidência política,[18] conforme verificamos no trecho abaixo:

> a invasão vertical bárbara neste setor manifesta-se de diversas maneiras, e usa dos mais requintados processos de propaganda subliminal, a fim de influir no subconsciente humano, de modo a colocar a inteligência em seus mais altos voos sob a égide da desconfiança e até da calúnia.[19]

Contudo, apesar dessas pautas terem sido registradas e difundidas em um contexto precedente à emergência da pós-verdade, estabelecida como palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016,[20] acreditamos que a abordagem apresentada por Richard Day tenha nos permitido encontrar algumas características particulares do neconservadorismo brasileiro nos princípios do século XXI através do que estamos chamando de novíssimas direitas conservadoras,[21] considerando a relevância, mas também distinguindo do que Antônio Flávio Pierucci chamou de novas direitas, ao tratar daqueles grupos políticos que vivenciaram os primeiros anos da redemocratização no Brasil a partir da década de 1990.[22]

Portanto, a cibercartografia, que orienta a nossa investigação acerca das novíssimas direitas conservadoras, se deu por meio de uma construção teórica de inspiração pós-estruturalista sustentada por uma perspectiva genealógica, mas que foi trazida inicialmente por Fraser Taylor, compreendendo a organização, apresentação, análise e comunicação da informação espacialmente utilizada como referência de um ponto de vista multidisciplinar tratada de maneira interativa, dinâmica e multisensorial decorrente da utilização de interfaces multimídia e multimodal.[23] Nesse sentido,

> genealogia quer dizer ao mesmo tempo valor da origem e origem dos valores. Genealogia se opõe ao caráter absoluto dos valores tanto quanto a seu caráter relativo ou utilitário. Genealogia

18 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural...** ***Op. cit***.

19 SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*., p. 21 *et. seq*.

20 Cf. HANCOCK, Jaime Rubio. Dicionário Oxford dedica sua palavra do ano, ‘pós-verdade’, a Trump e Brexit. **El País**, 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

21 Cf. DAY, Richard J. F. **Gramsci is dead**... *Op. cit*.; *Idem*. **De la hegemonía a la afinidad**... *Op. cit*.

22 Cf. PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

23 Cf. TAYLOR, Fraser. **Developments in the theory and pratice of cybercartography**... *Op. cit*.

> significa o elemento diferencial dos valores do qual decorre seu próprio valor. Genealogia quer dizer, portanto, origem ou nascimento, mas também diferença ou distância na origem. Genealogia quer dizer nobreza e baixeza, nobreza e vilania, nobreza e decadência na origem. O nobre e o vil, o alto e o baixo: eis o elemento propriamente genealógico ou crítico. Mas, assim compreendida, a crítica é ao mesmo tempo o que há de mais positivo. O elemento diferencial não è critico do valor dos valores, sem ser também o elemento positivo de uma criação. Por isso a crítica nunca è concebida em Nietzsche como uma *reação*, mas sim como uma *ação*.[24]

Sendo assim, investigaremos as novíssimas direitas conservadoras não apenas sob uma perspectiva epistemológica encontrada nos escritos de Nietzsche,[25] mas principalmente sob a ótica de autores como Foucault, Deleuze, Guattari e Rolnik; como também analisaremos genealogicamente a construção discursiva destes grupos a partir de ponderações trazidas pela antropologia social, principalmente através dos estudos de Clifford Geertz sobre o islamismo no Marrocos e na Indonésia,[26] assim como utilizaremos as análises de Claude Lévi-Strauss acerca de seu entendimento sobre raça e cultura,[27] tendo em vista que encontramos nas narrativas de Olavo de Carvalho e sua referência Mário Ferreira dos Santos,[28] assim como no texto de seu aluno Alexandre Costa,[29] bem como nos vídeos de seus seguidores que atuam como *digital influencers* em canais da internet, algumas ponderações resultantes de certos determinismos que comprometem todo o caráter científico de seus posicionamentos, já que confunde o entendimento tanto acerca da noção de ciência quanto de cultura, através de um olhar situado a partir do que poderíamos tratar como etnocentrismo, conforme nos mostra Lévi-Strauss, ao argumentar que

---

24 DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: Ed. N-1, 2018, p. 10 *et. seq*.

25 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2009.

26 Cf. GEERTZ, Clifford. **Observando o Islã:** o desenvolvimento religioso no Marrocos e na In-donésia. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

27 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Lévi-Strauss**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1985. [Coleção Os Pensadores]

28 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit*.; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.; SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

29 Cf. COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

> a atitude mais antiga e que repousa, sem dúvida, sobre fundamentos psicológicos sólidos, pois que tende a reaparecer em cada um de nós quando somos colocados numa situação inesperada, consiste em repudiar pura e simplesmente as formas culturais, morais, religiosas, sociais e estéticas mais afastadas daquelas com que nos identificamos. "Costumes de selvagem", "isso não é nosso", "não deveríamos permitir isso", etc., um sem número de reações grosseiras que traduzem este mesmo calafrio, esta mesma repulsa, em presença de maneiras de viver, de crer ou de pensar que nos são estranhas. Deste modo a Antiguidade confundia tudo que não participava da cultura grega (depois greco-romana) sob o nome de bárbaro; em seguida, a civilização ocidental utilizou o termo de selvagem no mesmo sentido. Ora, por detrás destes epítetos dissimula-se um mesmo juízo: é provável que a palavra bárbaro se refira etimologicamente à confusão e à desarticulação do canto das aves, opostas ao valor significante da linguagem humana; e selvagem, que significa "da floresta", evoca também um gênero de vida animal, por oposição à cultura humana. Recusa-se, tanto num como noutro caso, a admitir a própria diversidade cultural, preferindo repetir da cultura tudo o que esteja conforme à norma sob a qual se vive.[30]

Apesar de a cartografia não ser um método formulado pela analítica foucaultiana, mas por Deleuze e Guattari, também através das análises de Foucault e de seu olhar acerca das perspectivas apresentadas por Nietzsche,[31] é importante mencionar que os agenciamentos coletivos de enunciação nestes espaços virtuais, que têm se dado principalmente por estratégias de *marketing* no contexto da pós-verdade, conseguiram fazer com que o conteúdo das informações produzidas e circuladas pela internet passasse a ser substituído pela forma e formato difundidos por programas disponibilizados no *facebook*, *youtube, instagram,* dentre outros, que conseguem um alcance enorme se comparado à difusão dos conteúdos produzidos e difundidos pelas universidades e demais espaços científicos.

Diante disso, constatamos um aumento e até proliferação de informações distorcidas ou mesmo equivocadas operadas a partir de uma perspectiva utilitária, anti-esquerdista, ani-gênero, etc., que estabelece arbitrariamente os valores ocidentais como os únicos pressupostos da existência de certa humanidade supostamente "civilizada", definindo como inimigos todos aqueles que questionam quaisquer dimensões de mudanças acerca daquilo que entendem como o comportamento mais adequado para os indivíduos e sociedades,

30 LÉVI-STRAUSS, Claude. **Lévi-Strauss**... *Op. cit*., p. 53.

31 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**... *Op. cit*.

amparadas, sobretudo, em certa idealização saudosista baseada na perpetuação do entendimento filosófico e democrático encontrado na construção caricatural da democracia grega, do direito romano e, em especial, dos valores abalizados pela tradição judaico-cristã. Entretanto, é importante mencionar que "Todo sistema cultural tem sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro",[32] pois a tendência mais comum é considerar lógico e racional somente os valores do seu próprio sistema, atribuindo aos demais um alto grau de irracionalidade, justificando certa hierarquia através da desqualificação do outro.

Todavia, realizaremos a nossa análise sobre as narrativas acerca da Nova Ordem Mundial, dentre outros discursos construídos pelos tributários das novíssimas direitas conservadoras brasileiras, a partir dos textos de Olavo de Carvalho,[33] Mário Ferreira dos Santos e Alexandre Costa,[34] assim como por meio de narrativas construídas por certos *digital influencers* que são veementemente influenciados por estes autores, apresentando algumas ponderações sobre a utilização de elementos da pós-verdade encontrada tanto nos sites destes grupos que se reconhecem como de direita e que tiveram algumas páginas retiradas do ar pelo *Facebook* justamente por terem sido acusadas de produzir e difundir *fake news*,[35] como também iniciaremos a nossa análise a partir de elementos trazidos no debate eleitoral dos presidenciáveis no Brasil em 2018.

Também é importante mencionar que a narrativa acerca da chamada Nova Ordem Mundial não foi construída no Brasil por Olavo de Carvalho, mas por grupos cristãos dos Estados Unidos, tendo como marco os escritos apresentados pelo televangelista estadunidense Pat Robertson através de seu livro intitulado *The New World Order*, publicado em 1991, que descrevia um cenário em que os economistas

---

32 LARAIA, Roque de B. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 87.

33 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*; SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

34 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*; COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit*.

35 Cf. HAYNES, Brad. Facebook retira do ar rede de fake news ligada ao MBL antes das eleições. **Uol eleições 2018**, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/reuters/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-dizem-fontes.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

de *Wall Street*, *Federal Reserve System*, *Council on Foreign Relations*, Clube Bilderberg e a Comissão Trilateral eram os gerenciadores de um fluxo de eventos que direcionavam as pessoas para um governo mundial supostamente destinado a enfatizar o Anticristo.[36]

Assim, ao analisar a emergência do fascismo na Itália e seus reflexos no final do século XX, Umberto Eco verificou que aquilo que chama de Ur-fascismo não apenas nasce da frustração individual ou social das classes médias frustradas e desvalorizadas com crises econômicas humilhação política, como também cresce em busca do consenso, atacando as universidade que passaram a serem entendidas como "ninhos de comunistas", conforme sustentou Goebbels, ministro da propaganda no governo nazista.[37] Segundo Eco,

> para os que se veem privados de qualquer identidade social, o Ur-fascismo diz que seu 'único privilégio é o mais comum de todos: ter nascido em um mesmo país. Esta é a origem do "nacionalismo". Além disso, os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos. Assim, na raiz da psicologia Ur-fascista está a *obsessão da conspiração*, possivelmente internacional. Os seguidores têm que se sentir sitiados. O modo mais fácil de fazer emergir uma conspiração é fazer apelo à *xenofobia*. Mas, a conspiração tem que vir também do interior: judeus são, em geral, o melhor objetivo porque oferecem a vantagem de estar, ao mesmo tempo, dentro e fora. Na América, o último exemplo de obsessão pela conspiração foi o livro *The New World Order*, de Pat Robertson. Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo.[38]

Não obstante, é importante destacar que essas supostas teorias não nasceram especificamente no final do século XX, mas no século XIX por meio de narrativas milenaristas apocalípticas iniciadas com John Nelson Darby, dentre outros, que acreditavam em uma conspiração globalista que visava impor essa Nova Ordem Mundial tirânica como forma de cumprir as profecias sobre o fim dos dias encontrados na Bíblia a partir dos livros de Ezequiel, Daniel, evangelhos sinópticos, assim como no livro apocalipse. Contudo, essas narrativas foram utilizadas pelo candidato à presidência do Brasil, Cabo Daciolo (Patriotas), que se reconhece como evangélico, já no primeiro debate à presidência da república do brasil, em 2018.

---

36 Cf. ROBERTSON, Pat. **The New World Order**. Dallas: Word Publishing, 1991.

37 Cf. ECO, Umberto. **Fascismo eterno**... *Op. cit.*

38 *Ibidem*, p. 50 *et. seq.*

O caso Ursal no limiar da pós-verdade

No dia 09 de agosto de 2018 foi realizado pela Rede Bandeirantes de televisão, também conhecida como Band, o primeiro debate entre os candidatos à presidência da república do Brasil.[39] No entanto, um dos pontos mais polêmicos discutidos naquela ocasião se deu através de um questionamento proferido pelo candidato à presidência Cabo Daciolo (Patriota) a outro presidenciável, Ciro Gomes (Partido Democrático Trabalhista – PDT), que acabou sendo acusado não apenas de pertencer a uma organização internacional secreta que estaria conspirando pela articulação e implementação de uma suposta ditadura comunista que integraria os países latino-americanos por meio da chamada Ursal - União das Repúblicas Socialistas da América Latina, como também foi apontado como um dos fundadores do chamado Foro de São Paulo,[40] organização criada em 1990 que visaria uma articulação latino-americana de partidos de esquerda que, no Brasil, está composto pelos seguintes partidos: Partido Democrático Trabalhista – PDT, Partido Comunista do Brasil – PC do B, Partido Comunista Brasileiro - PCB, Partido Pátria Livre, Partido Popular Socialista – PPS, Partido Socialista Brasileiro – PSB e Partido dos Trabalhadores – PT.[41]

Não obstante, antes de realizarmos uma breve análise sobre a polêmica neste debate demarcado pela pós-verdade é importante destacar que o Foro de São Paulo não deveria ser entendido como uma novidade ou como um problema do ponto de vista de suas articulações políticas à esquerda justamente porque antes dele existiram muitas outras organizações que também visavam um alcance internacional - tanto de esquerda quanto de direita - com este mesmo propósito de ampliar o seu contorno em busca de hegemonia, a exemplo dos diferentes momentos políticos vividos na chamada Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT, iniciada no século XIX, que contou com a participação de anarquistas, comunistas e socialistas das mais distintas tradições, conforme mostramos em artigo sobre as divergência entre Karl Marx e Mikhail Bakunin na I Associação Internacional dos Trabalhadores.[42] Do

39 Cf. BAND Jornalismo. Debate na Band: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presideciáveis. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c>. Acesso em: 11 ago. 2018.

40 Cf. **FORO de São Paulo**. Disponível em: <http://forodesaopaulo.org/>. Acesso em: 13 ago. 2018.

41 Cf. PARTIDOS. **Foro de São Paulo** Disponível em: <http://forodesaopaulo.org/partidos/>. Acesso em: 11 ago. 2018.

42 Cf. ROSA, Pablo O. As divergências entre Marx e Bakunin na I Associação

mesmo modo, podemos encontrar outros exemplos mais à direita através do reconhecimento da articulação tanto da sociedade Mont Pelerin quanto do próprio Fórum Econômico Mundial, no século XX, que são organizações internacionais fundamentadas e forjadas a partir de um viés neoliberal que, no limite, visa a redução e até mesmo a eliminação do Estado, enfatizando as supostas benesses decorrentes de uma sociedade baseada no livre mercado, conforme também mostramos em artigo acerca das políticas de controle sobre as drogas no contexto neoliberal.[43]

Contudo, foi em meio ao debate eleitoral mencionado que vimos surgir uma questão um tanto quanto polêmica trazida pelo candidato Cabo Daciolo (Patriota) que não apenas considerou a existência da suposta Ursal, fundamentada em interpretações situadas a partir de leituras abalizadas naquilo que Olavo de Carvalho (2012; 2014; 2018) tem chamado de Nova Ordem Mundial e globalismo,[44] como fez a seguinte pergunta ao outro presidenciável:

> Ciro, o senhor é um dos fundadores do Foro de São Paulo. O senhor pode falar aqui para a população brasileira, para a nação brasileira, sobre o plano Ursal? O que o senhor tem para dizer sobre o plano Ursal, União da República Socialista Latino Americana? Tem algo para dizer à nação brasileira?[45]

O candidato questionado responde com certa perplexidade, tendo em vista que nunca havia ouvido falar dessa suposta Ursal, justamente porque essa organização jamais existiu: "Meu estimado Cabo, eu tive o prazer de lhe conhecer hoje e pelo visto o amigo também não me conhece. Eu não sei o que é isso. Não fui fundador do Foro de São Paulo. E acho que está respondido". O candidato presidenciável Cabo Daciolo protesta e ainda insiste, argumentando:

Internacional dos Trabalhadores. **Revista Mosaico Social**, Florianópolis, a. 02, n. 02, dez. 2004.

43 Cf. *Idem*. Políticas criminais de drogas e globalização econômica. **Seminário Nacional de Sociologia & Política**: GT 04 – Cidadania, controle social e migrações internacionais. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT4/EixoIII/politicas-criminais-drogas-Pablo-Ornelas-Rosa.pdf>.

44 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*; SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*

45 Cf. BAND Jornalismo. Cabo Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: 13 ago. 2018.

> sabe sim. Sabe sim. Nós estamos falando aqui de um plano que chama-se Nova Ordem Mundial, união de toda a América do Sul, conexão de toda a América do Sul, tirando todas as fronteiras. Fazendo uma única nação. Pátria grande. Poucos ouviram falar disso e vai ser pouco divulgado isso. Eles sabem do que nós estamos falando. Quero deixar bem claro que no nosso governo o comunismo não vai ter vez. Vou deixar muito claro isso. E deixar muito claro também para os Estados Unidos e para a China. Infelizmente políticos de nossa nação estão dando a nossa nação. Mas, aqui também não vai mais ter vez. Eles vão disputar o segundo e terceira maior economia do mundo. Porque a nação brasileira no nosso governo vai ficar entre a primeira economia mundial para honra e glória do senhor Jesus Cristo.[46]

A partir daquele momento pudemos verificar a emergência de uma das questões mais urgentes da nossa época acerca da fragilidade das fontes de informação que nos permite ponderar sobre qual seria o limiar entre a verdade e a chamada pós-verdade. Isso tudo porque o objeto da pergunta nunca existiu. Era um embuste que, em decorrência dessa condição, passou a ser polemizado e ridicularizado através de memes[47] e até de músicas[48] que circularam pela internet justamente porque o nome Ursal foi uma invenção criada ironicamente e utilizada pela primeira vez em 2001 pela professora Maria Lúcia Victor Barbosa, como uma espécie de crítica ao Foro de São Paulo realizado em Havana naquele mesmo ano, uma vez que o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores – PT), havia feito um discurso naquele evento, questionando a Área de Livre Comércio das Américas – ALCA e argumentando que o projeto em discussão visava anexar o Brasil e demais países signatários às demandas econômicas estabelecidas pelo governo estadunidense.[49]

No entanto, segundo matéria publicada no jornal Folha de São Paulo no dia 13 de agosto de 2013, foi através do artigo intitulado “Os companheiros”, publicado na internet no dia 9 de dezembro de 2001, que a professora universitária aposentada Maria Lúcia Victor Barbosa

---

46 Cf. BAND Jornalismo. Cabo Daciolo questiona Ciro Gomes sobre Foro de São Paulo e URSAL. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ANqSdWvTlo>. Acesso em: 13 ago. 2018.

47 Cf. TÁ Tudo Bem Agora. Os melhores memes da URSAL. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCaAj4ugPQc>. Acesso em: 13 ago. 2018.

48 Cf. SANDIN, Caio. A URSAL não para: agora tem até samba. **R7 Planalto**, 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/coluna-do-fraga/a-ursal-nao-para-agora-tem-ate-samba-16082018>. Acesso em: 13 ago. 2018.

49 Cf. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <http://www.camara.leg.br/mercosul/blocos/ALCA.htm>. Acesso em: 11 ago. 2018.

apresentou pela primeira vez a palavra Ursal, questionando com certa ironia sobre "qual seria, me pergunto, essa tal integração no modelo Castro-Chávez-Lula? Quem sabe, a criação da União das Republiquetas Socialistas da América Latina (URSAL)?".[50] Não obstante, após ter sido procurada por várias pessoas e pela própria imprensa no intuito de esclarecer sobre essa suposta organização internacional, a professora Maria Lúcia afirmou nesta matéria que "falava para as pessoas 'não passe isso' [adiante], mas não teve jeito, de repente espalhou".[51]

Segundo essa mesma publicação, "Na internet, a referência mais antiga encontrada pela Folha para a Ursal é o artigo de Maria Lúcia". No entanto, no dia primeiro de maio de 2006, portanto, cinco anos após ter sido publicada esta matéria, a existência da Ursal aparece novamente, não mais como brincadeira, mas como fato verídico, sendo utilizada inclusive como prova cabal, como documento comprobatório de sua existência, em artigo publicado por Olavo de Carvalho no Jornal Diário do Comércio.[52] Contudo, é bastante provável que o discurso anticomunista apresentado por Cabo Daciolo esteja fundamentado nas aulas e escritos de Olavo de Carvalho e isso pode ser encontrado em sua síntese acerca dos perigos desta tradição política à esquerda,[53] uma vez que o autor afirma que "O projeto de governo mundial é originariamente comunista".[54]

Embora Olavo de Carvalho tenha mencionado a suposta Ursal em seu texto cinco anos após a sua primeira alusão, insistindo em sua existência e nas presumidas provas cabais que supostamente a evidenciam, Maria Lucia, criadora da expressão que designaria essa presumida organização secreta, disse ter ficado perplexa ao ver sua piada sendo mencionada pelo presidenciável Cabo Daciolo no debate da Band: "Isso é meu, olha onde fui parar, eu fiquei boba", afirma.[55]

50 Cf. PEROTTI, Denise. Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001 como ironia. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>. Acesso em: 13 ago. 2018.

51 *Ibidem*.

52 Cf. CARVALHO, Olavo de. Os inventores do mundo futuro. **Olavo de Carvalho**, 2006. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/os-inventores-do-mundo-futuro/>. Acesso em: 13 ago. 2018.

53 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

54 *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.,* p. 166.

55 Cf. PEROTTI, Denise. Crítica do PT, socióloga diz que inventou Ursal em 2001

Portanto, será por meio deste episódio recente da política institucional brasileira que iniciaremos o nosso artigo, visando ponderar sobre as narrativas reproduzidas pelas novíssimas direitas conservadoras que se articulam, sobretudo por meio de canais da internet como o *Youtube*, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, dentre outros, através de certos discursos construídos principalmente por Olavo de Carvalho tanto por meio de seus livros,[56] quanto em seus vídeos e aulas.[57]

A esses grupos conservadores orientados principalmente pela visão de mundo de Olavo de Carvalho e que passaram a se articularem por canais da internet, divulgando informações equivocadas, distorcidas ou mesmo sem uma fonte devida e que operam como *digital influencers* atuantes no campo das moralizações promovendo racismo de Estado em defesa da sociedade,[58] chamaremos de novíssimas direitas conservadoras. No entanto, essa atribuição conceitual ocorre porque estamos diante de uma grande novidade na história das civilizações, um fenômeno recente que altera radicalmente a forma como nos relacionamos com as informações.

Tudo isso ocorre principalmente porque deixamos de ser meros receptores de notícias selecionadas e difundidas, sobretudo, por grandes corporações privadas e gestoras dos meios de comunicação que operavam através de concessões estatais. Agora, em pleno século XXI, nos vemos diante da possibilidade de cada um de nós poder se transformar em uma espécie de canal de televisão e com a probabilidade ainda de ganhar dinheiro por meio dessa nova condição de homem-empresa ou de *homo oeconomicus*.[59] Basta encontrar a forma mais adequada para atingir o público selecionado através de um formato que consiga capturar aquele que está em busca de alguém que compartilhe com ideias próximas às suas, que um fato equivocado pode ganhar a força de verdade, dependendo da intensidade das visualizações, compartilhamentos e comentários encontrados nas páginas da internet.

---

como ironia. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/critica-do-pt-sociologa-diz-que-inventou-ursal-em-2001-como-ironia.shtml>. Acesso em: 13 ago. 2018.

56 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

57 Cf. OLAVO de Carvalho. **Youtube**, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/olavodeca>. Acesso em: 13 ago. 2018.

58 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

59 Cf. *Idem*. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

Isso, concomitantemente, pode parecer algo muito bom e estranho em um primeiro momento, no entanto, é exatamente essa possibilidade de encontrar uma quantidade enorme de pessoas que pensem de uma maneira parecida ou de uma mesma forma, que permitiu a emergência daquilo que o dicionário Oxford trouxe como palavra do ano em 2016, a pós-verdade, ou seja, fazendo com que a difusão de uma informação sem uma fonte precisa ou mesmo distorcida e até mentirosa, tenha efeito de verdade em suas consequências. Assim, ao definir a pós-verdade como um adjetivo "relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e a crenças pessoais", o Dicionário Oxford reconheceu que a partir de 2016

> a pós-verdade deixou de ser um termo periférico para ser um dos pilares dos comentários políticos, sendo agora muitas vezes usados por grandes publicações sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes.[60]

Desse modo, a pergunta trazida por Cabo Daciolo ao também candidato Ciro Gomes (Partido Democrático Trabalhista – PDT) baseada em sua suposta participação conspiratória nesta organização internacional que existiria visando acabar com a cultura ocidental, conforme argumenta Olavo de Carvalho acerca do que chama de globalismo e guerras culturais,[61] não passou de uma invenção irônica trazida pela professora Maria Lucia, caricaturizando a conduta do ex-presidente Lula frente às determinações da ALCA através da proposição sarcástica daquilo que chamou provocativamente de Ursal. No entanto, embora a Ursal não exista, o Foro de São Paulo existe, porém, não possui a potência e todo esse poderio que presumem tanto o Daciolo quanto a sua referência, Olavo de Carvalho.

Também é importante mencionar que poucos dias após questionar o presidenciável Ciro Gomes acerca de sua participação tanto na Ursal quanto no Foro de São Paulo, o candidato evangélico Cabo Daciolo sobe o monte das Oliveiras atrás de orações e de jejum e posta um vídeo na internet em que afirma que.[62]

---

60 Cf. WORD of the year 2016 is... **Oxford dictionaries**, 2016. of the Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016 Acesso em: 13 ago. 2018.

61 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

62 Cf. RODRIGUES, Artur. Cabo Daciolo sobe o monte para jejuar e diz: 'tentarão me matar'. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/

> Já falei e vou repetir, Nova Ordem Mundial, Illuminati e maçonaria, chega. Chega, vocês vão sair da nação brasileira. A nação brasileira é do Senhor Jesus Cristo. Homens e mulheres que dobram de joelhos a Jesus. Eu tô no monte e nesse momento eu sei que tem muitos brasileiros na sua casa, no seu quarto, no seu monte de oração, no seu quarto de oração, clamando ao Senhor pela nação. Ei, essa Ordem Mundial tem um ciclo por vir e eles querem matança geral. Fechou mais um ciclo de setenta e eles vão tentar matar muitas pessoas pelo mundo. No Brasil vocês não vão entrar. Por que, Daciolo? Porque o Senhor, porque a palavra de Deus, é ele que coloca e é ele que tira o homem do poder. Quero revelar aqui que a estratégia que Deus nos deu é ficar nos montes orando. Por que Daciolo? Porque eles vão tentar me matar. Eles querem me matar. Mas, aqui não toca. Só com autorização divina. Eu tô a disposição dos senhores, só que só em cima dos montes. Lá embaixo, eles vão tentar me matar. Manda subir aqui pra ver se Deus não vai levar. Tenta pegar a gente aqui para ver se Deus não vai levar. Deixar muito claro, Nova Ordem Mundial, Illuminati e a maçonaria, saiam da nação brasileira.[63]

Contudo, Olavo de Carvalho,[64] certamente o maior influenciador das novíssimas direitas conservadoras no Brasil, tem exercido uma autoridade enorme na política brasileira, principalmente no que se refere aos discursos produzidos sobre o processo de redemocratização do país nos anos 1980, alimentando um potente ódio aos islâmicos e, principalmente, socialistas e comunistas, assim como aos liberais que atuam junto ao sistema financeiro internacional, além dos illuminati e da maçonaria, conforme complementa o candidato presidenciável evangélico Cabo Daciolo (Patriotas). Basta verificar o número de inscritos não apenas no seu canal,[65] mas também de boa parte de seus seguidores, a exemplo de Bernardo Kuster,[66] Nando Moura,[67] Terça

poder/2018/08/cabo-daciolo-sobe-a-monte-para-jejuar-e-diz-tentarao-me-matar.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2018.

63 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxXXS7FED70>. Acesso em: 31 ago. 2018.

64 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

65 Cf. OLAVO de Carvalho. **Youtube**, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/olavodeca>. Acesso em: 13 ago. 2018.

66 Cf. BERNARDO P Küster. Aula inédita de Olavo de Carvalho: educação, direito e cultura. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=djPeP-8FYoE>. Acesso em: 13 ago. 2018.

67 Cf. NANDO Moura. Sepultura, Olavo de Carvalho e Danilo Gentili. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BeiBOMKWznE>. Acesso em: 13 ago. 2018.

Livre,[68] Diogo Rox,[69] Spider,[70] O antagonista,[71] dentre muitos outros, além das próprias narrativas históricas que defendem a Monarquia e que estão sendo construídas também por ele, a exemplo, os cursos do Brasil Paralelo,[72] que se fundamentam na ideia de que o Brasil vive sob a égide do socialismo e/ou comunismo desde a década de 1990. Além disso, é preciso mencionar que em 2017 foi realizado o lançamento do filme *O jardim das aflições* - título de um dos livros de Olavo de Carvalho - dirigido por Josias Teófilo.[73]

Também é importante destacar não apenas que o candidato à presidência da república deste eleitorado conservador é Jair Messias Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL), como o seu próprio filho, o deputado federal pelo Rio de Janeiro Eduardo Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL), já chegou a citar - no plenário da câmara dos deputados realizado no dia 06 de junho de 2018 - o livro intitulado “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”, mencionando que Olavo de Carvalho,[74] autor deste escrito, seria o maior filósofo brasileiro e que repudiava veementemente a homenagem feita à Karl Marx naquele mesmo dia.[75] Inclusive, o deputado federal pelo Rio de Janeiro, Eduardo Bolsonaro, chegou a propor uma alteração na redação da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, visando criminalizar a apologia ao comunismo.[76]

68 Cf. TERÇA Livre TV. Olavo de Carvalho: os EUA e a Nova Ordem Mundial. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6niDa27EV_s&t=401s>. Acesso em: 13 ago. 2018.

69 Cf. BLOGDELINKS. Foro de São Paulo, KGB, Nova Ordem Mundial - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NzOSNKtHOek>. Acesso em: 13 ago. 2018.

70 Cf. LILOVLOG. Não Gosta do Olavo? aprenda com o Spider de Carvalho! **Youtube**, 2017 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YyXAG2s6ZJY>. Acesso em: 19 ago. 2018.

71 Cf. O Antagonista. O Antagonista entrevista Olavo de Carvalho - Íntegra: A cultura no Brasil. **Youtube**, 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rr-GSoqff7g>.Acesso em: 19 ago. 2018.

72 Cf. BRASIL Paralelo. **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw>. Acesso em: 13 ago. 2018.

73 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ejOM8_5S_s>. Acesso em: 19 ago. 2018.

74 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

75 Cf. BLOGDELINKS. Foro de São Paulo, KGB, Nova Ordem Mundial - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NzOSNKtHOek>. Acesso em: 13 ago. 2018.

76 Cf. BOLSONARO, Eduardo. PL 5358/2016. **Câmara dos Deputados**, 2016. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/

Assim, neste escrito, apresentaremos uma análise acerca de algumas das dimensões que orientam os discursos e narrativas do que estamos chamando de novíssimas direitas conservadoras brasileiras, localizando-as a partir das aulas, vídeos e livros produzidos e divulgados pelo "professor Olavo de Carvalho" aos seus alunos que, assim como ele, defendem uma cosmologia ocidêntica, católica e conservadora, amparada na caricaturização de suas visões sobre a democracia ateniense, o direito romano e a tradição judaico-cristã que, segundo essa perspectiva etnocêntrica, teriam forjado todo o entendimento que fazemos acerca da civilização ocidental a partir de certa hierarquização de valores decorrente de sua própria perspectiva, na medida em que estes grupos inferiorizam e desqualificam os demais pontos de vista utilizados por outras sociedades que, inclusive, ameaçariam o próprio cristianismo, conforme argumentou Olavo de Carvalho no trecho do vídeo transcrito a seguir:

> você também não se espante com isso porque esse negócio de anti-cristianismo no mundo, isso não é uma coisa passageira. Isso veio para ficar. E veio para piorar. Curiosamente, né? Nas empresas de mídia, né? O globo, a Folha, o New York Times, o Washington Post, eles raramente noticiam, né? Embora a comunidade cristã seja a mais perseguida do mundo notoriamente. Ora, agora, por exemplo, eu recebi este... Eu nem li ainda. Tenho ideia do que está dentro, mas nem li ainda. Chegou esse livro "By Their Blood: Christian Martyrs of the Twentieth Century", Mártires Cristãos do século vinte, James e Martin Hefley. Esse é um dos muitos livros a respeito... Também existe o livro do Robert Royal, "Catholic Martyrs of the Twentieth Century", então você vendo isso, você vê que desde o término da Segunda Guerra, não há comunidade no mundo que seja mais perseguida, que sofra mais violência e mais morticídio do que os cristãos. São 150 mil cristãos que morrem por ano por motivo exclusivo da sua religião. E isso em tempo de paz. Não é guerra nenhuma. Então, isso aí, gente, veio para ficar. Então, enquanto você tem esse genocídio nos países islâmicos e comunistas. Aqui no ocidente, já começou o genocídio cultural que como todo mundo sabe é um preparativo do genocídio puro e simples. Quer dizer, primeiro você quebra a unidade e a honra da comunidade, né? Destruindo os seus símbolos, fazendo daquela comunidade objeto de ódio, tá certo? E depois, quando você os mata, ninguém mais percebe a diferença. Ninguém acha que isso tem nada demais. Isso veio para ficar. Não é brincadeira, tá certo? [77]

---

fichadetramitacao?idProposicao=2085411>. Acesso em: 13 ago. 2018.

77 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Wc_Q2BTy_E>. Acesso em: 27 ago. 2018.

É importante destacar que por cosmologia, cosmovisão ou mesmo visão de mundo, entendemos a maneira como pensamos que o universo ao nosso redor passa a ser organizado e como damos sentido às suas distintas disposições. Ou seja, quando garantimos que o mundo está conformado por entidades naturais, compostas por humanos e por objetos artificiais, enunciamos os princípios de uma cosmologia particular, isto é, mostramos no que se sustenta a nossa própria cosmologia, composta com os nossos próprios valores acerca das coisas que estão a nossa volta e, principalmente, o que pensamos sobre elas. Outros povos não estabelecem as mesmas distinções que nós, inclusive veem o mundo segundo outras perspectivas e, portanto, a partir de suas próprias cosmologias. Sendo assim, foi a nossa cosmologia que tornou possível a emergência e existência da ciência, entretanto, é necessário entender que essa cosmologia não é em si mesma o produto de uma atividade científica. A cosmologia, "é uma maneira de distribuir as entidades do mundo, ela é o fruto de uma certa época que permitiu que as ciências se desenvolvessem.".[78]

Nova Ordem Mundial, globalismo e as guerras culturais

Tudo aquilo que escapa ao entendimento desta suposta unidade cultural, que comporia aquilo que passou a ser chamado pelas novíssimas direitas conservadoras brasileiras de civilização ocidental, construída a partir do cristianismo, deve ser combatido no intuito de que seja garantida aquela suposta ordem que orientou as sociedades até o presente momento, evitando colocar em xeque novos valores que presumidamente comprometeriam sua existência e, portanto, sua cosmologia. É essa uma das principais premissas trazidas pela visão de mundo proposta por Olavo de Carvalho e seus seguidores a partir de sua leitura acerca dos valores cristãos encontrados,[79] sobretudo na tradição escolástica, que teria construído tudo o que temos de bom hoje no planeta, já que

> a falta de santos, de místicos e de filósofos num país de dimensões continentais e quinhentos anos de existência já basta para fazer dele uma anomalia espiritual assustadora, provavelmente sem similar na história universal.[80]

---

78 DESCOLA, Phillipe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Ed. 34, 2016, 48.

79 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

80 *Ibidem*, p. 407.

Ao aderir uma crítica veemente a quaisquer formas de organização social que escapam ao modelo ocidental fundamentado, sobretudo no cristianismo e em seus valores, o autor ainda argumenta que "um mito fundador não é um 'produto cultural', pela simples razão de que ele, e só ele, é a semente de toda a cultura possível".[81] Esses exageros etnocêntricos ainda podem ser localizados facilmente nos escritos de sua referência, Mário Ferreira dos Santos,[82] como também podemos encontrar no livro de seu aluno Alexandre Costa, quando conclui que

> de tudo o que pesquisei nos últimos dez anos, mesmo quando inicialmente a trilha parecia levar a outro lugar, cheguei sempre a um único e mesmo ponto. Todos os artifícios utilizados para a implementação de uma nova civilização são também mecanismos para aprisionar as idéias cristãs dentro de estereótipos condenáveis pela nova cultura, que a cada dia conquista mais espaço. A Nova Ordem Mundial será, antes de tudo, anti-cristã. A espiral repressora que nos leva a esta sufocante realidade avança sem enfrentar resistência e utiliza de mecanismos como o politicamente correto, a moda e o medo. Ela é feita de constrangimento e isolamento crescentes que levarão, sem sombra de dúvida, a perseguições e condenações contra todos que defenderem as palavras e os exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo.[83]

Provavelmente para um estudante de alguma área das ciências humanas, a visão trazida tanto pelo Cabo Daciolo (Patriotas) no debate eleitoral, quanto por Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho e seu aluno Alexandre Costa em seus escritos,[84] seja facilmente situada a partir do que historicamente a antropologia social, em suas mais distintas tradições – à esquerda e à direita, se preferir – tem tratado como etnocentrismo, na medida em que os autores mencionados creem que a sua visão de mundo e, portanto, a sua cosmologia, estão corretas e as demais não apenas estão equivocadas, mas estão sendo construídas a partir de uma conspiração altamente organizada por três grandes grupos que compõem a Nova Ordem Mundial.

---

81 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*., p. 408.

82 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

83 COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit*., p. 147 *et. seq*.

84 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.; Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit*.; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

Como acreditamos que "As explicações encontradas pelos membros das diversas sociedades humanas, portanto, são lógicas e encontram a sua coerência dentro do sistema",[85] partiremos exclusivamente das análises destes autores e *digital influencers,* considerados pelas novíssimas direitas como extremamente importantes para a perpetuação de sua cosmologia, apresentando os principais elementos que orientam a sua racionalidade, conforme segue abaixo:

> as forças históricas que hoje disputam o poder no mundo articulam-se em três projetos de dominação global, que vou denominar provisoriamente "russo-chinês", "ocidental" (às vezes chamado erroneamente de anglo-americano) e "islâmico". Cada um tem uma história bem documentada, mostrando suas origens remotas, as transformações que sofreu ao longo do tempo e o estado atual da sua implementação. Os agentes que hoje os personificam são respectivamente: 1) A elite governante da Rússia e da China, especialmente os serviços secretos desses dois países. 2) A elite financeira ocidental, tal como representada especialmente no Clube Bilderberg, *no Council on Foreign Relations* (CFR) e na Comissão Trilateral. 3) Fraternidade Islâmica, as lideranças religiosas de vários países islâmicos e também alguns governos de países muçulmanos. Desses três agentes, só o primeiro pode ser concebido em termos estritamente geopolíticos, já que seus planos e ações correspondem a interesses nacionais e regionais bem definidos. O segundo, que está mais avançado na consecução de seus planos de governo mundial, coloca-se explicitamente acima de quaisquer interesses nacionais, inclusive os dos países onde se originou e que lhe servem de base de operações. No terceiro, eventuais conflitos de interesses entre os governos nacionais e o objetivo maior do Califado Universal acabam sempre resolvidos em favor deste último que embora só exista atualmente como ideal tem sua autoridade simbólica fundada em mandamentos corânicos que nenhum governo islâmico ousaria contrariar de frente.[86]

Contudo, constatamos que a visão de mundo, cosmovisão ou mesmo cosmologia que orienta as novíssimas direitas conservadoras brasileiras, tenha sido construída a partir de leituras descobertas nos escritos de Mário Ferreira do Santos,[87] de quem o próprio Olavo de Carvalho reconhece ser "a maior criação da inteligência humana ao

85 LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit.*, p. 91.

86 CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*, p. 45 *et. seq.*

87 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.

longo de toda a existência do Brasil".[88] Entretanto, será exatamente por meio dessa sua grande referência que encontramos certo comprometimento acerca de todas as suas análises do ponto de vista epistemológico, justamente porque o olhar apresentado se fundamenta naquilo que a antropologia social passou a chamar não apenas de etnocentrismo, mas principalmente de racismo, conforme verificamos na seguinte passagem:

> ora, quem conhece a África sabe que a incorporação do negro na cultura e na civilização branca é um problema desafiador. São milênios de vida selvagem, de espírito tribal, de sectarismo, de exclusivismo, de lutas cruentas entre povos, grande parte ainda antropófagos e de ferocidade animal, populações inteiras primárias, de baixo nível cultural e técnico, que sempre viram naquele que tem uma fisionomia e um corpo parecido consigo, não o seu semelhante, e muito menos o seu próximo, mas, ao contrário, o seu inimigo atual ou potencial, alguém que deseja explorá-lo, escravizá-lo, dominá-lo. Repetimos: quem viajou à África, quem estudou os povos africanos, sobretudo os negros (pois, aqui, queremos tratar apenas dos negros) sabe que é assim. Não estamos exagerando nada, estamos sóbrios, sobríssimos, apenas mostrando o que é geral, o que é universal lá, sem salientar as formas excessivas que ultrapassam até as imagens num pesadelo de tigre. Não queremos nos referir a exceções, apenas à regra em geral. Os africanos conscientes, aqueles que já cursaram universidades europeias, que já receberam os ensinamentos religiosos (sobretudo esses) sentem estímulos (mais vagos ou mais sinceros) de serem diferentes.[89]

Esse conceito de etnocentrismo, que orienta todo o pensamento conservador e fascista demandando algumas vezes práticas extremamente racistas como constatamos no trecho de Mário Ferreira dos Santos que inferioriza as distintas sociedades africanas, se fundamenta na ideia de que "cada cultura ordenou a seu modo o mundo que a circunscreve e que esta ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais".[90] Assim, a nossa forma de enxergar o mundo geralmente está amparada em um olhar fundamentado nos nossos valores e não nos valores daquelas sociedades e culturas que estamos investigando. Apesar disso, o reconhecimento deste fenômeno por parte destes autores não é percebido por Mário Ferreira dos Santos e muito menos por Olavo

---

88 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQavHMAi61E>. Acesso no dia 13 de agosto de 2018.

89 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*, p. 73 *et. seq*.

90 LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit.*, p. 92.

de Carvalho,[91] já que ambos tomam a sua visão de mundo não apenas como a mais adequada, mas como a única possível, conforme podemos encontrar na seguinte passagem:

> outro aspecto que revela a barbarização é a floração crescente dos credos primitivos. As religiões dos ciclos culturais inferiores, a maneira primária de conceber a divindade, os rituais mais primitivos encontram campo livre, e apoio de multidões, e até de pessoas julgadas cultas. Em nosso país, tais fatos se multiplicam, em uma mistura de cristianismo, espiritismo, feitiçaria, umbandismo, e apresentam as formas mais bizarras. Na multidão, uma ambivalência entre Nossa Senhora e divindades pagãs é comum, quando se confundem e se identificam de tal modo que não se sabe mais se Nossa Senhora é Iemanjá ou Iemanjá é Nossa senhora. Um clero, em grande parte ignorante e indevidamente preparado, mal disposto para a ação pastoral, malogra a cada dia que passa. É preciso ter olhos de cego para não ver que o catolicismo, No Brasil, perde terreno numa progressão espantosa.[92]

Nesse trecho, fica evidente como a leitura etnocêntrica deste autor tributário do pensamento conservador se apresenta em distintas dimensões, que vão desde o estabelecimento de uma suposta linha evolutiva através da atribuição da condição de "primitivos", "selvagens", "bárbaros" ou qualquer outra expressão desqualificadora que se apresenta frente aos "civilizados", que desde Franz Boas passou a ser questionada do ponto de vista de uma hierarquia entre indivíduos e culturas;[93] até mesmo a adesão a determinada perspectiva que reivindica certa autoridade do ponto de vista do desenvolvimento humano e das religiões, assim como o entendimento da dimensão estática das culturas, tendo em vista que elas, ao contrário, são dinâmicas, já que "É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna".[94]

É por isso que a antropologia social nos chama a atenção para o relativismo cultural, argumentando que

> se todas as culturas merecem a mesma atenção e o mesmo interesse por parte do pesquisador, isto não leva a conclusão de que todas elas são socialmente reconhecidas como de mesmo

91 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*; CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

92 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*, p. 43 *et. seq.*

93 Cf. BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**... *Op. cit.*

94 LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit.*, p. 96.

> valor. Não se pode passar de um princípio metodológico a um julgamento de valor".[95]

Nesse sentido, o que vemos nas perspectivas de autores conservadores como Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho e Alexandre Costa,[96] a partir da citação anterior, é justamente a atribuição de valores ao invés da utilização daquilo que Cuche, dentre muitos outros, chamam de neutralidade ética, que em decorrência de sua ausência e através dos juízos de valor orientados por um viés exclusivamente cristão do ponto de vista religioso,[97] acabam por comprometer a análise, tendo em vista a fragilidade metodológica e epistêmica trazida nestas abordagens que orientam o pensamento das novíssimas direitas conservadoras brasileiras.

Não obstante, é preciso entender que a leitura etnocêntrica trazida por Olavo de Carvalho que, no limite,[98] reitera aquilo que Foucault chamou de racismo de Estado,[99] se difere, em certa medida, do racismo em sua dimensão exclusivamente racial, indo além desta perspectiva, na medida em que entendemos que, através dos temas do evolucionismo, "O racismo vai se desenvolver primo com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador".[100]

> O aprofundamento da idéia antropológica de cultura leva igualmente a reexaminar a noção de etnocentrismo. Uma distorção de sentido se produziu quando a palavra, até então utilizada somente nas ciências sociais, caiu no uso comum. Cada vez mais, pelo abuso de linguagem, etnocentrismo se tornou sinônimo de racismo. O etnocentrismo então passou a ser condenado com o mesmo vigor que o racismo. Ora, o racismo, mais do que uma atitude é uma ideologia, baseada em pressupostos pseudocientíficos cuja origem pode ser datada historicamente [Simon, 1970] e que está longe de ser universal. O etnocentrismo, ao contrário, pode ser encontrado tanto nas sociedades "primitivas", que consideram geralmente os seus

---

95 CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Ed. EDUSC, 1999, p. 144.

96 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*; CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.;* COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit*.

97 Cf. CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**... *Op. cit*.

98 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

99 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

100 *Ibidem*, p. 216.

> vizinhos como inferiores em humanidade quanto nas sociedades mais "modernas" que se julgam mais "civilizadas".[101]

Nesse sentido, o olhar trazido por Cuche na citação anterior, por Lévi-Strauss e Geertz,[102] nos permite compreender como as visões trazidas tanto por Santos quanto por Carvalho e Costa não apenas se fundamentam em certa caricaturização do passado,[103] na medida em que acreditam que as suas interpretações históricas sejam fidedignas a esse saudoso lugar histórico, entendido como o espaço da segurança no que se refere ao ideal das condutas humanas, como também fomentam uma relação assimétrica que desqualifica aquelas culturas que não compartilham com os seus valores e visões de mundo, reiterando o que Foucault chamou de racismo de Estado.[104]

Portanto, foi no final de sua aula intitulada "Em defesa da sociedade", realizada entre janeiro e março de 1976 no *Còllege de France*, que Foucault mostrou como aconteceu a passagem da guerra das raças, nascida no século XVIII, para o que chamou de racismo de Estado, retomando como fenômeno fundamental do século XIX por meio da investida do poder sobre o homem enquanto ser vivo, proporcionando uma espécie de estatização do biológico,[105] conforme podemos encontrar tanto na experiência da Alemanha nazista quanto do próprio socialismo soviético, a partir do que o autor chamou de biopolítica.[106]

É bastante óbvio reconhecer que o racismo não nasceu nessa época. Contudo, a particularidade do racismo de Estado se deu pelo fato de que o que o inseriu nos mecanismos do Estado foi a

---

101 CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**... *Op. cit*., p. 242.

102 Cf. *Ibidem*; LÉVI-STRAUSS, Claude. **Lévi-Strauss**... *Op. cit*.; GEERTZ, Clifford. **Observando o Islã**... *Op. cit*.

103 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit*.; CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit*.; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.;* COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit*.

104 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

105 *Ibidem*.

106 Segundo Foucault, essa nova tecnologia de poder chamada por ele de biopolítica seria um conjunto de procedimentos de controle, regulamentação e normalização decorrentes tanto das taxas de nascimentos e óbitos, quanto das taxas de reprodução e fecundidade da população, estabelecidas por certos processos que abarcam a natalidade e mortalidade tratando também da longevidade da vida que, a partir da segunda metade do século XVIII, passou a constituir uma série problemas econômicos e políticos seus primeiros alvos de controle. *Ibidem*.

emergência deste biopoder não apenas legitimador, mas legalizador da morte daqueles que ameaçavam a normalidade da vida saudável da população, uma vez que o imperativo do extermínio só seria admissível se estivesse fundamentado na eliminação do perigo biológico, ao mesmo tempo em que fortalecesse a própria espécie ou raça. Nesse sentido, as idéias trazidas pelas novíssimas direitas conservadoras amparadas nos escritos de Olavo de Carvalho podem ser entendidas a partir desta perspectiva,[107] uma vez que visam não apenas a desqualificação daqueles grupos, entendidos como inimigos justamente porque não compartilham uma mesma visão de mundo cristã, mas, sobretudo, o seu próprio extermínio.

> Qualquer homem se pode transformar em etnógrafo e ir partilhar no local a existência de uma sociedade que o interesse: pelo contrário, mesmo que ele se transforme num historiador ou arqueólogo, nunca poderia entrar em contato direto com uma civilização desaparecida; só o poderá fazer através dos documentos escritos ou dos monumentos figurados que esta sociedade – ou outras – tiverem deixado a seu respeito. Enfim, não devemos esquecer que as sociedades contemporâneas que continuam a ignorar a escrita, aquelas a que nós chamamos "selvagens" ou "primitivas", foram, também elas, precedidas por outras formas, cujo conhecimento é praticamente impossível, mesmo de maneira indireta; um inventário consciencioso deverá reservar-lhes um número de casas em branco infinitamente mais elevado do que aquele em que nos sentimos capazes de inscrever qualquer coisa. Impõe-se uma primeira constatação: a diversidade de culturas é de fato no presente, e também de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a dela conhecer.[108]

Não obstante, é importante esclarecer que estamos partindo de uma crítica ao pensamento do Olavo de Carvalho a partir de certas tradições das ciências sociais, sobretudo das perspectivas antropológicas trazidas por Lévi-Strauss e Geertz,[109] localizando o olhar etnocêntrico e mais especificamente cristocêntrico, ocidêntico e colonizador, para depois relacionarmos às práticas e cosmologias destas novíssimas direitas conservadoras a partir daquilo que Foucault chamou de racismo de Estado.[110] Foi por isso que iniciamos nossa análise apresentando

107 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

108 LÉVI-STRAUSS, Claude. **Lévi-Strauss**... *Op. cit.*, p. 49.

109 Cf. *Ibidem*; GEERTZ, Clifford. **Observando o Islã**... *Op. cit.*

110 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*

justamente o que propiciou a construção imaginativa do presidenciável Cabo Daciolo (Patriota), fundamentada nas hipóteses trazidas já há algumas décadas por Olavo de Carvalho, acerca do que o autor tem chamado de Nova Ordem Mundial, globalismo e os seus reflexos através das chamadas guerras culturais.[111]

Mas do que realmente se trata o globalismo e a Nova Ordem Mundial? Uma definição mais apressada poderia supor que são categorias que compõem uma teoria da conspiração elaborada por conservadores cristãos que procuram acusar os liberais estadunidenses de comunistas, que supostamente ameaçariam a cultura ocidental e, portanto, os valores que presumidamente orientam o nosso estilo de vida partindo de uma perspectiva anti-cristã e anti-cristo.

Contudo, certamente a narrativa mais interpretada no Brasil acerca dessas categorias pode ser encontrada não apenas na versão brasileira fundamentada nas ideias de Olavo de Carvalho,[112] como pode ser apresentada pelo *youtuber* Luiz Camargo Vlog que não apenas afirma ser conservador e eleitor do Bolsonaro,[113] como também reconhece "o professor Olavo" como o maior filósofo brasileiro.[114] Segundo Luiz Camargo Vlog, a luta é contra o globalismo que seria um conceito ou estratégia que visaria transformar o mundo em uma espécie de nação única, com um único governo orientado por um mesmo arcabouço de leis, religião e, principalmente, uma única cultura, construindo, portanto, um ambiente ideal para que uma pequena elite possa governar o planeta. Assim, o seu propósito único seria transformar toda a humanidade em escravos dessa pequena elite, sem criar a menor resistência diante desse processo.

Segundo Luiz Camargo Vlog, a interpretação feita acerca do anticristo, escrito no livro apocalipse da Bíblia, não se trata de uma pessoa especificamente ou de uma besta que governará o mundo, mas sim um sistema em que as pessoas se engajarão, conduzindo a

---

111 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

112 *Ibidem*.

113 Cf. LUIZ Carmargo vlog. Entenda o que é GLOBALISMO ou NOVA ORDEM MUNDIAL! **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xAJYd-k5zWw&t=125s>. Acesso em: 30 ago. 2018.

114 Cf. LUIZ Carmargo vlog. Conservadorismo sufocado e o efeito Bolsonaro! **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xb-fM9d2JhY>. Acesso em: 30 ago. 2018.

humanidade a sua total desgraça. Todavia, esse sistema, que seria adornado por palavras como paz, ecologia, igualdade social, inclusão, tolerância, ou seja, expressões que ninguém ousaria questionar sob o risco de ser chamado de preconceituoso ou mesmo de fascista, receberia o nome de Nova Ordem Mundial. Nesse sentido, o maior obstáculo para a ascensão do globalismo seria, segundo ele, a cultura ocidental que, ao se sustentar pela tríplice moral judaico-cristã, direito romano e filosofia grega, precisaria ser totalmente desmantelada na medida em que seria suplantada por uma cultura global.

Seria exatamente essa tríplice associação que impediria qualquer reorganização ou mudança drástica na nossa civilização. Por isso, para que a Nova Ordem Mundial seja estabelecida sem maiores oposições, se faz necessário que esses três pilares sejam desconstruídos e, paralelamente a isso, também seria necessário produzir um ambiente geopolítico adequado para a sua implementação. Luiz Camargo Vlog ainda elenca quatro fatores de preparação para que esse governo global seja possível. O primeiro, se daria pela suposta hegemonia da esquerda no poder político tanto dos partidos moderados quanto radicais, visto que o socialismo, influenciado pela Escola de Frankfurt, também visaria desmontar aqueles valores oriundos dessa tríplice que se faz presente na cultura ocidental.

O segundo fator elencado pelo *digital influencer* conservador seria justamente o que as novíssimas direitas de modo geral têm chamado de "politicamente correto", que seria uma espécie de tirania moral que não permitiria o questionamento daqueles conceitos supostamente propostos pelos globalistas. Já o terceiro, seria o sistema de economia metacapitalista, em que o governo comprometido com o globalismo não apenas apoiaria, mas também financiaria algumas empresas através da máquina pública, na medida em que essas empresas ascenderiam no cenário econômico, comprando outras empresas e assim criariam o monopólio. E, em contrapartida, financiariam a estadia inexaurível deste governo no poder. Assim, o metacapitalismo seria uma espécie de simbiose entre o Estado e a iniciativa privada. Inclusive, é por esse motivo que diversos grupos que compõem essas novíssimas direitas passaram a divulgar cartazes com a frase "Olavo tem razão",[115] associando a Operação Lava Jato como um

115 Cf. FFARINAZZI, Carla. Manifestações 15 de novembro, movimentos de oposição - ainda o Islamismo. Disponível em: <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2015/11/15/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

exemplo do diagnóstico metacapitalista,[116] apresentado por Olavo de Carvalho.[117]

Por fim, temos o quarto e último fator que seria a elaboração e promoção das pautas progressistas que, através de recursos oriundos da agenda globalista bancada tanto por parte do governo quanto da iniciativa privada, financiariam militantes de movimentos sociais que lutariam em prol da legalização das drogas, descriminalização do aborto, casamento gay, multiculturalismo, facilidade de trânsito migratório entre países, cotas raciais, privilégios para minorias, fim da meritocracia, dentre muitas outras propostas amparadas no reconhecimento de direitos sociais, civis e políticos que são disseminadas pela mídia e pelos formadores de opinião visando construir uma sociedade mais justa. Desse modo, segundo Luiz Camargo Vlog, essas pautas são chamadas de progressistas justamente porque trazem propostas que se apresentam como uma espécie de progresso no "consciente coletivo", tratando como retrocesso tudo aquilo que for contrário a essas pautas.

Desse modo, o *youtuber* mencionado argumenta que, diante da ação conjunta desses fatores, dentre muitos outros que não foram mencionados, é possível verificar que esse cenário político, econômico, social, moral, cultural, etc. passou a ser paulatinamente desenhado para que seja possível implantar essa Nova Ordem Mundial. Assim, ao se questionar sobre quem seria essa elite que busca governar o mundo inteiro, Luiz Camargo Vlog responde que "Existem três forças históricas que disputam um projeto de domínio mundial: I) o russo-chinês, chamado de eurasiano; II) o ocidental, que são os chamados globalistas; III) e o islâmico."

No primeiro caso, visualiza-se um poder político e militar, que é a elite governante da Rússia e da China, em especial os seus serviços secretos; no segundo, presume-se a existência de um poder econômico, que seria a elite financeira ocidental, tal como representada no Clube Bilderberg, as famílias Rothschild e Rockefeller e, principalmente George Soros que, segundo Luiz Camargo Vlog, possuiria tentáculos em todos os setores do mundo contemporâneo; e, por fim, teríamos um poder religioso decorrente da fraternidade muçulmana, representada pelas lideranças religiosas de diversos países islâmicos. Assim, embora

116 Cf. MINISTÉRIO Público Federal. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/para-o-cidadao/caso-lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 30 ago. 2018.

117 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

as concepções de poder global apresentadas a partir desses três agentes sejam bastante distintas entre si, uma vez que nascem de inspirações completamente heterogêneas; a competição e disputa, inclusive militar, são elementos recorrentes dessas forças, mesmo que suas fusões ocorram em determinadas dimensões, na medida em que os seus objetivos se fundamentam na destruição da cultura ocidental.

Apesar de, tanto o Cabo Daciolo quanto Olavo de Carvalho e demais autores conservadores defenderem uma atitude persecutória para com aqueles que ameaçam a existência da "velha ordem mundial",[118] fundamentada em uma caricaturização do passado baseada em leituras equivocadas acerca da noção de cultura, tratada em termos estáticos, e a partir de certa visão estabelecida através da idéia de uma "alta cultura"; a noção de racismo de Estado, trazida por Foucault,[119] nos permite não apenas compreender como será "em defesa da sociedade" que os inimigos serão criados – globalistas, comunistas e islâmicos -, como o próprio entendimento de Olavo de Carvalho ,[120] que aproxima esse autor francês da esquerda, do socialismo e, portanto, daquilo que chamou de perspectiva eurasiana,[121] se apresentando como um grande equívoco, conforme mostramos abaixo:

> solução final para as outras raças, suicídio absoluto da raça [alemã]. Era a isso que levava essa mecânica inscrita no funcionamento do Estado moderno. Apenas o nazismo, é claro, levou até o paradoxismo o jogo entre o direito soberano de matar e os mecanismos do biopoder. Mas tal jogo está efetivamente inscrito no funcionamento de todos os Estados capitalistas? Pois bem, não é certo. Eu creio que justamente – mas essa seria uma outra demonstração – o Estado socialista, o socialismo, é tão marcado de racismo quanto o funcionamento do Estado moderno, do Estado capitalista. Em face do racismo de Estado, que conformou nas condições de que lhes falei, constitui-se um social-racismo que não esperou a formação dos Estados socialistas para aparecer. O socialismo foi, logo de saída, no século XIX, um racismo.[122]

---

118 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

119 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

120 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*

121 Cf. BRASIL Ano Zero. Olavo de Carvalho - Diferença entre globalismo e globalização, Michel Foucault. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ggM4rAL5NWA>. Acesso em: 27 ago. 2018.

122 FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*., p. 219.

Certamente quando apresenta os três projetos de controle global sobre as condutas humanas, Olavo de Carvalho não apenas revela sua interpretação acerca dos possíveis conflitos que se encontram em busca de um projeto hegemônico de controle planetário,[123] como mostra a sua perspectiva, a sua visão de mundo e, portanto, a sua cosmologia, fundamentada naquilo que entende como o mais correto e adequado não apenas ao Brasil, mas aos demais países.

Isso ocorre, sobretudo, a partir da sua construção amparada tanto em um modelo societário saudosista e caricaturizado, encontrado em um tempo um tanto quanto distante do nosso a partir de valores produzidos por certo entendimento distorcido sobre a democracia grega, o direito romano e a tradição judaico-cristã; como também presume a construção da condição de inimigo a todos aqueles que questionam a existência destes valores que supostamente permitiram a dominação daquilo que passamos a chamar recorrentemente de civilização, já que "A Bíblia, mito fundador da civilização ocidental, está no fundo de toda a nossa compreensão de nós mesmos e de todas as nossas possibilidades de ação".[124]

No entanto, o trecho citado anteriormente nos permite compreender que o olhar deste autor acerca da noção de cultura se apresenta desatualizado, na medida em que mostra certo desconhecimento ou mesmo um não reconhecimento de que essa visão se encontra ultrapassada do ponto de vista das distintas tradições da antropologia social, campo do conhecimento científico que tem como objeto o estudo das diferentes culturas.

> A desconstrução da ideia de cultura subjacente aos primeiros usos do conceito, marcada por um certo essencialismo e pelo "mito das origens", supostamente puras, de toda cultura, foi uma etapa necessária e permitiu uma avança epistemológico. A dimensão relacional de todas as culturas pôde assim ser evidenciada.[125]

Tendo em vista que Olavo de Carvalho apresenta a sua visão acerca da noção de cultura fundamentada em uma perspectiva amparada na antropologia evolucionista,[126] primeira tradição deste campo do

---

123 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

124 CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*, p. 408.

125 CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**... *Op. cit.*, p. 238.

126 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um**

conhecimento científico que nasce com a antropologia de gabinete de Edward Tylor, no século XIX, e que acreditava em uma escala unilinear do desenvolvimento e/ou evolução humana;[127] o seu entendimento se fundamentará na ideia de que tudo aquilo que ameaça certos valores, sobretudo, judaico-cristãos, que supostamente teriam permitido o nosso desenvolvimento enquanto seres humanos, deve ser entendido como algo atrasado, como um empecilho para o progresso, sendo, portanto, "primitivo", "selvagem", ou mesmo "bárbaro". Contudo, "O bárbaro é em primeiro lugar o homem que crê na barbárie".[128]

Nesse sentido, é plausível compreender como o olhar etnocêntrico tanto de Olavo de Carvalho,[129] quanto de Cabo Daciolo e demais *youtubers* que se apresentam como tributários daquilo que estamos chamando de novíssimas direitas conservadoras, possibilita não apenas localizar certo entendimento amparado em discursos conspiratórios, como permite produzir e/ou localizar possíveis inimigos - os "bárbaros" e "selvagens" da nossa época – que, ao questionar os pilares de suas interpretações históricas supostamente fidedignas, definem quem deverá ser combatido no intuito de garantir a permanência daqueles valores caricaturizados em um passado distante, mas que podem ser encontrados nas tradições ocidênticas, sobretudo no cristianismo, transformando, portanto, em inimigo aqueles que compartilham uma cosmologia distinta da sua. No entanto, o que ocorre é uma inversão e exagero de quem ameaça quem, conforme segue a narrativa abaixo:

> sejam comunistas, islâmicos ou bilionários, para implementar seus planos, não basta o poder sobre as instituições da nossa sociedade, é necessário destruir as instituições e o que estas simbolizam, é preciso inverter os valores e rebaixar a capacidade racional da maioria, corrompê-la com esmolas e desmoralizá-la com vulgaridades. Só com uma civilização destruída se pode implementar outra. O próprio David Rockefeller diz que a Nova Ordem Mundial vai emergir do caos. Pior: diz ele ainda que para a população aceitar a Nova Ordem Mundial, falta apenas a crise certa. O objetivo não declarado é a destruição da sociedade ocidental em que vivemos, baseada nos valores, crenças e costumes, que formaram nossas personalidades. Com todos os seus defeitos, a civilização que surgiu na Europa sobre as bases da

idiota... *Op. cit.*,

127 Cf. CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**... *Op. cit.*

128 LÉVI-STRAUSS, Claude. **Lévi-Strauss**... *Op. cit.*, p. 54.

129 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

> moral cristã, do pensamento grego e do direito romano é a mais avançada, justa e próspera civilização que a história humana conheceu. A urgência em destruir os pilares da civilização ocidental, portanto, é apenas um desdobramento lógico do que está nos parágrafos anteriores. E quais são esses pilares? 1. A alta cultura, 2. A ordem jurídica, 3. O cristianismo.[130]

Essa mesma narrativa etnocêntrica, que se enxerga a partir de uma lente persecutória e que, em decorrência disso, produz certo racismo de Estado,[131] foi construída por Olavo de Carvalho e passou a ser reproduzida veementemente por seus alunos, [132]como Alexandre Costa,[133] podendo também ser encontrada em vídeos postados por seus discípulos, a exemplo do que ocorreu com o articulista do canal Terça Livre, Allan dos Santos, que inclusive chegou a entrevistar Olavo de Carvalho tendo como objeto de análise os Estados Unidos e a Nova Ordem Mundial,[134] apresentando - de uma maneira simplificada e bastante agressiva -[135] uma espécie de resumo acerca deste assunto.

Contudo, é importante mencionar que, embora tenha diagnosticado essas três forças que se encontram em busca de hegemonia - comunistas, islâmicos e banqueiros -, Olavo de Carvalho não considera a pujança da qual se reconhece como tributário – o catolicismo – como outra dimensão destas lutas, justamente porque ele olha para esse campo a partir de sua visão etnocêntrica e, portanto, por meio de sua própria cosmologia ocidêntica e civilizatória, tributária do discurso do colonizador. É por isso que, antes de analisarmos a narrativa de Allan dos Santos, aluno de Olavo de Carvalho que possui um canal no *youtube* chamado Terça Livre, se faz necessário compreender que,

> se a cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história das

130 COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit.*, p. 28 *et. seq.*

131 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit.*

132 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

133 Cf. COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit.*

134 Cf. TERÇA Livre TV. Olavo de Carvalho: os EUA e a Nova Ordem Mundial. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6niDa27EV_s&t=785s>. Acesso em: 24 ago. 2018.

135 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQavHMAi61E>. Acesso em: 24 ago. 2018.

relações dos grupos sociais entre si. Para analisar um sistema cultural, é então necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz como é.[136]

Assim, o vídeo apresentado de uma forma didática - porém agressiva - por Allan dos Santos no canal Terça Livre do *youtube* nos mostra não apenas uma espécie de síntese de sua leitura acerca de questões como a Nova Ordem Mundial, globalismo e suas consequências acerca das guerras culturais, como nos permite encontrar os principais inimigos construídos por essa narrativa e que podem, portanto, serem compreendidos como os novos "bárbaros" e "primitivos", a exemplo dos comunistas, islâmicos e bilionários, que supostamente deveriam ter sua existência erradicada da terra já que representam o mal, enquanto aqueles que os julgam se apresentam como representantes do bem. Neste vídeo disponibilizado no canal Terça Livre do *youtube*, que conta com mais de 375 mil visualizações, Allan dos Santos simplifica as análises de Olavo de Carvalho sobre estas questões, conforme segue:

o que nós chamamos de civilização, tá? Ci-vi-li-za-ção. Que foi da Europa para o mundo, foi construído numa base onde nós podemos colocar três pilares. Três pilares! Você pode dizer assim: Atenas, Roma e Jerusalém. Isso é o que nós chamamos de civilização. Por que? Daqui nós teremos a filosofia, tá? Eu vou botar a letra "F" em grego aqui. Filosofia! O direito romano, que depois ainda evoluiu bastante e teve um grande progresso e lá vai ser o ápice, inclusive, também da filosofia e, inclusive, também da moral, na escolástica, ou seja, na Idade Média. Resgate! Ah, lá vai esses conservadores falar de Idade Média. Oh mongoloide, quem manteve esses textos foram os cristãos porque os muçulmanos destruíram bibliotecas. Então, antes de você falar merda, né!? Eu não tô com muita paciência hoje não porque tem muito mongolóide abrindo a boca, aí. Esse Marcelo Farias aí, do instituto Liberal de São Paulo é uma besta. Um bicho burro, burro, burro mesmo. Eu não consigo nem imaginar que é má vontade ou que o cara é socialista. Não, não é não. O cara quer realmente o bem do país, mas é burro, burro que só ele. E aqui, a moral. A gente pode colocar aqui tanto... ou a cultura, vamos dizer assim. Moral, vamos entender melhor, para que fique claro: cultura judaico-cristã. Ah, Alan, se o ápice foi na Idade Média, por que não colocar apenas cristã? Não, porque nós também temos contribuições dos judeus. Muito bem, isso aqui é a civilização! Por mais que tenhamos ainda resquícios, né? – eu vou escrever filosofia aqui, caso alguém vá dizer depois que não entendeu, tá? Filosofia, tá? Vou separar aqui para que vocês possam entender bem. Não fique nada, não reste nenhuma dúvida, tá? Essa é a base do ocidente! É isso aqui o que reflete todo o progresso econômico, tecnológico, enfim,

136 CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**... *Op. cit.*, p. 143.

> tudo o que hoje a gente pensa, usando o celular, a luz, etc. Tudo isso veio destas três correntes aqui. Essas três bases da civilização ocidental. Eu não coloquei ocidental aqui porque civilização é o ocidente. Não adianta. Se hoje, ah mas o Japão e não sei o que e tal... Tudo baseado daqui ó. Antes que essas três características saíssem da Europa não tinha civilização. Essa é a verdade. Pois bem, eles agora tão atacando isso aqui. Quem que ataca? Vamos lá. Ataca... Não sei se dá para ver o lado de cá. Deixa eu ver aqui. Só um minutinho. Dá para ver o outro extremo do quadro aqui, Então vou colocar aqui. Inimigos, i-ni-mi-gos. Os inimigos da civilização... Nós temos os globalistas, os comunistas e o islã. Sim, não adianta dizer que é o islã radical, não. É o islã mesmo. Ora interligados, ora brigando entre eles. Mas, esses aqui são... Aí os babacas vão dizer assim: o comunismo morreu, Alan. Caiu o muro de Berlim. Tudo pensado! Nós não vamos falar aqui disso, né? Quem quiser depois, faça o curso lá do Terça Livre cursos e vai ter aula de história e vocês vão entender melhor isso. Quando a gente chegar em história moderna. Muito bem. E não sou eu o professor. Tem pessoas mais capacitadas para falar disso. Esses aqui [globalistas, comunistas e islã], eles são abertamente inimigos da filosofia, ou seja, da *ratio*, do uso da razão, que não é tomar partido e ideologia. Já expliquei para vocês que nós não temos que defender alguma coisa porque nós gostamos. Ah, porque eu gosto do Bolsonaro, por isso que eu vou defender. Não, eu defendo o Bolsonaro de maneira racional. Não é por gosto. Direito Romano que o ápice é na Idade Média. Isso aqui, eles são inimigos. Todos os três. Tanto os globalistas e os comunistas quanto o islã. Eles são inimigos. Aí com essa merda de direito... Uma das coisas que os liberais não entendem é a máxima maravilhosa, espetacular, que eles dizem que todas as ideias devem ter direitos políticos iguais. Porra, se todas as ideias tem direito... Olha aqui, atacando, né? Eles não entendendo o direito romano. Se eles têm direitos políticos iguais, porra, quem vai sobrar? Óbvio, os globalistas, os comunistas e o islamismo. Porque diante de alguém que acredita em democracia, que acredita em voto, que acredita em formação da sociedade, o que resta quando você coloca todas as ideias com direitos políticos iguais, o que sobra são os mais violentos, que estão aqui. Óbvio.[137]

A partir desse trecho transcrito do vídeo do canal Terça Livre é possível verificar não apenas a fragilidade das análises essencialistas e etnocêntricas apresentadas por Allan dos Santos a partir de suas leituras conspiratórias decorrentes dos textos de Olavo de Carvalho,[138] como

137 Cf. TERÇA Livre TV. Desenhando fica mais claro? **Youtube**, 2017.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uzNypn91U4U&t=521s>. Acesso em: 24 ago. 2018.

138 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

também constatamos um discurso reducionista que fomenta o ódio a determinados bilionários, comunistas e islâmicos sob a justificativa de que esses são os grupos que mais proferem o ódio no planeta, visando destruir a cultura ocidental, tratada pelo apresentador por meio de uma perspectiva estática, como se os valores que fundamentam a nossa sociedade fossem historicamente puros, na medida em que esses acusados devem ser tratados como os principais ameaçadores de suas cosmologias.

Ao argumentar que os seres humanos enxergam o mundo através da sua própria cultura, tendo, portanto, a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto, adequado e natural, Laraia reconhece que o etnocentrismo em seus casos mais extremos seria um dos principais elementos responsáveis por numerosos conflitos sociais,[139] na medida em que, ao considerar a sua cosmologia como a mais adequada, pode vir a fomentar não apenas o ódio contra aqueles grupos que possuem práticas, comportamentos e condutas diferentes dos seus julgadores, como também pode fomentar o extermínio destes através daquilo que Foucault chamou de racismo de Estado.[140] Tudo isso pode ser encontrado nos discursos contra aqueles que supostamente comprometeriam os valores dessa "velha ordem mundial", a exemplo, da legalização do aborto e das drogas, do reconhecimento de direitos civis para pessoas que não se enquadram em certos modelos normativos, dentro outros muitos exemplos.

> O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. A autodestruição de diferentes grupos reflete este ponto de vista. Os Cheyene, índios das planícies norte-americanas, se autodenominavam "os entes humanos"; os Akuáwa, grupo Tupi do sul do Pará, consideram-se "os homens"; os esquimós também se denominam "os homens"; da mesma forma que os Navajo se intitulam "o povo". Os australianos chamavam as roupas de "peles de fantasmas", pois não acreditavam que os ingleses fossem parte da humanidade; e nossos Xavantes acreditam que o seu território tribal está situado bem no centro do mundo. É comum assim a crença no povo eleito, predestinado por seres sobrenaturais para ser superior aos demais. Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros.[141]

139 Cf. LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit*.

140 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

141 LARAIA, Roque de B. **Cultura**... *Op. cit*., p. 73.

Na transcrição do vídeo mencionado é possível constatar que Allan dos Santos não apenas reconhece como inimigo os tributários do islamismo, como argumenta que não há diferença alguma entre os muçulmanos de diferentes países e culturas, tendo em vista que, conforme argumentou Olavo de Carvalho, essa religião seria fundamentada no ódio, enquanto que a sua visão cristã se fundamentaria no amor.[142] Contudo, se procurarmos uma obra bastante conhecida do antropólogo estadunidense Clifford Geertz, intitulada *Observando o Islã*, resultado de uma pesquisa etnográfica em que o autor vivenciou o islamismo em dois países distintos e, portanto, em dois contextos particulares;[143] veremos que a narrativa proferida pelo representante do canal Terça Livre não passa de uma mera reprodução ainda mais vulgar e simplificada dos discursos equivocados de Olavo de Carvalho, utilizando como referência não apenas o conteúdo, mas também forma, já que a ofensa se faz presente nos vídeos de ambos os conservadores.

Ao desenvolver uma análise amparada no método etnográfico e, portanto, na observação participante, tratando do islamismo no Marrocos e na Indonésia, Clifford Geertz acabou constatando algo bastante diferente daquele discurso unitário acerca da cultura muçulmana nos distintos países,[144] que têm sido proferido recorrentemente por Olavo de Carvalho em seus escritos.[145] Contrariamente à abordagem conservadora amparada em meras especulações que negligenciam o método de pesquisa, o autor mostrou enormes diferenças entre países tributários da cultura islâmica, argumentando que “No Marrocos, a civilização foi construída com coragem; na Indonésia, com diligência”.[146]

Geertz parte da premissa de que não há possibilidade de generalizar o significante islamismo como se ele fosse o mesmo nas diferentes regiões do planeta, justamente porque esses países possuem trajetórias distintas, portanto, culturas diferenciadas, que têm os seus significados construídos a partir de suas particularidades históricas.[147]

142 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

143 Cf. GEERTZ, Clifford. Observando o Islã... *Op. cit.*

144 *Ibidem*.

145 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

146 GEERTZ, Clifford. Observando o Islã... *Op. cit.*, p. 24.

147 Cf.*Ibidem*.

Desse modo, ao argumentar que o islamismo seria a religião do ódio, as novíssimas direitas conservadoras acabam fomentando aquilo que Foucault chamou de racismo de Estado,[148] tendo em vista a busca não apenas pela desqualificação deste outro "bárbaro", "primitivo" ou "selvagem", materializado na figura conspiratória dos globalistas do sistema financeiro, dos comunistas e islâmicos, que supostamente representariam a desordem e o caos, mas também buscam o seu extermínio.

Considerações Finais

Da mesma forma que a Ursal, mesmo sem nunca ter existido, foi utilizada como exemplo documentado desta suposta conspiração internacional chamada por Olavo de Carvalho e demais defensores dessa perspectiva de Nova Ordem Mundial;[149] as análises trazidas por Clifford Geertz em sua pesquisa etnográfica sobre os muçulmanos no Marrocos e na Indonésia também nos permitem mostrar essas fragilidades teóricas,[150] metodológicas e epistemológicas principalmente no que se refere ao entendimento do autor acerca das diferenças culturais entre países que compartilham a crença no islamismo e que, portanto, vivenciam distintamente esse significante atribuindo diferentes significados a partir de suas particularidades históricas. No trecho a seguir, conseguimos localizar algumas das diferenças entre o islamismo nesses países:

> as estratégias gerais seguidas no Marrocos e na Indonésia durante o período pré-moderno para enfrentar esse dilema central – como trazer mentes exóticas para a comunidade islâmica sem trair a visão que a criou – foram, como já indiquei, notavelmente diferentes, em verdade quase diametralmente opostas; e o resultado disso é que as formas das crises religiosas que hoje suas populações enfrentam são até certo ponto imagens especulares. No Marrocos, a via desenvolvida foi de um rigor sem concessões. O fundamentalismo agressivo, uma tentativa atuante de impor uma ortodoxia sem jaça a uma população inteira, se tornou o tema central e meio às lutas. Isso não quer dizer que o esforço tenha tido sucesso uniforme, ou que o conceito de ortodoxia que surgiu seja necessariamente

---

148 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

149 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit*.; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit*.; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

150 Cf. GEERTZ, Clifford. Observando o Islã... *Op. cit*.

> reconhecido como tal no resto do mundo islâmico. Mas, diferenciado e talvez errante como foi, o islamismo marroquino veio ao longo dos séculos a incorporar uma marcada pressão rumo ao perfeccionismo religioso e moral, uma determinação persistente para estabelecer um credo purificado, canônico e completamente uniforme numa situação superficialmente muito pouco promissora. O modo de ataque indonésio (e especialmente o javanês) foi, como disse, exatamente o contrário: adaptativo, absorvente, pragmático e gradual; uma questão de compromissos parciais, semi-acordos e puras e simples evasões. O islamismo que daí resultou nem mesmo pretendia a pureza, mas a amplitude; não a intensidade, mas a largueza de espírito.[151]

Ao analisar os textos, vídeos e aulas de Olavo de Carvalho é possível verificar que a construção supostamente teórica apresentada por ele se fundamenta exclusivamente em pesquisas que visam localizar determinados escritos que corroboraram as suas análises, independente de sua veracidade. O que conta é a possibilidade de confirmar tudo aquilo que reitera a sua teoria conspiratória. Esse jogo pela verdade é bastante perceptível na medida em que passamos a acompanhar os representantes das novíssimas direitas brasileiras e, em especial, as conservadoras e liberal-conservadoras.

Certamente um dos grandes problemas decorrentes deste tipo de análise se dá justamente porque as referências utilizadas são instrumentalizadas no intuito de corroborar a conspiração. Assim, qualquer questionamento referente a alguma das dimensões apresentadas desta suposta teoria, faz com que o questionador se torne parte do argumento conspiratório, impossibilitando, portanto, que o questionador se desvincule dessa narrativa. Entretanto, o problema central deste tipo de análise é que ela simplifica de tal maneira a realidade que a polarização se torna a única possibilidade cosmológica e, portanto, a forma exclusiva de enxergar o mundo e mais, esse mundo passa a ser constituído de "nós" e "eles". Certamente para as novíssimas direitas conservadoras, "nós" somos as pessoas de bem, que trabalham, que seguem uma vida reta, cristã, dentro da lei e da ordem, dentre muitas outras características que, no limite, reiteram a condição de "civilizados"; enquanto "eles" são os esquerdistas, comunistas, anarquistas, índios, prostitutas, gays, drogados, defensores de bandidos e dos direitos humanos.

---

151 GEERTZ, Clifford. Observando o Islã... *Op. cit.*, p. 29.

Assim, a análise que desenvolvemos acerca da importância da narrativa de Olavo de Carvalho para as novíssimas direitas de modo geral nos permite afirmar que boa parte de suas análises se fundamentam em informações equivocadas tendo em vista que partem de uma perspectiva epistemológica bastante desatualizada se considerarmos o campos científico da antropologia social, principalmente no que se refere à abordagem etnocêntrica que acaba resultando em uma conduta persecutória acerca de certos grupos sociais, a exemplo dos globalistas, comunistas e muçulmanos, mas quando são questionadas do ponto de vista de sua fragilidade documental, acabam se tornando parte dessa suposta conspiração.

Também é importante destacar que Olavo de Carvalho nem sempre erra totalmente acerca de suas ponderações, porém, acreditamos que ele não acerta na devida medida. Muitas vezes ele acerta no ponto, mas exagera justamente porque comete equívocos epistemológicos básicos, a exemplo de sua visão etnocêntrica que compromete todo o seu trabalho, tendo em vista que o autor confunde juízo de valor com juízo de fato, assim como cultura e metodologia. Contudo, se considerarmos a sua narrativa acerca do metacapitalismo, é possível reconhecer essa dimensão da financeirização da vida, conforme apontam outros autores de tradição marxista, embora tenham hibridizado suas análises também a partir de um viés pós-estruturalista, a exemplo de Maurizio Lazzarato que argumenta que "no capitalismo e, em particular no capitalismo financeiro, a dívida é infinita, impagável e não expiável",[152] engendrando uma nova técnica de governo populacional, visto por Olavo de Carvalho sob a ótica persecutória do globalismo.[153]

Não obstante, é justamente por meio da adesão a essa leitura etnocêntrica encontrada nos textos de Mário Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho e Alexandre Costa,[154] assim como os seus seguidores que atuam como *digital influencers*, que o olhar das novíssimas direitas conservadoras acerca do cristianismo também poderia ser tratado como uma outra dimensão globalista situada a partir de uma visão

152 LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: Ed. N-1, 2017, p. 80.

153 Cf. CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

154 Cf. SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**... *Op. cit.*: CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.;* COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**... *Op. cit.*

estática do ocidente, como se tudo aquilo que questionasse os seus supostos valores devesse ser combatido. Contudo, se analisarmos a articulação entre a indústria farmacêutica e a alimentícia, conforme mostramos em pesquisa publicada anteriormente,[155] podemos analisar de maneira mais aprofundada as distintas lutas pela hegemonia de certas dimensões do mercado no controle populacional, como exemplo a compra da Monsanto por parte da Bayer, retratada em um artigo publicado anteriormente.

Porém, o elemento mais importante que podemos encontrar nos discursos produzidos pelas novíssimas direitas conservadoras capitaneadas, sobretudo, pelos vídeos, aulas e escritos de Olavo de Carvalho,[156] se trata não apenas dos efeitos dessas visões de mundo que passaram a ocupar um lugar de destaque no debate eleitoral, mas principalmente do seu impacto enquanto verdade, mesmo sendo *fake news*. Assim, o problema por nós encontrado não se fundamenta especificamente no fato de que tanto os presidenciáveis Cabo Daciolo quanto Jair Bolsonaro compartilham da leitura conspiratória produzida por Olavo de Carvalho no Brasil, mas, principalmente, porque parte dos seus eleitores corroboram essa visão de mundo e, portanto, essa cosmologia que, no limite, visa exterminar aqueles que pensam de maneira contrária, ou seja, "A minoria tem que se curvar à maioria", conforme afirmou publicamente Jair Bolsonaro,[157] ao ameaçar um dos elementos centrais do liberalismo político, a saber, o Estado laico.

O *youtuber* Henry Bugalho fez uma breve análise sobre a relação entre o Cabo Daciolo (Patriotas), Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL), Olavo de Carvalho e aquilo que estamos chamando de novíssimas direitas conservadoras, que resume em certa medida parte das nossas ponderações sobre o efeito desses discursos e, principalmente, desse tipo de cosmologia ocidêntica.[158] Segundo ele, um dos grandes problemas trazidos por Olavo de Carvalho e sua teoria conspiratória importada

---

155 Cf. AZEVEDO, Elaine; ROSA, Pablo O.; SIQUEIRA, Marluce M. Drogas e alimentos (in)saudáveis no contexto da governamentalidade neoliberal. **Revista Tomo,** São Cristovão, n. 33, p. 147-192, jun-dez. 2018.

156 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

157 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx0x4Q8qay4>. Acesso em: 03 set. 2018.

158 Cf. HENRY Bugalho. Cabo Daciolo foge dos Illuminati [VEDA] - Bolsonaro - Política - Nova ORdem Mundial - Henry Bugalho. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sfg5NwZ711M&t=192s>. Acesso em: 03 set. 2018.

a partir de escritos persecutórios estadunidenses não apenas para os católicos conservadores,[159] mas, sobretudo, para os evangélicos que se apresentam como eleitores desses dois candidatos, se dá justamente porque ambos difundem uma visão intolerante contra aqueles que não creem nos seus valores, indo em direção contrária não apenas aos fundamentos do liberalismo político encontrados nos escritos de John Locke,[160] mas indo também contra alguns acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário, a exemplo da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, também conhecida como Pacto de San José da Costa Rica.[161]

Para Henry Bugalho, é justamente essa mudança demográfica acerca do campo religioso que nos mostra a ascensão dos evangélicos como maioria religiosa no caso do Brasil, permitindo a difusão dos argumentos persecutórios produzidos por parte dos conservadores brasileiros. Segundo ele,

> hoje o Cabo Daciolo (Patriotas) é o que melhor representa o brasileiro[, justamente porque] o brasileiro hoje é fanático, uma boa parte, uma boa maioria dos brasileiros é fanática. Eles são incapazes de ver a realidade. Eles adoram uma teoria conspiratória. E isso você pode ver claramente nas redes sociais, no *youtube*, no *WhatsApp*. As pessoas adoram uma teoria conspiratória.[162]

O *youtuber* mencionado, ainda argumenta que o Brasil se encaminha para um tipo de extremismo que não se dá apenas em um nível político e ideológico, conforme vimos emergir com as polarizações intensificadas desde junho de 2013, mas, sobretudo, um extremismo religioso. Se verificarmos os dados do IBGE acerca do perfil religioso brasileiro, constataremos uma mudança vertiginosa dos evangélicos que ascendem visivelmente, tendo em vista que é a religião que mais cresce no Brasil.

---

159 Cf. CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa... *Op. cit.*; *Idem*. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit.*; *Idem*. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*

160 Cf. LOCKE, John. **Carta sobre a tolerância**. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

161 Cf. BRASIL. Presidência da República. **Decreto n. 678, de 6 de novembro de 1992**. Brasília: Casa Civil, 1992. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D0678.htm>. Acesso em: 03 set. 2018.

162 Cf. HENRY Bugalho. Cabo Daciolo foge dos Illuminati [VEDA] - Bolsonaro - Política - Nova ORdem Mundial - Henry Bugalho. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sfg5NwZ711M&t=192s>. Acesso em: 03 set. 2018.

Assim, segundo o pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, José Eustáquio Diniz Alvez,[163] os dados do IBGE, Datafolha e Instituto PEW apontam para uma transição religiosa no Brasil, a partir da verificação de uma queda no número de católicos e um aumento dos evangélicos, assim como uma ascensão na pluralidade religiosa (queda do percentual de cristãos e aumento dos não cristãos). Contudo, a diferença constatada está na velocidade dessa transição, já que no caso do Datafolha, esse processo vai ocorrer de maneira mais rápida, com a inversão desta hegemonia, entre os dois grandes grupos, acontecendo no ano de 2028. Segundo os dados do IBGE, o quadro religioso vai se alterar totalmente em um espaço de duas décadas, enquanto para o Datafolha a inversão vai ocorrer no curto lapso de cerca de uma década.

Henry Bugalho argumenta que os evangélicos atuam de maneira muito mais fervorosa, sendo muito mais fiéis aos princípios de suas doutrinas do que os católicos, tendendo a valorizar muito mais certos costumes como a família e a tradição. E em algumas vertentes, são muito mais extremistas, radicais e intolerantes que os católicos. Inclusive existem algumas dessas vertentes que falam mais do diabo do que de deus, além de serem comunidades muito mais fechadas, coesas e, sobretudo, intolerantes com o que está fora de sua cosmologia, agindo de maneira violenta contra umbandistas, muçulmanos e demais religiões que professam valores distintos dos seus.

Assim, é justamente através dessa mudança paradigmática das religiões brasileiras verificada no cenário demográfico apresentado pelo IBGE que encontraremos seus impactos no campo político, vide o aumento da chamada bancada evangélica ou Frente Parlamentar Evangélica – FPE, que visam aumentar de 93 para 150 deputados federais e quintuplicar o número de senadores de 3 para 15.[164]

É por isso que, segundo Bugalho, o Cabo Daciolo (Patriotas) seria um reflexo do cenário político brasileiro. Pois, mesmo tendo saído do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, esse presidenciável

---

163 Cf. A Transição religiosa em ritmo acelerado no Brasil. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564083-a-transicao-religiosa-em-ritmo-acelerado-no-brasil>. Acesso em: 03 set. 2018.

164 Cf. MURAKAWA, Fabio. Evangélicos querem eleger 150 deputados e 15 senadores este ano. **Valor econômico**, 2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/5257923/evangelicos-querem-eleger-150-deputados-e-15-senadores-este-ano>. Acesso em: 03 set. 2018.

> é evangélico, ele fala como um pastor, ele defende certas teorias conspiratórias que surgiram em grupos cristãos norte-americanos. Essas teorias de illuminati, de Nova Ordem Mundial, essas teorias, sabe, do poder da maçonaria.[165]

Ele ainda argumenta que

> são todas teorias que surgiram entre os cristãos norte-americanos e que foram agora reproduzidas no Brasil e que estão fazendo a cabeça dos evangélicos brasileiros. E não apenas dos evangélicos, mas também de muita gente.[166]

No entanto, é importante destacar que há diferenças enormes entre as visões de certos católicos e evangélicos no que se refere a essas teorias conspiratórias. Inclusive, Olavo de Carvalho, assim como o pastor Marco Feliciano, são críticos veementes do pastor Edir Macedo,[167] fundador da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, justamente porque ele defende o planejamento familiar por meio da legalização do aborto e vasectomia.[168]

Segundo Bugalho, um dos indícios do futuro político do Brasil se dá justamente por meio da localização dessa reviravolta moral gerada por essa mudança paradigmática acerca do declínio do catolicismo e emergência dos evangélicos no país.

> Isso é o que você vai ver daqui a 10, 15, 20 anos. É isso. São muitos cabos Daciolos dentro do congresso, dentro da política, dentro do senado, dentro das câmaras municipais, das prefeituras, dos governos, da presidência. Então, esse é o futuro do Brasil. Essa é a mudança de percepção do Brasil.[169]

O *youtuber* também destaca que isso foi possível, principalmente com a utilização da internet, pois "quando você pega ultra radicais

---

165 Cf. HENRY Bugalho. Cabo Daciolo foge dos Illuminati [VEDA] - Bolsonaro - Política - Nova ORdem Mundial - Henry Bugalho. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sfg5NwZ711M&t=192s>. Acesso em: 03 set. 2018.

166 *Ibidem*.

167 Cf. BRASIL Indomavel. Universal: A verdade sobre Edir MAcedo - Olavo de Carvalho. **Youtube**, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JoQ_NEDFHa4>. Acesso em: 03 set. 2018.

168 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=blElwax2HyQ>. Acesso em: 03 set. 2018.

169 Cf. HENRY Bugalho. Cabo Daciolo foge dos Illuminati [VEDA] - Bolsonaro - Política - Nova ORdem Mundial - Henry Bugalho. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sfg5NwZ711M&t=192s>. Acesso em: 03 set. 2018.

direitistas defendendo certas teorias conspiratórias que confirmam essas noções ali, que o Cabo Daciolo, por exemplo, está dizendo, você está criando toda uma geração de jovens e adultos que vão acreditar nessas coisas". Assim, ao argumentar que esses "vão ser intolerantes contra as religiões, que vão ser intolerantes com o pensamento divergente também" Bugalho ainda afirma que Bolsonaro seria um tipo de hipócrita na medida em que "fala uma coisa e faz outra", enquanto que o "Cabo Daciolo é mais perigoso porque ele realmente acredita naquilo que ele diz".[170]

Ao argumentar que "Bolsonaro surfou nessa onda", enquanto que o "Daciolo é essa onda", Bugalho se questiona: "Gente, mas eu não conheço ninguém parecido com esse cara?".[171] É exatamente aí que vemos os riscos não apenas da ascensão das novíssimas direitas conservadoras no Brasil por meio de seus discursos etnocêntricos que reiteram o que Foucault chamou de racismo de Estado,[172] mas de uma nova maneira de lidar com a quantidade de informações que permitem a construção de verdades através de bolhas da realidade, independente de sua veracidade enquanto fato, gerando uma nova forma de construir os acontecimentos, que desde 2016 passamos a chamar de pós-verdade.

Referências

AZEVEDO, Elaine; ROSA, Pablo O.; SIQUEIRA, Marluce M. Drogas e alimentos (in)saudáveis no contexto da governamentalidade neoliberal. **Revista Tomo**, São Cristovão. n. 33, p. 147-192, jun-dez. 2018.

BECKER, Howard. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, Olavo de. Três projetos de poder global em disputa. *In*.: CARVALHO, Olavo de; DUGIN, Alexandre. **Os EUA e a Nova Ordem Mundial:** um debate entre Alexandre Dugin e Olavo de Carvalho. Campinas: Vide Editorial, 2012.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

170 Cf. HENRY Bugalho. Cabo Daciolo foge dos Illuminati [VEDA] - Bolsonaro - Política - Nova ORdem Mundial - Henry Bugalho. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sfg5NwZ711M&t=192s>. Acesso em: 03 set. 2018.

171 *Ibidem*.

172 Cf. FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**... *Op. cit*.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Ed. EDUSC, 1999.

DAY, Richard J. F. **Gramsci is dead:** *anarchist currents in the newest social movements*. Londres: Pluto Press, 2005.

DAY, Richard J. F. **De la hegemonía a la afinidad:** *solidariedad y responsabilidad en los nuevos movimientos sociales*. Madrid: Enclave de Libros, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: Ed. N-1, 2018.

DESCOLA, Phillipe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2010.

GEERTZ, Clifford**. Observando o Islã:** o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia**.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

LARAIA, Roque de B. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: Ed. N-1, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Lévi-Strauss**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1985. [Coleção Os Pensadores].

LOCKE, John. **Carta sobre a tolerância**. São Paulo: Ed. Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ROBERTSON, Pat. **The New World Order**. Dallas: Word Publishing, 1991.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

ROSA, Pablo O. As divergências entre Marx e Bakunin na I Associação Internacional dos Trabalhadores. **Revista Mosaico Social**: revista do Curso de

Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, a. 02, n. 02, dez. 2004.

ROSA, Pablo O. Políticas criminais de drogas e globalização econômica. **Seminário Nacional de Sociologia & Política**. GT 04 – Cidadania, controle social e migrações internacionais. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT4/EixoIII/politicas-criminais-drogas-Pablo-Ornelas-Rosa.pdf>.

ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; MARTINS, Victória Mariani de Vargas. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 04, n. 02, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/issue/view/2702>.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: Ed. É Realizações, 2012.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia e Cosmovisão**. São Paulo: Ed. É realizações, 2018.

SNYDER Timothy. **Sobre a tirania:** vinte lições do século XX para o presente. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 2017.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo:** a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: Ed: L&PM, 2018.

TAYLOR, Fraser. **Developments in the theory and pratice of cybercartography**. Oxford: Elsevier Science, 2014.

O combate à 'ideologia de gênero' na era da pós-verdade: uma cibercatrografia das *fake news* difundidas nas mídias digitais brasileiras[1]

Pablo Ornelas Rosa
Aknaton Toczek Souza
Giovane Matheus Camargo

Algumas ponderações iniciais

Este trabalho que apresentamos é um dos desdobramentos de uma pesquisa coletiva que vem sendo realizada com o fim de identificar a cosmologia das novíssimas direitas brasileiras, assim como as suas principais estratégias, que se intensificaram após as chamadas "jornadas de junho de 2013" e que fizeram do ciberespaço um dos principais campos de articulações políticas. Para tanto, propomos uma análise cibercartográfica a partir de metodologias influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista apresentado por pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, dentre outros, possibilitando o mapeamento de elementos discursivos independente do formato, método, tecnologias e mecanismos de produção de narrativas. A adoção desse método nos possibilitou ir além do material encontrado em livros e/ou artigos para que pudêssemos identificar também como os discursos e valores compartilhados pelas direitas conservadoras e/ou liberais-conservadoras têm emergido no contexto do ciberespaço e seu impacto sociológico.

No que diz respeito a este artigo em específico, optamos por fazer um recorte que enfatizou as questões ligadas a gênero e sexualidade, procurando entender como isto vem sendo tratado pela cosmologia conservadora e/ou liberal-conservadora. A proposta aqui é refletir sobre os novos arranjos que o combate à "ideologia de gênero" - que encontra sua gênese em textos produzidos a partir de 1997 por setores conservadores da Igreja Católica – tem ganhado nos últimos anos, considerando a discussão epistemológica levantada por Matthew

1 Esse artigo foi publicado na Revista Sinais, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, no "Dossiê Ativismo digital e batalhas de narrativas". Cf. SOUZA, Aknaton Tockek; CAMARGO, Giovane Matheus; ROSA, Pablo Ornelas. O combate à 'ideologia de gênero' na era da pós-verdade: uma cibercatrografia das *fake news* difundidas nas mídias digitais brasileiras. **Revista Sinais**, Vitória, v. 23, n. 1, 2019.

D'ancona acerca da pós-verdade e a guerra contra os fatos por meio das notícias falsas e teorias conspiratórias, sobretudo através da internet.[2]

Para fins didáticos, as reflexões aqui apresentadas encontram-se divididas em três partes sequenciais. Em um primeiro momento, apresentaremos as raízes do termo "ideologia de gênero" e o contexto em que ela foi incorporada nos debate públicos do Brasil acerca dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e das minorias sexuais e de gênero. Após estabelecido alguns conceitos iniciais, introduziremos o leitor à breves considerações acerca da pós-verdade e da emergência das novíssimas direitas brasileiras – e, sobretudo, as conservadoras e liberais-conservadoras - no ciberespaço, para que seja possível compreender algumas das principais estratégias desses grupos, que consiste na incessante produção de materiais que valorizam muito mais a forma dramática e o apelo emocional do que o conteúdo e fontes legítimas. Por fim, discutiremos os impactos que o combate à "ideologia de gênero" realizado por meio do embuste do "kit-gay" causou no processo eleitoral de 2018 e como essa estratégia ainda tem sido operada. Esperamos que a leitura possa contribuir para o debate acerca dos atuais processos políticos e sociais e servir como uma forma de esclarecimento diante da confusão de conteúdos criada sobre as questões de gênero.

O gênero como ideologia nos debates públicos

Segundo Joan Scott, as epistemologias feministas, que vem trabalhando a categoria analítica "gênero" há pelo menos meio século em todo o mundo, nos mostram que o processo de reconhecimento das mulheres e das minorias sexuais na história exigiu necessariamente um alargamento das noções clássicas do que é historicamente importante, para que fosse possível incluir as experiências pessoais e subjetivas, bem como as atividades políticas e públicas.[3] Assim sendo, o esforço necessário para trazer à tona uma nova história em que se reconheça o lugar de fala de alguns sujeitos subalternizados, depende também de como a categoria gênero vem sendo desenvolvida ao longo do tempo, já que ela é uma categoria analítica extremamente útil para se identificar

2 Cf. D'ANCONA, M. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: faro Editorial, 2018.

3 Cf. SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

processos históricos e sociais que classificam e posicionam os sujeitos a partir do masculino e do feminino.

Ainda que a categoria "gênero" já esteja assentada nas discussões no interior das ciências humanas como um amplo campo de estudos, durante a sua última visita ao Brasil, a filósofa Judith Butler, uma das principais teóricas feministas reconhecida em todo o mundo, foi interpelada no aeroporto de Congonhas por manifestantes que se diziam contra a "ideologia de gênero", acusando-a de ser uma assassina de crianças e querer legalizar a pedofilia.[4] Após sua conturbada passagem pelo país, a autora escreveu uma carta afirmando que seu ponto de vista acerca da questão gênero é justamente o contrário do que poderia ser tratado em termos de uma ideologia, pois ela se coloca veementemente crítica ao questionar tanto as premissas de que as pessoas tomam como evidentes em seu cotidiano a sua identidade e cultura, como se ambas fossem estáticas historicamente, quanto questiona as práticas institucionais dos campos médico e social que dizem respeito ao entendimento do que deve ser uma família, ou mesmo considerado como patológico ou anormal o comportamento homossexual e transexual.

> Quantos de nós ainda acreditamos que o sexo biológico determina os papéis sociais que devemos desempenhar? Quantos de nós ainda sustentamos que os significados de masculino e feminino são determinados pelas instituições da família heterossexual e da ideia de nação que impõe uma noção conjugal do casamento e da família? Famílias *queers* e travestis adotam outras formas de convívio íntimo, afinidade e apoio. Mães solteiras têm laços de afinidades diferentes. A mesma coisa se dá com famílias mistas, nas quais as pessoas se casam novamente ou se juntam com famílias, criando amálgamas muito diferentes daqueles vistos em estruturas familiares tradicionais. Encontramos apoio e afeto através de muitas formas sociais, incluindo a famílias, mas a família é também uma formação histórica: sua estrutura e seu significado mudam ao longo do tempo e do espaço. Se deixamos de afirmar isso, deixamos de afirmar a complexidade e a riqueza da existência humana.[5]

Não obstante, também é importante destacar que esse comportamento persecutório direcionado a ela no aeroporto de

4 Cf. CARTACAPITAL. Judith Butler sofre agressão no Aeroporto de Congonhas. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=urNAs80yUDU>. Acesso em: 11 jan. 2019.

5 Cf. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de S.Paulo**, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2019.

Congonhas e sua consequente agressão foi orientado por um *digital influencer* conservador chamado Bernardo Küster que, além de ser aluno de Olavo de Carvalho, o guru da direita,[6] sobretudo, do governo Bolsonaro, e de ter distorcido nitidamente o livro “Problemas de gênero”, escrito por Butler, em vídeo disponível no *Youtube*, ainda disse que

> *Se nós não combatermos verdadeiramente as pessoas que propagam as idéias, as idéias continuarão aí. Não adianta combater apenas as idéias. Nós temos que combater agentes históricos reais que as promovem.*[7]

Esse comportamento antiliberal e antidemocrático norteado por certa paranoia somado a uma orientação persecutória e militarizada que visa a procura daqueles inimigos que cabem na elasticidade da noção imprecisa de marxismo cultural, acabou encontrando em Judith Butler um dos primeiros alvos de um governo que opera exclusivamente pelo combate aos seus inimigos, os dissidentes, conforme propôs o presidente Jair Bolsonaro ao argumentar que “as minorias têm quem que se curvar às maiorias”.[8] Inclusive, é importante destacar que o próprio presidente da república indicou Bernardo Küster, através do *Twitter,* como uma “excelente opção de canal de informação” no *Youtube.*[9] Possivelmente isso ocorreu justamente por ele ser um aluno influente de seu mentor Olavo de Carvalho que, conforme sugeriu o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL/RJ), filho do presidente, em um programa de humor neoconservador chamado Expider,

> eu enxergo uma onda conservadora vindo, né? Olavo de Carvalho é o mentor intelectual disso tudo. O Jair Bolsonaro é só um instrumento. Mas, de fato, o que as pessoas querem é uma mudança. Estão de saco cheio do politicamente correto, a inversão de valores e todo o sistema corrupto, né? Que graças a

---

6 Cf. ANDRADA, Alexandre. Olavo de Carvalho: o ideólogo do conservadorismo paranoico nacional. **The Intercept_ Brasil**, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/10/28/olavo-de-carvalho-conservadorismo-paranoico/>. Acesso em: 18 jan. 2019.

7 Cf. BERNARDO P Küster. #FORABUTLER - A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7l348rFl7_o&t=225s>. Acesso em: 18 jan. 2019.

8 Cf. EU era direita e não sabia. Jair Bolsonaro diz que a minoria tem que se adequar a maioria 10/02/17. **Youtube**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCkEwP8TeZY>. Acesso em: 18 jan. 2019.

9 Cf. JAIR M. Bolsonaro. Segue algumas opções de excelentes canais de informação no youtube! **Twitter**, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896>. Acesso em: 18 jan. 2019.

> lava-jato e a internet, hoje em dia todo mundo tem informação de como é que a banda toca em lá em Brasília.

Embora a categoria gênero seja trabalhada há pelo menos meio século em diversos países, no Brasil a sua discussão nos debates públicos intensificou-se apenas no ano de 2010, durante a elaboração do Plano Nacional de Educação, mantendo-se também presente nos debates sobre a aprovação dos planos estaduais e municipais. Durante estas discussões, o termo "ideologia de gênero" foi – e ainda tem sido – frequentemente utilizado como forma de deslegitimar direitos e áreas do conhecimento, na tentativa de não reconhecer sujeitos e relações sociais que escapem à cosmologia conservadora de tradição judaico-cristã. Estes discursos têm ganhado força popular, logrando êxito em incluir proibições da utilização do termo gênero em escolas, como foi o caso das cidades de Paranaguá (PR), Cascavel (PR), Blumenau (SC), Tubarão (SC), Novo Gama (GO), Palmas (TO) e Ipatinga (MG).

Ainda que no campo das ciências sociais e humanas já esteja assentado de maneira inconteste, a utilidade científica dessa categoria teórica para identificar processos históricos e sociais que classificam os indivíduos por meio do feminino e do masculino, conforme mostrou Miskolci e Campana, a utilização do termo "ideologia de gênero" tem cada vez mais ganhado terreno em todo o mundo, sobretudo na Europa e na América Latina, no contexto de discussões sobre a saúde reprodutiva das mulheres, educação sexual e o reconhecimento de identidades não heterossexuais, entre outros temas.[10]

Para Norberto Bobbio, talvez não exista palavra que possa ser comparada com a de "ideologia" no que diz respeito à frequência em que é utilizada e pela diversidade de sentidos que são atribuídos ao termo.[11] Para fins didáticos, o autor divide a palavra em dois significados. O primeiro pode ser definido basicamente como "um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos", porquanto o outro sentido seria aquele que tem início na tradição do pensamento marxista como "falsa consciência das relações de domínio entre classes".[12]

---

10 Cf. MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**. v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017.

11 Cf. BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ª Ed, 2010.

12 *Ibidem*, p. 585.

O primeiro sentido colocado Bobbio,[13] normalmente é utilizado para se referir ao "ideológico" como contraposto ao que é "pragmático", o que parece assemelhar-se ao emprego do termo "ideologia" para se referir ao gênero, como se esta categoria fosse embasada em uma crença, doutrina, dogma e com um forte componente passional. Assim, quando se atribui este sentido ideológico a algo, quer-se referir a uma

> mentalidade dogmática e doutrinária e, a nível emotivo, por um forte componente passional, que lhes confere um alto potencial ativista, enquanto os sistemas pragmáticos são caracterizados por qualidades opostas.[14]

Neste sentido, a tentativa de se rotular o gênero como ideologia é justamente uma forma de colocá-la ao lado oposto do conhecimento científico, como algo que tomou a consciência das pessoas de maneira acrítica.

O livro publicado por Jorge Scala, intitulado *La ideología del género*,[15] foi essencial na disseminação dessa gramática político-moral que passou a atuar na América Latina buscando a substituição da noção de identidade de gênero pela de "ideologia de gênero". Na obra, o autor afirma que a "ideologia de gênero" se trata de um sistema de pensamento fechado e autoritário, sendo ela uma das ideologias mais radicais da história humana, que visa destruir o indivíduo em seu núcleo mais íntimo e por consequência a sociedade. Segundo Miskolci e Campana, professores que realizaram um mapeamento genealógico do termo, Scala situou o conceito de ideologia de gênero como "um instrumento político-discursivo de alienação com dimensões globais que busca estabelecer um modelo totalitário com a finalidade de impor uma nova antropologia".[16]

Miskolci e Campana, localizaram em seu mapeamento as origens da ideia de "ideologia de gênero" no seio da igreja católica, sobretudo por meio dos textos conservadores escritos pelo então cardeal Joseph Aloisius Ratzinguer, antes de se tornar o Papa Bento 16, e que foram publicados em 1997.[17] Suas acusações abarcavam ataques diretos aos feminismos e mais precisamente à Conferência Mundial de Beijing,

---

13 Cf. BOBBIO, N. **Dicionário de política**... *Op. cit*.

14 *Ibidem*, p. 588.

15 Cf. SCALA, J. **La ideología del género**. *O el género como herramienta de poder*. Rosario: Ediciones Logos, 2010.

16 Cf. MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero"... *Op. cit*., p. 725.

17 *Ibidem*.

organizada pelas Nações Unidas em 1995, onde se reconheceu que a perspectiva integral de gênero é essencial para se abordar a desigualdade da mulher, que é um problema social estrutural.

Na América Latina, o combate à "ideologia de gênero" intensificou-se nos últimos anos na medida em que ocorreram avanços no que diz respeito aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e das minorias sexuais, como, por exemplo, a descriminalização do aborto, a legalização do casamento homoafetivo e a inclusão da educação sexual nas escolas. Neste contexto em que diversas organizações começaram a combater a "ideologia de gênero" através do empreendedorismo moral,[18] isto é, como indivíduos que tentam impor sua visão de mundo aos outros, acreditando estarem em uma cruzada moral para melhorarem suas vidas; a igreja católica, através de suas vertentes mais conservadoras, assumiu principal relevância na difusão do termo.

Um dos instrumentos utilizados neste embate foi o documento produzido na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - CELAM, intitulado "Documento de Aparecida", onde se apresentou uma especial preocupação com os avanços de direitos destinados aos homossexuais e transexuais, propondo, portanto, uma agenda de combate à perspectiva de gênero em toda a América Latina.[19]

Embora tenha sido empregado inicialmente na Argentina e no Brasil, o termo "ideologia de gênero" passou a ser intensamente utilizado no ano de 2016 no México em manifestações contra a aprovação do casamento homoafetivo e na Colômbia para que não houvesse o acordo de paz com As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC, sob a justificativa de que o país ficaria sob o risco de mergulhar em uma ditadura comunista, supostamente institucionalizando chamada "ideologia de gênero",[20] entendida muitas vezes como um desdobramento identitário de um projeto político comunista, conforme sugeriu Olavo de Carvalho.[21]

Para Miskolci e Campana, ainda que o combate à "ideologia de gênero" apareça em diferentes contextos nacionais, foram encontradas

18 Cf. BECKER, H. S. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

19 Cf. MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero"... *Op. cit*.

20 *Ibidem*, p. 726.

21 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

três regularidades neste embate, a saber, I. todos ocorreram após a virada do milênio, II. emergiram em países que passaram a ter governos de esquerda e III. deflagraram-se em torno de reformas educacionais e legais.[22]

Contudo, foi a partir do final dos anos 1990 que as presidências de diversos países da América-Latina foram assumidas por governos de esquerda (Venezuela em 1999-presente, Brasil em 2003-2016, Argentina em 2003-2015, Bolívia em 2006-presente, Chile em 2006-2010 e 2014-presente e Equador 2007-presente), mantendo certa proximidade com movimentos sociais vinculados às pautas feministas e LGBTQIs, o que "passou a movimentar propostas de iniciativas educacionais e legais visando ao reconhecimento da igualdade de gênero, ao enfrentamento da homofobia, assim como à aprovação do casamento igualitário".[23]

Neste contexto, setores mais conservadores da Igreja Católica passaram, não apenas a perseguir aquelas vertentes mais progressistas do catolicismo, a exemplo da teologia da libertação que passou a ser o alvo mais direito de grupos reacionários como podemos ver no comportamento dos youtubers conservadores recomendados pelo Presidente Jair Bolsonaro (PSL),[24] como Bernardo Küster,[25] Nando Moura e a grande referência de ambos,[26] Olavo de Carvalho,[27] como também passou a travar embates políticos com estes governos de esquerda.

> Tudo indica que os empreendedores morais contra a "ideologia de gênero" são grupos conservadores que buscam distanciar os movimentos feminista e LGBT, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas e tomar o controle sobre elas. Sobretudo, dentro do recente campo discursivo de ação reconstituído neste artigo, buscam delimitar o Estado como

22 Cf. MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero"... *Op. cit*.

23 *Ibidem*, p. 735.

24 Cf. FILHO, João. Quem são os youtubers recomendados por Jair Bolsonaro. **The Intercept_ Brasil**, 2018. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/11/17/youtubers-bolsonaro-nando-moura-diego-rox-bernardo-kuster-fake-news/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

25 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G9pVzZV58dc&t=483s>. Acesso em: 30 jan. 2019.

26 Cf. MÁRCIO Jefferson. Teologia da Libertação (Teologia Comunista-Marxista) - LULA infiltado na IGREJA. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Y0NkE3rDFg>. Acesso em: 30 jan. 2019.

27 Cf. #OLAVO. O que é Teologia da Libertação. **Youtube**, 2018. Dispoível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sEKR0t7_ynE>. Acesso em: 30 jan. 2019.

> espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão dos direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar a sua concepção de mundo tradicional.[28]

A lógica do combate à "ideologia de gênero" foi apropriada no Brasil pelo neopentecostalismo e organizações como o Programa Escola Sem Partido, para acusar professores de doutrinação política e ideológica em salas de aula e de usurpação dos direitos da família sobre a educação de seus filhos. Para os Miskolci e Campana a luta contra a "ideologia de gênero" é justamente o combate aos direitos humanos.[29] Nas palavras dos autores:

> Se Ratzinger começa a mencionar os perigos da perspectiva de gênero em 1997, é possível reconhecer no Documento de Aparecida a disseminação da noção entre os bispos católicos latino-americanos até tornar-se tema de textos leigos como o citado livro do ativista católico Jorge Scala. Segundo as fontes consultadas, tudo indica que as aprovações do casamento entre pessoas do mesmo sexo em países como Argentina (2010) e Brasil (2011) foram o ponto de inflexão para que a noção de "ideologia de gênero" passasse progressivamente a delimitar uma gramática política na batalha de empreendedores morais contra os avanços dos direitos sexuais e reprodutivos.[30]

Ao contextualizarmos o cenário em que o termo "ideologia de gênero" se estabelece no Brasil, fica evidente que se trata de uma resistência aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e das minorias sexuais. A ofensiva intensifica-se em 2011,[31] época em que o Supremo Tribunal Federal - STF concedeu ao casamento homoafetivo o mesmo *status* do casamento heterossexual. Após apenas seis dias da decisão da suprema corte, a bancada evangélica acentuou seus ataques ao programa "Escola sem homofobia", o qual foi apelidado pelos parlamentares conservadores, sobretudo, pelo atual presidente Jair Bolsonaro (PSL) de "kit gay", afirmando que o material que seria distribuído em seis mil escolas públicas visava a implementação da

---

28 MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero"... *Op. cit.*, p. 743.

29 Cf. *Ibidem*.

30 *Ibidem*, p. 743.

31 É importante mencionar que no ano anterior, nas eleições de 2010, a bancada neopentecostal no Congresso Nacional foi ampliada, o que oportunizou que alguns de seus representantes assumissem cargos nas comissões de direitos humanos, fazendo resistência aos projetos que avançavam na garantia de direitos das mulheres e das minorias sexuais. Cf. *Ibidem*.

"ideologia de gênero" e a inversão dos valores familiares.[32] Após intensa pressão, a então presidente Dilma Rousseff vetou o programa.

Utilizar o termo "ideologia de gênero" é um completo equívoco do ponto de vista científico e revela o esforço de grupos em deturpar o conceito de gênero na tentativa de instaurar um pânico social, banindo a noção de "igualdade de gênero" do debate público e reificando as desigualdades e violências sofridas por homens, mulheres e minorias sexuais. A resistência ao conceito de gênero demonstra ignorância em relação à produção científica nacional e internacional e, também, descaso em relação às situações de violência vivenciadas em nosso país.

Isso sem falar que a noção de gênero é utilizada por dois dos mais importantes diagnósticos que tratam de transtornos mentais, a saber, O CID-11 e DSM-V,[33] produzidos, respectivamente pela Organização Mundial da Saúde – OMS e Associação Americana de Psiquiatria. Neste sentido, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) publicou o "Manifesto pela igualdade de gênero na educação: por uma escola democrática, inclusiva e sem censuras", assinado por 113 pesquisadores e grupos de estudos, desmistificando a ideia de que o gênero é uma ideologia:

> Ao contrário de "ideologias" ou "doutrinas" sustentadas pela fundamentação de crenças ou fé, o conceito de gênero está baseado em parâmetros científicos de produção de saberes sobre o mundo. Gênero, enquanto um conceito, identifica processos históricos e culturais que classificam e posicionam as pessoas a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder. E é, nesse sentido, que o conceito de gênero tem sido historicamente útil para que muitas pesquisas consigam identificar mecanismos de reprodução de desigualdades no contexto escolar.[34]

32 Cf. FREITAS, Carolina; MARTINS, Luíza; DELGADO, Malu. TSE manda retirar do ar vídeos de Bolsonaro sobre o "kit gay". **Valor Econômico**, 2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/5927399/tse-manda-tirar-do-ar-videos-de-bolsonaro-sobre-o-kit-gay>. Acesso em: 11 jan. 2019.

33 OMS tira transexualidade de nova versão de lista de doenças mentais. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/06/oms-tira-transexualidade-de-nova-versao-de-lista-de-doencas-mentais.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2019; LARA, Luciana Alves da Silva; ABDO, Carmita Helena Najar; ROMÃO, Adriana Peterson M. Salata. Transtornos da identidade de gênero: o que o ginecologista precisa saber sobre transexualismo. **Rev Bras. Ginecol. Obstet**, v. 35, n. 6, p. 239-242, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v35n6/v35n6a01.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

34 **MANIFESTO pela igualdade de gênero na educação:** por uma escola democrática,

A igualdade de gênero é uma demanda de combate às discriminações e reprodução das desigualdades. O que se propõe como a operacionalização política é a busca por uma sociedade em que as diferenças não incorram em desigualdades, e, para tanto, são necessárias práticas sociais e institucionais de combate às desigualdades de gênero.

Nas próximas linhas, serão analisados os novos arranjos que o combate à "ideologia de gênero" tomou por meio do ciberespaço na era da pós-verdade e o uso político das *fake news* durante as eleições do ano de 2018 pelas novíssimas direitas. Para tanto, inicialmente se faz necessário alguns esclarecimentos acerca de alguns conceitos.

Breves considerações acerca da pós-verdade, novíssimas direitas e ciberespaço

Na obra *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, o autor britânico Matthew D'Ancona realiza uma discussão epistemológica afirmando que entramos, a partir do ano de 2016, na era da pós-verdade.[35] Para o dicionário Oxford, que elegeu pós-verdade como a palavra do ano em 2016, este termo se caracteriza, pela descrença da opinião pública nos fatos, frente aos apelos emotivos que se potencializam com a facilidade na procura e no encontro de pessoas que compartilham uma mesma visão de mundo através do ciberespaço. Em outras palavras, "o que importa não é a veracidade, mas o impacto".[36]

Embora o autor utilize as eleições presidenciais dos EUA no ano de 2016, que elegeram Donald Trump como presidente, para delinear sua visão epistemológica, podemos traçar um paralelo com o uso político das *fake news* nas eleições brasileiras do ano de 2018 e o combate à "ideologia de gênero". Para o autor, na era da pós-verdade as

> ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia.[37]

---

inclusiva e sem censuras. [*s. l.*]: [*s. n.*]. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/images/Noticias/Manifesto_Pela_Igualdade_de_Genero_na_Educacao_Final.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

35 Cf. D'ANCONA, M. **Pós-verdade**... *Op. cit*.

36 *Ibidem*, p. 25.

37 *Ibidem*, p. 19.

Segundo o autor, a mentira é parte integrante da política desde as sociedades mais antigas que conhecemos e, em se tratando de políticos, há muito tempo tornou-se senso comum que a mentira é a regra em seus discursos, assim sendo, as pessoas não esperam mais que os políticos falem a verdade. O autor alerta ainda que não há nada de novo em relação à desonestidade dos políticos e o que de fato marca a era da pós-verdade é a resposta do público à isso. Desse modo, o nosso comportamento como cidadãos foi o que impulsionou a pós-verdade, onde "a indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à conivência".[38]

Em entrevista ao El País, Noam Chomsky afirmou que as pessoas já não acreditam mais nos fatos e atribuiu tal descrédito à desilusão com as estruturas institucionais produzidas pelo neoliberalismo, conforme:

> pergunta. Vivemos uma época de desencanto?
>
> Resposta. Já faz 40 anos que o neoliberalismo, liderado por Ronald Reagan e Margaret Thatcher, assaltou o mundo. E isso teve um efeito. A concentração aguda de riqueza em mãos privadas veio acompanhada de uma perda do poder da população geral. As pessoas se sentem menos representadas e levam uma vida precária, com trabalhos cada vez piores. O resultado é uma mistura de aborrecimento, medo e escapismo. Já não se confia nem nos próprios fatos. Há quem chame isso de populismo, mas na verdade é descrédito das instituições.
>
> P. E assim surgem as *fake news* (os boatos)?
>
> R**.** A desilusão com as estruturas institucionais levou a um ponto em que as pessoas já não acreditam nos fatos. Se você não confia em ninguém, por que tem de confiar nos fatos? Se ninguém faz nada por mim, por que tenho de acreditar em alguém?[39]

Não obstante, a internet que prometia uma democratização do acesso à informação sem precedentes por meio da interconexão global, foi responsável por produzir o campo perfeito para que a verdade batesse em retirada abrindo espaço para os apelos emocionais, criando bolhas virtuais onde o estatuto de verdade é auferido não por fontes confiáveis ou checagem de informações, mas pela quantidade de "curtidas" e compartilhamentos em redes sociais, que também se proliferam ante a ausência de filtros acerca da veracidade das informações divulgadas. Como coloca Matthew

---

38 D'ANCONA, M. **Pós-verdade**... *Op. cit*., p. 34.

39 AHRENS, Noam Chomsky: "As pessoas já não acreditam nos fatos". **El País**, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987_936609.htm>. Acesso em: 11 jan. 2019.

D'ancona,"quando alguém com uma conta no Twitter pode reivindicar ser uma fonte de notícias, fica infinitamente mais difícil distinguir o fato e mentira. Todos e ninguém são especialistas".[40] Ainda, para o autor:

> essas campanhas de desinformação preparam o terreno para a era da pós-verdade. Invariavelmente, seu propósito é semear dúvida, em vez de triunfar de imediato no tribunal da opinião pública (em geral, um objetivo impraticável). Como as instituições que tradicionalmente atuam como árbitros sociais – juízes no gramado, por assim dizer – foram sendo cada vez mais desacreditadas, os grupos de pressão bem financiados estimularam o público a questionar a existência da verdade conclusivamente confiável. Assim, sendo, a prática normal do debate antagônico é a metamorfose em um relativismo pernicioso, em que a caçada epistemológica não só é melhor do que a captura, mas é tudo o que importa.[41]

No Brasil, as "jornadas de junho" de junho de 2013 foram responsáveis por inaugurarem um novo paradigma no que diz respeito à difusão de opiniões públicas e sobretudo *marketing* político, que passou a ser intensamente difundido nos meios digitais de comunicação como *Facebook, Twitter, Whatsapp, Youtube e Instagram*. Neste contexto em que ocorreu uma polarização intensa e caricaturização do que seriam ideologias de esquerda e direita, conforme já mencionado em publicação anterior,[42] emergiram também as novíssimas direitas conservadoras,[43] grupos que se identificam e defendem ideias anti-esquerdistas, anti-gênero, anti-LGBTQIs, anti-aborto, anti-descriminalização das drogas, etc. - ou seja, visam combater veementemente movimentos dissidentes que foram rotulados como marxismo cultural, recaindo sobre eles uma atitude paranóica e persecutória, uma vez que supostamente ameaçaria os valores ocidentais -, construindo uma narrativa a partir de textos publicados por autores como Mário Ferreira dos Santos, Alexandre Costa, mas sobretudo a partir dos livros, cursos e vídeos de Olavo de Carvalho.[44]

---

40 D'ANCONA, M. **Pós-verdade**... *Op. cit.*, p. 59.

41 *Ibidem*, p. 49.

42 ROSA, P. O; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. M. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP,** v. 4, p. 4, 2018.

43 O conceito de novíssimas esquerdas é uma espécie de desdobramento daquilo que Richard Day chamou de "novíssimos movimentos sociais". Cf. DAY, Richard J. F. **De la hegemonía a la afinidad:** *solidariedad y responsabilidad en los nuevos movimientos sociales*. Madrid: Enclave de Libros, 2016.

44 Cf. SANTOS, Mário F. dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: Ed. É Realizações, 2012; COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**. Campinas:

Em um vídeo publicado no canal do youtuber Alba Expider, que em sua descrição afirma contribuir com uma batalha cultural, Eduardo Bolsonaro afirma que o mentor intelectual da atual onda conservadora brasileira é Olavo de Carvalho, sendo seu pai Jair Bolsonaro, apenas um instrumento.[45] Não por coincidência, em um de seus primeiros discursos públicos proferido após a vitória nas eleições presidenciais de 2018 – transmitido em sua página do *facebook* e em seu canal oficial do *Youtube* -, Jair Bolsonaro aparece sentado em uma mesa onde acima dela se encontram quatro livros: a Constituição Federal, a Bíblia, uma obra sobre Winston Churchill e o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* de autoria de Olavo de Carvalho.[46]

Segundo Olavo de Carvalho, o atual círculo acadêmico no Brasil é uma fábrica de cabos eleitorais do Partido dos Trabalhadores (PT) e não deve ser levado a sério.[47] Por esta razão, todos os filósofos brasileiros que são dignos do nome não têm formação acadêmica em filosofia, o que incluiria Mário Ferreira dos Santos, que segundo ele teria sido o maior filósofo do país,[48] e ele próprio.[49] Assim, sem ter diploma para tanto, Olavo de Carvalho tem se apresentado como filósofo e intelectual antiacadêmico. Conforme já expusemos com outros pesquisadores no artigo "As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras",[50] a cosmologia "olavista" firma-se em uma narrativa etnocêntrica onde tudo aquilo que escapa à chamada unidade cultural, que seria forjada por certo entendimento acerca da civilização ocidental construída a

Vide Editorial, 2015; CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit. Idem*. **mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

45 Cf. ALBA ExPider. Show do Esquerdão com Eduardo Bolsonaro. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U1FnGE6j8nY>. Acesso em: 11 jan. 2019.

46 Cf. CARVALHO, Olavo de. **mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*; Disponível em: JAIR Bolsoaro. Jair Bolsonaro é eleito o 38º Presidente da República Federativa do Brasil! **Youtube**, 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=3gZ3WfVagoo&t>. Acesso em: 11 jan. 2019.

47 Cf. CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**... *Op. cit. Idem*. **mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

48 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SEHKi9wcPJY>. Acesso em: 30 jan. 2019.

49 Cf. DANIEL Mota. 308 - Olavo de Carvalho - Para ser filósofo NÃO é preciso ter DIPLOMA!!! **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7LFh-l6UAi0>. Acesso em: 11 jan. 2019.

50 Cf. CARVALHO, Olavo de. **mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit*.

partir da visão cristã, deve ser veemente combatida a fim de "*que seja garantida aquela suposta ordem que orientou as sociedades até o presente momento, evitando colocar em xeque novos valores que presumidamente comprometeriam sua existência*".[51]

Assim sendo, qualquer ideia que não compartilhe dos pressupostos da filosofia antiga e da filosofia cristã medieval – incluem-se aí Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Tomás Aquino -, recebe o *status* de inimigo, sob acusações de ser "ideológico" ou de "marxismo cultural", sendo tratado como uma conspiração globalista que planeja a destruição dos valores ocidentais e da civilização judaico-cristã.

Com a ampla popularização das suas teorias conspiratórias, massivamente difundidas nas diferentes mídias digitais, o autointitulado filósofo autodidata Olavo de Carvalho tem se mostrado como um personagem influente na construção do pensamento conservador na era da pós-verdade. Em relação às questões de gênero, Olavo de Carvalho afirma que o movimento LGBTQI tenta impor uma "ideologia gayzista" – que em seu discurso aparece como sinônimo de "ideologia de gênero" – que tem por objetivo causar uma confusão moral e fazer com que o "gayzismo" impere como a única moralidade aceitável.[52]

A reprodução desta narrativa tem sido encontrada nos representes das direitas brasileiras por meio da ideia de "ditadura gay", como é o caso da transmissão ao vivo em que Flávio Bolsonaro (PSL/RJ) – senador eleito pelo Rio de Janeiro em 2018 - fez em sua página oficial do *Facebook*, afirmando que "*a ditadura da militância gay encontrou parceria em alguns membros do Judiciário e Bolsonaro foi condenado a pagar R$ 150 mil*".[53] A afirmação se referia ao caso em que seu pai, o presidente Jair Bolsonaro (PSL), foi condenado pela justiça justamente por declarar em um programa de TV que nunca passou por sua cabeça ter um filho gay, pelo fato deles terem tido uma boa educação e ele ser um pai presente.

51 ROSA, P. O; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. M. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras... *Op. cit.*, p. 179.

52 Cf. CARVALHO, Olavo de. **mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**... *Op. cit.*; DANIEL Mota. 007 - Olavo de Carvalho - Kit Gay, farsa do ódio anti-gay, diferença entre gay e gayzista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LnU9aDhGRM4>. Acesso em: 11 jan. 2019.

53 Cf. FLAVIO Bolsoaro. A ditadura da militâcia gay encontrou parceira em alguns membros do Judiciário e Bolsonaro foi condenado a pagar R$ 150 mil. NÃO nos calarão! **Facebook**, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/flaviobolsonaro/videos/a-ditadura-da-milit%C3%A2ncia-gay-encontrou-parceria-em-alguns-membros-do-judici%C3%A1rio-/1141809512621201>. Acesso em: 11 jan. 2019.

Considerando o potencial do ciberespaço e a fundamental importância dos *digital influencers* para a disseminação dessas narrativas, as novíssimas direitas conservadoras apropriaram-se da estética caricata, debochada e viral das mídias sociais, apostando na produção incessante de notícias, vídeos e memes de apelo emocional que valorizam muito mais a forma do que o conteúdo preciso e evidências encontradas em fontes legítimas.[54]

A partir dessas interações comunicacionais operadas no ciberespaço, houve um crescimento na difusão de propaganda política travestida de notícias falsas ou teorias conspiratórias, utilizadas tanto para beneficiar ou prejudicar pessoas, organizações ou ideologias. E os embustes criados foram os mais diversos, como "Papa Francisco afirma que o maior crime de Lula foi ter acabado com a fome no Brasil" ou "Senadora Fátima Bezerra apresentou projeto para colocar Wi-Fi em presídios federais", dentre outras incontáveis notícias falsas que passaram a circular no ciberespaço.[55]

Para o antropólogo Piero Leirner,[56] elementos como as jornadas de junho de 2013, as denúncias de corrupção na gestão do Partido dos Trabalhadores - PT, o descrédito do legislativo, as eleições de 2014 e posteriormente o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff que ocorreu no ano seguinte, foram utilizadas por diferentes grupos conservadores, liberais e liberais-conservadores para criar uma narrativa antipetista e antissistema, produzindo aquilo que passou a ser chamado por Korybko de guerras híbridas,[57] uma espécie de batalha travada no campo da informação e da contra-informação que tem por objetivo criar uma dissonância cognitiva dissuadindo e desnorteando o inimigo.

---

54 Segundo o Dicionário online Priberam, o meme é uma "imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem". Cf. MEME. **Priberam dicionário**, 2018. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/meme>. Acesso em: 11 jan. 2019.

55 Cf. Disponível em: <https://epoca.globo.com/quase-metade-da-populacao-acredita-em-noticias-falsas-23331540?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo>. Acesso em: 11 jan. 2019.

56 Cf. NUNES, Felipe. "Quase metade da população acredita em notícias falsas". Felipe Nunes, em depoimento a Heleena Borges. **Época**, 2018.Disponíve em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/comunicacao-de-bolsonaro-usa-tatica-militar-de-ponta-diz-especialista.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2019.

57 Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas:** das revoluções verdes aos golpes. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2018.

> Essa observação corrobora que as redes, organizadas e ativamente mobilizadas por meios tecnológicos, podem evoluir para células de enxame que desestabilizam a sociedade com vistas a derrubar governos alvo. Isso faz de suas táticas indiretas e caóticas, minando o Loop OODA das autoridades e dando a iniciativa estratégica de bandeja para os enxames ofensivos. Hoje em dia, o Google Maps, YouTube, Facebook e Twitter são partes integrantes do "arsenal" que os Guerreiros Híbridos empunham, sendo os dois últimos especificamente reconhecidos por ter ajudado a concretizar os eventos da Primavera Árabe. É assim que a teoria das Guerras Híbridas vê essas quatro plataformas sociais, todas disponíveis em telefones celulares modernos, trabalhando em conjunto para desestabilizar caoticamente a sociedade e ajudar na formação de enxames: O Facebook é o portal para reunir e fazer propaganda do movimento de Revolução Colorida. Ele recruta apoiadores e permite a criação de grupos fechados onde ativistas contra o governo podem se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a Revolução Colorida, o Google Maps é usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas (tipicamente parques) onde os ativistas podem se organizar de antemão e identificar os melhores lugares para o enxame de manifestantes reunir-se (Maidan, no caso da Ucrânia). Durante o combate urbano contra os serviços de segurança, o Google Maps pode rapidamente exibir rotas de fuga para os combatentes e ajudá-los a elaborar estratégias para seus ataques. Essas informações, incluindo a difusão de mensagens de qualquer natureza a todos os membros do movimento, podem ser transmitidas instantaneamente via Twitter. Por fim, os ativistas podem filmar os procedimentos com seus telefones celulares e publicar vídeos favoráveis ao movimento (e potencialmente enganosos e/ou editados) no Youtube. Eles podem então usar as mesmas contas no Twitter e Facebook, ou outras, para fazer propaganda de seus vídeos na Internet na tentativa de obter o máximo de visualizações possível. As hashtags ajudam a organizar as informações para que seja possível recuperar resultados com rapidez, além de facilitar a busca no Google e em outros algoritmos de busca. O objetivo é fazer com que o movimento da Revolução Colorida torne-se "viral", ganhando exposição internacional (no Ocidente) e, com isso, abrindo espaço para que os EUA e outros governos façam declarações públicas e tentem diplomaticamente se envolver nos assuntos soberanos de um Estado independente em meio ao alarde público nacional em favor.[58]

Para Leirner, esse processo iniciado principalmente a partir de 2013 por meio de uma guerra híbrida acabou se estendendo nos anos seguintes com a utilização de outra tática de *marketing* político conhecida como "*firehose of Falsehood*",[59] que acabou criando um

58 Cf. KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**... *Op. cit.*, p. 48 *et. seq.*

59 LEIRNER, Piero. favor inserir ref.

ecossistema em que não é possível encontrar um único núcleo gerador de notícias falsas, uma vez que a prática estimula que outras pessoas criem e compartilhem conteúdos por vontade própria. Assim, embora o caso da anexação da Criméia pela Rússia no século XXI seja uma espécie de exceção ao nosso tempo presente,

> as guerras da época da globalização, assim, visam forçar o inimigo à submissão, independentemente de consequências imediatas, efeitos secundários e "danos colaterais das ações militares. Nesse sentido, as guerras contemporâneas são mais uma reminiscência das estratégias de guerra dos nômades do que guerras territoriais de "conquista-anexação" das nações sedentárias da modernidade.[60]

Em 2016, Christopher Paul e Miriam Matthews publicaram um artigo intitulado *The Russian 'firehose of Falsehood'*: *Propaganda Model*, em que apresentavam precisamente a estratégia de propaganda utilizada pelo Governo Russo de Vladimir Putin, identificando essa prática que foi chamada por eles de *firehose of falsehood* – em português "mangueira de falsidades" -, que consiste na difusão de um fluxo intenso e constante de notícias falsas disseminadas por diferentes fontes, que se por um lado gera incertezas e confusão na população, por outro legitima ideias políticas.[61] Uma tática similar já havia sido utilizada anteriormente sob o nome de "*marketing* de guerrilha", entretanto, foi com o *firehose* que se verificou a ascensão de quatro características essenciais dessa tecnologia emergente: I. o alto volume de fluxo de conteúdo e pluralidade de canais para difundi-los; II. a rapidez, continuidade e repetitividade da produção; III. o não comprometimento com a realidade objetiva e IV. o não comprometimento com a consistência do que se afirma entre uma narrativa e outra.[62]

Embora trate-se de uma investigação focada no governo de Vladimir Putin, o estudo serviu como contribuição para a compreensão da atuação do governo de Donald Trump e também das novíssimas direitas conservadoras no Brasil.[63] Há de se salientar,

60 MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Ed. N-1, 2018, p. 51.

61 Cf. PAUL, C; METTHEWS, M. **The russian "firehose of falsehood" propaganda model:** *why it might work and options to counter it*. Santa Monica: RAND Corporation, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep02439?seq=1#page_scan_tab_contents>.

62 *Ibidem*, p. 2.

63 Segundo o jornalista Renan Borges Simão, inicialmente, o pesquisador Christopher Paul afirmou que a estratégia do "*firehose*" não se aplicaria ao governo Trump. Entretanto,

que as estratégias políticas da pós-verdade não são uma exclusividade do pensamento conservador, sendo utilizado também, ainda que mais discretamente, pelas novíssimas esquerdas. Entretanto, é sobretudo por meio das novíssimas direitas conservadoras e liberais-conservadoras, assim como a sua atuação no ciberespaço que o combate à "ideologia de gênero" ganha novos arranjos, sobretudo, através do embuste produzido sob o nome de "kit gay", que, segundo o presidente Jair Bolsonaro (PSL), foi criado pelo seu principal rival na corrida presidencial de 2018, Fernando Haddad (PT), que fora Ministro da Educação entre os anos de 2005-2012.

Não obstante, é importante esclarecer que aquilo que o presidente Jair Bolsonaro passou a combater veementemente sob o nome de "kit gay", construindo, portanto uma narrativa amparada na ideia de que havia certa orientação de professores esquerdistas que visavam converter as crianças em homossexuais em decorrência de um plano globalista baseado na leitura orientada por Olavo de Carvalho (2014; 2018); na verdade a proposta petista era justamente outra, ou seja, era combater o preconceito, a homofobia e transfobia nas escolas,[64] a partir de um projeto chamado "Brasil sem homofobia". Sendo assim, é possível afirmar, inclusive de acordo com a decisão tomada pelo Tribunal Superior Eleitoral – TSE,[65] que o então presidente Bolsonaro tentou manipular a opinião pública proferindo um discurso falacioso na medida em que ele inventou intencionalmente fatos e dados inexistentes sobre o que chamou equivocadamente de "kit gay", com o propósito não apenas de desqualificar o seu opositor, mas, sobretudo, fomentar um discurso de ódio para com os professores e populações LGBTQI que passaram a ser tratadas como inimigos.

---

o estudo recebeu financiamento do Gabinete do Secretário de Defesa dos Estados Unidos, o que indica que a negativa do autor tenha razões políticas. Cf. SIMÃO, R. B. *Firehosing*: por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, n. 137, dez. 2018.

64 Cf. CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2019.

65 Cf. TSE diz que "kit gay" não existiu e proíbe Bolsonaro de disseminar notícia falsa. **Congresso em Foco**, 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/tse-diz-que-kit-gay-nao-existiu-e-proibe-bolsonaro-de-disseminar-noticia-falsa/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

A construção do "kit gay" como estratégia de combate à "ideologia de gênero"

Inicialmente, em 2004, durante o governo Lula (PT), o Governo Federal lançou o programa "Brasil sem homofobia", o qual foi elaborado por meio de uma articulação com o movimento social LGBTQI e visava promover valores de respeito à paz e a não discriminação pela orientação sexual ou de gênero. Desse programa, nasceu o "Projeto Escola Sem Homofobia", financiado pelo Ministério da Educação, que consistia na distribuição para professores de um "kit" composto por uma base teórica e material de respeito à diversidade sexual e promoção dos direitos humanos e de uma cidadania que inclua as pessoas LGBTQI. O caderno que acompanhava o kit propunha reconhecer que o cotidiano escolar é perpassado pelas relações de gênero, contribuindo para que os profissionais da educação tivessem um melhor esclarecimento dessas relações e pudessem atuar de maneira mais qualificada no combate ao preconceito e à discriminação no ambiente escolar, garantindo a pluralidade nestes espaços educacionais.[66]

O material produzido pelo Governo Federal teve sua distribuição não apenas aprovada, mas também recomendada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO e recebeu parecer técnico favorável do Conselho Federal de Psicologia. Ainda assim, ignorando estes pareceres especializados, como já citado, em 2011, seis dias após o Supremo Tribunal Federal aprovar o casamento homoafetivo, e enquanto o kit ainda estava sendo avaliado pelo MEC, a bancada evangélica parlamentar apelidou o caderno de "Kit gay", afirmando que se tratava de uma tentativa de sexualizar as crianças de maneira precoce. Após intensa pressão, o Governo Federal recuou no programa e vetou sua distribuição em maio de 2011.

Não coincidentemente, em janeiro de 2016, seis meses antes de ser aprovado o *impeachment* da presidente Dilma Rouseff (PT), Jair Bolsonaro que até então era deputado federal pelo Rio de Janeiro, inicialmente pelo Partido Progressista – PP e depois pelo Partido Social Cristão - PSC, publicou um vídeo de apelo emocional em sua página oficial do *Facebook,* apresentando ao público um livro intitulado A*parelho sexual & Cia: Um guia inusitado para crianças descoladas*,[67] que faria parte do suposto "kit-

66 Cf. CADERNO: escola sem homofobia. 2015. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2015/11/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec1.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

67 Cf. BRULLER, Helene. **Aparelho sexual & Cia**. São Paulo: Ed. Companhia das

gay" e que estimularia precocemente crianças a se interessarem por sexo, sendo uma porta aberta para a pedofilia.[68]

Após a publicação do vídeo, o Ministério da Educação emitiu nota de esclarecimento no site oficial do governo afirmando que tal livro nunca foi produzido, adquirido ou distribuído.[69] Pouco tempo depois, o site Nova Escola publicou um vídeo realizando a checagem de informações das afirmações de Bolsonaro demonstrando que tal material nunca fez parte do projeto "escola sem homofobia" ou de qualquer outra ação do governo.[70]

Mesmo após as declarações terem sido desmentidas, o vídeo continuou a circular intensamente em mídias sociais como o *Facebook, Youtube* e principalmente o *Whatsapp*, até que em agosto de 2018, dois meses antes da votação para o primeiro turno da eleição presidencial, o então presidenciável Jair Bolsonaro (PSL) em entrevista ao vivo para o Jornal Nacional tentou mostrar novamente o livro *Aparelho sexual & Cia*,[71] reafirmando tudo o que havia sido desmentido anteriormente e sustentando que tudo teria sido criado pelo seu principal rival na corrida presidencial Fernando Haddad (PT) quando Ministro da Educação do governo Dilma Roussef (PT).

Contudo, logo após as declarações em rede nacional, diversas mídias passaram a desmentir as afirmações de Bolsonaro. Situação que obrigou o presidenciável a gravar um vídeo que foi difundido em suas mídias sociais afirmando que na verdade o livro não faz parte do "kit gay", mas que foi distribuído nas escolas de ensino fundamental de todo o Brasil como um brinde.[72]

Letras, 2007.

68 O vídeo original foi excluído em 2018 por ordem do Tribunal Superior Eleitoral - TSE, que determinou a exclusão de seis vídeos da página de Jair Bolsonaro e seu filho Carlos Bolsonaro que continham a afirmação de que o livro *Aparelho sexual & Cia: Um guia inusitado para crianças descoladas* teria sido distribuído pelo Ministério da Educação durante a gestão de Fernando Haddad. Entretanto, atualmente o vídeo pode ser facilmente localizado em diferentes canais no site *youtube* e páginas do *facebook*. *Ibidem*.

69 Cf. MEC não distribuiu nas escolas livro de educação sexual citado em vídeo na internet. **Legado Brasil**, 2017. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2016/01/mec-nao-distribuiu-nas-escolas-livro-de-educacao-sexual-citado-em-video-na-internet>. Acesso em: 11 jan. 2019.

70 Cf. NOVA ESCOLA. NOVA ESCOLA checa discurso de Bolsonaro sobre "Kit Gay". **Youtube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpUnNyE8ztU>. Acesso em: 11 jan. 2019.

71 Cf. BRULLER, Helene. **Aparelho sexual & Cia**... *Op. cit*.

72 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjTiJCyXgtw>. Acesso em: 11 jan. 2019.

As declarações de Bolsonaro foram massivamente compartilhadas nas mídias sociais como *marketing* político, seja no formato original ou travestido de memes. Na plataforma *Facebook*, o Monitor do Debate político no Meio Digital realizou o mapeamento das dez publicações mais compartilhadas relacionadas à palavra "kit gay" durante 15 de setembro a 15 de outubro.[73] O estudo demonstrou que das cinco páginas mais compartilhadas, quatro eram de apoio ao presidente Jair Bolsonaro, sendo a sua página oficial a que estava no topo da lista. Juntas, elas somavam a quantia de 192 mil compartilhamentos.

Para se ter ideia do impacto que as *fake news* utilizadas para tratar da suposta "ideologia de gênero" causaram nas eleições de 2018, é importante mencionar que o Google Trends em setembro deste ano mostrou que a expressão "kit gay" teve o maior pico de procuras, superando inclusive o ano de 2011 em que o projeto escola sem homofobia era colocado em discussão.[74] Após uma pesquisa com eleitores do Bolsonaro, o IDEIA Big Data, em parceria com o Avaaz, divulgaram que 98,21% foram expostos a uma ou mais notícias falsas e 87,77% acreditavam que se tratava de notícias verídicas. Ainda em relação ao kit-gay, 84% dos entrevistados acreditavam ser verdade.[75]

O que impressiona é que neste emaranhado de narrativas confusas e conspiratórias, comprovar que uma notícia é falsa não é o suficiente. A utilização de *hashtags* e algoritmos por mídias sociais e mecanismos de busca possibilitam o mapeamento de gostos e preferências, direcionando os usuários para conteúdos e pessoas de seu interesse, rejeitando o não familiar. Estes dados pessoais, que não são de fato subtraídos dos usuários, mas concedidos conscientemente, produzem *feeds* de notícias automatizados que enclausuram os indivíduos no interior do chamado "filtro bolha", que tende a reforçar as opiniões e não contestar as mentiras compartilhadas. Assim, foi justamente por essa razão que a internet se tornou "o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois".[76]

73 Cf. POLICARPO, Alexandre; FONSECA, Bruno; LARA, Eliziane; HAUBER, Gabriella. A eleição do "kit gay". **Publica**, 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/a-eleicao-do-kit-gay/>. Acesso em: 11 jan. 2019.

74 *Ibidem*.

75 Cf. ROUBADAS pelo WhatsApp! Pesquisa mostra que eleições brasileiras foram "inundadas" por *fake news*. **Avaaz - the world in action**, 2018. Disponível em: <https://secure.avaaz.org/act/media.php?press_id=917>. Acesso em: 11 jan. 2019.

76 D'ANCONA, M. **Pós-verdade**... *Op. cit*., p. 55.

Ainda que nas ciências sociais e humanas o combate à "ideologia de gênero" não tenha sido capaz de impactar internamente a validade dos estudos em gênero, a tática da incessante divulgação de *fake news*, como afirma D'ancona, não tem por objetivo a vitória acadêmica de imediato, mas sabotar a confiança do público na expertise científica na medida em que produz certa confusão de informações, garantindo que exista dúvidas onde jamais existiu.[77] Desta maneira, o *marketing* político é difundido na web sem compromisso com a exatidão e consistência dos fatos, semeando a dúvida por meio do apelo dramático e emocional "sem triunfar de imediato no tribunal da opinião pública (em geral, um objetivo impraticável)".[78] Quanto maior a repercussão do embuste nas diferentes mídias, maior a sua aparência de verdadeiro, daí a necessidade de uma estratégia que estimule uma produção incessante de conteúdo, pois a recusa em aceitar a conspiração como verdade pode transformar esse questionador em conspirador.

> Essa é a característica que define o mundo da pós-verdade. A questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva. Você escolhe sua própria realidade, como se escolhesse comida de um bufê. Também seleciona sua própria mentira, de modo não menos arbitrário.[79]

Segundo as professoras Tatiana Roque e Fernanda Bruno,[80] as notícias falsas que circularam acerca do "kit gay" não ganharam crédito no debate público apenas por conta da utilização de estratégias como o *firehosing*, mas porque servem como uma espécie de capital para se confirmar crenças previamente formuladas, como é o caso do combate à "ideologia de gênero", que já vem sendo explorada desde 1997. Como colocado pelo jornalista Renan Borges Simão em seu texto *firehosing*: *por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas*, algumas pessoas exercem o seguinte raciocínio: "isso pode ser falso, mas é útil para promover o que eu acredito".[81]

---

77 D'ANCONA, M. **Pós-verdade**... *Op. cit.*, 55.

78 *Ibidem*, p. 49.

79 *Ibidem*, p. 57.

80 Cf. ROQUE, Tatiana; BRUNO, Fernanda. Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos. **Folha de S.Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/11/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2019.

81 Cf. SIMÃO, R. B. Firehosing: por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas... *Op. cit*.

Segundo o que foi afirmado até agora por Jair Bolsonaro e seus ministros, estas estratégias de batalhas ideológicas travadas durante a campanha eleitoral ainda continuam a serem utilizadas. Durante o seu discurso de posse como presidente da república em 2019,[82] Jair Bolsonaro afirmou que o país começa a se libertar do socialismo e do "politicamente correto". No congresso,[83] afirmou que libertará o Brasil de suas amarras ideológicas, combatendo a ideologia de gênero. Pouco tempo depois, a Ministra Damares Alves, responsável pela pasta da Mulher, Família e Direitos Humanos – a qual já nos primeiros dias do governo teve suprimida às menções sobre a população LGBTQIs – em discurso de defesa ao combate à "ideologia de gênero", afirmou que "menino veste azul e menina veste rosa",[84] afirmação esta que viralizou e tomou conta das redes sociais, resultando em uma enxurrada de memes e *hashtags*. Para se ter ideia, em menos de 24 horas após sua declaração, a busca pelo nome da ministra no site de buscas Google aumentou em 1.550%.[85]

Em entrevista ao site El país,[86] Roberto Romano comentou que a utilização de palavras-chave como "ideologia de gênero", "kit gay", "socialismo", "politicamente correto" e "corrupção" são utilizadas constantemente porque criam um ambiente de guerra simbólica, onde a linguagem funciona como um símbolo imagético que gera certa solidariedade e adesão ao governo que busca legitimidade. Essa narrativa desenvolve uma batalha ideológica que cria um falso inimigo, intensificando a polarização entre direita e esquerda, mantendo a sociedade atenta à um falso debate, porquanto põem-se em prática um projeto de poder de tomada do Estado.

Segundo Piero Leirner essas narrativas funcionam como uma "cortina de fumaça que força uma polarização com setores identitaristas

82 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TLShKhwd4XA>. Acesso no dia 11 de janeiro de 2019.

83 Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CHzC8cOKwwM>. Acesso em: 11 jan. 2019.

84 Cf. DEJALMA Cremonese. Damaras alves menino veste azul. **Youtube**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0ofUS9B1dE>. Acesso em: 11 jan. 2019.

85 Cf. BERGAMO, Mônica. Busca por ministra Damares no Google cresceu 1.550% após fala sobre rosa e azul. **Folha de S.Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/01/busca-por-ministra-damares-no-google-cresceu-1550-apos-fala-sobre-rosa-e-azul.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2019.

86 Cf. ALESSI, Gil. Batalha ideológica é a ponta de lança da estratégia de Bolsonaro. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/politica/1546619303_381027.html?id_externo_rsoc=FB_BR_clid=IwAR0SIi2y95rMpkRys9rvGBgpj0sJna8hPugxLg5JEqXh_YGRI69oyVBtJsg>. Acesso em: 11 jan. 2019.

e toda uma sorte de agentes, sejam políticos, blogs, imprensa e famosos".[87] Leiner afirma que esse tipo de estratégia tem basicamente dois objetivos: Em primeiro lugar, ela funciona como uma forma de ofuscar outras questões políticas, como as relacionadas ao desemprego, saúde, educação, meio ambiente e etc., permitindo que o governo possa se manter em um campo de batalha política no qual já conseguiu criar um consenso durante a campanha; em segundo lugar, a divulgação constante dessas declarações e embutes servem como combustível para que os grupos que se articulam em torno de pautas identitárias continuem focados nestes assuntos e assim mantidos neutralizados.

Desta maneira, as novíssimas direitas conservadoras brasileiras, sob a narrativa de que estão libertando o país de suas amarras ideológicas e trazendo a renovação ao país por meio do combate ao "socialismo" e a "ideologia de gênero" por exemplo, na prática asseguram a conservação da velha e arcaica política oligárquica. Assim, conforme mostrou a pesquisa genealógica do governo Bolsonaro apresentada por Ricardo Costa de Oliveira, apesar de alguns nomes da atual conjuntura política serem novos, os sobrenomes não o são, já que se tratam de "famílias que já estavam no poder há 50 ou mais de 100 anos, tanto no meio empresarial, no agroindustrial, na burocracia, na elite política, militar ou na magistratura".[88]

O que mais impressiona nesse debate, sobretudo no que diz às questões de gênero, é a confusão de conteúdos. Segundo a carta pública escrita pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná - UFPR, o combate à "ideologia de gênero" opera por meio do "pânico moral, pela leitura equivocada de textos bíblicos e pela não fundamentação a respeito das questões de gênero que envolvem as vidas, as narrativas, as experiências, os desejos e o viver das pessoas".[89] Estas práticas legitimam formas de violência

---

87 Cf. ALESSI, Gil. Batalha ideológica é a ponta de lança da estratégia de Bolsonaro. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/04/politica/1546619303_381027.html?id_externo_rsoc=FB_BR_clid=IwAR0SIi2y95rMpkRys9rvGBgpj0sJna8hPugxLg5JEqXh_YGRI69oyVBtJsg>. Acesso em: 11 jan. 2019.

88 Cf. SARDINHA, Edson. Metade do ministério de Bolsonaro vem de família de políticos ou militares. **Congresso em Foco**, 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/metade-do-ministerio-de-bolsonaro-vem-de-familia-de-politicos-ou-militares/?fbclid=IwAR1B70vmIEalPnpuo1HdhcSbf9r9Bv8p-wEzpMmyPosTP7ZGIPyPVkgWCvA>. Acesso em: 11 jan. 2019.

89 Cf. GALINDO, Rogerio. Pesquisadores da UFPR dizem que acusá-los de "ideologia de gênero" é difamação. Leia carta. **Gazeta do Povo**, 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/pesquisadores-da-ufpr-dizem-que-acusa-los-de-

uma vez que rejeitam a diversidade da experiência humana e negam às pessoas o direito a existir, produzindo assim, um falseamento da realidade, onde se distorcem conceitos e se impõem práticas que contrapõem as pessoas, considerando uns mais humanos que os outros. O ciberespaço tem sido o local perfeito para a difusão destas narrativas, uma vez que se mostra indiferente no tratamento dado à relação entre a mentira e a honestidade.[90]

Considerações finais

Como demonstrado anteriormente, o combate à "ideologia de gênero" pode ser traduzido em um processo de ataques e resistências aos avanços no que diz respeito aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e das minorias sexuais. Não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina, essa narrativa vem exercendo especial influência nos debates públicos acerca do casamento homoafetivo, da adoção por famílias que escapam à cisheterossexualidade, da inclusão da educação sexual e da descriminalização do aborto.

Embora o termo "ideologia de gênero" encontre suas raízes em textos de membros conservadores da igreja católica que remontam o ano de 1997, essa ofensiva ainda vem ganhando terreno e, nos últimos anos, tem obtido novo arranjos que incrementaram a sua difusão e força nos espaços públicos e privados. Com a emergência da pós-verdade, a confusão antes criada acerca dos conteúdos sobre a sexualidade foi potencializada por meio de um material difundido no ciberespaço que investe em um formato estético viral e de apelo emocional e, no que diz respeito ao conteúdo, se mostra pouco comprometido com a consistência dos fatos e com as fontes fidedignas utilizadas. Desta maneira, notícias falsas e teorias conspiratórias passaram a serem difundidas estrategicamente a fim de constituírem um *marketing* político, ainda que muitas vezes não explícito, como é o exemplo da roupagem da "estética da zoeira" que aposta no caráter caricato e viral dos memes.

Utilizamos como exemplo o embuste do "kit gay", o qual já havido sido criado em 2011 - seis dias após o Supremo Tribunal Federal reconhecer a validade jurídica do casamento homoafetivo -, mas que alcançou seu pico de buscas na internet um mês antes do primeiro

ideologia-de-genero-e-difamacao-leia-carta/>. Acesso em: 11 jan. 2019.

90 Cf. D'ANCONA, M. **Pós-verdade**... *Op. cit.*

turno das eleições brasileiras de 2018, justamente após o candidato à presidente Jair Bolsonaro voltar a divulgar que o livro *Aparelho sexual & Cia: Um guia inusitado para crianças descoladas* estava sendo distribuído na internet, mesmo o Ministério da Educação e outros sites de checagem de informações terem desmentido aquilo que havia sido apresentado como verdade.[91]

Agora eleito, o governo Bolsonaro continua a travar uma guerra ideológica, utilizando os mesmos símbolos falaciosos que logrou êxito em criar consenso durante a sua campanha, independentemente da existência ou não do famigerado "kit gay". Os rótulos de "doutrinação" e "ideologia" foram e ainda são utilizados como uma etiqueta na medida em que cria um falso inimigo que se apresenta imprecisamente a partir de uma espécie de elástico conceitual que trata das dissidências a partir do rótulo do marxismo cultural. Desse modo, tudo que se apresenta como crítica ou oposição não apenas cabe nesse letreiro, como também deveria ser combatido, tendo em vista que o esquerdismo e toda a sua imprecisão conceitual abarcaria o grande mal encontrado no país. Assim, sob a narrativa da renovação da política, verificamos visivelmente certa reprodução daquela velha oligarquia, sendo necessário, mais do que nunca, uma nova linguagem e uma nova abordagem nos debates públicos acerca dos direitos sexuais e reprodutivos, sobretudo, no que se refere às informações produzidas e compartilhadas no ciberespaço.

Referências

BECKER, H. S. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ª Ed, 2010.

BRULLER, Helene. **Aparelho sexual & Cia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural:** Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2018.

91 Cf. BRULLER, Helene. **Aparelho sexual & Cia**... *Op. cit*.

COSTA, Alexandre. **Introdução à Nova Ordem Mundial**. Campinas: Vide Editorial, 2015.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: faro Editorial, 2018.

DAY, Richard J. F. **De la hegemonía a la afinidad:** *solidariedad y responsabilidad en los nuevos movimientos sociales*. Madrid: Enclave de Libros, 2016.

KETZER, P. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **Revista Argumentos**, a. 9, v. 18, p. 95-106, 2017.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas:** das revoluções verdes aos golpes. São Paulo : Ed. Expressão Popular, 2018.

LARA, Luciana Alves da Silva; ABDO, Carmita Helena Najar; ROMÃO, Adriana Peterson M. Salata. Transtornos da identidade de gênero: o que o ginecologista precisa saber sobre transexualismo. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstettrícia**, v. 35, n. 6, p. 239-242, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v35n6/v35n6a01.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Ed. N-1, 2018,

MISKOLCI, R; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017.

SANTOS, Mário F. dos. **Invasão vertical dos bárbaros**. São Paulo: Ed. É Realizações, 2012.

SCALA, J. **La ideología del género**. *O el género como herramienta de poder*. Rosario: Ediciones Logos, 2010.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SIMÃO, R. B. *Firehosing*: por que fatos não vão chegar aos bolsonaristas. **Le monde diplomatique Brasil**. São Paulo, n. 137, dez. 2018.

SOUZA, Aknaton Tockek; CAMARGO, Giovane Matheus; ROSA, Pablo Ornelas. O combate à 'ideologia de gênero' na era da pós-verdade: uma cibercatrografia das *fake news* difundidas nas mídias digitais brasileiras. **Revista Sinais**, Vitória, v. 23, n. 1, 2019.

PAUL, C; METTHEWS, M. **The russian "firehose of falsehood" propaganda model: why it might work and options to counter it**. Santa Monica: RAND Corporation, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep02439?seq=1#page_scan_tab_contents>.

ROSA, P. O; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. M. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP**, v. 4, p. 4, 2018.

Autores

Pablo Ornelas Rosa é doutor em ciências sociais (PUC/SP), com estágio pós-doutoral em sociologia (UFPR) e em saúde coletiva (UFES), mestre em sociologia política (UFSC) e bacharel em ciências sociais (UFSC). Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado em psicologia institucional (UFES), coordena o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (UVV) e também é professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública (UVV), além de ser professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da (FVC) e no Programa de Pós-Graduação em Direito Penal e Criminologia (PUC/RS).

Aknaton Tokzec Souza é doutor e mestre em sociologia (UFPR), bacharel em direito (CESUSC) e advogado. Atualmente é professor no curso de graduação em direito (SECAL) e desenvolve pesquisa de pós-doutorado em sociologia política (UVV), além de participar do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos –CESPDH (UFPR).

Giovane Matheus Camargo é doutorando e mestre em sociologia, bacharel em direito (INSULPAR), advogado e atualmente é professor do curso de graduação em direito (INSULPAR), além de participar do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos – CESPDH (UFPR).

Rafael Alves Rezende é mestre em literatura brasileira (UFES), bacharel em ciências sociais (USP) e atualmente é escritor e *youtuber*.

Victória Mariani Vargas Martins é estudante do curso de graduação em jornalismo (UVV).